

Maria V. Snyder

"Um desses raros livros
que deixarão os leitores
sabendo muito tempo
depois de o terem lido."

— Publishers Weekly

ESTUDOS

SOBRE

Fogo

Livro 3

AS LENDAS DE YELENA ZALTANA

 Harlequin

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Maria V. Snyder

Estudos sobre Fogo

Tradução de

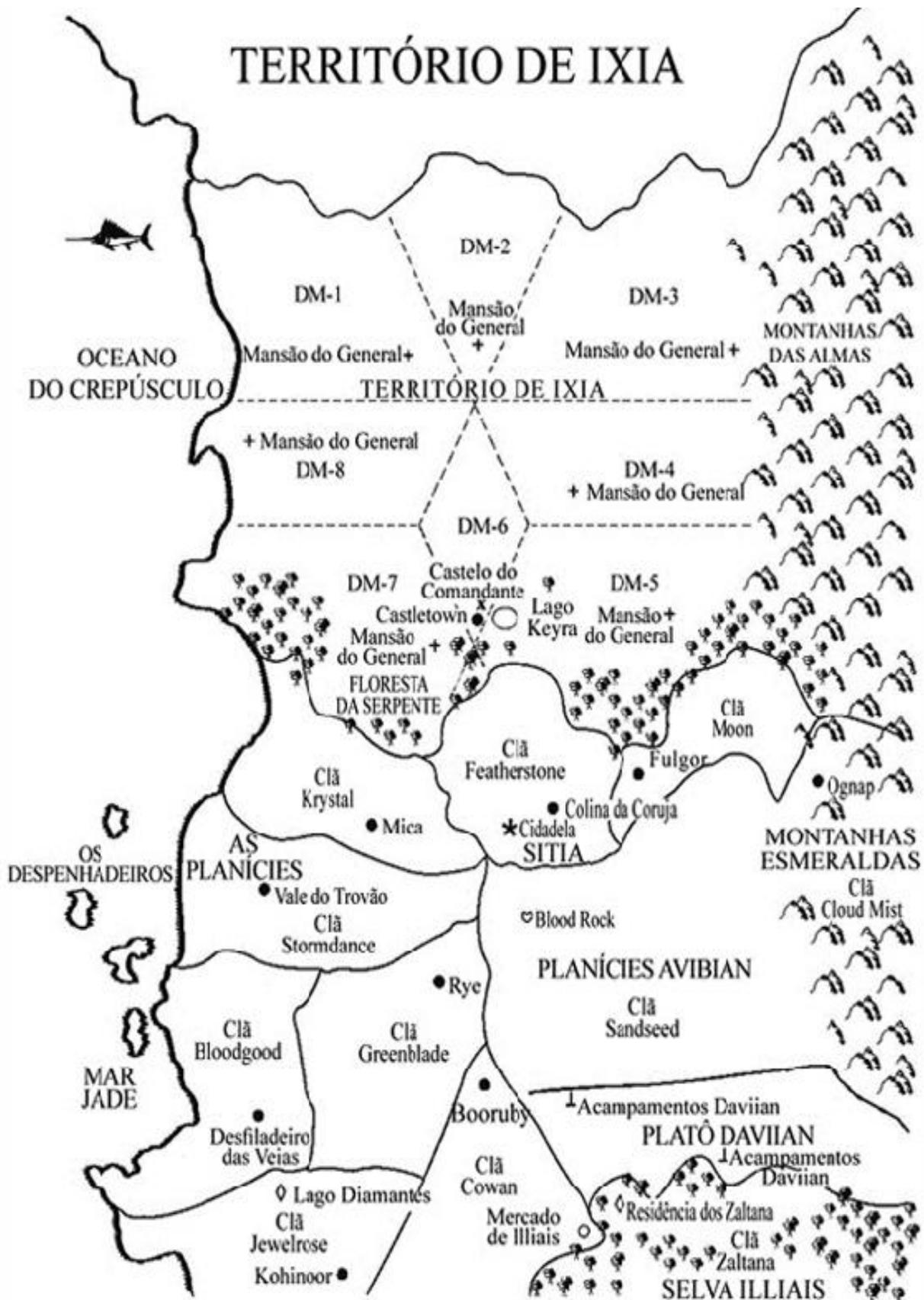
Mauricio Araripe



2012

Para os meus pais, James e Vincenza,
pelo seu apoio e incentivo constantes
em todas as minhas empreitadas.
Vocês acenderam a chama.

TERRITÓRIO DE IXIA



— Isso é patético, Yelena — Dax queixou-se. — Uma Descobridora de Almas toda-poderosa que não é toda-poderosa. Que coisa mais sem graça.

Ele jogou para cima os braços compridos e magros em um gesto forçado de frustração.

— Lamento desapontá-lo, mas não fui *eu* que anexou “toda-poderosa” ao título.

Afastei um fio de cabelo negro dos olhos. Dax e eu vínhamos trabalhando em expandir minhas habilidades mágicas, sem muito sucesso. Enquanto praticávamos no andar térreo da torre de Irys, na Fortaleza (bem, a torre também era minha, uma vez que ela me dera três andares para usar), eu me esforçava para não permitir que minha própria irritação interferisse nas lições.

Dax estava tentando me ensinar a mover objetos com minha magia. Ele havia reorganizado a disposição dos móveis, alinhado as poltronas confortáveis em fileiras ordenadas e capotado o sofá usando o seu poder. Meus esforços para restaurar a aconchegante arrumação de Irys e para impedir que uma mesa de canto me perseguisse haviam falhado. Embora não fosse por falta de tentativas. Minha blusa estava colada na pele suada.

Um súbito arrepio me sacudiu. Apesar do fogo na lareira, dos tapetes e das venezianas fechadas, a sala de estar estava um gelo.

As paredes de mármore branco, apesar de maravilhosas durante a estação quente, sugavam todo o calor durante a estação fria. Eu imaginava o calor do aposento seguindo os veios esverdeados da pedra e escapando lá fora.

Dax Greenblade, meu amigo, puxou a túnica para baixo. Alto e esbelto, seu porte físico era típico de um membro do clã Greenblade. Ele me lembrava uma folha de grama, incluindo a borda afiada, que correspondia à sua língua.

— É óbvio que não possui a habilidade de mover objetos, sendo assim, vamos tentar o fogo. Até mesmo um bebê é capaz de acender uma chama!

Dax pousou uma vela sobre a mesa.

— Um bebê? Agora você está exagerando. De novo.

A habilidade de uma pessoa para acessar a fonte do poder e realizar magia se manifestava na puberdade.

— Detalhes. Detalhes. — Dax gesticulou com a mão, como se estivesse espantando uma mosca. — Agora concentre-se em acender essa vela.

Ergui uma das sobrancelhas ao fitá-lo. Até agora, meus esforços em se tratando de objetos inanimados haviam sido inúteis. Eu podia curar o corpo do meu amigo, escutar-lhe os pensamentos e até enxergar-lhe a alma, porém, quando tentava puxar um fio de magia e usá-lo para mover uma cadeira, nada acontecia.

Dax ergueu três dedos bronzeados.

— Três motivos pelos quais deveria ser capaz de fazer isso. Um, você é poderosa. Dois, é persistente. E três, você derrotou Ferde, o Ladrão de Almas.

Que havia escapado e estava livre para dar início a outra onda de roubo de almas.

— Lembrar-me de Ferde vai me ajudar como?

— Deveria ser um discurso para animá-la. Quer que eu enumere todos os feitos heroicos que...

— Não. Vamos prosseguir com a lição.

A última coisa que eu queria era escutar Dax enumerar as fofocas mais recentes. A notícia de eu ser uma Descobridora de Almas se espalhara pela Fortaleza dos Magos como sementes de dente-de-

leão carregadas pelo vento. E eu ainda era incapaz de pensar no título sem um aperto de dúvida, preocupação e medo no coração.

Afastei da mente qualquer pensamento que pudesse me distrair e me conectei à fonte do poder. O poder revestia o mundo, contudo, apenas magos eram capazes de puxar dele fios de magia para usar. Eu reuni alguns e voltei o poder na direção da vela, concentrando-me para que a chama se formasse.

Nada.

— Esforce-se mais — Dax ordenou.

Aumentando o poder, tentei novamente.

Atrás da vela, o rosto de Dax ficou vermelho, e ele chiou, como se estivesse tentando conter um acesso de tosse. Um brilho ofuscou os meus olhos quando o pavio acendeu-se.

— Isso foi rude.

Sua expressão indignada era cômica.

— Você a queria acesa.

— É, mas não queria acendê-la por você! — Ele olhou ao redor do aposento, como se buscando paciência para lidar com uma criança levada. — Os Zaltana e seus poderes estranhos, *forçando-me* a acender a vela. Bah! E pensar que já tive vontade de viver suas aventuras.

— Veja bem o que diz a respeito do meu clã. Ou eu...

Tentei pensar em uma boa ameaça.

— Ou você o quê?

— Contarei para o Segundo Feiticeiro para onde você desaparece cada vez que ele pega um daqueles livros antigos da estante.

Bain era o mentor de Dax, e, enquanto o Segundo Feiticeiro adorava história antiga, Dax preferia aprender novos passos de dança.

— Tudo bem, tudo bem. Você venceu e confirmou suas suposições. Nenhuma habilidade para acender fogo. Eu me contentarei em traduzir línguas antigas. — Dax exibiu uma expressão sorumbática. — E você se contenta em descobrir almas.

Ele estava brincando, mas notei um tom oculto nas suas palavras.

Sua inquietação diante das minhas habilidades tinha excelentes motivos. O último Descobridor de Almas nasceu em Sitia, há cento e

cinquenta anos. Durante sua breve vida, ele transformara os inimigos em escravos desprovidos de vontade própria e quase foi bem-sucedido em sua tentativa de governar o país. A maior parte dos sitianos não reagiu muito bem à notícia da existência de outra Descobridora de Almas.

O instante constrangedor passou, e um brilho travesso iluminou os olhos esverdeados de Dax.

— É melhor eu ir. Tenho de estudar. Temos um teste de história amanhã, lembra?

Gemi só de pensar no enorme volume que me aguardava.

— Seu conhecimento da história de Sitia também é patético.

— Dois motivos. — Ergui os dedos. — Um, Ferde Daviian. Dois, o Conselho Sitano.

Dax gesticulou.

Antes que ele pudesse falar qualquer coisa, eu disse:

— Eu sei. Detalhes, detalhes.

Ele sorriu e envolveu-se com a própria capa, permitindo, ao sair, que uma rajada de vento ártico entrasse. As chamas na lareira pulsaram por um instante antes de se aquietarem. Eu cheguei mais perto, aquecendo as mãos sobre o fogo. Meus pensamentos voltaram-se para aqueles dois motivos.

Ferde era membro do não aprovado clã Daviian, que era um braço renegado do clã Sandseed. Os Daviian queriam mais da vida do que apenas vagar pelas planícies Avibian contando histórias. Em busca por poder, Ferde sequestrara e torturara doze moças para lhes roubar as almas e aumentar-lhe o poder mágico. Valek e eu o detivemos antes que ele pudesse completar a missão.

A saudade de Valek apertou meu coração. Levei a mão ao pingente em forma de borboleta que pendia da corrente ao redor do meu pescoço. Ele retornara a Ixia há um mês, mas, a cada dia que passava, eu sentia mais falta dele. Talvez eu devesse me colocar em alguma situação que pusesse minha vida em risco. Ele tinha um talento todo especial para aparecer quando eu mais precisava dele.

Infelizmente, tais ocasiões haviam sido repletas de perigo, e não sobrara muito tempo para simplesmente estarmos juntos um com o

outro. Eu não via a hora de receber uma enfadonha missão diplomática em Ixia.

O Conselho Sítiano não aprovaria a missão até decidir o que fazer comigo. O Conselho consistia em onze líderes de clã e quatro Mestres Feiticeiros, que haviam passado todo o último mês discutindo meu novo papel como Descobridora de Almas. Dos quatro Mestres, Irys Jewelrose, a Quarta Feiticeira, era a minha maior defensora, e Roze Featherstone, a Primeira Feiticeira, minha maior detratora.

Olhei para o fogo, acompanhando a dança das chamas sobre a lenha. Meus pensamentos se demoraram em Roze. A aleatoriedade da labareda cessou. As chamas se moveram com propósito, dividindo-se e gesticulando como se estivessem em um palco.

Estranho. Pisquei. Em vez de retornar ao normal, a labareda cresceu até preencher meu campo de visão, bloqueando o restante do aposento. As brilhantes configurações de cores machucaram meus olhos. Eu os fechei, mas a imagem permaneceu. Apreensão percorreu minha pele. Apesar de minha poderosa barreira mental, um feiticeiro tecia magia ao meu redor.

Cativada, observei a cena do fogo se transformar em uma nítida imagem minha composta de chamas. A “Eu de Fogo” curvou-se sobre um corpo imóvel. Uma alma ergueu-se do corpo, e eu a inalei. O corpo sem alma ficou de pé, e a “Eu de Fogo” apontou para outra figura. Virando-se, o corpo perseguiu a nova pessoa e a estrangulou.

Alarmada, tentei inutilmente interromper a visão. Fui forçada a me observar privando mais pessoas de suas almas, as quais, em seguida, deram início a matanças generalizadas. Um exército inimigo atacou. Espadas de fogo reluziram. Labaredas de sangue espirraram. Eu teria ficado impressionada com o nível de detalhe artístico do feiticeiro se não estivesse tão horrorizada com a carnificina flamejante.

Com o tempo, meu exército foi extinto, e eu, aprisionada em uma rede de fogo. A “Eu de Fogo” foi arrastada, acorrentada a um poste e encharcada com óleo.

Voltei bruscamente ao meu corpo. Postada diante da lareira, ainda sentia a teia de magia ao meu redor. Ela contraiu-se, e pequenas

chamas brotaram das minhas roupas.

E se espalharam.

Fui incapaz de impedir seu avanço com o meu poder. Amaldiçoando minha falta de poder sobre o fogo, perguntei-me por que eu não possuía tal talento mágico.

Uma resposta ecoou em minha mente. *Porque precisamos de um meio para matá-la.*

Cambaleei para longe das chamas. O suor escorria por minhas costas, enquanto o som do sangue fervendo vibrava em meus ouvidos. Toda a umidade abandonou minha boca, e meu coração cozinhou dentro do peito. O ar quente queimava minha garganta. O cheiro de carne queimada preencheu minhas narinas, e meu estômago se rebelou. A dor recobria cada centímetro de minha pele.

Não tinha ar para gritar.

Rolei pelo chão na tentativa de apagar as chamas.

Eu queimava.

O ataque místico cessou, libertando-me do tormento. Larguei-me no chão e inspirei o ar fresco.

— Yelena, o que aconteceu? — Irys levou a mão gelada à minha testa. — Você está bem?

Minha mentora e amiga fitou-me. A preocupação marcava-lhe o rosto e preenchia-lhe os olhos cor de esmeralda.

— Estou bem.

Minha voz saiu rouca, dando início a um acesso de tosse. Irys me ajudou a sentar.

— Olhe para suas roupas. Por acaso, tocou fogo em si mesma?

Fuligem preta recobria o tecido, e buracos de queimaduras salpicavam as mangas e a saia-calça. O estrago não tinha conserto. Teria de pedir à minha prima Nutty para me confeccionar outro conjunto. Suspirei. Eu deveria encomendar-lhe logo uma centena de túnicas e saias-calças de algodão e poupar tempo. Acontecimentos, incluindo ataques místicos, conspiravam para manter minha vida interessante.

— Um mago me enviou um recado através do fogo — expliquei.

Embora soubesse que Roze era dona da magia mais forte de Sitia e pudesse circundar minhas defesas mentais, não queria acusá-la sem provas.

Antes que Irys pudesse continuar a me interrogar, perguntei:

— Como foi a sessão do Conselho?

Eu não tive permissão para assistir. Embora o tempo chuvoso não fosse muito bom para caminhar até Council Hall, o prédio do Conselho, ainda me ressentia um pouco.

O Conselho me queria a par de todos os assuntos com que lidava diariamente, como parte de meu treinamento para ser oficial de ligação entre Sitia e o Território de Ixia. Contudo, meu treinamento como Descobridora de Almas permanecia um assunto sobre o qual o Conselho ainda não chegara a um consenso. De acordo com a teoria de Irys, minha relutância em começar a aprender podia ser a causa da indecisão do Conselho. Acho que estavam preocupados que, assim que descobrisse a extensão de meus poderes, eu fosse seguir o mesmo caminho do Descobridor de Almas de muito tempo atrás.

— A sessão... — Seus lábios se retorceram em um estranho sorriso. — Boa e ruim. O Conselho concordou em apoiar o seu treinamento.

Ela interrompeu-se.

Eu me preparei para o restante das notícias.

— Roze ficou... aborrecida com a decisão.

— Aborrecida?

— Opôs-se violentamente.

Pelo menos, agora eu sabia o motivo por trás do recado de fogo que eu recebera.

— Ela ainda acha que você é uma ameaça. Sendo assim, o Conselho concordou em permitir que Roze a treine.

Fiquei de pé com um movimento brusco.

— Não.

— É o único jeito.

Reprimi uma resposta. Havia outras opções. Tinha de haver. Eu estava na Fortaleza dos Magos, cercada por feiticeiros dos mais diversos níveis. Tinha de haver algum outro que pudesse trabalhar comigo.

— E quanto a você ou Bain?

— Quiseram um mentor que fosse imparcial. Dos quatro Mestres, só sobrou Roze.

— Mas ela não é...

— Eu sei. Isso pode vir a ser vantajoso. Trabalhando com Roze, você poderá convencê-la de que não planeja governar o país. Ela virá a entender seu desejo de ajudar tanto Sitia quanto Ixia.

Minha expressão de dúvida permanecia.

— Ela pode não gostar de você, contudo, sua paixão por manter Sitia um lugar para se viver em segurança e liberdade será mais forte do que qualquer sentimento pessoal.

Irys passou-me um pergaminho, interrompendo meu comentário sarcástico sobre os sentimentos pessoais de Roze.

— Isto chegou durante a sessão do Conselho.

Abri a mensagem. Nas palavras escritas, umas perto das outras, havia uma ordem do Homem da Lua. Esta dizia:

Yelena, encontrei o que você procura. Venha.

A MENSAGEM em minhas mãos era típica do Homem da Lua, meu amigo e Tecelão de Histórias dos Sandseed: enigmática e vaga. Imaginei que ele houvesse escrito o bilhete com um sorriso diabólico no rosto. Como meu Tecelão de Histórias, ele sabia que eu procurava muitas coisas. Conhecimento sobre os Descobridores de Almas e encontrar um equilíbrio entre Sitia e Ixia estavam no topo de minha lista. Umas férias tranquilas também não seria nada mau, mas tinha quase certeza de que ele se referia a Ferde.

Ferde Daviian, o Ladrão de Almas e assassino de onze moças, havia escapado das celas da Fortaleza dos Magos com a ajuda de Cahil, de Ixia. Depois que o Conselho falhou em recapturá-lo, debateu-se, por um mês inteiro, sobre como encontrar ambos.

Minha frustração aumentava com cada adiamento. Ferde estava fraco desde que eu lhe tomara as almas, a fonte de seus poderes mágicos, durante a nossa luta. Mas tudo o que seria necessário era o assassinato de outra moça para ele recuperar parte de suas forças. Até agora, não havia notícias de ninguém desaparecido, mas saber que ele estava livre me feria o coração.

Para evitar imaginar os horrores que Ferde poderia causar, concentrei-me na mensagem em minhas mãos. O Homem da Lua não especificara para eu ir sozinha, porém, assim que a noção de contar para o Conselho se formou na minha mente, eu a

desconsiderarei. Quando fosse decidido o que fazer, Ferde já teria desaparecido há muito tempo. Eu iria sem informá-lo. Irys chamaria isso de o meu método de mergulhar de cabeça em uma situação e torcer pelo melhor. Com apenas alguns infortúnios, no passado, funcionara muito bem. Naquele momento, mergulhar de cabeça parecia a opção mais atraente.

Irys afastara-se quando eu desenrolei a mensagem, contudo, pelo seu porte, pude perceber que estava curiosa. Eu lhe contei sobre o recado.

— Devemos informar o Conselho — ela afirmou.

— Para que possa fazer o quê? Debater cada porém por mais um mês? A mensagem foi um convite para mim. Se eu precisar de sua ajuda, mandarei chamá-la.

Podia sentir a sua determinação se enfraquecendo.

— Você não deveria ir sozinha.

— Tudo bem. Levarei Leif comigo.

Após um instante de hesitação, Irys concordou. Como membro do Conselho, não ficou muito satisfeita, mas já aprendera a confiar no meu julgamento.

Meu irmão, Leif, provavelmente ficaria tão feliz quanto eu em afastar-se por algum tempo da Fortaleza e da Cidadela. A crescente animosidade de Roze Featherstone para comigo colocava Leif em uma situação difícil. Aprendiz de Roze enquanto treinava na Fortaleza dos Magos, ele se tornara um de seus assistentes ao se formar. Seu dom mágico de pressentir as emoções das pessoas ajudava Roze a determinar a culpa de um indivíduo em um crime, e sua magia também auxiliava as pessoas a lembrar detalhes do que lhes acontecera.

A primeira reação de Leif ao meu reaparecimento em Sitia, após uma ausência de catorze anos, fora de ódio imediato. Ele convencera-se de que o sequestro que me levava ao Território de Ixia fora feito para magoá-lo, e meu retorno do Norte fora um plano ixiano para espionar Sitia.

— Pelo menos, deveríamos contar para os Mestres Feiticeiros sobre a mensagem do Homem da Lua — Irys disse. — Tenho certeza

de que Roze gostaria de saber quando poderá começar seu treinamento.

Amarrei a cara para ela e pensei em lhe contar sobre o mesquinho ataque com o fogo de Roze. Não. Lidaria com Roze por conta própria. Infelizmente, tempo com ela era o que não faltaria.

— Teremos uma reunião com os Mestres no prédio administrativo esta tarde. Será a oportunidade perfeita para lhes contar os seus planos.

Fiz uma careta, mas me mantive calada.

— Ótimo. Eu a verei mais tarde — ela disse.

Irys deixou a torre antes que eu pudesse dar voz ao meu protesto. Contudo, ainda era capaz de alcançá-la com a minha mente. Nossas mentes permaneciam sempre conectadas. O vínculo era como se estivéssemos ambas no mesmo recinto. Cada uma tinha seus próprios pensamentos particulares, todavia, quando eu “falava” com Irys, ela era capaz de me escutar. Se ela sondasse meus pensamentos e lembranças mais íntimos, seria considerado uma brecha no Código de Ética dos magos.

Minha égua Kiki e eu compartilhamos da mesma conexão. Um simples chamado mental para Kiki era o suficiente para ela me “escutar”. Comunicar-me com Leif ou com o meu amigo Dax provava ser mais difícil. Eu precisava, conscientemente, reunir poder e procurá-los. E, quando os encontrava, eles tinham de me conceder acesso aos seus pensamentos através das respectivas defesas mentais.

Embora eu possuísse habilidade de pegar um atalho até os pensamentos e emoções deles através de suas almas, os sitianos consideravam o talento uma brecha no Código de Ética. Eu amedrontara Roze ao usá-lo para me proteger dela. Mesmo com todo o seu poder, ela foi incapaz de me impedir de tocar sua essência.

A ansiedade retorcia meu estômago. Meu novo título de Descobridora de Almas também não me agradava muito. Evitei tal linha de especulação ao me enrolar em minha capa, antes de deixar a torre.

Ao cruzar o campus da Fortaleza, minha atenção retornou às minhas ponderações sobre a comunicação mental. Meu vínculo com Valek não podia ser considerado uma conexão mística. Para mim, a mente de Valek era inatingível, contudo, ele possuía a habilidade extraordinária de saber quando eu precisava dele, e *e/e* entrava em contato comigo. Valek já me salvara a vida várias vezes por meio de tal vínculo.

Girando ao redor do pulso o bracelete em forma de serpente que Valek me dera, considerei nosso relacionamento, até que um vento cortante repleto de agulhas de gelo afugentou todos os pensamentos calorosos a respeito dele. A estação quente chegara com força ao norte de Sitia. Tracei um rumo ao redor das poças enlameadas e protegi meu rosto da saraiva. Os prédios de mármore branco da Fortaleza estavam salpicados de lama e, sob a luz fraca, pareciam acinzentados, refletindo com perfeição aquele dia miserável.

Tendo passado a maior parte de meus 21 anos em Ixia, ao norte, eu suportara esse tipo de clima por apenas alguns dias durante a estação fresca. Logo em seguida, o ar frio levava embora a umidade. Porém, de acordo com Irys, essa terrível bagunça era um típico dia sitiano durante a estação fria, e neve era um acontecimento raro, que pouquíssimas vezes durava mais do que uma noite.

Avancei na direção do prédio administrativo da Fortaleza, ignorando os olhares hostis dos alunos que corriam apressadamente de uma aula para outra. Um dos resultados da captura de Ferde fora a imediata mudança de minha condição de aprendiz da Fortaleza para Auxiliar de Feiticeiro. Como Irys e eu havíamos concordado em uma parceria, ela se oferecera para compartilhar comigo sua torre. Eu aceitara com alívio, satisfeita de me afastar da censura fria dos outros alunos.

Seu desprezo sequer chegava perto de se comparar à fúria de Roze quando adentrei a sala de reuniões dos Mestres. Eu me preparei para seu acesso de raiva, mas Irys levantou-se com um salto de seu assento na mesa comprida e explicou por que eu estava ali.

— ...recado do Tecelão de Histórias dos Sandseed — ela falou. — Ele pode ter localizado Ferde e Cahil.

Os cantos da boca de Roze se curvaram para baixo com desdém.

— Impossível. Cruzar as planícies Avibian para retornar ao seu clã, no Platô Daviian, seria suicídio. E é óbvio demais. Cahil provavelmente está levando Ferde para as terras dos Stormdance ou dos Bloodgood. Cahil possui muitos simpatizantes por lá.

Roze fora a patrocinadora de Cahil no Conselho. Cahil fora criado por soldados que haviam fugido da tomada de poder em Ixia. Eles haviam convencido Cahil de que ele era o sobrinho do falecido rei de Ixia e que deveria herdar o trono. Ele trabalhara duro para reunir simpatizantes e tentou montar um exército para derrotar o Comandante de Ixia. Contudo, assim que descobriu que, na verdade, era filho de um soldado comum, Cahil resgatou Ferde e desapareceu.

Roze havia encorajado Cahil. Os dois compartilhavam da opinião de que era apenas uma questão de tempo antes que o comandante Ambrose resolvesse conquistar Sitia.

— Cahil poderia circundar as Planícies para chegar ao platô — Zitora Cowan, a Terceira Feiticeira, opinou.

Seus olhos cor de mel estavam cheios de preocupação, porém, como a mais jovem dos quatro Mestres Feiticeiros, suas sugestões costumavam ser ignoradas pelos outros.

— Sendo assim, como poderia esse Homem da Lua saber? Os Sandseed só deixam as Planícies quando absolutamente necessário — Roze retrucou.

— Isso é o que eles querem que acreditemos — Irys disse. — Eu não me surpreenderia se eles tivessem alguns batedores espalhados por aí.

— De qualquer modo, temos de considerar todas as opções — Bain Bloodgood, o Segundo Feiticeiro, afirmou. — Óbvio ou não, alguém precisa confirmar que Cahil e Ferde não estão no platô.

Com seu cabelo branco e manto ondulante, a aparência de Bain era condizente com a ideia de que eu fazia do uniforme tradicional de um mago. Sabedoria irradiava de seu rosto enrugado.

— Eu vou — declarei.

— Deveríamos mandar soldados para acompanhá-la — Zitora sugeriu.

— Leif deveria ir — Bain acrescentou. — Como primos dos Sandseed, Yelena e Leif serão bem-vindos nas Planícies.

Roze passou os dedos esguios pelos fios curtos e brancos do cabelo e franziu a testa, aparentando estar perdida em pensamentos. Com o clima mais frio, Roze parara de usar os vestidos sem mangas, que ela parecia preferir, e os trocou por vestimentas de manga comprida. O tom azul-marinho da roupa absorvia a luz e quase combinava com sua pele morena. O Homem da Lua possuía o mesmo tom de pele, e não pude deixar de me perguntar qual seria a cor do seu cabelo se ele não o raspasse.

— Não vou enviar ninguém — Roze, por fim, disse. — É perda de tempo e recursos.

— Eu vou. Não preciso da sua permissão.

Fiquei de pé, preparando-me para ir embora.

— Você precisa de minha permissão para deixar a Fortaleza — Roze afirmou. — Este é o *meu* domínio. Sou responsável por todos os feiticeiros, incluindo você, Descobridora de Almas. — Ela espalmou as mãos nos braços da poltrona. — Se *eu* estivesse no comando do Conselho, você seria levada para as celas da Fortaleza para aguardar execução. Nada de bom nunca veio de um Descobridor de Almas.

Chocados, os outros Mestres fitaram Roze. Ela permaneceu exaltada.

— Basta olhar para a nossa história. Todo Descobridor de Almas almejou poder. Poder místico. Poder político. Poder sobre as almas das pessoas. Yelena não será diferente. Claro, agora ela finge querer ser uma oficial de ligação e concordou com o meu treinamento. É apenas questão de tempo. Ela já... — Roze gesticulou na direção da porta. — Ela já quer fugir antes mesmo que eu possa começar a primeira lição.

Suas palavras ecoaram através do silêncio atordoado. Roze fitou as expressões horrorizadas dos outros e alisou as dobras do vestido. Sua antipatia por mim era bem conhecida, contudo, desta vez, fora longe demais.

— Roze, isso foi um tanto quanto...

Ela ergueu a mão, interrompendo o restante do sermão de Bain.

— Vocês conhecem a história. Já foram alertados muitas, muitas vezes, de modo que nada mais direi. — Ela ergueu-se da poltrona. Fitando-me de uns vinte centímetro acima, ela disse: — Vá, então. Leve Leif consigo. Considere isso a sua primeira lição. Uma lição em futilidade. Quando retornar, será minha.

Roze fez menção de ir embora, mas captei, na minha mente, parte de seus pensamentos.

...deverá mantê-la ocupada e fora do meu caminho.

Roze deteve-se antes de deixar a sala. Olhando por sobre o ombro, ela me lançou um olhar sugestivo.

Não se meta nos assuntos de Sitia. E talvez venha a ser a única Descobridora de Almas na história a viver além dos 25 anos de idade.

Dê outra olhada nos livros de história, Roze, retruquei. De acordo com eles, a morte de um Descobridor de Almas sempre é acompanhada da morte de um Mestre Feiticeiro.

Roze me ignorou ao deixar o salão, encerrando a sessão.

Fui procurar Leif. Seus aposentos ficavam na ala dos aprendizes, na parte leste do campus da Fortaleza. Ele morava no prédio dos magos, que abrigava aqueles que haviam se formado na Fortaleza, e, agora, ou estavam ensinando novos alunos ou trabalhando como auxiliares dos Mestres Feiticeiros.

O restante dos magos que também haviam completado o currículo havia sido designado para diferentes cidades, para servir aos cidadãos de Sitia. O Conselho tentava ter um curandeiro em cada cidade, porém, magos com poderes raros, como a habilidade de ler línguas antigas ou encontrar itens perdidos, iam de lugar em lugar, conforme necessário.

Magos com poderes potentes faziam o teste dos Mestres antes de deixar a Fortaleza. Nos últimos vinte anos, apenas Zitora passara, levando a quatro o número de Mestres. Na história de Sitia, jamais houvera mais do que quatro Mestres ao mesmo tempo.

Irys achava que uma Descobridora de Almas podia ser forte o bastante para fazer o teste dos Mestres. Eu discordava. Eles já tinham o número máximo, e eu não possuía as habilidades místicas básicas de acender o fogo e mover objetos, capacidades possuídas por todos os Mestres.

Além do mais, ser uma Descobridora de Almas já era bem ruim. Ter de passar pelo teste dos Mestres e falhar seria muito para suportar. Pelo menos, era o que eu achava. Os boatos sobre o teste pareciam horríveis.

Antes de eu alcançar a porta de Leif, esta se abriu, e meu irmão esticou a cabeça para fora. Em questão de instantes, a chuva ensopou seu cabelo negro e curto. Gesticulei para que ele recuasse e invadi a sua sala de estar, pingando lama no seu piso limpo.

Seu apartamento era organizado e parcamente mobiliado. O único vestígio de sua personalidade podia ser percebido nas poucas pinturas que decoravam o recinto. Um retrato detalhado de uma rara flor Ylang-Ylang, nativa da selva Illiais, a pintura de uma figueira estranguladora sufocando um mogno moribundo e um quadro de uma onça das árvores agachada em um galho pendiam de suas paredes.

Leif avaliou com resignação minha aparência molhada. Seus olhos cor de jade eram a única característica física que tínhamos em comum. Seu porte forte e o queixo quadrado eram o exato oposto de meu rosto oval e meu corpo esbelto.

— Não pode ser boa notícia — Leif disse. — Duvido que fosse encarar esse mau tempo só para dizer “oi”.

— Você abriu a porta antes que eu pudesse bater — retruquei. — Deve saber que algo está acontecendo.

Leif enxugou a chuva do rosto.

— Pude sentir-lhe o cheiro.

— Meu cheiro?

— Você fede a alfazema. Por acaso, toma banho com o perfume de mamãe ou simplesmente lava sua capa com ele? — meu irmão brincou.

— Que coisa mais mundana. Eu estava crente que era algo místico.

— Por que desperdiçar energia com magia quando não é preciso? Embora...

Os olhos de Leif ficaram distantes, e senti um ligeiro arrepio de poder sendo acessado.

— Apreensão. Empolgação. Irritação. Raiva — Leif disse. — Suponho que o Conselho ainda não tenha votado torná-la Rainha de Sitia, não é mesmo?

Quando não respondi, ele prosseguiu:

— Não se preocupe, irmãzinha, você ainda é a princesa da família. Nós dois sabemos que mamãe e papai a amam mais.

Suas palavras eram cortantes, e eu me lembrei de que não fazia muito tempo Leif quisera me ver morta.

— Esau e Perl nos amam igualmente. Você realmente precisa de mim por perto para corrigir algumas de suas noções equivocadas. Já provei que você estava errado antes. Posso fazê-lo de novo.

Leif pôs as mãos no quadril e ergueu uma sobrancelha dúbia.

— Você disse que eu estava com medo de voltar para a Fortaleza. Bem... — Estendi os braços, respingando algumas gotas de água na túnica verde de Leif. — Aqui estou eu.

— Aqui está você. Admito. Mas, por acaso, não tem medo?

— Já tenho uma mãe e um Tecelão de Histórias. O *seu* trabalho é ser o irritante irmão mais velho. Atenha-se ao que você sabe fazer.

— Ahhh. Acho que toquei na ferida.

— Não quero discutir com você. Tome.

Retirei o bilhete do Homem da Lua de dentro do bolso da capa e o entreguei a Leif, que desdobrou o papel úmido, passando os olhos pela mensagem.

— Ferde — ele disse, chegando à mesma conclusão. — Já contou para o Conselho?

— Não. Os Mestres estão sabendo.

Contei para Leif o que havia acontecido na sala de conferências, deixando de fora a minha “conversa” com Roze Featherstone.

Leif deixou descair os ombros largos. Após um longo instante, ele disse:

— A Mestra Featherstone não acredita que Ferde e Cahil estejam indo para o platô Daviian. Ela não confia mais em mim.

— Você não tem certeza disso...

— Ela acha que Cahil está seguindo em outra direção. Normalmente, ela me enviaria para determinar sua localização antes de, logo em seguida, chamá-la. Juntos, nós o confrontaríamos. Agora sou enviado na caçada ao valmur selvagem.

— Valmur?

Demorou um instante para eu ligar o nome à pequena criatura de rabo comprido que vivia na selva.

— Lembra? Costumávamos persegui-los por entre as árvores. Eram tão rápidos e ágeis que nunca pegávamos um. Contudo, basta sentar-se com um pedaço de doce de seiva que eles pulam no seu colo e seguem você o dia todo.

Quando eu não respondi, Leif encolheu-se de culpa.

— Isso deve ter sido depois...

Depois de eu ter sido sequestrada e levada para Ixia. Embora eu pudesse até imaginar um jovem Leif correndo pela selva atrás de um valmur de pés ligeiros.

O lar do clã Zaltana havia sido construído no alto dos galhos das árvores, e meu pai costumava brincar que as crianças aprendiam a escalar antes de andar.

— Roze pode estar enganada quanto às intenções de Cahil. Sendo assim, leve um pouco desse doce de seiva. Podemos vir a precisar dele — acrescentei.

Leif estremeceu.

— Pelo menos, estaremos mais aquecidos nas Planícies, e o platô fica ainda mais para o sul.

Deixei os aposentos de Leif, seguindo até minha torre para pegar alguns suprimentos. O vento gelado soprou de lado, e pequeninas adagas de gelo espetaram meu rosto, enquanto eu atravessava apressadamente a tempestade. Irys estava me aguardando na recepção, logo além da enorme entrada da torre. As chamas na lareira pulsavam sob o efeito do ar frio que entrava pelas portas, enquanto eu lutava contra o vento para fechá-las.

Corri até o fogo, estendendo as mãos. A ideia de viajar em um mau tempo daqueles não era lá muito animadora.

— Leif sabe como acender o fogo? — perguntei para Irys.

— Acho que sabe. Contudo, independentemente do quanto ele seja hábil, a madeira molhada não acenderá.

— Fantástico — murmurei.

O vapor flutuava de minha capa ensopada. Estiquei a peça encharcada sobre o encosto de uma cadeira e arrastei esta mais para perto do fogo.

— Quando vai partir? — Irys perguntou.

— Agora mesmo.

Minha barriga roncou, então me dei conta de que havia perdido o almoço. Suspirei, sabendo que o jantar provavelmente seria uma fatia fria de queijo com pão úmido.

— Vou me encontrar com Leif no celeiro. Ah, cuspe de cobra!

Lembrei-me de alguns compromissos.

— Irys, pode dizer para Gelsi e para Dax que começarei o treinamento deles quando voltar?

— Que treinamento? Não mágico...

— Não, não. Treinamento de autodefesa.

Apontei para meu cajado. A vara de um metro e meio de comprimento, feita de madeira escura, ainda estava presa na alça na minha mochila. Gotas de água reluziam na arma.

Eu a libertei, sentindo o peso maciço do bastão nas minhas mãos. Sob a superfície escura do cajado, havia uma madeira da cor do ouro. Retratos de mim quando criança, da selva, da minha família e de coisas do gênero haviam sido entalhadas na madeira. Até mesmo os olhos amorosos de Kiki haviam sido incluídos na história de minha vida. O cajado moveu-se suavemente nas minhas mãos. Um presente de uma habilidosa artesã do clã Sandseed que também criara Kiki.

— E Bain sabe que não estará na aula matinal dele — Irys comentou. — Mas ele disse...

— Não me diga que ele me passou dever de casa? — supliquei.

Só de pensar em carregar o pesado volume de história fazia minhas costas doerem.

Irys sorriu.

— Ele disse que a ajudaria a colocar os estudos em dia quando você voltasse.

Aliviada, peguei minha mochila, examinando o conteúdo, para ver de que outros suprimentos nós necessitaríamos.

— Mais alguma coisa? — Irys perguntou.

— Não. O que você vai dizer para o Conselho? — perguntei.

— Que Roze mandou que fosse aprender sobre sua magia com os Tecelões de Histórias. O primeiro Descobridor de Almas documentado em Sitia foi um Sandseed. Você sabia disso?

— Não.

Fiquei surpresa, mas não deveria ter ficado. Afinal de contas, o que eu sabia a respeito dos Descobridores de Almas não era o suficiente para encher uma página que fosse dos livros de história do mestre Bain.

Quando terminei de arrumar a mochila, despedi-me de Irys e forcei a passagem através dos ventos até o salão de jantar. A equipe da cozinha sempre tinha um suprimento de rações para viagem à mão, para os magos. Peguei comida suficiente para nos durar uma semana.

Ao me aproximar dos estábulos, pude notar as cabeças de alguns cavalos corajosos esticadas para fora de suas baias. Mesmo sob a fraca luz, o rosto cor de cobre e branco de Kiki era inconfundível.

Ela relinchou a título de cumprimento, e abri minha mente para ela.

Nós vamos?, ela perguntou.

Vamos. Lamento ter de fazê-la sair em um dia tão ruim, respondi.

Não é ruim com Moça Alfazema.

Moça Alfazema era o nome que os cavalos haviam me dado. Eles davam nomes para as pessoas ao seu redor, assim como fazíamos com nossos bichos de estimação. Contudo, tive de sorrir, lembrando-me do comentário de Leif sobre eu me banhar na erva perfumada.

Alfazema cheira como...

Kiki não tinha palavras para descrever suas emoções. A imagem mental de um pé de alfazema, folhoso e de um tom acinzentado de azul, com suas flores arroxeadas formou-se na mente de Kiki. Sentimentos de alegria e segurança acompanhavam a imagem.

O corredor principal do estábulo ecoava, como se estivesse vazio, apesar da pilha de bornais ali perto. As grossas vigas de sustentação da construção emergiam como soldados em posição de sentido por entre as baias, e o fim da fileira desaparecia na escuridão.

Leif?, perguntei para Kiki.

Homem Triste na sala de equipamentos, Kiki respondeu.

Obrigada.

Caminhei lentamente para os fundos do celeiro, inalando o cheiro familiar de couro e sabão. O cheiro seco da palha arranhou minha garganta e se misturou com o odor mundano de estrume.

Rastreador também.

Quem?

Antes que Kiki pudesse responder, avistei o capitão Marrok na sala de equipamentos com Leif. A ponta afiada da espada de Marrok estava apontada para o peito de Leif.

— PARA TRÁS, Yelena — Marrok ordenou. — Responda-me, Leif.

O rosto de Leif empalidecera, porém seus dentes estavam cerrados em sinal de determinação. Inquisitivamente, seu olhar cruzou com o meu.

— O que você quer, Marrok? — perguntei.

Os machucados no rosto de Marrok haviam desaparecido, contudo, seu olho direito ainda estava inchado e sensível, apesar dos esforços do Curandeiro Hayes para reparar o osso malar quebrado.

— Quero encontrar Cahil — Marrok respondeu.

— *Todos* nós queremos encontrá-lo. Por que está ameaçando *meu* irmão?

Meu tom de voz foi severo, para lembrar Marrok de que agora ele tinha de lidar comigo. Ter uma reputação infame tinha lá suas vantagens.

Marrok olhou para mim.

— Ele trabalha com a Primeira Feiticeira. Ela está encarregada da busca. Se tiver qualquer pista de onde encontrar Cahil, ela enviará Leif. — Ele gesticulou na direção das rédeas na mão de Leif. — Em um dia como o de hoje, ele não está indo ao mercado nem indo dar um passeio. Mas, ele se recusa a me dizer para onde vai.

A velocidade com que notícias e mexericos se espalhavam entre os guardas da Fortaleza continuava a me surpreender.

— Você lhe perguntou antes ou depois de sacar a espada?

A ponta da lâmina de Marrok oscilou.

— Que diferença faz? — indagou.

— Porque a maioria das pessoas está disposta a cooperar, desde que não tenha uma arma apontada para o seu peito.

Dando-me conta de que Marrok era um soldado de carreira acostumado a falar por meio da espada, mudei de tática.

— Por que não planejou seguir Leif?

As habilidades de Marrok como rastreador haviam impressionado tanto os cavalos que eles haviam lhe dado justamente o nome de Rastreador.

Marrok levou a mão à face e estremeceu. Eu podia lhe adivinhar os pensamentos. Marrok seguira Cahil com toda a lealdade, porém Cahil o havia surrado e torturado para descobrir a verdade sobre sua origem inferior, deixando Marrok moribundo.

O soldado embainhou a espada com um movimento rápido, como se houvesse tomado uma decisão.

— Não posso seguir Leif. Ele teria me pressentido com sua magia e confundido meus pensamentos.

— Não consigo fazer isso — Leif falou.

— Verdade?

A mão de Marrok repousou perto da espada, enquanto ele ponderava.

— Mas eu consigo — tratei de dizer.

A atenção de Marrok voltou-se novamente para mim.

— Marrok, você mal está em condições de viajar. E não posso permitir que mate Cahil. O Conselho Sítiano quer falar com ele primeiro.

Eu queria falar com ele.

— Não estou à procura de vingança — o soldado afirmou.

— Neste caso, o que é que você quer?

— Ajudar.

Marrok apertou o punho da espada.

— O quê? — Leif e eu perguntamos ao mesmo tempo.

— Sitia precisa de Cahil. Apenas o Conselho e os Mestres sabem que ele não possui sangue nobre. Ixia representa um perigo real para o estilo de vida de Sitia. Sitia precisa de uma figura que a inspire. Alguém que lidere seu povo na batalha.

— Mas ele ajudou Ferde a escapar — protestei. — E Ferde pode estar torturando e estuprando outra moça neste exato instante!

— Cahil estava apenas confuso e magoado por ter descoberto a verdade sobre suas origens. Eu o criei. Conheço-o melhor do que qualquer outra pessoa. Provavelmente já se arrependeu de sua impulsividade. Ferde provavelmente já está morto. Se eu tivesse a chance de conversar com Cahil, ele provavelmente retornaria sem luta, e poderíamos resolver tudo isso com o Conselho.

Senti um arrepio de poder.

— Suas intenções são sinceras — Leif informou.

Mas e quanto às intenções de Cahil? Eu já o vira ser inescrupuloso e oportunista na sua missão de reunir um exército, porém jamais impulsivo. Contudo, eu o conhecia há apenas duas estações. Pensei em usar magia para enxergar as lembranças que Marrok tinha de Cahil, porém, a não ser que ele me concedesse permissão, isso seria quebrar o Código de Ética dos magos. Sendo assim, pedi seu consentimento.

— Vá em frente — ele disse, fitando-me nos olhos.

Havia vestígios de dor nos olhos azul-acinzentados. O curto cabelo grisalho ficara completamente branco desde o ataque de Cahil.

Conceder-me permissão foi o suficiente para me convencer de sua sinceridade, porém, apesar de suas boas intenções, ele ainda queria montar um exército para atacar Ixia. E isso era contrário ao que eu acreditava. Ixia e Sitia simplesmente precisavam entender-se e trabalhar juntas. Uma guerra não beneficiaria ninguém.

Será que eu deixo Marrok aqui, para influenciar o Conselho na aprovação de um ataque ou o levo comigo? Suas habilidades de rastreador seriam uma vantagem a mais.

— Se eu permitir que venha conosco, deve obedecer *todas* as minhas ordens. De acordo? — indaguei.

Marrok empertigou-se, como se estivesse assumindo posição de sentido.

— Sim, senhor.

— Está forte o suficiente para cavalgar?

— Estou, mas não tenho cavalo.

— Não tem problema. Eu lhe arrumarei um cavalo Sandseed. Tudo o que terá de fazer é segurar-se.

Sorri, lembrando-me do galope tipo rajada de vento de Kiki.

Leif riu, e seu corpo relaxou devido ao alívio da tensão.

— Boa sorte em tentar convencer o Cavalariaço a lhe emprestar seu cavalo.

— O que quer dizer? — perguntei.

— Garnet é o único outro cavalo nos estábulos da Fortaleza criado pelos Sandseed.

Encolhi-me só de pensar no Cavalariaço teimoso e rabugento. E agora? Nenhuma outra raça de cavalos seria capaz de nos acompanhar.

Mel, Kiki disse na minha mente.

Mel?

Mel avibian. Homem Chefe adora mel.

O que significava que, se eu me oferecesse para trazer um pouco de mel avibian para o Cavalariaço, ele talvez me emprestasse seu cavalo.

Deixamos a Cidadela pelo portão sul e seguimos pela estrada do vale. Campos de cultivo cobertos de restolho de milho e cortados pelos sulcos das rodas das carroças estendiam-se do lado direito da estrada. As planícies Avibian dominavam a paisagem à esquerda.

A comprida grama das Planícies havia passado de amarelo e vermelho para marrom no inverno frio. As chuvas criavam enormes poças, transformando a extensão de terra em um pântano e espalhando, no ar, o aroma úmido da terra em decomposição.

Leif montava Rusalka, e Marrok segurava com força as rédeas de Garnet. Seu nervosismo estava afetando o cavalo alto, que se agitava nervosamente para o lado a cada barulhinho.

Kiki reduziu o passo para que eu pudesse falar com ele.

— Marrok, relaxe. Fui eu quem prometeu trazer de volta uma caixa de mel avibian, além de limpar o equipamento do Cavalariaço

por três semanas.

Ele deixou escapar uma gargalhada, mas continuou apertando as rédeas nas mãos.

Era hora de mudar de tática. Acessei o manto de poder que envolvia o mundo e puxei um fio de magia, conectando minha mente com a de Garnet. O cavalo sentia saudades do Homem Chefe e não estava gostando daquele desconhecido no seu lombo, porém acalmou-se quando eu lhe mostrei o nosso destino.

Casa, Garnet aprovou. Ele queria ir. *Dor*.

A pegada inflexível de Marrok estava machucando a boca de Garnet, e eu sabia que o soldado não relaxaria, mesmo que eu ameaçasse deixá-lo para trás. Suspirando, fiz um leve contato com a mente de Marrok. Sua preocupação e receio focalizavam-se mais em Cahil do que em si mesmo. Sua apreensão vinha de não se sentir no controle do poderoso animal debaixo de si, apesar do fato de segurar as rédeas de Garnet. Assim como também de não estar no comando da situação, tendo que receber ordens de mim.

A corrente negativa de pensamentos a meu respeito ativou uma campanha de alerta na minha mente, e senti vontade de explorar mais a fundo. Ele me concedera permissão para ver suas lembranças sobre Cahil, mas não me dera carta branca para sondá-lo. Em vez disso, enviei-lhe alguns pensamentos tranquilizantes. Embora Marrok não pudesse escutar minhas palavras, ele deveria ser capaz de reagir ao tom sereno.

Após algum tempo, Marrok assumiu uma postura mais relaxada, e seu corpo passou a acompanhar os movimentos de Garnet. Quando Garnet sentiu-se mais à vontade, Kiki virou-se para o leste, adentrando as Planícies. A lama começou a ser espirrada pelos seus cascos à medida que ela foi acelerando o passo. Dei a Leif e Marrok o sinal para deixar os cavalos assumirem o controle.

Por favor, encontre o Homem da Lua. Rápido, eu disse para Kiki.

Com um ligeiro salto, ela deu início ao seu galope rajada de vento. Rusalka e Garnet a seguiram. Senti-me carregada por um rio de ar. As Planícies tornaram-se um borrão sob os cascos de Kiki, em um ritmo que era, no mínimo, o dobro de um galope a toda.

Apenas cavalos Sandseed eram capazes de imprimir tal ritmo, e só quando cavalgavam nas planícies Avibian. Tinha de ser uma habilidade mística, mas eu não sabia dizer se Kiki estava acessando o poder. Teria de perguntar ao Homem da Lua quando o encontrássemos.

As Planícies cobriam uma enorme seção do leste de Sitia. Localizadas a sudeste da Cidadela, estendiam-se até a base das montanhas Esmeraldas, ao leste, e seguiam até o platô Daviian, ao sul.

Em um cavalo normal, levava-se de cinco a sete dias para cruzar as Planícies. O Sandseed era o único clã a morar dentro de seus limites, e seus Tecelões de Histórias haviam blindado suas terras com uma poderosa magia protetora. Qualquer desconhecido que se aventurasse nas Planícies sem permissão dos Sandseed acabava se perdendo. A magia confundia a mente do sujeito, fazendo com que este viajasse em círculos até, acidentalmente, encontrar a saída das Planícies ou ficar sem água e morrer.

Magos poderosos eram capazes de viajar sem serem afetados pela magia, contudo, os Tecelões de Histórias sempre sabiam quando alguém adentrava as suas terras. Como parentes distantes dos Sandseed, os membros do clã Zaltana também podiam viajar incólumes pelas Planícies. Os outros clãs evitavam completamente a área.

Como Marrok estava viajando em um cavalo Sandseed, a proteção não o atacou, e pudemos cavalgar a noite toda. Quando o sol nasceu, Kiki enfim parou para descansar.

Enquanto Leif reunia lenha para a fogueira, escovei e alimentei os cavalos. Marrok ajudou Leif, mas eu podia notar a exaustão estampada em seu rosto pálido.

A chuva e o vento frio haviam diminuído durante a noite, porém nuvens escuras ocupavam o céu. O local escolhido para o nosso acampamento possuía bastante grama para os cavalos. Era um ponto alto nas Planícies, perto de uma aglomeração rochosa, com alguns arbustos crescendo por perto, e era um local sólido para ficarmos sem afundarmos até os calcanhares na lama.

Nossas capas estavam encharcadas, sendo assim, amarrei minha corda entre duas árvores para pendurar as vestimentas molhadas. Leif e Marrok encontraram galhos secos. Montando uma tenda de galhos, Leif fitou a lenha, e pequenas chamas ganharam vida.

— Exibido — eu disse.

Ele sorriu, enchendo um pote com água para o chá.

— Você está com inveja.

— Tem razão. Estou.

Rosnei de frustração, Leif e eu nascemos dos mesmos pais, no entanto, tínhamos poderes mágicos diferentes. Nosso pai, Esau, não possuía nenhuma magia evidente, apenas um talento para encontrar e usar as plantas e árvores da floresta para comida, remédios e para suas invenções. Perl, nossa mãe, podia apenas pressentir se uma pessoa possuía habilidades mágicas.

Sendo assim, como é que Leif conseguiu o dom místico de acender fogo e sentir a força vital de uma pessoa, enquanto eu podia afetar-lhes a alma? Com minha magia, eu poderia forçar Leif a acender a fogueira, mas não poderia fazê-lo sozinho. Perguntei-me se alguém na história de Sitia já havia estudado a relação entre magia e pais biológicos. Bain Bloodgood, o Segundo Feiticeiro, provavelmente devia saber. Ele tinha uma cópia de quase todos os livros em Sitia.

Marrok adormeceu assim que terminamos de comer nosso desjejum de pão com queijo. Leif e eu permanecemos ao lado do fogo.

— Colocou alguma coisa no chá dele? — perguntei.

— Um pouco de casca de pau-de-viola para ajudá-lo a sarar.

Rugas e cicatrizes marcavam o rosto de Marrok. Em meio às manchas amareladas ao longo do seu queixo, pude avistar fios brancos da barba por fazer. Sangue e lágrimas gotejavam do olho inchado. Listras vermelhas marcavam sua face direita. O curandeiro Hayes não me permitira ajudar na recuperação de Marrok. Ele só me deixara auxiliar com machucados de pouca importância. Outro que temia meus poderes.

Toquei na testa de Marrok. Sua pele parecia quente e ressecada. O cheiro fétido de carne podre emanava dele. Tentei acessar a fonte

de poder e senti a magia protetora dos Sandseed vigiando-me, atenta a qualquer sinal de ameaça. Reunindo a mágica, projetei um fio na direção dele, revelando os músculos e os ossos sob a pele de Marrok. Seus ferimentos pulsavam com uma luz avermelhada. O osso malar havia sido estilhaçado, e fragmentos de ossos haviam penetrado no seu olho, afetando sua visão. Pequenos pontos escuros de infecção espalhavam-se pela região arruinada.

Concentrei-me no ferimento até sua dor se transferir para meu próprio rosto. Senti uma dolorosa pontada no meu olho direito, onde lágrimas se acumularam quando minha visão ficou borrada. Encolhendo-me, resisti à agressão, canalizando, através do meu corpo, a magia vinda da fonte de força. O fluxo pareceu interromper-se, e eu me esforcei mais. Subitamente, a corrente de magia fluiu com facilidade, como se alguém houvesse derrubado uma represa, levando embora a dor. Tomada de alívio, relaxei.

— Acha que isso foi uma boa ideia? — Leif perguntou quando abriu os olhos.

— O ferimento estava infeccionado.

— Mas você usou toda a sua energia.

— Eu... — Sentei-me, sentindo-me cansada, porém não exausta.

— Eu...

— Ela teve ajuda — uma voz disse, vinda de lugar nenhum.

Leif sobressaltou-se de surpresa, mas eu reconheci o profundo tom masculino. O Homem da Lua apareceu junto ao fogo, como se houvesse se materializado do calor e das cinzas que dali emanavam. Sua cabeça calva reluzia sob a luz do sol.

Em respeito ao frio, o Homem da Lua usava uma túnica bege de mangas compridas e calça marrom-escura, que combinavam com seu tom de pele, mas nada de sapatos.

— Nenhuma pintura? — perguntei ao Homem da Lua.

Da primeira vez em que eu o encontrara, ele se materializara de um raio de luar, coberto apenas com uma tinta azul escura. Ele alegara ser o meu Tecelão de Histórias e procedeu a mostrar-me a história de minha vida, assim como ao desbloqueio de minhas lembranças de infância. Seis anos passados morando com minha mãe, meu pai e meu irmão haviam sido reprimidos por um mago

chamado Mogkan, para que eu não sentisse falta de minha família, após ter sido sequestrada por ele.

O Homem da Lua sorriu.

— Não tive tempo para cobrir minha pele. E foi bom eu ter vindo quando vim. — Seu tom de voz deixava claro seu desagrado. — Ou você teria gastado todas as suas forças.

— Nem todas — eu retruquei, como uma criança petulante.

— Quer dizer que já se tornou uma Descobridora de Almas todopoderosa? — Ele arregalou os olhos com uma surpresa zombeteira. — Eu me curvarei diante de você, oh, Grandiosa.

Ele curvou-se na altura da cintura.

— Muito bem, chega — eu disse, rindo. — Eu deveria ter pensado melhor antes de curar Marrok. Satisfeito agora?

Ele suspirou dramaticamente.

— Ficaria satisfeito se achasse que você aprendeu a lição e que não faria isso de novo. Contudo, estou mais do que ciente de que você continuará a mergulhar de cabeça nas situações, sem olhar antes. Está entremeado nos padrões da sua vida. Não há esperança para você.

— Foi para isso que mandou me chamar? Para me dizer que sou caso perdido?

O Homem da Lua ficou sério.

— Quem dera. Soubemos que o Ladrão de Almas escapou da Fortaleza dos Magos com a ajuda de Cahil. Um dos nossos Tecelões de Histórias, patrulhando o platô Daviian, pressentiu um desconhecido viajando com um dos Vermes.

— Cahil e Ferde estão no platô? — Leif perguntou.

— Achamos que sim, mas queremos que Yelena identifique o Ladrão de Almas.

— Por quê? — indaguei.

Os Sandseed não perdiam tempo com julgamentos e prisões. Executavam criminosos assim que os capturavam.

Contudo, os Vermes Daviian haviam sido difíceis de encontrar e possuíam magos poderosos. Os Vermes eram um grupo de jovens Sandseed que haviam se tornado insatisfeitos com o estilo de vida isolado dos Sandseed, no qual o contato com os outros clãs era

limitado. Os Vermes queriam que os Tecelões de Histórias dos Sandseed usassem seus vastos poderes para guiar toda a Sitia, e não apenas os habitantes das Planícies.

Haviam se separado do clã Sandseed e se assentado no platô Daviian, tornando-se o clã Daviian. O solo seco e inóspito do platô tornava o cultivo um pesadelo, sendo assim, os Daviian roubavam dos Sandseed, o que lhes rendeu o apelido de Vermes. Os Sandseed também chamavam os feiticeiros de Vermes de Deformadores, visto que usavam sua magia para fins egoístas.

— Você precisa identificar o Ladrão de Almas, porque ele pode ter colhido mais almas, e só você pode libertá-las antes que o matemos — o Homem da Lua explicou com um tom de voz monótono e desprovido de emoções.

Agarrei-lhe o braço.

— Encontraram algum corpo?

— Não. Mas estou preocupado com o que encontraremos quando atacarmos o acampamento deles.

O horror das duas últimas estações ameaçou me dominar. Onze moças mutiladas e estupradas por Ferde para que ele pudesse lhes roubar as almas e adquirir mais poder místico. Valek e eu o havíamos detido antes que ele pudesse coletar a última alma. Caso houvesse sido bem-sucedido, Sitia e Ixia teriam sido agora dele para governar. Em vez disso, eu libertara todas aquelas almas para o céu. Era terrível pensar que ele pudesse ter começado tudo de novo.

— Encontrou o acampamento deles? — Leif perguntou.

— Encontramos. Suspendemos qualquer outra obrigação — o Homem da Lua disse. — Os guerreiros do clã fizeram uma varredura completa do platô. Encontramos um grande acampamento ao sul, perto dos limites da selva Illiais.

E perto da minha família. Devo ter deixado escapar uma exclamação de horror, pois o Homem da Lua levou a mão ao meu ombro e o apertou.

— Não se preocupe com seu clã. Todos os guerreiros Sandseed estão prontos para atacar caso os Vermes exibam qualquer indício de deixar o acampamento. Partiremos assim que os cavalos estiverem descansados.

Andei de um lado para o outro ao redor da fogueira, sabendo que deveria dormir um pouco, mas incapaz de acalmar meus pensamentos. Leif escovava os cavalos, e Marrok dormia. O Homem da Lua estava reclinado ao lado da fogueira, fitando o céu.

Marrok acordou assim que o céu escureceu. O olho não estava mais exsudando sangue, e o inchaço desaparecera. Ele examinou a face com a ponta dos dedos. Surpresa iluminou seu rosto até avistar o Homem da Lua de pé ao seu lado. Levantou-se com um salto e sacou a espada, apontando-a para o Tecelão de Histórias. Mesmo armado, Marrok parecia insignificante ao lado do musculoso Sandseed, que devia ter uns vinte centímetros a mais do que ele.

O Homem da Lua riu.

— Vejo que está se sentindo melhor. Venha. Temos planos a fazer.

Nós quatro nos sentamos ao redor da fogueira, enquanto Leif preparava o jantar. Marrok acomodou-se ao meu lado, e, de esguelha, pude notar que sempre que Marrok levava a mão à face, ele fitava o Homem da Lua com um fascínio amedrontado. E sua mão direita jamais se afastava muito do punho da espada.

— Partiremos ao nascer do sol — informou o Homem da Lua.

— Por que tudo tem que começar com o nascer do sol? — indaguei. — Os cavalos enxergam muito bem à noite.

— Isso dará aos cavalos um dia inteiro para se recuperarem. Eu cavalgarei com você, em Kiki. Ela é a mais forte. E assim que alcançarmos o platô, não haverá mais paradas para descansar até nos juntarmos aos outros.

— E depois o quê? — perguntei.

— Depois nós atacamos. Você deverá ficar perto de mim e dos outros Tecelões de Histórias. O Ladrão de Almas estará protegido, junto aos Deformadores. Assim que derrubarmos a guarda externa, o trabalho duro começará.

— Lidar com os Deformadores — eu disse.

Ele assentiu.

— Será que vocês não podem mover novamente o Vácuo?

O Vácuo era um buraco no manto de poder onde não existia magia. Da última vez em que os Sandseed haviam descoberto um esconderijo dos Vermes, este estivera protegido por um escudo de

magia que criava uma ilusão. O campo parecia estar ocupado apenas por alguns guerreiros. Quando os Sandseed moveram o Vácuo para cima dos Vermes, a ilusão fora desfeita. Infelizmente, havia quatro vezes o número de soldados no local, e nos vimos em grande desvantagem numérica.

— Eles já conhecem o truque e serão alertados de nossa presença se tentarmos mover o manto de poder — explicou o Homem da Lua.

— Sendo assim, como é que vai derrotar os Deformadores? — inquiri preocupada.

Se os Vermes tivessem acesso à magia, a batalha seria difícil.

— Todos os Tecelões de Histórias dos Sandseed irão se unir e formar uma poderosa rede mística, que irá capturá-los e evitar que usem magia. Nós o seguraremos tempo suficiente para que você encontre o Ladrão de Almas.

Rompendo seu silêncio, Marrok perguntou:

— E quanto a Cahil?

— Ele ajudou o Ladrão de Almas a escapar. Deve ser punido.

— Os membros do Conselho querem falar com ele — avisei.

— E então *e/les* decidirão o que fazer com ele — Leif acrescentou.

O Homem da Lua deu de ombros.

— Ele não é um Verme. Ordenarei aos outros que não o matem, mas, em uma batalha dessa magnitude, isso pode ser difícil.

— Ele provavelmente estará com os líderes dos Daviian — Marrok disse.

— Marrok... Você e Leif tratem de encontrar Cahil e de levá-lo para o norte da escaramuça, onde me encontrarei com vocês após a batalha.

— Sim, senhor — Marrok respondeu.

Leif assentiu, mas pude notar uma pergunta no seu olhar.

Problemas?, perguntei-lhe mentalmente.

E se Cahil convencer Marrok a não levá-lo de volta para o Conselho? Se os dois se juntarem, ficarei em desvantagem.

Bem pensado. Pedirei ao Homem da Lua que...

Ordene que um de meus homens acompanhe Leif, o Homem da Lua completou.

Sobressaltei-me, surpresa. Não sentira o Homem da Lua reunir poder para se conectar conosco.

O que mais você consegue fazer?, perguntei.

Não vou contar. Destruiria minha imagem de misterioso Tecelão de Histórias.

Na manhã seguinte, selamos os cavalos e seguimos para o sul, na direção do platô. Mesmo com o peso de dois cavaleiros, Kiki nos carregou com facilidade. Parando apenas uma vez, para um jantar quente e para dormir, alcançamos a fronteira em dois dias. Ao pôr do sol do segundo dia, paramos para descansar os cavalos nos limites das Planícies.

A extensão plana do platô esticava-se até o horizonte. Alguns tufo amarronzados de grama espalhavam-se pela superfície castigada pelo sol. Enquanto as Planícies tinham algumas árvores, ligeiras elevações, rochas e saliências de arenito, o platô possuía arbustos espinhosos, areia áspera e algumas pequenas árvores desfolhadas.

Havíamos deixado o tempo frio e nublado para trás. O sol da tarde aquecia a terra o suficiente para eu poder tirar a capa, contudo, à medida que a luz foi sendo engolida pela escuridão, uma brisa fria começou a soprar.

O Homem da Lua foi à procura do seu batedor. Mesmo a essa distância do acampamento dos Vermes, era arriscado demais fazer uma fogueira. Estremeci enquanto comia meu jantar de queijo duro e pão dormido.

O Homem da Lua retornou com outro Sandseed.

— Este é Tauno — disse o Homem da Lua. — Ele nos mostrará o caminho através do platô.

Olhei para o homenzinho armado com arco e flechas. Apenas poucos centímetros mais alto do que eu, ele usava calça curta, apesar do vento frio. Sua pele havia sido pintada, porém, sob a luz fraca, eu não conseguia determinar quais eram as cores.

— Partiremos quando a lua estiver a um quarto no céu — Tauno disse.

Viajar à noite era uma boa ideia, mas não pude deixar de me perguntar o que os guerreiros faziam durante o dia.

— Como é que os Sandseed ficam escondidos no platô? — indaguei.

Tauno gesticulou na direção da própria pele.

— Nós nos tornamos parte da paisagem. E escondemos nossos pensamentos atrás dos escudos negativos dos Tecelões de Histórias.

Olhei para o Homem da Lua.

— Um escudo negativo bloqueia a magia — explicou o Homem da Lua. — Se alguém vasculhasse o platô com sua magia, não pressentiria nenhum ser vivo atrás de um escudo negativo.

— Mas usar magia para criar o escudo não alertaria os Vermes? — perguntei.

— Não quando feito da maneira correta. O escudo foi completado antes mesmo dos Tecelões de Histórias deixarem as Planícies.

— E quanto aos Tecelões de Histórias atrás do escudo? Eles podem usar magia? — Leif quis saber.

— A magia não pode penetrar o escudo. Ele não bloqueia a nossa visão nem a audição, apenas nos protege de sermos descobertos por meios místicos.

Enquanto nos preparávamos para viajar, pensei no que o Homem da Lua dissera e me dei conta de que havia muitas coisas que eu ainda não sabia sobre magia. Coisas demais. E a ideia de aprender com Roze aquietou minha curiosidade.

Quando a lua já havia percorrido um quarto do céu escuro, Tauno disse:

— Está na hora de irmos.

Os músculos ao longo da minha espinha se contraíram de apreensão quando o Homem da Lua acomodou-se atrás de mim, na sela de Kiki. E se minha falta de conhecimento místico fizesse com que eu colocasse em risco nossa missão?

Não fazia sentido preocupar-me com isso agora. Inspirei fundo, acalmei meus nervos e olhei para meus companheiros. Tauno montou, com Marrok, no lombo de Garnet. Pela expressão aflita no rosto de Marrok, pude perceber que ele não ficara muito satisfeito em compartilhar sua montaria com o guerreiro Sandseed. Para

piorar as coisas, Tauno insistia em ficar na frente e segurar as rédeas de Garnet.

Para permanecer atrás do escudo negativo, nossa rota pelo platô tinha de ser precisa. Tauno nos conduziu. O barulho suave dos cascos dos calvos sobre a areia dura era a única coisa escutada.

A lua se arrastava pelo céu. Em certo momento, tive vontade de gritar e dar início a um galope com Kiki, só para quebrar a tensão que nos envolvia.

Quando a escuridão começou a se aliviar ao leste, Tauno deteve-se e desmontou. Comemos rapidamente o desjejum e alimentamos os cavalos. Quando o dia ficou mais claro, pudemos ver como Tauno se mesclava bem à paisagem do platô. Ele se camuflara com os tons marrons e acinzentados do platô.

— Daqui, seguimos a pé — Tauno informou. — Deixaremos os cavalos. Levem apenas o essencial.

O céu claro prometia um dia quente, de modo que removi minha capa e a guardei na mochila. O ar seco, com suas pequenas partículas de areia, arranhava o fundo da minha garganta. Decidi que ainda precisava do meu canivete. Amarrando a bainha ao redor da minha coxa direita, retirei a arma e acionei a lâmina. Eu havia mergulhado a ponta na lâmina em um pouco de Curare. A droga paralisadora dos músculos seria bem útil caso Cahil se recusasse a cooperar. Após retrair a lâmina, acomodei a arma na bainha, através do buraco no bolso da minha saia-calça. Ajeitei o cabelo comprido em um coque e usei os pinos de arrombar fechaduras para prender o cabelo no lugar. Por fim, peguei o cajado.

Vestida para a batalha, mas não significava que eu estava preparada para a batalha. Torcia para que pudesse encontrar Cahil e Ferde e para que pudesse capturá-los sem ter que matar ninguém. Todavia, a certeza sombria de que eu mataria para me salvar formou um nó na minha garganta.

Tauno passou os olhos por nossas roupas e armas. O facão de Leif pendia de sua cintura. Ele estava usando túnica e calça verde. Marrok enfiara a espada no cinturão. A bainha marrom-escura combinava com a calça. Dei-me conta de que estávamos todos vestidos com as cores da terra e, apesar de não nos mesclarmos tão

bem à paisagem como Tauno, também não chamaríamos muita atenção.

Amarramos nossas mochilas e suprimentos às selas dos cavalos, depois os deixamos pastando no pouco de grama que eles conseguiram encontrar e então seguimos para o sul. O platô parecia deserto. A vontade de vasculhar a região com magia me deixou arrepiada, e tentei ignorar o desejo. Conectar-me com a vida ao meu redor tornara-se quase instintivo, e eu me sentia exposta e vulnerável sem saber o que respirava nos arredores.

Optando por um caminho indireto, Tauno, por fim, deteve-se. Ele apontou para uma aglomeração de árvores espinhosas.

— O acampamento fica logo além daquele matagal — sussurrou.

Vasculhei o platô. Onde estava o exército Sandseed? O solo ondulava, como se a areia houvesse se liquefeito. As ondas, no chão, foram crescendo. Levei a mão à boca para conter uma exclamação de surpresa. Fileiras e mais fileiras de guerreiros Sandseed apareceram. Camuflados de modo a desaparecer de encontro à areia, eles estiveram o tempo todo deitados diante de nós, e eu não os notara.

O Homem da Lua sorriu, divertindo-se com meu assombro.

— Você tem dependido tanto de seus sentidos místicos que se esqueceu de usar seus sentidos físicos.

Antes que eu pudesse responder, quatro Sandseed se juntaram a nós. Embora estivessem vestidos como os guerreiros, esses Sandseed portavam-se com autoridade. Davam ordens e irradiavam poder. Tecelões de Histórias.

Um dos Tecelões de Histórias passou uma cimitarra para o Homem da Lua. Seu olhar profundo se fixou em mim, ao estudar-me as feições.

— Esta é a Descobridora de Almas? — Suas palavras pareciam carregadas de dúvida, mas ele falava suavemente. — Não é bem o que eu estava esperando.

— E o que estava esperando?

— Uma mulher grande, de pele escura. Você dá a impressão de que mal conseguiria sobreviver a uma tempestade de areia, que dirá encontrar e libertar uma alma.

— Ainda bem que você não é meu Tecelão de Histórias. Deixa-se distrair facilmente pela estampa dos tecidos e não enxerga a qualidade dos fios.

— Muito bem — o Homem da Lua disse para mim. — Reed, mostre-nos o acampamento.

O Tecelão de Histórias nos levou até as árvores. Através das folhas espinhentas dos galhos, pude avistar o acampamento Daviian.

O ar tremulava ao redor do acampamento, como se uma bolha de calor houvesse ficado aprisionada próximo ao chão. Uma enorme fogueira ardia na área central. Várias pessoas andavam de um lado para o outro, ajudando a preparar o desjejum ou comendo-o. Tendas espalhavam-se ao redor da região central, estendendo-se até alcançarem a borda do platô.

Apertando os olhos para protegê-los da luz do sol, tentei enxergar além dos limites do acampamento. Apenas o topo das árvores da selva Illiais era visível. Fui lembrada da ocasião em que estava em uma plataforma construída perto do topo da árvore mais alta da selva e avistei, pela primeira vez, a extensão plana do platô. O despenhadeiro que levava à selva parecera uma escalada impossível. Sendo assim, não pude deixar de me perguntar o motivo de terem montado o acampamento ali.

O Homem da Lua inclinou-se em minha direção.

— O acampamento é uma ilusão.

— Tem guerreiros o suficiente para atacar? — indaguei, supondo que a ilusão pudesse esconder muitos outros Vermes.

— Todos eles.

— Todos os...

Os Sandseed deixaram escapar um grito de guerra e avançaram correndo na direção do acampamento.

O Homem da Lua segurou meu braço, puxando-me consigo.

— Fique comigo.

Com Leif e Marrok vindo logo atrás de nós, seguimos os Sandseed. Quando os primeiros guerreiros alcançaram a ilusão, desapareceram por um instante. O som de água correndo alcançou meus ouvidos quando a quimera se dissipou.

Pisquei algumas vezes para ajustar meus olhos ao que os Daviiian haviam escondido. A fogueira central permanecia igual. Contudo, em vez de muitos Vermes ao redor das chamas, havia apenas um homem. O resto do acampamento estava vazio.

QUANDO A ilusão desapareceu, o mesmo aconteceu com as tendas e os Daviiian. O homem solitário de pé ao lado do fogo desabou no chão, antes que os guerreiros Sandseed pudessem alcançá-lo.

Evidências de que um grande exército estivera acampado ali marcavam o solo. Mas, quando os líderes dos Sandseed conseguiram restaurar a ordem aos agitados guerreiros, muitos dos rastros dos Daviiian já haviam sido arruinados.

E a única testemunha tomara veneno.

— Um dos Deformadores deles — explicou o Homem da Lua, cutucando o corpo com o pé descalço. — Ele manteve a ilusão e suicidou-se assim que ela foi quebrada.

— Se conseguirem esvaziar a área, talvez eu consiga lhes dizer para onde eles foram — Marrok disse.

Os guerreiros Sandseed retornaram até o matagal com as árvores espinhentas. O Homem da Lua e eu permanecemos perto da fogueira, enquanto Marrok e Leif circulavam pelo acampamento. Marrok procurava evidências físicas, enquanto Leif usava sua magia para sentir as intenções dos Daviiian.

Projetei minha consciência mística o mais longe que pude. Se eu procurasse uma pessoa específica, podia alcançá-la de bem longe, porém, em uma busca geral, minha magia alcançava apenas uns quinze quilômetros. Não alcancei ninguém no platô, e a abundância

de vida na selva impossibilitava qualquer tipo de exame mais a fundo.

Quando terminaram seu percurso, Marrok e Leif retornaram. Suas expressões sombrias indicavam más notícias.

— Já foram embora há vários dias. A maioria dos rastros segue para o leste e o oeste — Marrok informou. — Mas encontrei alguns pinos metálicos com fibras de corda no chão, perto da borda do platô. Alguns Vermes podem ter descido até a selva.

Toquei no braço de Leif.

— Os Zaltana?

— Mesmo que os Vermes consigam encontrar nosso lar no meio das árvores, o clã ainda estará bem protegido — ele retrucou.

— Mesmo de um dos Deformadores?

Leif empalideceu.

— As cordas ainda estão lá? — perguntei para Marrok.

— Não. Os outros devem ter esperado e cortado as cordas ou as levado consigo — o soldado respondeu.

— Sabe quantos desceram? — o Homem da Lua indagou.

— Não.

— Havia tantos cheiros e emoções misturados — Leif disse. — A necessidade de clandestinidade e de urgência predominava. Moveram-se com propósito e sentiam-se confiantes. Contudo, o grupo do leste tinha mais homens e... — Leif fechou os olhos e cheirou a brisa. — Não sei. Preciso seguir a trilha por algum tempo.

Marrok conduziu Leif até os rastros que seguiam para o leste. Pedi a Kiki e aos outros cavalos que viessem até nós. Enquanto os aguardávamos, o Homem da Lua e os outros Tecelões de Histórias dividiram os guerreiros em dois grupos e enviaram dois batedores na frente, um para o oeste, e outro para o leste.

Mas e quanto àqueles que haviam descido pela corda até a selva? E quanto a Cahil e Ferde? Será que, ao menos, estavam com os Daviian? E se estivessem mesmo, para que lado teriam ido?

Quando os cavalos chegaram, peguei minha mochila na sela de Kiki. Abrindo-a, peguei minha corda e segui para a beirada do platô. Encontrei um dos pinos metálicos que Marrok mencionara e amarrei

nele a ponta da corda. De barriga para baixo, aproximei-me da borda até conseguir ver a selva lá embaixo.

As faces do despenhadeiro pareciam ser lisas, sem nenhum lugar à vista para servir de apoio para as mãos. Joguei a corda para baixo, mas sabia que ela não alcançaria a base do despenhadeiro. Mesmo com uma corda mais comprida, a descida parecia perigosa. A água brotava das fissuras na rocha, na altura da metade do caminho. As pedras abaixo reluziam.

Considerarei a descida. Uma pessoa desesperada poderia tentá-lo, mas a avaliação dos Vermes feita por Leif não incluía desespero.

O Homem da Lua me aguardava perto dos cavalos.

— Assim que os batedores retornarem, partiremos — ele informou.

Algo que vinha me incomodando enfim ficou claro.

— Seu povo vasculhou o platô e estava vigiando o acampamento. Como os Vermes puderam escapar sem vocês saberem?

— Alguns dos Deformadores já foram Tecelões de Histórias. Devem ter aprendido a criar um escudo negativo.

— Isso apenas os ocultaria de uma busca mística. E quanto a enxergá-los?

Antes que o Homem da Lua pudesse responder, um grito ecoou. Leif, Marrok e o batedor correram na nossa direção.

— Encontramos uma vala — Marrok informou, ofegante.

— Seguindo para o leste e, depois, para o norte.

O batedor apontou.

— Más intenções — Leif disse.

Norte, na direção das planícies Avibian. Na direção das terras desprotegidas dos Sandseed, visto que seus guerreiros estavam aqui no platô. Todos eles.

O Homem da Lua cobriu o rosto com as mãos, como se precisasse bloquear as distrações para pensar.

O segundo batedor chegou vindo do oeste. Lufadas de areia provocadas pela sua passagem nos alcançaram antes dele.

— Outra vala? — Marrok perguntou.

— A trilha termina. Eles voltaram por onde vieram — o batedor relatou.

O Homem da Lua abaixou as mãos e começou a gritar ordens, enviando os guerreiros às pressas para o nordeste, ordenando que os Tecelões de Histórias entrassem em contato com as pessoas que haviam ficado para trás nas Planícies.

— Venham — ele disse, virando-se para juntar-se aos outros.

— Não — falei.

Ele deteve-se e olhou para trás.

— O que foi?

— Óbvio demais. Não acho que Cahil concordaria com isso.

— Nesse caso, para onde ele foi? — o Homem da Lua quis saber.

— O grosso das tropas Daviian seguiu para o leste, mas acho que um pequeno grupo seguiu para o oeste ou para o sul.

— Meu povo está em perigo — disse o Homem da Lua.

— O meu também — retruquei. — Vá com seus guerreiros. Se eu estiver errada, alcançaremos vocês.

— E se estiver certa, o que fará?

O quê, mesmo. Éramos apenas três.

— Eu os acompanharei — o Homem da Lua disse.

Ele chamou um dos Tecelões de Histórias, e um vestígio de magia me arrepiou toda quando eles conectaram suas mentes.

Não querendo me intrometer na conversa mental dos dois, concentrei-me em encontrar Cahil. Examinei a borda do platô. Um galho de uma das árvores altas da selva se estendia na direção do despenhadeiro. Poderia usar meu arpéu e corda e enganchá-lo...

Não, Leif disse na minha mente. É suicídio.

Franzi a testa ao fitá-lo.

Mas eu poderia me balançar...

Não.

Nutty conseguiria fazê-lo.

Nossa prima escalava árvores como se tivesse sangue de valmur correndo nas veias.

Você não é Nutty.

Relutantemente, abandonei tal plano de ação. Mesmo que conseguisse me balançar até a árvore, duvidava que alguém mais fosse me acompanhar. Estaria sozinha. Censurei-me por me preocupar em ficar sozinha: morar em Sitia havia me deixado mole.

Deixou-a mais esperta, Leif argumentou. Em seguida, acrescentou: *não muito mais esperta, mas, pelo menos, ainda há esperança de melhorar tal quadro.*

— Para onde? — Tauno perguntou, juntando-se ao nosso grupo.

Olhei para o Homem da Lua, que deu de ombros.

— Ele é melhor batedor do que lutador. Precisaremos dele — afirmou ele com certeza.

Suspirei ante a implicação.

— Para oeste.

Talvez conseguíssemos encontrar um modo melhor de descer até a selva ou, caso isso não acontecesse, poderíamos seguir a borda do platô até as terras do clã Cowan, a oeste. Assim que chegássemos às terras Cowan, poderíamos virar para o sul e adentrar a floresta, depois dar a volta para o leste e entrar na selva Illiais. E torcer para não ser tarde demais.

Montamos os cavalos. Tauno e Marrok, mais uma vez, seguiram na frente. O ponto onde os Daviian haviam dado meia-volta era óbvio até mesmo para mim. A terra batida estava remexida no local onde se detiveram, e apenas areia plana e imaculada prosseguia na direção oeste.

Tauno deteve os cavalos, aguardando mais instruções.

— Um ardil. Posso sentir engodo e presunção — Leif disse.

— Por que a presunção? — perguntei. — Deixar uma pista falsa é uma estratégia básica.

— Pode ser Cahil — Marrok sugeriu. — Ele costuma se achar mais esperto do que todo mundo. Talvez tenha achado que isso enganaria os Sandseed e os faria enviar metade de seus guerreiros na direção errada.

Projetei minha consciência mística sobre a areia lisa. Alguns ratos corriam em campo aberto, procurando comida. Uma cobra se enroscava em uma rocha quente, aproveitando o sol da tarde. Encontrei uma estranha mente sombria.

Retraí minha consciência e passei os olhos pelo platô. Sem dúvida, havia uma pequena área a poucos metros de distância onde a areia parecia ter sido revirada, como se houvesse sido escavada e depois

voltado a ser batida. Desci de Kiki e caminhei até o local. A areia parecia esponjosa sob minhas botas.

— Um Verme deve ter enterrado alguma coisa aí — Marrok disse. Tauno fungou com desdém.

— Você provavelmente encontrou uma das fossas de detritos deles.

Com o Homem da Lua ainda montado nela, Kiki aproximou-se.

O cheiro é úmido, ela comentou.

Úmido ruim ou úmido bom?, indaguei.

Apenas úmido.

Pegando o arpéu na minha mochila, comecei a cavar. Os outros me observaram com um misto de interesse, aversão e curiosidade.

Quando cavei cerca de trinta centímetros, o arpéu atingiu algo duro.

— Ajudem-me a limpar a areia.

Minha plateia relutante se juntou a mim. Acabamos descobrindo um pedaço plano de madeira.

Marrok bateu com a junta dos dedos na sua superfície e declarou ser a tampa de uma caixa. Trabalhando mais rápido para retirar a caixa, procuramos as bordas. A tampa arredondada devia ter cerca de sessenta centímetros de diâmetro.

Enquanto Tauno e o Homem da Lua discutiam o motivo de os Vermes terem enterrado uma caixa circular, eu encontrei a aba e forcei a tampa até que abrisse. Uma lufada de ar quase voltou a fechar a tampa.

Todos ficaram em silêncio, atordoados. A tampa cobria um buraco no chão. E, a julgar pela pressão do ar até as profundezas, era um buraco bem fundo.

A LUZ do sol iluminou alguns metros do buraco. Abaixo da borda, alguns precários degraus haviam sido entalhados no arenito.

— Consegue pressentir alguém aí dentro? — Leif indagou.

Reunindo um fio de poder, eu o projetei na escuridão. Minha consciência tocou muitas mentes sombrias, nenhum delas humana.

— Morcegos — eu disse. — Muitos e muitos morcegos. E você?

— Apenas uma satisfação presunçosa.

— Seria isso outra pista falsa? — Marrok indagou.

— Ou uma armadilha? — Tauno sugeriu.

Ele olhou ao redor com movimentos rápidos e furtivos, como se estivesse preocupado que Vermes fossem emergir da areia.

— Um de nós precisa entrar e voltar para contar aos outros — o Homem da Lua disse, olhando para Tauno. — Eu sabia que íamos precisar de um batedor.

Tauno sobressaltou-se, como se houvesse pisado em carvão em brasa. Suor escorria-lhe pelo rosto. Ele engoliu em seco.

— Precisarei de luz.

Leif foi buscar seu alforje e tirou de lá de dentro uma das achas que usava para cozinhar.

— Não queimará durante muito tempo — avisou.

Ele tocou fogo em uma de suas extremidades e passou a acha para Tauno.

Com a tocha para mostrar o caminho, o batedor Sandseed esgueirou-se para dentro do buraco, entrando primeiro com a cabeça. Tentada a conectar minha mente à dele, para ver o que ele encontrava, forcei-me, em vez disso, a me concentrar no solo sob meus pés, tentando descobrir um sinal de vida que pudesse indicar o fim da caverna.

O pulsar da selva latejava na minha alma, mas eu não sabia dizer se vinha da abertura sob o solo ou apenas da proximidade entre ela e o platô.

Esperar provou ser difícil. Imaginei tudo quanto era tipo de perigo no caminho de Tauno e estava convencida de que ele havia caído e quebrado uma perna, ou coisa pior, quando apareceu na abertura do buraco.

— Os degraus levam a uma enorme caverna, com muitos túneis e saliências. Avistei algumas pegadas na poeira, mas tive de voltar antes que a chama se apagasse — Tauno relatou. — Também escutei o barulho de água por perto.

Agora sabíamos. Os Vermes haviam fugido pela caverna.

— Leif, o que precisa para fazer a chama durar mais? — perguntei.

— Não está pensando em entrar aí, está? — Marrok indagou, aparentemente horrorizado.

— É claro que estou. Você quer encontrar Cahil, não quer?

— O que a faz ter tanta certeza de que ele foi por aí?

Olhei para Leif. Juntos, dissemos:

— Uma satisfação presunçosa.

Enquanto Leif e Tauno retornaram ao acampamento Daviian para pegar lenha, o Homem da Lua e eu discutimos sobre o que fazer com os cavalos. Precisaríamos das habilidades de batedor de Marrok e do aguçado senso de direção de Tauno para encontrar nosso caminho através da caverna. Leif e eu precisávamos levar Cahil de volta para o Conselho, de modo que só sobrava o Homem da Lua.

— Não vou ficar para trás — o Homem da Lua protestou.

— Alguém precisa dar água e comida para os cavalos — eu disse.

Kiki bufou para mim. Abri minha mente para ela.

Não precisa, ela disse. Nós esperamos, depois vamos.

Vão aonde?

Mercado.

Uma imagem do Mercado de Illiais se formou na minha mente. Como o posto de comércio principal do sul de Sitia, o mercado ficava localizado entre o limite oeste da selva Illiais e as terras do clã Cowen.

Como é que sabe a respeito do mercado?, indaguei.

Conheço região como conheço grama.

Sorri. A visão de vida concisa de Kiki vivia me surpreendendo com suas inúmeras camadas de emoção. Se eu conseguisse ver o mundo do mesmo modo, isso facilitaria minha vida.

O Homem da Lua vinha me observando.

— Talvez Kiki deva ser sua mentora.

— No quê? Em como ser uma Descobridora de Almas?

— Não. Você é uma Descobridora de Almas. Ela pode ajudá-la a ser uma Descobridora de Almas.

— Mais conselhos enigmáticos de Tecelão de Histórias?

— Não. Claro como o dia. — O Homem da Lua inspirou fundo e sorriu para mim. — Vamos preparar os cavalos.

Retiramos os arreios e as rédeas e colocamos o equipamento nos seus alforjes. Quando Leif e Tauno retornaram, dividimos os suprimentos, distribuindo-os entre as mochilas e guardando o restante nos alforjes. Os cavalos permaneceriam com as selas, mas nos certificamos de que nada ficaria pendurado nem impediria os movimentos dos animais.

Minha mochila estava mais pesada do que de costume, mas eu tinha uma intuição incômoda de que poderíamos precisar de alguns dos itens em seu interior.

Quando estávamos prontos, Leif acendeu as tochas feitas de lenha, que haviam sido mergulhadas no óleo que ele guardava no alforje de Rusalka. Deixou a maior parte das poções e remédios para trás, alegando que poderia encontrar na selva tudo o que viéssemos a precisar.

— *Caso* venhamos a encontrar uma saída — Marrok murmurou. — O que faremos se nos perdermos nas cavernas?

— Isso não vai acontecer — disse o Homem da Lua. — Marcarei nossa trilha com tinta. Caso não consigamos encontrar uma saída,

retornaremos ao platô. Os cavalos aguardarão até que Yelena lhes diga para partirem.

O Homem da Lua passou o braço musculoso ao redor dos ombros de Marrok, que se retesou, como se estivesse esperando ser golpeado.

— Confie em si mesmo, batedor. Você jamais se perdeu — disse o Homem da Lua.

— Nunca estive dentro de uma caverna.

— Nesse caso, será uma experiência nova para nós dois.

Os olhos do Homem da Lua reluziram de expectativa, mas Marrok simplesmente curvou os ombros.

Lugares pequenos e escuros não eram exatamente novidade para mim. Antes de me tornar a provadora de comida do Comandante, eu passara um ano nas masmorras aguardando execução. Apesar de não estar ansiosa para retornar a um espaço confinado, ignoraria meus nervos para capturar Ferde.

— Existem várias cavernas na selva — Leif disse. — A maior parte delas usada como toca por onças das árvores, o que as faz ser evitadas, mas eu já explorei algumas.

Seu olhar cruzou-se com o meu, e, pelo seu sorriso triste, soube que ele vasculhara tais cavernas atrás de mim.

Tauno e Marrok seguraram, cada um, uma tocha. Com Tauno abrindo caminho, eu o segui, mergulhando de cabeça através da pequena abertura. Leif veio logo atrás, seguido de Marrok, e, por último, o Homem da Lua.

A luz das tochas iluminou o túnel de um metro de diâmetro. Arranhões deixados pelas pás marcavam as paredes ásperas, indicando que o espaço fora escavado. Os degraus tornaram-se oscilações que ajudavam a desacelerar nosso avanço, à medida que íamos deslizando pela passagem íngreme. Tossi quando a poeira levantada pela nossa descida se misturou ao fluxo constante de ar úmido.

Quando chegamos à caverna, a pressão ao redor das minhas costelas se aliviou. A luz de Tauno refletia em pedras que lembravam dentes. Algumas delas pendiam do teto, e outras se erguiam do chão, como se estivéssemos dentro da boca de uma fera gigantesca.

— Não se movam — Marrok ordenou, enquanto examinava o chão.

Sombras dançavam nas paredes bexigentas, enquanto Marrok procurava pistas. Poços profundos de escuridão indicavam outros túneis, e pequenas poças de águas salpicavam o chão. Água corrente e pingando preenchia o ar com uma agradável vibração, que contrabalançava o desagradável aroma mineral misturado com um forte almíscar animal.

O Homem da Lua curvou os ombros, sua respiração tornando-se mais acelerada e breve.

— Algo errado? — perguntei.

— As paredes se fecham ao meu redor. Sinto-me comprimido. Sem dúvida, apenas a minha imaginação.

Ele marcou o túnel que levava à superfície com tinta vermelha.

— Por aqui.

Amplificado pelas paredes de pedra ou pelo medo, seu tom de voz pareceu mais alto do que de costume. Ele nos mostrou uma série de saliências que desciam por uma rampa.

O cheiro vindo da rampa era forte e azedo. Senti vontade de vomitar. Tauno desceu a rampa. As saliências provaram ser enormes pedras empilhadas obliquamente umas sobre as outras. Em certos lugares, ele se dependurou nas laterais, antes de saltar para baixo. Nós o seguimos e, com algumas pragas e resmungos, logo alcançamos Tauno.

Ele estava aguardando na última saliência visível. Atrás dele, a rampa terminava em um poço de escuridão. Tauno soltou sua tocha, que aterrissou em um chão rochoso muito abaixo.

— Longe demais para saltarmos — Tauno afirmou.

Retirei o arpéu de minha mochila e finquei o gancho de metal em uma fissura, satisfeita por ter decidido trazê-lo comigo. Amarrando a corda no gancho, testei a firmeza do arpéu. Por ora, ele aguentaria, mas o Homem da Lua se firmou e segurou com força a corda, quando Tauno soltou-se da borda e começou a descer.

Apesar do ar frio, suor pingava da testa do Homem da Lua. Sua respiração acelerada ecoava nas paredes. Quando Tauno estava próximo ao chão, o Homem da Lua soltou a corda. O arpéu

sustentou o peso de Tauno. Ele saltou a distância que o separava do chão e pegou a tocha, explorando a área antes de nos sinalizar que estava tudo bem. Um por um, fomos nos juntando a ele ao pé da rampa. Deixamos o arpéu no lugar, para o caso de quisermos voltar.

— Tenho boas e más notícias — Tauno anunciou.

— Conte-nos logo — Marrok gurniu.

— Há uma saída desta câmara, mas duvido que Leif ou o Homem da Lua caberão.

Tauno mostrou-nos uma pequena abertura. A chama das tochas tremulava graças à brisa que vinha do canal.

Olhei para Leif. Embora Marrok fosse mais alto do que ele, os ombros de Leif eram mais largos. Como será que Cahil e Ferde haviam conseguido passar? Ou será que haviam pegado outro caminho? Era difícil avaliar o tamanho deles apenas de memória. Talvez não tivessem tido dificuldades.

— Primeiro, explore o túnel. Descubra o que há na outra extremidade — instruí.

Com agilidade e graça, Tauno desapareceu no interior do buraco. Leif agachou-se ao lado da abertura, examinando-a.

— Tenho mais um pouco de óleo vegetal — meu irmão disse. — Talvez possamos untar nossa pele para atravessar.

Ele deu um passo para trás, quando a luz de Tauno iluminou a passagem.

— Ela fica mais larga cerca de três metros adiante e vai dar em outra caverna — Tauno revelou. Uma gosma preta que cheirava mal lhe cobria os pés. — A origem do fedor: esterco de morcegos. Um bocado de esterco.

Os três metros foram os mais demorados para cruzar. E desesperei-me ante o tempo levado para espremer dois homens adultos através do espaço estreito. Talvez fosse impossível alcançar Cahil e os outros. E o ataque de pânico do Homem da Lua quando ele entalou momentaneamente abalara os ânimos de todos.

Postados com esterco de morcego até os calcanhares, éramos um grupo miserável. Minha aflição estava refletida no rosto de cada um de meus companheiros. E não se devia ao fedor pútrido e acidífero. Os ombros de Leif estavam em carne viva e ensanguentados, e pude

notar vários cortes nos braços do Homem da Lua. Sangue pingava de suas mãos.

A respiração do Tecelão de Histórias estava ofegante.

— Voltar. Nós deveríamos... voltar. Péssima ideia. Péssima ideia. Péssima ideia — ele repetia.

Reprimi minha preocupação com Cahil. Conectando-me com a fonte de poder, reuni um fio de magia e busquei a mente do Homem da Lua. Um pavor claustrofóbico sobrepujara-se à lógica e à razão. Vasculhei mais a fundo os seus pensamentos, até encontrar o Tecelão de Histórias forte e inabalável, lembrando-lhe da importância de nossa jornada. Um Tecelão de Histórias dos Sandseed jamais se permitiria entrar em pânico. A respiração do Homem da Lua foi se normalizando à medida que a calma retomava o controle de suas emoções. Retirei-me de sua mente.

— Sinto muito. Não gosto desta caverna — o Homem da Lua disse.

— Ninguém gosta — Leif murmurou.

Sem soltar o fio de magia, voltei minha atenção para os braços do Homem da Lua. Pedacos de sua pele haviam sido arrancados. Meus membros superiores arderam de dor quando me concentrei nos seus ferimentos. Quando não consegui mais suportar a chama ardente, usei a magia para me livrar dela. Cambaleei de alívio e teria ido ao chão, se Leif não houvesse se adiantado para me segurar.

O Homem da Lua examinou os próprios braços.

— Desta vez, não pude emprestar-lhe minhas energias — ele disse. — Sua magia manteve-me imóvel.

— O que é isso? — Leif perguntou.

Ele ergueu minha mão na luz. Sangue escorria pela minha pele, mas não consegui encontrar nenhuma ferida. Quando ajudei Tula, uma das vítimas de Ferde e irmã de Opal, Irys especulava que eu lhe assumira as feridas, curando-me logo em seguida. Supus que havia sido o mesmo com a face esmagada de Marrok. Porém, ver a evidência física tornara realidade a teoria de Irys. Fitei o sangue e fiquei zozza.

— Interessante — Leif comentou.

— Interessante bom ou interessante ruim? — indaguei.

— Não sei. Ninguém nunca fez isso antes.

Apelei para o Homem da Lua.

— Alguns Tecelões de Histórias possuem o poder de curar, mas nada parecido com isso — ele disse. — Talvez seja algo que apenas uma Descobridora de Almas seja capaz.

— Talvez? Você não sabe? Por que então me levou a acreditar que sabia tudo a meu respeito? — eu quis saber.

Ele esfregou o braço recém-curado.

— Sou o seu Tecelão de Histórias. Sei tudo a seu respeito. Contudo, não sei tudo a respeito dos Descobridores de Almas. Você se define exclusivamente pelo título?

— Não.

Eu evitava o título.

— Aí está — ele retrucou, como se isso encerrasse a discussão.

— Vamos — Marrok disse por trás da camisa. Ele cobrira o nariz e a boca para conter o cheiro. — A trilha dos Daviian através dessa sujeira é fácil de seguir.

Com Marrok liderando o caminho, andamos com muito cuidado. Mais ou menos na metade da caverna dos morcegos, pressenti um despertar. Enviando um fino fio de poder, estabeleci contato com as mentes sombrias acima de mim, que flutuavam na direção de um consciente coletivo. A necessidade de comida era intensa, e através dela, senti a localização exata de cada morcego, de cada parede, de cada saída, de cada rocha, de cada figura abaixo. Eles alçaram voo.

— Abaixem-se! — gritei quando a nuvem de criaturas começou a descer.

O barulho das asas batendo foi ficando mais alto à medida que os corpos pretos começaram a voar ao nosso redor. O ar ficou cheio de morcegos. Eles habilmente evitavam bater uns nos outros ao seguirem em direção à saída, buscando os insetos e as frutas silvestres da selva.

Meus pensamentos os acompanharam. O êxodo instintivo de milhares de morcegos voando pelos túneis apertados da caverna parecia tão organizado quanto um ataque militar. E, como qualquer outro acontecimento bem planejado, demorou para todos os morcegos deixarem a caverna.

Os músculos da minha perna ardiavam quando, por fim, me endireitei. O som do bater de asas ecoou pelos túneis e, em seguida, desapareceu. Olhei para meus companheiros. Ninguém parecia estar machucado, embora estivéssemos cobertos de esterco.

Marrok deixou cair a tocha, e seus braços cobriram a cabeça. Ele bufava agitadamente.

— Capitão Marrok — eu chamei, na tentativa de acalmá-lo. — Dê-me sua tocha.

Minha ordem penetrou no seu pânico. Ele pegou o graveto apagado.

— Por quê?

— Porque os morcegos me mostraram a saída. — Encolhi-me quando minha mão se cerrou ao redor da madeira coberta de esterco. — Leif, será que pode acender isto de novo?

Leif assentiu. As chamas brotaram. Quando a tocha começou a arder por conta própria, ele perguntou:

— É muito longe até a selva?

— Não muito.

Liderei o grupo, imprimindo um ritmo acelerado. Ninguém se queixou. Todos estavam ansiosos para deixar a caverna.

O som de água corrente e uma gloriosa frescura do ar foram os únicos sinais de que havíamos alcançado nosso destino. O dia se tornara noite enquanto atravessávamos a caverna.

Pelos morcegos, eu soube que a água fluía ao longo do chão da saída, despencando até a selva, seis metros abaixo. A queda d'água espatifava-se em uma aglomeração de rochas.

Os outros me acompanharam até a borda do córrego. Apagamos as tochas e aguardamos que nossos olhos se acostumassem à luz fraca da lua. Vasculhei a selva abaixo com minha magia, procurando sinais de uma emboscada e de onças das árvores. Cobras-colares também eram um perigo para nós, porém todo sinal de vida que encontrei foi de algumas criaturas pequenas correndo pela vegetação cerrada.

— Preparem-se para se molhar — alertei, antes de entrar até a altura do joelho na água fria.

Minhas botas na mesma hora se encheram, e avancei na direção da borda. Havia várias pedras abaixo que eu poderia usar para descer, mas elas estavam molhadas ou debaixo d'água. Tirei a mochila e a joguei lá para baixo, mirando em um ponto seco da margem rochosa.

— Tenham cuidado — aconselhei.

Virei-me e agachei-me, me inclinando na direção da correnteza. Mantendo o rosto acima da água, estendi meu pé por sobre a borda, Tateando em busca de um apoio. Quando alcancei o fundo, minhas roupas estavam encharcadas. Pelo menos, a água lavara o excremento fedido.

Assim que todo mundo havia descido, nos reunimos, pingando e tremendo, na margem.

— E agora? — Leif perguntou.

— Está escuro demais para enxergar qualquer pista — Marrok disse. — A não ser que façamos mais tochas.

Olhei para o grupo abatido. Eu tinha uma muda de roupas secas na mochila, mas Tauno e o Homem da Lua não haviam trazido nada. A margem era larga o suficiente para uma fogueira.

— Precisamos nos secar e descansar um pouco.

— Vocês precisam é morrer — disse, bem alto, uma voz vinda do interior da selva.

FLECHAS CHOVERAM sobre nós. Tauno deixou escapar um grito quando uma delas lhe perfurou o ombro.

— Protejam-se — Marrok ordenou.

Uma flecha estava fincada na sua coxa.

Corremos em direção aos arbustos. O Homem da Lua arrastava Tauno consigo. Marrok caiu. Uma flecha passou zunindo ao lado da minha orelha e fincou-se no tronco de uma árvore. Outra cravou-se na minha mochila, antes de eu mergulhar para baixo de um arbusto.

Vasculhei a copa das árvores com minha magia, mas não consegui pressentir ninguém.

— Escudo negativo — o Homem da Lua gritou. — Nada de magia.

Marrok estava estirado em campo aberto, imóvel. Flechas continuavam a voar, mas não acertavam nele. O soldado fitava o céu.

— Curare! — berrei. — As flechas foram mergulhadas em Curare.

Quem quer que houvesse nos emboscado, queria nos paralisar, não nos matar. Pelo menos, ainda não. A lembrança de estar completamente indefesa devido à droga apossou-se de mim. Alea Daviiian quisera vingança pela morte do irmão, sendo assim, me espetou com Curare e me transportou até o platô, para me torturar e me matar.

Leif gemeu ali por perto. Uma flecha lhe raspou a face.

— Theobroma? — ele falou, antes que seu rosto ficasse paralisado.

É claro! O Theobroma de meu pai, que me salvara de Alea. Abri minha mochila procurando o antídoto do Curare. A chuva de flechas ficou menos intensa, e o barulho das folhas acima de nossas cabeças significava que nossos atacantes estavam descendo das árvores. Provavelmente para encontrar um local de onde poderiam nos acertar com mais facilidade. Encontrei os bolinhos marrons de Theobroma e coloquei um deles na boca, na mesma hora, mastigando e engolindo.

O Homem da Lua praguejou, e saí de meu esconderijo para correr até ele. Uma flecha atingiu minhas costas. A força do impacto me atirou no chão, e meu corpo foi tomado de dor.

— Yelena!

O Homem da Lua segurou meu braço esticado e me puxou até ele.

— Tome. — Ofeguei, enquanto o Curare aliviava o latejar na parte inferior das minhas costas. — Coma isto.

Sem um instante sequer de hesitação, ele comeu o bolinho de Theobroma. A haste de uma flecha havia prendido sua túnica a uma árvore.

Passei a não sentir minhas pernas.

— Você foi atingido?

Ele rasgou a camisa para se libertar e examinou a pele do lado direito.

— Não.

— Finja que foi — eu sussurrei. — Aguarde o meu sinal.

Compreensão súbita reluziu nos seus olhos castanhos. Ele quebrou a haste da flecha que quase o atingira e limpou um pouco do sangue nas minhas costas. Deitando-se, ele segurou a haste entre os dois dedos ensanguentados da mão esquerda, que pousou sobre a barriga, fazendo parecer que a flecha o acertara no estômago. Sua mão direita agarrou a cimitarra.

Homens gritaram ao chegar ao chão da selva. Antes que pudessem me descobrir, enfiei a mão direita no bolso da calça, segurando o cabo do meu canivete. A dormência espalhava-se pelo

meu tronco, mas o Theobroma combateu os efeitos do Curare, a ponto de movimentos limitados ainda serem possíveis. Mesmo assim, fiquei deitada, imóvel, fingindo estar paralisada.

— Encontrei um — um dos homens disse.

— Aqui tem outro.

— Encontrei dois — uma voz áspera, logo acima de mim, disse.

— É o resto deles. Certifique-se de que estejam incapacitados antes de arrastá-los até aqui fora. Jogue-os perto do companheiro na clareira — disse uma quarta voz.

O homem de voz áspera me chutou nas costelas. A dor espalhou-se por meu peito e minha barriga. Cerrei os dentes para conter um gemido. Quando ele me agarrou pelos tornozelos para me arrastar para fora dos arbustos, por sobre as pedras irregulares da margem do rio, fiquei até um pouco aliviada pelo Curare no meu corpo. Ele abrandava um pouco a ardência quando o lado esquerdo do meu rosto e a minha orelha foram arrastados pelo chão até ficarem em carne viva.

O Curare também entorpecia minhas emoções. Sabia que deveria estar me sentindo apavorada, no entanto, estava tomada apenas de ligeira preocupação. A habilidade do Curare de paralisar minha magia permanecia sendo o aspecto mais apavorante da droga. Embora o Theobroma a combatesse, este tinha os seus próprios efeitos colaterais. O antídoto abria a mente da pessoa para influências místicas. Apesar de poder usar magia agora, não tinha defesa contra a magia de outros.

Marrok estava imóvel, no mesmo local onde caíra. Escutei o arrastar barulhento da arma do Homem da Lua sobre o chão, antes de ele ser largado ao meu lado.

— Seus dedos ficaram paralisados ao redor do cabo — um dos homens disse.

— Não vai lhe adiantar de muito — o outro zombou.

Escutando-lhes as vozes, contei cinco homens. Dois contra cinco. Nada mal, contanto que minhas pernas não permanecessem dormentes. Caso contrário, o Homem da Lua estaria por conta própria.

Assim que os homens trouxeram Leif e Tauno até a margem, o líder dos atacantes abaixou o campo negativo. Parecia que uma cortina havia sido levantada, revelando o que se escondia atrás dela. Os pensamentos de todos os cinco homens agora estavam acessíveis para mim.

O líder gritou ordens.

— Preparem os prisioneiros para o ritual de Kirakawa — comandou.

— Não devíamos desperdiçá-lo com esses homens — a voz áspera disse. — Deveríamos aproveitar nós mesmos o sangue deles. Você deveria ficar.

Meu olhar cruzou com o do Homem da Lua. Precisávamos agir logo. Reprimi a vontade de fazer contato com o Tecelão de Histórias. O líder do grupo tinha de ser um Deformador poderoso para ter criado um escudo negativo tão sutil. Havia a chance de que ele pudesse nos “escutar”.

O ruído de cascalho sendo esmagado sob botas ficou mais próximo. Retesei a barriga.

— Tenho ordens de trazer a mulher até Jal — o líder disse, logo acima de mim. — Jal tem planos especiais para ela.

Sem aviso, a flecha nas minhas costas foi arrancada. Mordi a língua para conter um grito. O líder ajoelhou-se ao meu lado. Ele segurava a flecha, examinando a arma. Meu sangue manchava a ponta de metal lisa. Pelo menos, a ponta não era farpada. Estranho preocupar-me com isso agora.

— É uma pena — a voz áspera disse. — Imagine o poder que *you* poderia ter se realizasse nela o Kirakawa. Poderia se tornar mais poderoso do que Jal. *You* poderia liderar o clã.

Minhas costas latejavam de dor. O Theobroma estava funcionando. Mais um minuto, e eu recuperaria o uso das pernas.

— Ela é poderosa — o líder admitiu. — Mas eu ainda não conheço o ritual de vinculação. Assim que a trazer até Jal, espero ser recompensado e obter permissão para ascender ao próximo nível.

Ele afastou os fios de cabelo do meu rosto. Fiz um esforço consciente para não me encolher quando os seus dedos roçaram minha face.

— Os rumores são verdadeiros? Você é mesmo uma Descobridora de Almas? — ele sussurrou para mim, acariciando meu braço de modo possessivo. — Talvez eu possa retirar um cálice do seu sangue antes de entregá-la a Jal.

Ele estendeu a mão na direção da faca, presa ao cinto.

Eu entrei em ação. Retirando o canivete do bolso, acionei a lâmina e girei para o lado, abrindo-lhe a barriga. Porém, em vez de cair para trás, tomado de surpresa, ele inclinou-se para frente, envolvendo-me o pescoço com as mãos.

Notei um borrão de movimento ao meu lado, quando o Homem da Lua levantou-se com um salto, girando a cimitarra em um arco mortal, que atravessou o homem de voz áspera.

Lutei com o líder. Seu peso prendeu meus braços. A pressão de seus dedos fechava minha traqueia. Ele tentou se conectar com minha mente, e seu ataque místico teria sido bem-sucedido se o Curare no meu canivete não tivesse agido tão rápido para paralisar seu poder.

Restava apenas um problema. Aprisionada sob o peso do Verme paralisado, eu não conseguia respirar.

Homem da Lua, chamei. Socorro!

Um minuto.

O clangor das armas cortava o ar.

Estarei morta em um minuto. Basta empurrá-lo para o lado.

Um breve tinir de aço chocando-se com aço foi seguido de silêncio. O homem em cima de mim caiu para o lado. Libertei meus braços e arranquei suas mãos do meu pescoço.

O Homem da Lua retornou ao combate. Ele enfrentava três homens. A cabeça decapitada de um homem repousava no chão ao meu lado. Adorável.

Minha lâmina curta não duraria muito contra as cimitarras compridas, e meu cajado estava na selva, com minha mochila. Reunindo poder, enviei uma luz para tocar a mente de um dos homens. Aliviada ao constatar que ele não era um Deformador, projetei imagens confusas para distraí-lo.

Ele abandonou a luta com o Homem da Lua e fitou minha aproximação com uma expressão atônita. O homem ergueu sua

espada um segundo tarde demais. Cheguei perto dele e arranhei-lhe o braço com o canivete, torcendo para que ainda houvesse algum Curare na lâmina. Incapaz de usar a espada, o homem deixou cair a arma e avançou na minha direção. Sua intenção de me agarrar estava clara na sua mente, mas aprofundei a conexão mental, forçando-o a dormir.

Restando apenas dois atacantes, não demorou muito para o Homem da Lua cortar-lhes as cabeças. Ele caminhou até o homem dormindo aos meus pés e ergueu a cimitarra.

— Pare — eu disse. — Quando ele acordar, poderemos interrogá-lo quanto aos planos de Cahil.

— O outro?

— Paralisado.

O Homem da Lua virou o corpo do líder caído. O sangue escorrendo da ferida na barriga havia empoçado nas pedras. Após tocar o pescoço e o rosto do homem, o Homem da Lua disse:

— Este já era.

A ferida fora mais profunda do que eu supusera. Senti um arrepio de culpa ao fitar o corpo. O líder provavelmente teria mais informações a dar do que o outro homem.

— Foi melhor assim. Ele era um Deformador. Tudo o que ele teria a nos oferecer seria mais problemas.

Olhei para a carnificina ao redor. Os corpos decapitados projetavam sombras estranhas sob o luar pálido. A lateral do meu rosto e a ferida nas costas latejavam. O ar noturno frio parecia gelado nas minhas roupas molhadas. Tauno e Marrok precisavam de cuidados médicos, e não poderíamos ir a lugar algum até que os efeitos do Curare passassem. E a ideia de passar a noite cercada de corpos...

— Eu cuidarei deles — o Homem da Lua ofereceu, lendo os meus pensamentos. — Vou armar uma fogueira. Você cuida dos feridos. Incluindo você mesma.

Retirando as flechas da coxa de Marrok e do ombro de Tauno, reuni poder, mas não consegui assumir-lhes os ferimentos. O Curare em seus corpos bloqueava minha magia. Uma descoberta

interessante. Aparentemente, sob a influência da droga, uma pessoa não podia usar magia nem ser afetada por ela.

Ponderei as implicações enquanto vasculhava minha mochila. Encontrando alguns bolinhos de Theobroma, passei-os para o Homem da Lua, para que este os derretesse sobre o fogo e desse aos nossos companheiros paralisados. De minha própria experiência com o Curare, eu sabia que a droga não afetava a capacidade do corpo de engolir, respirar e escutar. Sendo assim, disse-lhes o que planejava fazer.

O que restava de minhas energias desapareceu após curar minha própria ferida. Encolhi-me no chão e adormeci.

Quando acordei, faixas aguadas de cor pintavam o céu. O Homem da Lua estava sentado de pernas cruzadas ao lado da fogueira, cozinhando um pedaço de carne que estava com um aroma divino. Minha barriga roncou de expectativa.

Verifiquei os outros. Marrok, Leif e Tauno ainda dormiam. Uma casquinha havia se formado sobre o corte de Leif, mas eu ainda precisaria curar as feridas de Marrok e Tauno. O Homem da Lua amarrara os braços e pernas do prisioneiro Daviiian com alguns cipós, embora o Verme permanecesse inconsciente.

O Tecelão de Histórias gesticulou para que eu me juntasse a ele.

— Coma um pouco antes de curá-los. — Ele me passou uma fatia da carne espetada em um graveto. Quando cheirei a oferenda, ele disse: — Não analise. Está quente e é nutritivo. Isso é tudo o que precisa saber.

— Por que *você* é quem decide o que eu preciso saber? Por que não pode simplesmente me dar a informação que eu peço?

Minha frustração ia muito além da carne misteriosa.

— Seria fácil demais.

— E por que fácil seria um problema? Eu poderia entender se o aspecto mais fatigante de minha vida fosse preocupar-me com o próximo teste de história de Bain, mas há vidas em jogo. Ferde pode estar roubando outra alma, e eu tenho o poder para detê-lo.

— O que você quer? Que eu lhe diga para fazer isso ou aquilo, e pronto? — O Homem da Lua fez um floreio no ar com as mãos. —

Sucesso instantâneo?

— É. É exatamente o que eu quero. Por favor, diga-me.

Uma expressão pensativa apossou-se de seu rosto.

— Quando estava treinando para ser a provadora de comida do Comandante, por acaso, teria sabido o gosto do veneno Meu Amor se Valek tivesse simplesmente o descrito para você?

— Teria.

Não havia como confundir aquele gosto de maçã azeda.

— Teria apostado a sua vida em tal certeza? Ou a vida de outros?

Abri a boca para responder, mas hesitei. Agora, sequer conseguia me lembrar dos venenos que eu não provara ou cheirara. Contudo, jamais esqueceria o azedume do Meu Amor, o sabor de laranja rançosa do Pó de Borboleta ou a viscosidade amarga do Medo Branco.

— Estou falando de magia. Experimentar comida à procura de venenos é diferente.

— É mesmo?

Eu bati com o punho cerrado no chão.

— Por acaso, Tecelões de Histórias assinam um contrato ou fazem um juramento de sangue para serem difíceis, teimosos e um pé no saco?

Um sorriso sereno apareceu no seu rosto.

— Não. Cada Tecelão de Histórias escolhe como irá guiar seus protegidos. Pense um pouco, Yelena. Você não responde bem a ordens. Agora coma sua carne antes que fique fria.

Reprimindo o desejo de atirar a comida no fogo e provar para o insuportavelmente presunçoso Tecelão de Histórias que ele estava certo quanto à minha incapacidade de aceitar ordens, dei uma mordida na fatia de carne.

Temperada com pimenta, a carne oleosa tinha gosto de pato. O Homem da Lua me deu mais dois pedaços antes de me deixar retornar até os homens adormecidos para curá-los. Cansada, cochilei ao lado do fogo.

Quando todo mundo já havia acordado e se reunido ao redor da fogueira para comer, discutimos o próximo passo.

— Acha que eles armaram mais emboscadas na selva? Deixaram mais Deformadores ao longo do nosso caminho? — perguntei ao Homem da Lua.

Ele ponderou a minha pergunta.

— É possível. Eles deixaram um no acampamento, que se sacrificou. Este aqui deveria retornar. Nossos espiões já determinaram que os Vermes Daviian possuem dez Deformadores... Oito, agora. Dois são muito poderosos, e o restante possui diversos talentos de menor importância.

— O líder da emboscada tinha magia suficiente para criar e manter no lugar um escudo negativo.

O Homem da Lua virou a carne que assava sobre o fogo.

— Um ponto válido e alarmante. O que significa que podem já estar realizando Kirakawa há algum tempo.

— O que é Kirakawa? — Leif perguntou.

— É um ritual antigo. Possui muitas etapas e ritos. Quando realizado de maneira correta, transfere a energia vital de uma pessoa para a outra. Todos os seres vivos possuem a habilidade de usar magia, porém a maioria não consegue se conectar à fonte de poder. Uma pessoa realizando o Kirakawa aumentará o seu poder místico ou adquirirá a habilidade de se conectar à fonte, tornando-se, assim, um Deformador.

— O líder mencionou níveis e ritos de vinculação. É provável que estejam usando o Kirakawa para conceder a certos membros habilidades místicas e aumentar os poderes de alguns Deformadores. O líder deles, com certeza, não iria querer que todos os membros do clã fossem igualmente poderosos.

— Como o Kirakawa é diferente do ritual Efe que Ferde usava?

Leif coçou o corte na face.

— O ritual Efe vincula a alma de uma pessoa ao praticante, aumentando o seu poder. Apesar da necessidade do sangue, este não é o meio que detém o poder no Efe. A alma contém o poder. E a pessoa realizando o ritual precisa ser um mago.

— Parece que qualquer um pode usar esse Kirakawa para adquirir poder — Leif comentou.

— Se conhecerem as etapas necessárias. Com o Kirakawa, a alma da vítima fica aprisionada no sangue. Também é um bocado repulsivo. O estômago da vítima é aberto e o coração é retirado enquanto a vítima ainda está viva. O Kirakawa também é mais complexo do que o ritual Efe.

— Qualquer mago pode usar o Efe? Ou apenas o Ladrão de Almas? — indaguei.

— Um Descobridor de Almas poderia, porém mais ninguém. Foi uma resposta direta o bastante para você, Yelena?

Não me dignei a lhe responder. Em vez disso, perguntei sobre Mogkan, o irmão de Alea. Em Ixia, ele havia capturado mais de trinta pessoas, transformando-as em escravos desprovidos de vontade, para que ele pudesse lhes sugar o poder, aumentando o seu próprio. Valek e eu acabamos por impedi-lo de obter o controle de Ixia, o que explicava o desejo de vingança de Alea.

— Mogkan torturou-os física e mentalmente, até não conseguirem mais suportar estarem cientes do que acontecia ao seu redor. As vítimas acabaram buscando refúgio dentro de si mesmas e simplesmente se tornaram condutos para serem explorados por Mogkan. A magia permanecia no corpo delas.

As implicações de tantas maneiras diferentes para as pessoas abusarem do poder passaram por minha cabeça.

— Voltando ao Kirakawa. Se os Vermes Daviian já vêm realizando o ritual há algum tempo, é possível que tenham mais do que apenas oito Deformadores.

O Homem da Lua assentiu.

— Muito mais.

A paranoia me deixou arrepiada. Convencida de que estávamos cercados por Deformadores, o desejo de retornar meus amigos à segurança do platô me subiu pela coluna.

Contudo, se os Daviian quisessem encontrar mais vítimas para o seu ritual, o clã Zaltana estava repleto de magos. Com os Deformadores usando o escudo negativo, o clã não teria aviso. Dedos de desespero começaram a apertar minha barriga, à medida que imagens de meu pai e minha mãe sendo mutilados foram invadindo minha mente.

— COMO SE faz para combater um escudo negativo? — perguntei ao Homem da Lua, falhando em disfarçar o medo na voz.

A selva ao nosso redor estava escurecendo, e eu imaginei predadores escondidos atrás de cada árvore e arbusto. A única luz vinha da pequena fogueira ao redor da qual estávamos reunidos.

— A magia não pode penetrar o escudo, contudo, encontre um modo de contornar as bordas do escudo e poderá usar a sua magia.

— Quais são as dimensões do escudo?

— Depende das forças daquele que o ergue. O que usamos no platô era tão alto quanto um homem montado em um cavalo e da largura de trinta homens. Mas foram necessários quatro Tecelões de Histórias combinando os seus poderes para erguê-lo. Para um Deformador, o escudo teria de ser menor.

Olhei para o alto das árvores. A emboscada viera do alto. Será que usariam a mesma tática para outra emboscada? Não. Se a primeira tentativa não funcionara, uma estratégia diferente seria usada. Estar mais alto do que seu alvo tinha muitas vantagens, e se eu subisse até a copa das árvores, talvez conseguisse ultrapassar as bordas de outro escudo negativo e descobrir onde estavam armando outra emboscada.

Saber o meu próximo passo ajudou a aliviar o terror que sentia pela segurança de minha família. Fiz contato com Kiki, projetando

minha consciência na direção do platô.

Algum problema?, perguntei.

Não. Tédio, ela respondeu. *Podemos ir?*

Podem. Nós nos veremos no ponto de encontro, no Mercado de Illiais.

Em seguida, contei meu plano para os outros.

— Não sem mim — Leif protestou. — Cresci nesta selva. Conheço cada folha de cada árvore.

Seu corpo empertigou-se com determinação.

— É por isso que precisa ficar com eles. Para mostrar-lhes o caminho até o lar do clã. Para ajudá-los a evitar os predadores.

Leif cruzou os braços sobre o peito largo. Mas ele sabia que estava fazendo sentido, de modo que não pôde discutir.

— Preciso interrogar nosso prisioneiro antes de ir. Existe a possibilidade de o restante dos Vermes não estar interessado na minha família.

O homem gemeu e piscou para mim quando o acordei de seu sono profundo. O Homem da Lua fizera bem em amarrar-lhe os braços. Não houvera Curare o suficiente na minha lâmina para paralisá-lo.

A calça e a túnica do Verme haviam sido rasgadas, e pude notar partes de tatuagens de um vermelho amarronzado recobrendo-lhe a pele escura. O Homem da Lua estendeu o braço e arrancou a manga direita da roupa do homem.

O Tecelão de Histórias apontou para os símbolos no braço do Daviian.

— Ele já fez o sacrifício de sangue necessário para os preparativos do ritual Kirakawa. A tinta na sua pele foi misturada com sangue. — O Homem da Lua deixou cair os ombros, como se estivesse triste. — Os Sandseed foram sábios ao proibir os antigos rituais.

— Vocês foram tolos, enganados a seguir os ensinamentos de Guyan — o prisioneiro disse. — Não foram sábios, foram fracos e dignos de pena, abrindo mão do poder para se tornarem Tecelões de Histórias dóceis e patéticos, em vez de...

O Homem da Lua agarrou o Daviian pelo pescoço, erguendo-o do chão. *Fraco* e *dócil* não eram palavras que eu usaria para descrever

o Tecelão de Histórias.

— Onde obtiveram as instruções? — o Homem da Lua perguntou, sacudindo-o.

O homem sorriu.

— Não vou contar.

— Instruções? — perguntei.

— Os detalhes para a realização dos antigos rituais se perderam no tempo. Em certo ponto da história, sabíamos como realizar muitos rituais diferentes para aumentar nosso poder. Nosso clã passa informação às nossas crianças através de histórias que ensinam. Assim que Guyan tornou-se nosso líder, os malvados que conheciam as etapas necessárias foram mortos. A informação deveria ter morrido com eles.

Ele largou o Daviian no chão.

Lembrei-me de Dax lendo um bando de volumes antigos quando estávamos tentando interpretar as tatuagens de Ferde, para descobrir por que este vinha estuprando e matando aquelas moças.

— Havia alguns livros na Fortaleza do Mago. Um Sandseed pode ter anotado as instruções e os símbolos antes de morrer. Talvez haja alguma outra cópia que os Vermes estejam usando. — Voltei-me para o homem. — Suponho que também não vá nos contar o que os Vermes estão planejando, não é mesmo?

Ele me fitou nos olhos e sorriu zombeteiramente. Era tudo o que eu precisava. Minha família podia estar em perigo. Enviei uma corda de poder na direção de sua mente e revirei seus pensamentos e lembranças, extraindo a informação de que eu precisava. Reprimi uma pontada de culpa e minhas lembranças de quando Roze Featherstone tentara examinar minha mente de modo parecido. Ela achara que eu era uma espiã de Ixia, e o Código de Ética não se aplicava a espiões e criminosos. Eu poderia argumentar o mesmo em minha defesa. Será que isso me tornava igual a Roze? Talvez. O pensamento me deixou pouco à vontade.

Além de algumas lembranças horríveis de ter assistido a um nível inicial do ritual Kirakawa, o homem não sabia de quase nada. Ordenado a ficar para trás e emboscar qualquer um que saísse das cavernas, sua unidade havia marcado um encontro com a maior

parte do grupo da selva para mais tarde. Onde e quando seria o encontro, ele não fazia ideia. E, mais importante, ele não sabia o que os outros planejavam fazer.

Tinha apenas fragmentos de informações. Confirmei que tanto Cahil quanto Ferde haviam vindo por ali e que viajavam com um grupo de doze Vermes.

— Catorze não é o suficiente para triunfar em um ataque aos Zaltana — Leif disse com orgulho na voz.

Eu concordei.

— Contudo, vencer não é tudo.

Minha ansiedade para partir intensificou-se consideravelmente. Um grupo de Vermes havia invadido a selva, e meu clã podia estar em dificuldades. Imagens de meu pai e minha mãe sendo capturados e estaqueados ao chão repetiam-se incessantemente na minha mente. A ideia de minha prima Nutty passeando despreocupadamente pelas árvores e caindo em uma armadilha apressou os meus preparativos.

Pus a mochila nas costas, prendendo o cajado na alça.

— E quanto ao prisioneiro? — perguntei ao Homem da Lua.

— Eu cuidarei dele.

— Como?

— Você não vai querer saber.

— Vou, sim. Quero que me conte tudo!

O Homem da Lua suspirou.

— Os Vermes já fizeram parte do clã Sandseed. São os nossos parentes desobedientes e estão infestando o resto de Sitia. Como lidamos com eles é de acordo com as nossas próprias leis, e é o modo certo de cuidar dos Vermes.

— Que seria?

— Exterminá-los.

Um protesto me veio aos lábios. E quanto àqueles membros que podem apenas estar mal orientados? Contudo, minha pergunta continuou calada. Agora não era a melhor hora para discutir crime e castigo.

Em vez disso, olhei para as árvores altas, procurando um modo de chegar até o topo, arrependendo-me de ter deixado o arpéu e a corda na caverna. Encontrei um cipó comprido e o usei para escalar até os galhos mais altos. Após um instante para me reorientar (o lar dos Zaltana ficava para o oeste), balancei-me até a próxima árvore.

Mantive meus sentidos místicos sintonizados na vida ao meu redor, procurando os Daviian e outros predadores, enquanto seguia para casa. A teia de galhos e árvores coladas umas nas outras retardou meu avanço. Após algumas horas, minhas roupas ensopadas de suor estavam rasgadas, e minha pele ardia e coçava devido aos inúmeros arranhões e picadas de insetos.

Descansando no galho de uma árvore espinhenta, vasculhei a área que me separava do Homem da Lua. Não havia sinal de vida inteligente, de modo que conectei-me à mente de Leif e do Homem da Lua.

É seguro viajar até essa área, informei, imaginando a pequena clareira abaixo. *Fiquem aqui até que eu volte a contatá-los.*

Eles concordaram.

Após descansar, continuei meu avanço pela copa das árvores, alerta a qualquer sinal dos Daviian. O ritmo de escalar de árvore em árvore combinou-se à pulsação constante da imperturbável essência vital da selva. Quando uma presença fora de sintonia alertou meus sentidos, minhas energias se focalizaram na agitação distante. Curiosa, concentrei-me em descobrir a fonte. Um homem na copa das árvores. Antes que eu pudesse determinar se era amigo ou inimigo, minha mão agarrou um galho molenga e liso. Surpresa, puxei minha consciência bruscamente de volta para meu corpo, e meus pensamentos se conectaram com o caçador oculto nas árvores.

As folhas balançaram-se com o movimento. O apavorante sibilar de uma cobra me envolveu. O galho sob meus pés ficou mais macio, busquei um apoio mais firme, mas nada encontrei senão as espirais secas da serpente. O colorido da cobra-colar mesclava-se tão bem com o verde da selva que eu não consegui determinar onde estava o restante dela.

Fechei os olhos, projetando-me na mente da cobra. Ela enrolara parte do corpo entre dois galhos, criando uma rede plana, que agora se fechava ao meu redor. Arrancando o canivete do bolso, acionei a lâmina.

Quando os anéis pesados da cobra caíram sobre meus ombros, eu soube que teria apenas meros segundos antes que o predador se enroscasse ao redor do meu pescoço, como um colar, estrangulando-me até a morte. Pressenti a satisfação da cobra ao mover-se para apertar seus anéis.

Enfiei a faca no corpo grosso da serpente. Será que o Curare na lâmina afetaria a criatura? A dor ligeira da estocada registrou na mente da cobra, mas ela não deu importância ao ferimento.

A serpente apertou-se ao meu redor, aprisionando minhas pernas e o braço esquerdo. Dei-me conta de que a cobra-colar me segurava no ar. Se eu a cortasse através dos anéis, despencaria no chão.

Outro laço roçou no meu rosto quando a cobra tentou circundar-me o pescoço. Empurrei-a para longe com o braço livre. Um anel deslizou pelas minhas costas em direção à cabeça.

Decidindo que as chances de sobreviver à queda eram melhores do que as de morrer por estrangulamento, enfiei meu canivete no anel mais próximo, com a intenção de serrá-lo. Antes que eu pudesse aplicar mais pressão, a criatura se deteve.

Talvez o Curare houvesse paralisado a cobra. Retirei a lâmina, e a cobra voltou a me apertar. O Curare não funcionara. Porém, quando voltei a inserir a faca, a criatura hesitou. Estranho. Devo ter encontrado uma área vulnerável. Estávamos em um impasse.

Através da conexão com sua mente, pressenti a fome da cobra em conflito com o seu desejo de sobreviver. Tentei controlar a vontade do predador, contudo, nossas mentes eram incompatíveis demais. Embora eu pudesse pressentir suas intenções, não conseguia direcionar seus movimentos.

Eu queria evitar ter de matar a cobra, mas não conseguia enxergar outra opção. Assim que ela estivesse morta, eu deveria ser capaz de me libertar e voltar para as árvores.

— Olá. Alguém aí? — perguntou a voz de um homem.

Minha luta com a serpente havia tomado toda a minha atenção. Amaldiçoando-me por ter esquecido o homem, direcionei minha mente até a copa das árvores e encontrei os pensamentos bem protegidos de outro feiticeiro. Mas eu não sabia dizer se era um Deformador ou um Tecelão de Histórias.

— A cobra comeu a sua língua? — Ele riu da própria piada. — Sei que está aí. Senti o seu poder. Se não pertence à selva, terei prazer em deixar que as cobras a jantem.

— Cobras? — perguntei.

Seu modo de falar me pareceu familiar. Não era Daviian. Nem Sandseed. Torcia para que fosse Zaltana.

— Sua cobra-colar enviou um pedido de ajuda. Pode até matar esta e se desvencilhar dela, mas, quando o fizer, a família dela já estará aí para terminar o serviço.

Examinei a copa das árvores e, dito e feito, pressenti cinco outras cobras vindo na minha direção.

— E se eu pertencer à selva? — indaguei.

— Nesse caso, eu a ajudarei. Mas é melhor ser bem convincente. Nos últimos tempos, um bocado de coisas estranhas vem acontecendo.

Pensei rápido.

— Sou Yelena Liana Zaltana. Filha de Esau e Perl e irmã de Leif.

— Conhecimento popular. Terá de se esforçar mais.

Alma gêmea de Valek, o Flagelo de Sitia, pensei, mas sabia que isso não ajudaria muito a minha causa. Vasculhei meus pensamentos atrás de qualquer informação que apenas os Zaltana soubessem. O problema era que, como eu havia sido criada em Ixia, sabia muito pouco a respeito do meu clã.

— Poderia enviá-lo à caça de valmures selvagens, mas não seria melhor se eu lhe oferecesse um pedaço de doce de seiva?

Prendi a respiração, aguardando.

Justamente quando estava convencida de que teria de cortar através da serpente para me libertar antes que sua família chegasse, uma batida de tambor baixinha ecoou. As vibrações contínuas pulsaram através da cobra.

O animal relaxou. Uma abertura apareceu acima da minha cabeça, e um rosto pintado de verde sorriu para mim.

Ele estendeu a mão, que também estava camuflada.

— Segure-se.

Agarrei-lhe o pulso. Ele me puxou da rede da cobra até um galho sólido. O alívio me deixou de pernas bambas, e tive de me sentar.

As roupas do homem combinavam com as cores e as paisagens da selva. Ele colocou o tambor de couro no galho e tocou outra música. A cobra desenroscou-se e desapareceu na selva.

— Isso deverá espantá-las por algum tempo — ele disse.

A julgar pelas roupas e pelo cabelo pintado cor de oliva, eu sabia que o homem tinha de ser um Zaltana. Agradei a ajuda.

Ao assentir, ele me lembrou alguém.

— Quem é você? — perguntei.

— Seu primo, Chestnut. Eu estava fora patrulhando quando nos visitou pela última vez, de modo que não tive a oportunidade de conhecê-la.

Após viver por catorze anos em Ixia, eu finalmente retornara ao lar cuja existência desconhecia. Fora uma tempestade emocional tão intensa, e conheci tantos primos, tias e tios, que era pouco provável que eu tivesse me lembrado dele, mesmo que houvéssemos sido apresentados.

Não vendo nenhum indício de reconhecimento nas minhas feições, ele acrescentou:

— Sou um dos irmãos de Nutty.

As histórias de Nutty sobre os irmãos haviam sido engraçadas, e eu me lembrei de um jogo que eu costumava brincar com ela e os irmãos antes de ser sequestrada.

— Como foi que controlou a cobra?

— Sou um encantador de cobras — ele respondeu, como se o título explicasse tudo. Porém, quando eu nada respondi, ele disse: — Faz parte da minha magia. É difícil avistar as cobras-colares. Não só elas desaparecem na paisagem, mas também são capazes de disfarçar as energias vitais. Mesmo se você for capaz de pressentir os outros animais da floresta, provavelmente não sentirá as cobras. Não até ser tarde demais. — Com satisfação, ele esfregou as mãos

uma na outra. — Elas costumam caçar sozinhas, mas se uma delas encontra dificuldades, pode chamar as outras com um som inaudível para nós. Minha magia me permite localizar as cobras e escutar-lhes o chamado. E meu tambor é o modo como me comunico com elas. Não funciona com outros animais. — Ele deu de ombros. — Mas mantenho as cobras longe do nosso lar.

— Você estava patrulhando quando escutou a minha cobra?

Engraçado como eu me tornara possessiva com a criatura que tentara me esmagar e me comer.

— Estava. Embora, ao partir, esta manhã, estivesse esperando encontrar mais do que apenas cobras. — Ele me lançou um estranho olhar. — E suponho que tenha mesmo encontrado. Por que está aqui, Yelena?

— Estou seguindo um grupo de pessoas que estava morando no platô — respondi. — Elas passaram por aqui. Alguém as viu?

Porém, o que eu realmente queria perguntar era: eles haviam atacado o clã? Meu pai e minha mãe estavam bem?

— Viu? Não. Há desconhecidos na floresta, mas não conseguimos encontrá-los e... — Ele hesitou, provavelmente considerando a informação que deveria divulgar. — Talvez seja melhor você conversar com os anciões do clã. Está sozinha?

— Não. Meu irmão e alguns Sandseed estão viajando comigo.

— Nas árvores?

— No chão.

Contei para Chestnut sobre o ataque e como eu vinha atuando como batedora para o nosso grupo.

Chestnut me acompanhou até o lar ancestral dos Zaltana. Este abrangia uma vasta rede de áreas de estar, dormir e cozinhar, conectadas por pontes e suspensas sobre o chão. Oculto pela densa vegetação da selva, o lar ancestral era difícil de encontrar, contudo, mesmo dentro do complexo, eu continuei a me surpreender que a copa das árvores fosse capaz de camuflar uma coleção de aposentos daquele tamanho.

Construídos de madeira, os pisos das habitações estavam ancorados a enormes galhos. Hera crescia do lado de fora das paredes para lhes disfarçar o formato. Quase todo o mobiliário era

feito de madeira, e redes de corda forneciam locais confortáveis para se dormir. Produtos artesanais feitos de artigos da selva, como sementes e gravetos, decoravam os vários aposentos, incluindo esculturas de animais feitas de seixos coloridos colados uns nos outros.

O corredor principal do lar ancestral costumava servir de área comum para cada uma das famílias do clã. As salas de estar e quartos de dormir ramificavam-se das áreas públicas.

Além de ser muito extenso, o lar ancestral também era muito bem defendido. Os magos dos Zaltana ficavam atentos a qualquer desconhecido.

Após a nossa chegada, Chestnut correu para encontrar os anciões do clã. Vasculhei a trilha até o Homem da Lua. Assim que tive certeza de que o caminho estava livre, fiz contato com a mente do Tecelão de Histórias.

Venha, eu lhe disse. Venha rápido.

Estamos a caminho, ele retrucou.

Corri até os aposentos dos meus pais. Alguns olhares curiosos e exclamações de surpresa me seguiram quando corri até a residência dos Liana, mas eu os ignorei.

Minha mãe, Perl, andava de um lado para o outro na sala de estar. O ar cheirava a gengibre e canela, mas sua destilaria de perfumes, montada na mesa comprida, ao longo da parede dos fundos, parecia estar vazia.

— Yelena!

Ela voou para os meus braços. Alguns centímetros mais baixa do que eu, a mulher esbelta me agarrou, como que para se impedir de cair.

— Mamãe. O que foi? — perguntei.

— Esau — ela disse e chorou.

Reprimi a vontade de sacudi-la quando ela começou a soluçar nos meus braços. Aguardei até que o fluxo de lágrimas houvesse diminuído antes de afastá-la e fitá-la nos olhos verde-claros.

— O que tem o papai?

Ele está desaparecido.

RESISTI À tentação de usar magia para acalmar minha mãe. Várias possibilidades terríveis passaram por minha cabeça, antes que ela se acalmasse o suficiente para me dar os detalhes. Meu pai estava sendo esperado de volta de uma expedição, ontem, e não retornara.

— Houve uma reunião de clã — Perl disse entre soluços. — Alguns batedores haviam se perdido, e ele foi tentar encontrá-los.

— Batedores perdidos?

Ela me ofereceu um sorriso aguado.

— Alguns dos mais novos costumam se perder. Esau sempre os encontra. Ninguém conhece a selva tão bem quanto ele.

— Talvez um dos batedores tenha se ferido — eu cogitei na tentativa de acalmá-la e para me impedir de imaginar Esau como vítima do ritual Kirakawa. — Por que o estavam esperando para ontem?

— Outra reunião de clã. As criaturas da selva têm estado inquietas e ansiosas, e não conseguimos determinar o motivo. Quando os dois batedores não retornaram, o clã decidiu que todo mundo deveria permanecer perto do lar ancestral. Todas as noites, nós nos reunimos no salão comum para nos certificar de que todos estão a salvo. Esau só deveria ter ficado fora algumas horas.

Lágrimas rolaram-lhe pela face.

Seu rosto refletia horas de preocupação e receios. Seu cabelo comprido parecia ter mais fios brancos do que pretos. Não podia deixá-la a sós, no entanto, precisava de mais informação.

— Tenho de falar com os anciões do clã — eu disse. — Poderá vir comigo, mas só se puder prometer não se deixar abalar.

Ela concordou, mas a incerteza ocupava seu olhar. Sua mão foi à garganta. Talvez levá-la comigo fosse má ideia. Quem sabe Nutty pudesse ficar com ela?

Perl estremeceu, como se, subitamente, houvesse se dado conta de algo.

— Espere — disse antes de sair correndo na direção do elevador.

Ao vê-la puxar as cordas e ascender até o segundo andar do apartamento, meu coração encheu-se de medo. Esau inventara aquele elevador, usando cipós da selva e um sistema de roldanas. Jamais me perdoaria se algo acontecesse com ele.

O pânico fez com que eu me crispasse, e justamente quando estava prestes a gritar para Perl para que se apressasse, o elevador moveu-se. Minha mãe havia lavado o rosto com água e prendido o cabelo para trás. Também estava usando o meu amuleto do fogo ao redor do pescoço. Sorri.

— Para dar forças — ela disse, fitando-me nos olhos. Desta vez, tudo o que sentia nela era teimosia e determinação. — Vamos.

Enquanto seguíamos para o salão de conferências do lar ancestral, pensei sobre o amuleto do fogo. Ao ganhar uma competição de acrobacias durante o festival do fogo ixiano, eu conquistei um momento de pura alegria em meio a um inferno. Reyad, um de meus captores e o primeiro homem que eu matara, tentara me impedir de participar, e fui severamente punida por minha desobediência, mas eu sabia que voltaria a fazê-lo. Agora me dava conta de que uma veia de teimosia herdada de ambos os meus pais me mantivera lutando, apesar dos esforços de Mogkan e Reyad para me controlar.

O nome do nosso clã podia ser Zaltana, mas o nosso nome de família era Liana, o que significava “videira” na antiga língua Illiais. Aquelas videiras cresciam em tudo quanto era lugar da selva, puxando para baixo as árvores, em sua busca pela luz do sol.

Quando cortadas e ressecadas, as videiras tornavam-se duras como pedra.

Olhando para os ombros firmemente empertigados de minha mãe, eu soube que ela alcançara o ponto onde não se permitiria mais curvar-se às emoções, mas faria o que fosse necessário para ajudar a encontrar o marido.

O salão comum era o maior aposento do lar ancestral. Grande o suficiente para abrigar todo o clã, a área arredondada tinha, no seu centro, uma lareira circular de pedra. As cinzas pretas vindas da fogueira flutuavam sob a luz do sol, passando pelo buraco da chaminé no teto de madeira do aposento. Bancos feitos de galhos e videiras endurecidas rodeavam a lareira. O aroma de muitos perfumes espalhava-se pelo ar, e lembrei-me da primeira vez em que me vi ali.

Todo o clã ocupara o aposento na ocasião. Curiosos para ver a criança perdida que, pelo menos do ponto de vista deles, retornara dos mortos, os Zaltana me fitaram com um misto de esperança, alegria e desconfiança. Minhas esperanças por uma reunião tranquila desapareceram quando meu irmão declarou que eu ainda fedia a sangue.

Chestnut interrompeu minhas recordações ao introduzir-me aos anciões do clã.

— Oran Cinchona Zaltana e Violet Rambutan Zaltana.

Ambos se curvaram no cumprimento formal dos sitianos. Os rostos escuros estavam marcados de preocupação. Os dois lidavam com os problemas do dia a dia do clã sempre que o seu líder, Baval, estava na Cidadela. Batedores desaparecidos, além de convidados inesperados, significavam grandes problemas.

— Seus amigos alcançaram a escada da palmeira — Violet informou. Assim que tiverem subido, serão escoltados até aqui.

Um ligeiro sorriso apareceu no seu rosto.

Aliviada por eles terem chegado em segurança, projetei minha consciência para aconselhar Leif a apressar-se. Quando Leif abriu a mente para mim, sua irritação foi evidente.

Deveria ter me levado consigo para procurar os Vermes, disse.

Seus músculos doíam devido à marcha de um dia pela selva. As trilhas costumavam ficar cobertas de vegetação bem rápido no calor abafado, e Leif tivera de cortar uma passagem para os outros com o facão.

Podemos discutir mais tarde, respondi. *Neste exato instante, preciso de você aqui.*

Não posso deixar Tauno.

Leif e Marrok haviam alcançado a copa das árvores, porém, através dos olhos de Leif, vi que Tauno ficara paralisado na metade da subida da escada de corda, agarrando com firmeza os degraus.

Transferi minha consciência para Tauno. Embora ele não pudesse escutar minhas palavras na sua mente, enviei-lhe emoções tranquilizadoras, lembrando-lhe como ele houvera descido pelas rochas até a escuridão da caverna. Busquei a lembrança da descida e me dei conta da razão de ele não ter ficado amedrontado na ocasião.

Feche os olhos, instruí.

Ele obedeceu. Tauno relaxou e voltou a subir a escada.

Eu o abandonei e voltei a me conectar com Leif.

Rápido.

Quando Leif e os outros se juntaram a nós, eu já estava sentindo meu desejo de ação querendo se libertar, ameaçando explodir. Coloquei os anciões do clã a par do que eu sabia, mas as únicas informações que Oran e Violet acrescentaram foram relativas às direções tomadas pelos batedores desaparecidos: sul e leste. Esau seguira primeiro para o leste, para encontrá-los.

— Tem de ser os Daviian — eu disse. — Precisamos resgatá-los antes que possam realizar qualquer parte do ritual Kirakawa.

— Vamos.

Com uma expressão selvagem no rosto quadrado, Leif ergueu no ar o seu facão.

— Vocês não têm certeza se os Vermes estão com o seu pai — o Homem da Lua falou. — Nem onde eles estão. Ou quantos Deformadores estão com eles e que defesas possuem.

Suas palavras foram cuspidas rapidamente. As sobrancelhas do Homem da Lua estavam curvadas uma em direção à outra,

refletindo o desconforto óbvio de estar cercado por paredes.

— Muito bem, sr. Lógica. E como sugere que consigamos tais informações? — perguntei.

— Marrok e Tauno vasculharão as trilhas atrás de pistas e voltarão para nos informar.

— Onde?

— Para o leste.

— Para cáírem em uma emboscada, como aconteceu com meu pai? Serão capturados e mortos — contra-arguntei. — É arriscado demais enviar mais pessoas para lá. A selva é perfeita para armar emboscadas. A não ser...

Uma ideia súbita apareceu na minha cabeça. Eu a considerei, procurando qualquer falha. Já que os Daviiian se escondiam atrás de um escudo negativo, nenhuma magia conseguia penetrá-lo, mas simples coisas físicas, como luz e som, conseguiam.

— A não ser? — Leif insistiu.

— A não ser que possamos enxergar do alto, como os pássaros.

— Eles provavelmente têm homens posicionados nas árvores — Marrok disse. — Não seria a melhor forma de capturar os batedores?

— Na verdade, eu quis ser literal. Eu poderia me conectar com um dos pássaros na selva e enxergar através de seus olhos.

— Não verá muito durante o dia — o Homem da Lua alertou. — Os Vermes estarão bem camuflados. Durante a noite, precisarão de uma pequena fogueira e da lua para realizar a primeira etapa do ritual Kirakawa.

Uma onda fria de medo passou pelo meu corpo.

— A lua apareceu ontem à noite.

— Cedo demais. Precisam de tempo para se preparar adequadamente.

— Para alguém que alega que os antigos rituais se perderam, você sabe um bocado sobre eles — Marrok disse, a acusação evidente no seu tom de voz.

— Os detalhes do ritual foram esquecidos, mas algum conhecimento sobre ele foi introduzido nas nossas histórias educativas — o Homem da Lua retrucou, fitando Marrok nos olhos. — Isso ajuda a impedir que repitamos os mesmos erros.

Um alerta para Marrok ou apenas um conselho enigmático do Tecelão de Histórias? Eu não soube dizer. Marrok esfregou a face curada. Sempre que estava com medo ou algo o incomodava, costumava coçar tal ponto. As feridas infligidas pela surra de Cahil iam muito além de simples estilhaços de ossos. A confiança perdida era mais difícil de consertar do que ossos quebrados. Perguntei-me se Marrok mudaria sua opinião sobre o Homem da Lua se soubesse que este ajudara a curar seus ferimentos.

— Um pássaro consegue enxergar à noite? — Leif perguntou, voltando novamente nossa atenção para o problema em questão.

— Haverá a luz da fogueira — Marrok disse.

— Mas e quanto aos guardas nas árvores ou longe da luz do fogo?

— Tauno inquiriu. — Precisamos saber quantos Vermes são.

Ponderei as dificuldades, e uma solução apareceu na minha cabeça.

— Morcegos.

Tauno encolheu-se.

— Onde?

— Eu me conectarei com os morcegos para encontrar os Vermes. A fogueira deverá atrair os insetos que morcegos gostam de comer — expliquei.

— Será que podemos nos dar ao luxo de esperar até o anoitecer?

— Leif perguntou. — E se Yelena não conseguir localizá-los com os morcegos? Teremos desperdiçado todo esse tempo em que poderíamos ter estado procurando meu pai.

— Yelena os encontrará — minha mãe afirmou.

Ela mantivera a promessa e controlara suas emoções durante a discussão. Sua confiança em mim era tocante, mas eu ainda estava preocupada. Três vidas estavam em jogo.

— O que acontecerá quando encontrarmos os Vermes? — Marrok perguntou.

— Um exército de Zaltana poderia capturá-los — Leif sugeriu.

— Isso pode ou não dar certo — retrucou o Homem da Lua. — Dependerá de quantos Deformadores o grupo tiver consigo.

— Não, é arriscado demais. — Oran Zaltana interrompeu o silêncio que mantivera durante a nossa discussão. — Recuso-me a enviar

membros do clã até sabermos com o que e com quem estamos lidando.

Olhei para o chão sob o buraco da chaminé no teto. O trecho iluminado pelo sol mudara de lugar. O crepúsculo chegaria em poucas horas.

— Primeiro, vamos encontrar os Vermes e determinar sua força. Todo mundo deveria comer e descansar um pouco. A noite poderá ser longa.

Quando deixamos o salão comum, Chestnut tocou meu braço. Ele se mantivera afastado do grupo enquanto conversávamos. Seus olhos escuros demonstravam preocupação.

— Esau é meu tio favorito. Avise-me se houver algo que eu possa fazer.

— Pode deixar.

Acompanhei Leif e Perl de volta para o apartamento dela. Mamãe nos fez sentar no sofá que Esau fizera com as videiras. As folhas nas almofadas estalaram sob meu peso. Perl seguiu para a cozinha, de onde trouxe uma bandeja com comida e chá. Ela nos rondou até termos comido. Empurrei as frutas e a carne fria pelos lábios dormentes e mastiguei sem sentir o gosto de nada.

Por fim, a fadiga de atravessar a selva pela copa das árvores se apossou de mim, e adormeci no sofá. Pesadelos sobre serpentes enroscando-se no meu corpo assombraram meu sono enquanto sibilavam no meu ouvido.

— acorde. Está escurecendo — Leif sussurrou.

Pisquei os olhos diante da luz acinzentada. Perl, encolhida, cochilava em uma das poltronas. O Homem da Lua estava postado perto da porta do apartamento.

Acordei minha mãe.

— Pode ir buscar os anciões do clã? Teremos de fazer planos assim que eu localizar Esau.

Ela correu até a porta.

— Aonde você quer ir? — Leif perguntou.

— Até o meu quarto antigo, lá em cima — respondi, seguindo para o elevador.

Leif e o Homem da Lua se juntaram a mim no elevador do tamanho de um armário. Duas cordas grossas passavam pelos buracos no chão e no teto. O Homem da Lua teve de se curvar para caber. Sua respiração estava alterada, e ele resmungava sobre Sandseed, sobre as Planícies e sobre sufocar.

Leif e eu puxamos as cordas, e o elevador começou a se movimentar. Subimos até o andar seguinte e descemos no corredor. Meu quarto ficava à direita. Afastando a cortina de algodão, permiti que Leif e o Homem da Lua adentrassem primeiro o pequeno ambiente cheio de móveis.

Alguns anos após meu sequestro, Esau começara a usar o aposento como depósito. Catorze anos colecionando amostras da selva resultaram em fileiras e mais fileiras de prateleiras cheias de recipientes de vidro dos tamanhos e formatos mais variados. Os únicos lugares desimpedidos eram a pequena cama e a cômoda de madeira.

Querendo concentrar toda a minha energia em estabelecer uma conexão com os morcegos, estiquei-me na cama.

— Procurem manter qualquer distração longe de mim e estejam prontos para me ajudar.

Leif e o Homem da Lua assentiram em sinal de compreensão. Ambos possuíam bastante energia mística para eu acessar em caso de necessidade. Tentei manter os pensamentos terríveis quanto ao perigo que Esau corria no fundo da mente e projetei minha consciência na direção da boca da caverna. Os morcegos, em breve, estariam deixando o poleiro em busca de comida.

Minha mente encontrou a consciência sombria dos morcegos. Eles não enxergavam o mundo através da visão, mas ao pressentir objetos e movimento ao seu redor. Incapaz de direcioná-los para onde eu queria ir, voei com eles, minha percepção mental flutuando de um morcego para o outro, tentando fazer sentido de minha localização na selva. O bater de asas e zumbir de insetos cortavam o silencioso ar noturno.

Embora os morcegos houvessem se espalhado por muitos quilômetros, permaneciam em contato uns com os outros, e não demorou muito para eu ter uma imagem mental detalhada da selva.

Era uma visão do alto, desprovida de cores. Apenas formas, tamanhos e movimentos. Na minha mente de morcego, as rochas e árvores não eram visuais, mas sim reflexos de sons.

As paredes lisas do lar ancestral dos Zaltana pareciam estranhas para os morcegos. Eles evitavam a residência do clã, mas eu saltei para as mentes que seguiam para o leste do lar ancestral.

Frustrada por não conseguir afetar-lhes os movimentos, tive de aguardar e observar até um dos morcegos encontrar uma pequena fogueira. Canalizei minha consciência no morcego enquanto este mergulhava e voava pelo ar quente que se elevava, abocanhando os insetos que dançavam acima da luz.

Instintivamente evitando as criaturas abaixo, o morcego permaneceu voando alto. Usei os sentidos do animal para determinar o número de Vermes. Três ao redor da fogueira, dois agachados nas árvores e quatro de guarda ao redor do acampamento. Um par de tendas estava perto do fogo.

Três formas imóveis estavam estendidas no chão ao lado delas. Alarmada, focalizei minha atenção nelas até sentir seus peitos subirem e descerem.

Quando estava com a localização exata do campo dos Vermes na minha mente, retirei-me da consciência do morcego.

— Eles são nove — disse para Leif e para o Homem da Lua. — Não sei quantos deles são Deformadores.

— Devemos ter magos Zaltana em número suficiente para subjugá-los — Leif disse. — Se pudermos surpreendê-los, teremos a vantagem. Você consegue erguer um campo negativo? — ele perguntou para o Homem da Lua.

— Não. Não é um de meus talentos.

Sentei-me na cama. Uma onda de tontura me atingiu e curvei-me até a sensação passar. Conectar-me aos morcegos consumira toda a minha energia. O Homem da Lua pousou uma mão reconfortadora no meu cotovelo, e sua força percorreu o meu corpo.

Pensei no que Leif dissera. Se atacássemos com um grupo grande, os Vermes saberiam que estávamos chegando e fugiriam, e se esconderiam novamente, ou lutariam. De qualquer modo, teriam

tempo para matar os prisioneiros. O elemento surpresa era essencial, mas como faríamos para obtê-lo?

— Será que Tauno não poderia atirar flechas mergulhadas em Curare nos guardas e imobilizá-los? — Leif perguntou. — Ou poderíamos soprar dardos envenenados através de tubos de junco.

— Árvores demais — contra-argumentou o Homem da Lua.

— Seria difícil no escuro — concordei. — Poderíamos chegar perto e esfaqueá-los.

— Mas e quanto aos guardas nas árvores? Aproximar-se sem alertá-los é uma manobra difícil, senão impossível — Leif disse.

Se eu tivesse a habilidade de controlar os morcegos, poderia usá-los como distração. Precisávamos de algo mais para provocar uma comoção. Seguindo a lógica, encontrei a resposta.

Leif, pressentindo minha mudança de humor, sorriu.

— O que está tramando, irmãzinha?

NÃO HAVIA tempo a ser desperdiçado. Leif, o Homem da Lua e eu corremos até a sala de estar dos meus pais, no andar de baixo. Perl havia retornado com Oran e Violet.

— Conseguiu encontrá-los? — Perl perguntou.

— Estão a cerca de quatro quilômetros e meio a sudeste de nós.

— Precisaremos de alguns magos e soldados — Leif informou a Oran.

— Quantos são e o que os Vermes planejam fazer? — o ancião me perguntou.

— Nove. E não importa o que estejam planejando. Os Vermes estão com Esau e seus batedores. Precisamos resgatá-los!

Oran pigarreou constrangido.

— Deveríamos consultar o conselheiro Baval...

— Baval está na Cidadela. Levaria semanas para obtermos uma resposta.

Reprimi a vontade de envolver com as mãos o pescoço fino de Oran.

— Não podemos deixar o lar ancestral desprotegido — Violet disse. — Faremos uma reunião, pedindo voluntários.

Sitianos!, pensei irritada. Eram incapazes de fazer alguma coisa sem consultar um comitê.

— Muito bem. Convoquem sua reunião. Façam o que quiser.

Expulsei Oran e Violet porta afora.

— Yelena... — minha mãe começou a falar.

— Pode me repreender mais tarde. Estamos partindo agora.

Leif e o Homem da Lua me olharam, como se aguardando minhas ordens.

— Vão buscar Tauno e Marrok. Eu os encontrarei ao pé da escada.

— Aonde você vai? — Leif perguntou.

— Conseguir a nossa distração.

Eles deixaram correndo o aposento, e eu estava prestes a segui-los quando minha mãe me segurou pelo braço.

— Só um minuto — ela disse. — Vocês são apenas cinco. O que está planejando? Conte-me agora mesmo ou eu vou com vocês.

A teimosia Liana irradiava dela, e eu tinha certeza de que as ameaças não eram vãs. Esbocei um resumo do meu plano.

— Isso não dará certo sem alguma ajuda — ela afirmou.

— Mas eu vou...

— Precisa de mais incentivo. Tenho a coisa certa. Vá. Eu a encontrarei ao pé da escada.

Perl saiu correndo.

Após alguns minutos de busca frenética, encontrei o que precisava. Quando deslizei pela escada, os outros já estavam prontos. Dardos de luar brilhante penetravam a escuridão do chão da selva, oferecendo apenas luz suficiente para enxergar as formas sombrias dos troncos das árvores.

Disse para Tauno e Marrok como se aproximar do acampamento dos Vermes e os instruí quanto a onde deveriam se posicionar nas redondezas desse.

— Nada de barulho. Mantenham distância. Aguardem meu sinal antes de atacar.

— Sinal? — Marrok perguntou.

Seu rosto endureceu com severa determinação, porém havia incerteza escondida por trás do seu olhar. Embora Cahil houvesse emitido as ordens para seus homens, fora Marrok quem realmente estivera no comando.

— Algo alto e detestável — respondi.

Marrok franziu a testa.

— Não é hora para brincadeiras.

— Eu não estava brincando.

Após um mero instante de hesitação, Marrok e Tauno partiram.

O Homem da Lua os acompanhou com o olhar.

— E quanto a nós?

Um ligeiro barulho veio de cima de nós, como se alguém houvesse segurado a escada de corda. Alguns instantes mais tarde, Chestnut juntou-se a nós no solo. Ele estava usando túnica e calça de cor escura, e seu tambor estava preso ao cinto. A tinta verde havia sido lavada de seu cabelo.

— Fico feliz de poder ajudar — Chestnut disse. — Mas precisam saber que eu jamais fiz isso antes.

— Fez o quê? — Leif perguntou. — Yelena, o que está acontecendo?

— Estou torcendo para que Chestnut seja capaz de chamar algumas cobras-colares para se juntarem aos Vermes no seu acampamento.

— Ah, sua distração — o Homem da Lua comentou.

— A que distância precisa estar? — perguntei para Chestnut.

— Provavelmente, a menos de um quilômetro e meio, mas tudo dependerá de quantas cobras houver por perto. — Ele hesitou. — Estou acostumado a espantá-las, e não a chamá-las. E se não funcionar?

Como se em resposta, a escada de corda balançou com o peso de outra pessoa. Perl desceu. Ela movia-se com fluidez e graça, e eu teria apostado que Nutty não havia sido a única criança Zaltana a enlouquecer os pais ao aprender a escalar antes mesmo de andar.

— Tome. — Minha mãe me passou dez cápsulas do tamanho de uvas e vários alfinetes. — Para o caso do seu plano inicial falhar.

— Nesse caso, invadiremos o acampamento e torceremos pelo melhor. Vamos.

Coloquei as cápsulas no bolso e preendi os alfinetes à camisa, de modo a não me machucarem, ajeitei a mochila, para que ela ficasse bem no centro das costas, e peguei meu cajado.

— Tenham cuidado — Perl disse.

Eu a abracei antes de ir embora. Apesar de ter dito para Marrok e Tauno pegarem um caminho mais longo e tortuoso até os Vermes, eu queria liderar os três homens direto até eles. Mais uma vez, estabeleci um leve contato mental com os morcegos voando acima de nós. Guiada pelo mapa de formas da selva dos morcegos, movimenteimei-me com facilidade através da trilha estreita, apesar da copa das árvores bloquearem a luz fraca da lua em vários lugares.

Os sons da selva ecoavam no ar úmido. Um morcego berrador gritava estridentemente. Valmures escalavam as árvores e balançavam-se nelas. O sacudir e chacoalhar de galhos e arbustos indicava a atividade oculta de outras criaturas da noite.

Detive-me a cerca de um quilômetro e meio do acampamento dos Vermes. Chestnut apoiou a testa em uma árvore próxima, e o poder me deixou arrepiada.

— Há apenas uma cobra por perto — ele disse. — Está aguardando que os homens nas árvores caiam em sua armadilha. Cobras-colares não são os mais ativos dos caçadores. Preferem armar emboscadas, usando o elemento surpresa. — Chestnut olhou para mim. — E não quero ensiná-las a caçar.

— É um ponto válido — comentou o Homem da Lua.

— E agora? — Leif perguntou.

— Estou pensando — respondi.

— Pense mais rápido — meu irmão insistiu.

Uma cobra não era o suficiente. Era chegada a hora de aceitar a sugestão de Perl. Passei para cada um duas cápsulas e um alfinete.

— Cheguem o mais perto que puderem dos guardas. Espetem um furinho na cápsula e esguichem o líquido perto deles. Não deixem que respingue em vocês — instruí.

— Por que não?

— Vai ter uma cobra-colar tentando acasalar com você.

— Puxa, Yelena. Estou *tão* feliz que esteja em casa — Leif resmungou. — É bom saber que mamãe está fazendo algo de útil com o seu tempo.

— Pensei que sua mãe fabricasse perfumes — o Homem da Lua disse.

— Depende do modo como encare as coisas — Chestnut disse. — Para uma cobra-colar macho, esse treco é perfume.

— Há seis guardas. Homem da Lua, Leif e eu, cada um borrifará dois — expliquei. Retirando a mochila das costas, escondi-a atrás de uma árvore. — Chestnut, você fica aqui. Será que consegue impedir que as cobras nos agarrem quando vierem?

— Eu tentarei. Elas possuem um excelente olfato, de modo que é melhor se mandarem rápido, depois que tiverem borrifado essa coisa.

— E quanto aos guardas nas árvores? — Leif quis saber.

— Mirem para o alto e não façam estardalhaço.

Leif resmungou para si mesmo quando nós três nos espalhamos para chegar perto dos guardas dos Vermes. Chestnut ficou para trás para comunicar-se com os predadores, enquanto nos colocávamos em posição. Assim que nossa distração chegasse, e os guardas ficassem ocupados esquivando-se de cobras enamoradas, Leif e o Homem da Lua encontrariam Tauno e Marrok e aguardariam o meu sinal. Eu espionaria o acampamento dos Vermes.

Esgueirei-me através das árvores, buscando um sinal dos guardas. Desconectei-me dos morcegos e estendi minha consciência mental procurando os Vermes.

Além dos guardas do perímetro, eu sabia que o acampamento continha seis pessoas, três Daviian e três Zaltana, no entanto, não conseguia detectá-los, o que significava que alguém erguera um escudo negativo. Pelo menos um dos Vermes era um Deformador, e ele podia estar realizando um dos rituais do Kirakawa enquanto nos esgueirávamos pela escuridão. Foi só então que me dei conta de que os sons da selva haviam cessado.

Meu coração bateu mais forte, e senti um frio na barriga. Uma presença pairava acima de mim, e me conectei com um homem agachado nos galhos mais baixos de uma das árvores. Sua mente estava alerta para sinais de intrusos, mas ele não me detectara. Espetando um buraco na cápsula, borrifei o líquido ao longo do tronco da árvore e silenciosamente me esgueirei para longe.

Cinco minutos mais tarde, encontrei meu segundo guarda. Ela não notou minha aproximação, e espirrei um pouco do perfume de cobra

de Perl nos arbustos perto dela. Torci para que, em algum momento, ela viesse a se esfregar neles.

Ao bater em retirada, tropecei em uma raiz botaréu e caí. Rolei no chão a tempo de vê-la apontar uma flecha para mim.

— Parada — ela gritou. — Mãos ao alto.

E lá se fora qualquer esperança de não chamar a atenção. Ergui as mãos e me amaldiçoei por não restabelecer o vínculo com os morcegos. Enxergando através dos olhos deles, eu jamais teria tropeçado.

Ela chamou outro guarda.

— Fique de pé lentamente — a mulher ordenou. — Deixe sua arma aí mesmo.

Meu cajado estava no chão, ao meu alcance.

Ela aproximou-se e me fitou em meio à penumbra. A guarda deixou escapar uma exclamação de surpresa e disse:

— Descobridora de Almas.

Rolei para o lado assim que a arma dela disparou e agarrei meu cajado. A flecha acertou no chão. Levantando-me com um salto, girei meu cajado, desenhando um arco amplo. A ponta da minha arma acertou-a atrás dos tornozelos, projetando-lhe os pés no ar. Ela foi ao chão com um violento impropério. O vulto escuro de seu parceiro ficava maior à medida que ele se aproximava correndo. Que ótimo.

O ar foi preenchido com um ruído estranho, como se alguém houvesse puxado uma corda de uma alça de madeira com excessiva velocidade. O barulho foi ficando mais alto, vindo de tudo quanto era direção. Nós três ficamos imóveis, todos os pensamentos relativos ao combate banidos enquanto buscávamos a origem do som.

Uma cobra-collar passou deslizando por minhas pernas. Ela mirou a guarda e, com assombrosa velocidade, enroscou-se ao seu redor. Todas as minhas noções prévias de uma criatura que se movia lentamente desapareceram.

O outro guarda olhou para a parceira e saiu correndo. Outra cobra deslizou atrás dele. As vibrações das cobras-colares e do tambor de Chestnut ecoaram em meu peito.

Projetei-me na mente de Chestnut em busca de notícias atualizadas. Ele estava impedindo que as criaturas viessem atrás de nós, mas não sabia durante quanto tempo poderia manter o controle.

Quanto mais rápido, melhor, meu primo disse.

Certo.

Transferi minha consciência para o Homem da Lua. Ele e Leif haviam marcado os quatro outros guardas. Estavam com Marrok e Tauno, aguardando meu sinal.

Correndo na direção da fogueira, esquivei-me das cobras, dos guardas apavorados e atravessei o escudo negativo. Cambaleei por um instante, assolada por um turbilhão de pensamentos e emoções. O ar estava carregado de magia e de medo. Meu próprio pânico me impulsionava para frente, mas forcei-me a reduzir o ritmo de meu avanço.

Quando alcancei os limites do acampamento dos Vermes, meu sangue virou gelo. Três homens arrancavam o estômago de uma das formas imóveis no chão. Os Vermes voltaram sua atenção para mim, a surpresa evidente nas expressões boquiabertas. Sem me dar conta, eu me movera e estava postada no centro do acampamento deles, gritando para que parassem.

POR UM instante atordoado, fitamos uns aos outros com incredulidade. Sangue e tripas pingavam das mãos dos Vermes. Ignorando-me, os três homens retomaram sua tarefa macabra. Surpresa, avancei na direção deles, erguendo o cajado para atacar, quando uma força escaldante me acertou por trás, como se eu tivesse sido acertada por uma panela de ferro em brasa.

Caí no chão com força. Meu cajado voou de minhas mãos. O ar foi expulso de meus pulmões. Uma dor lancinante tomou conta de minhas costas. Rolei pelo chão, convencida de que minhas roupas estavam em chamas. Tentando recuperar o fôlego, debati-me no chão até avistar o que me atacara. Horrorizada, fiquei imóvel. A fogueira dos Vermes parecia ter triplicado de tamanho. Um homem estava postado no centro do inferno ardente.

O sujeito desceu do centro da pilha de madeira que queimava. Chamuscado dos pés à cabeça, pequenas chamas pareciam recobri-lo, como se fossem penas. Ele avançou em minha direção. Livrando-me de minha paralisia, arrastei-me para longe dele. O homem se deteve. Uma trilha de fogo o ligava à fogueira.

— Eu a surpreendi, minha morceguinha? — o sujeito perguntou. — Contou nove, quando, na verdade, havia dez. Um truque para lá de quente.

Ele sabia que minha consciência voara com os morcegos. Mas *quem* era ele?

Vasculhei a selva ao redor procurando meu reforço. Leif e meus amigos estavam na orla da clareira. Seus braços e mãos estavam erguidos, como se protegessem os rostos de uma ventania escaldante. Suor e fuligem manchavam suas roupas, e eles evitavam olhar para o homem.

— Não terá a ajuda deles, morceguinha. Se chegarem mais perto, eles queimarão.

Tentei me projetar na mente do homem em chamas, mas suas defesas mentais se mostraram impenetráveis, um Deformador de incrível poder. Vendo-me sem opções, olhei para trás e avistei meu cajado.

O Deformador em chamas apontou, e uma linha de fogo me separou de minha arma. Levantei-me com um salto. O calor chamuscou meu cabelo e meu nariz. A umidade evaporou de minha boca. Uma parede de ar quente empurrou-me, e o Deformador apareceu diante de mim. No entanto, seu vínculo com a madeira ardente permanecia.

— O fogo é a sua ruína, morceguinha. É incapaz de acendê-lo. É incapaz de controlá-lo.

Meu corpo assava, como se houvesse sido fincado em um espeto sobre uma fogueira gigantesca. Projetei minha consciência na direção do interior da selva, na esperança de encontrar ajuda. Tudo o que pressenti ali por perto foram os pensamentos de meus amigos e uma curiosa cobra-colar.

Justamente quando pensei que fosse desmaiar, ele estendeu as mãos, e uma bolha de ar fresco me acariciou a pele. A trégua do calor foi um alívio intoxicante. Cambaleei.

— Segure minha mão. Não a queimarei. Caminhe comigo através do fogo.

— Por quê?

— Porque você me pertence.

— Não é o suficiente. Outros já alegaram a mesma coisa.

— Preciso que complete a minha missão.

— Que é...?

As chamas no seu ombro pulsaram divertidamente. Ele riu.

— Boa tentativa. Aceite a minha oferta ou queimarei você e seus amigos até nada restar além de uma pilha de cinzas.

— Não.

Cintilando intensamente, as labaredas duplicaram de tamanho antes de ele dar de ombros.

— Não importa.

O ar frio desapareceu, e eu arquejei. A intensidade do calor roubou o ar dos meus pulmões.

— Só preciso aguardar que adormeça, morceguinha. Em seguida, será minha.

Minha garganta se apertou, e minha visão ficou turva. Adormecer era uma maneira agradável de descrever o processo de sufocação. Era uma noção estranha, mas me deu uma ideia.

Com os últimos vestígios de energia, peguei uma das cápsulas no bolso e a esmaguei na mão. O líquido grudento revestiu a palma de minha mão, escorrendo pelo braço. Minhas pernas ficaram bambas e caí no chão de joelhos. A última coisa de que me lembro, antes do mundo se derreter, foi um vulto marrom e verde esticando-se na minha direção.

Acordei tremendo. O rosto preocupado de Chestnut me fitava. Ele agitava uma enorme folha, abanando-me com o ar fresco e puro. A exaustão estava estampada em seus olhos castanhos.

— Suponho que essa seja uma cobra-colar que vai ficar com fome — Chestnut disse.

— O que quer dizer? — perguntei, estremecendo ante a dor aguda na garganta.

Quando tentei me sentar, me dei conta de que estávamos em uma árvore.

Chestnut me ajudou.

— Se você morresse, eu disse para a cobra que poderia comê-la.

Ele sorriu.

— Lamento desapontá-la.

— Não importa. Talvez sobrem alguns Vermes para dar para ela comer.

O sorriso desapareceu de seu rosto.

Sobressaltei-me quando minha memória voltou.

— O Deformador do Fogo! Meu pai! Os outros! O quê...?

Chestnut ergueu a mão.

— Quando a cobra a agarrou e a puxou para as árvores, ela distraiu o Deformador tempo suficiente para Lief atravessar a parede de calor. Com a ajuda do Homem da Lua, Lief foi capaz de apagar o vínculo entre a fogueira e o Deformador. — Chestnut desviou o olhar. — O Deformador desapareceu. — Ele estremeceu. — Os Vermes restantes fugiram, com o Homem da Lua, Tauno e Marrok perseguindo-os.

— E Leif?

— Aqui embaixo, com seu pai.

Antes que eu pudesse perguntar, Chestnut informou:

— Ele está bem. Embora eu receie que Stono não viverá para ver o sol nascer.

Um súbito propósito me energizou.

— Ajude-me a descer.

Meus membros tremeram quando deslizei e caí sobre os galhos inferiores. Atingi o chão com força, mas não me detive até estar de pé ao lado de Leif. A cabeça de Stono estava em seu colo. Meu olhar se desviou da horrível bagunça onde costumava ficar a barriga de Stono. Meu pai e o outro batedor estavam deitados no chão ao seu lado, imóveis, ainda paralisados pelo Curare. Não vi os meus amigos.

— Onde estão os outros? — indaguei.

— Ainda não voltaram — Chestnut informou.

Ele largou-se no chão ao lado de Lief e segurou a mão esquerda de Stono na sua.

— Pelo menos, ele não está sentindo dor — Leif sussurrou.

O rosto de meu irmão estava coberto de suor e fuligem. Buracos de queimaduras salpicavam sua túnica. Ele fedia a fumaça e suor.

Ajoelhei-me ao lado de Leif, pus dois dedos no pescoço de Stono e senti a débil batida do seu coração. Stono gemeu, e suas pálpebras tremeram.

— Ele não está paralisado como os outros, para que o ritual Kirakawa faça efeito — informei.

— Consegue salvá-lo?

Os ferimentos de Stono eram fatais. Eu jamais curara alguém com ferimentos tão graves. A traqueia de Tula fora esmagada quando ela fora morta. Fui capaz de consertar o estrago, mas não consegui “acordá-la” sem a sua alma. Por que não? De acordo com as imagens de fogo criadas por Roze, eu era capaz de dar origem a um exército desprovido de alma.

— Yelena. — A impaciência de Leif interrompeu meus pensamentos. — Você pode salvá-lo?

Será que conseguiria *me* salvar quando absorvesse os ferimentos dele? Inspirei profundamente. Só havia um jeito de descobrir.

Fechando os olhos, reuni poder e enrolei um fio espesso de magia ao redor da minha barriga. Estendi a mão na direção de Stono e me forcei a examinar a massa distendida e sangrenta, enxergando seus ferimentos através da minha magia. Seus ferimentos pulsavam com um intenso brilho avermelhado quando eu os focalizei.

Sem aviso, o coração de Stono parou de trabalhar, e sua alma ergueu-se de seu corpo. O instinto assumiu o controle de meus atos e inspirei a alma que pairava no ar, armazenando-a em um canto seguro de minha mente. Ignorei-lhe os pensamentos confusos, concentrando-me nos seus ferimentos. Minha barriga explodiu com a dor de um milhão de facas afiadas enterrando-se em minhas entranhas. Abraçando o abdome, encolhi-me no chão. O sangue cobria minhas mãos, meus braços, empoçando-se no chão. O ar encheu-se com o fedor quente de fluidos corporais.

Esforcei-me para ignorar a dor, mas ela se recusou a me abandonar, devorando uma passagem até minha espinha, seguindo na direção do coração. A voz de Leif agredia meus ouvidos. Ele queria alguma coisa. Irritada com a sua insistência, por um instante, voltei minha atenção para ele. Sua energia preencheu meu corpo. Detivemos o avanço da dor, mas não conseguimos dominá-la. Era apenas questão de tempo até que ficássemos sem forças e perdêssemos a batalha.

A voz resignada do Homem da Lua ecoou na minha mente.

Não dá para deixá-la sozinha. O que a levou a acreditar que poderia combater, por contra própria, o poder do ritual Kirakawa?

Eu não...

Sabia? Pensou? E importa agora?

A energia azulada do Homem da Lua somou-se à de Leif, e, juntos, nós três banimos a dor.

Pousei a mão sobre a barriga lisa de Stono.

Retorne, instruí à sua alma. Uma ardência que me deixou arrepiada percorreu meu braço. Quando o senti arquejar, tentando encher os pulmões, retirei a mão.

Exausta demais para me mover, adormeci ali mesmo onde estava.

Em algum instante, uma mão me sacudiu até eu atingir um estágio de semiconsciência.

— Theobroma? — Leif perguntou, sua voz um som distante.

Meus pensamentos exaustos esforçaram-se para atravessar a neblina.

— Mochila — sussurrei.

— Onde?

Leif voltou a me sacudir. Tentei me libertar de seus braços, mas ele não se deixou deter.

— Onde?

— Mochila. Na selva. Cobra.

— Eu vou — Chestnut ofereceu-se.

O som de seus passos afastando-se embalaram novamente meu sono.

Acordei engasgando-me com um líquido que tinha um gosto horrível. Tossindo, sentei-me e cuspi.

— Você ainda precisa beber o resto — meu pai disse.

Ele me ofereceu uma caneca.

— O que é?

Segurei a caneca. Seu conteúdo esverdeado cheirava igual à água de pântano.

— Chá de anona. Restaura as energias do corpo. Agora beba.

Fiz uma careta e levei a caneca aos lábios, mas me faltou a coragem para beber.

Esau suspirou. Sangue e terra empapavam seu cabelo grisalho cortado à altura dos ombros. Ele parecia ter mais do que seus 50 anos. O cansaço pesava sobre seus ombros largos.

— Yelena, eu gostaria de voltar para casa. E, a esta altura, sua mãe já deve estar tendo um ataque.

Era verdade. Encolhendo-me ante o gosto rançoso, bebi o chá. Minha garganta dolorida queimou quando engoli o líquido, contudo, após alguns instantes, senti-me mais desperta e energizada.

O sol estava alto no céu, e a clareira estava vazia.

— Onde estão todos? — perguntei.

Esau grunhiu.

— Eu contarei no caminho de casa.

Ele ficou de pé.

Avistando minha mochila ali perto, verifiquei o conteúdo antes de colocá-la nas costas. Meu cajado jazia no chão, ao lado de uma grande área chamuscada. Sopesei a arma, passando as mãos ao longo da madeira escura. Parecia não ter sido danificada. Uma surpresa agradável, visto que, durante a escaramuça, eu pensara ter visto o Deformador do Fogo reduzir o cajado a uma pilha de cinzas.

Um arrepio quente de medo percorreu minha pele quando pensei no Deformador do Fogo. Jamais havia encontrado magia como a dele. Estivera completamente despreparada para enfrentá-lo e não conseguia pensar em ninguém em Sitia capaz de se equiparar a tal poder. Mas e quanto a em Ixia? Meus pensamentos voltaram-se para Valek. Será que sua imunidade à magia o salvaria das chamas do Deformador do Fogo? Ou ele acabaria sendo consumido?

— Venha, Yelena — Esau disse.

Ignorei os pensamentos mórbidos e segui Esau para fora da clareira. Ele imprimiu um ritmo acelerado, e, assim que o alcancei, perguntei o que havia acontecido depois que eu adormecera.

Ele bufou com uma expressão divertida no rosto.

— Não quer dizer quando você desmaiou?

— Eu acabara de salvar a vida de Stono. E a sua também.

Detendo-se, Esau me deu um abraço apertado.

— Eu sei. Você foi ótima.

Tão inesperadamente quanto me abraçara, meu pai me soltou e continuou pela selva. Apressei-me em alcançá-lo.

— Os outros? — perguntei.

— Você dormiu por um dia inteiro. Achamos melhor Leif e Chestnut levarem Stono e Barken de volta para o lar ancestral. Os Sandseed e o outro sujeito ixiano jamais retornaram.

Eu parei.

— Podem estar em dificuldades.

— Dois guerreiros Sandseed e um espadachim contra três Daviian? Pouco provável.

— E quanto a três Daviian armados com Curare?

— Ah, diabos! — Esau cuspiu. — Quisera jamais ter descoberto essa maldita substância! — Ele bateu nas coxas com os punhos cerrados. — Tinha esperanças de que já houvessem esgotado o suprimento que roubaram dos Sandseed.

— Você extraiu a droga de uma videira na selva?

— É.

— Então como é que eles sabem como produzir mais? — ponderei em voz alta.

— E onde é que a estão fabricando? — Esau olhou ao redor. — Talvez na selva. Vou cortar cada videira de Curare e queimar tudo — Esau jurou.

Pousei a mão no braço do meu pai.

— Lembra-se de por que procurou tanto tal droga? Ela tem utilizações muito boas. Nossa preocupação imediata deveria ser o Homem da Lua e os outros. Vou tentar contatá-lo.

Reunindo poder, projetei minha mente na direção da selva que nos cercava. Minha consciência tocou uma variedade de formas de vida. Valmures balançando através das copas das árvores, pássaros empoleirados em galhos e outras pequeninas criaturas esgueirando-se pelos arbustos. Porém, fui incapaz de localizar os pensamentos calmos do Homem da Lua.

Será que os Vermes o haviam escondido atrás de um escudo negativo? Será que ele estava morto? Procurei Tauno e Marrok, também em vão.

Meu pai disse:

— Vamos para casa. Lá tentaremos descobrir um modo de encontrá-los. *Todos* eles, incluindo os Vermes fazedores de Curare.

Ele me lembrou dos outros guardas Vermes em que havíamos borrifado com o perfume de cobra.

— Podemos interrogar os guardas Daviian. Eles estão no lar ancestral?

Esau ajeitou a túnica manchada, como se estivesse decidindo como me dar uma notícia desagradável.

— Quando você foi capturada pela cobra macho, a criatura não ficou muito satisfeita ao descobrir que você não era uma fêmea de sua espécie. Sendo assim, para que Chestnut pudesse impedir que fosse devorada, ele teve de concentrar todos os seus esforços em salvá-la.

Ele hesitou.

— O que significa que...?

— Ele perdeu o controle das outras cobras.

— Os guardas estão mortos?

— Um acontecimento infeliz, porém há um lado positivo — Esau disse.

— Qual?

— Agora há quatro cobras-colares muito bem alimentadas que não vão incomodar os Zaltana por um bom tempo.

No pequeno riacho que corria sob o lar ancestral do meu clã, lavei-me o melhor que pude, tentando tirar do corpo o sangue seco e as tripas grudentas. Minha mãe iria se preocupar com minha aparência em desalinho, apesar de eu estar postada diante dela, sã e salva.

Subindo a escada até o topo das árvores, ponderei os últimos acontecimentos. Podia haver um grupo de Vermes Daviian trabalhando na selva, colhendo videiras e destilando Curare. Não fazia ideia de onde estavam Ferde e Cahil nem de para onde meus amigos haviam desaparecido. E ainda havia um Deformador do Fogo à solta, que possivelmente poderia saltar para fora de qualquer fogueira em Sitia. Em comparação, minha vida em Ixia como a

provadora de comida do Comandante parecia até uma temporada de férias.

Por que eu quisera abandonar Ixia? Uma ordem de execução por eu ser uma feiticeira fora um motivo um tanto quanto irrecusável para eu fugir para Sitia. Isso e o fato de querer conhecer minha família, de quem eu não possuía lembranças, até o Homem da Lua as libertar. Bem, eu conhecera meus pais, e a ordem de execução fora revogada. A ideia de voltar para Ixia e Valek era tentadora.

Alcansei o topo da escada e cheguei a uma pequena sala de espera feita de galhos amarrados uns nos outros. Esau não me esperara. O guarda Zaltana ali postado me informou que meu pai me encontraria nos aposentos de minha família.

Seguindo para o apartamento deles, maravilhei-me com a engenhosidade e a perícia utilizada na construção do vasto complexo de áreas residenciais erguidas acima do solo da selva. Os Zaltana eram criativos, determinados e teimosos. Todas as características que eu já fora acusada de possuir.

Perguntei-me se tais qualidades seriam o suficiente para enfrentar o Deformador do Fogo. Será que eu possuía a experiência ou o conhecimento místico necessários para encontrar o Homem da Lua, recapturar Ferde e impedir que os Vermes matassem mais gente?

A lista de pendências intimidadora e assustadora não me impediria de tentar nem de morrer na tentativa. Porém quantos outros seriam feridos ou mortos no processo por minha causa?

NEM ALCANCEI o apartamento de meus pais. Minha prima Nutty me interceptou no meio do caminho, passando-me uma mensagem para seguir para o salão comum. Ela fez uma careta de repreensão ao passar os olhos pelas minhas roupas rasgadas e manchadas.

— Tenho uma muda de roupa na mochila — eu disse para ela.

— Vamos vê-la então.

Ela estendeu os braços magros e compridos, aguardando.

Sabendo ser inútil discutir com ela, abri a bolsa e mostrei-lhe o outro conjunto de saia-calça com a blusa de algodão que ela fizera para mim. Parecia que toda uma vida de acontecimentos se passara de lá para cá, contudo, na realidade, foram apenas duas estações.

Nutty examinou as roupas com os lábios cheios franzidos, em uma expressão de censura.

— Precisaré de roupas novas. Eu as prepararei para você.

Despedindo-se com um ligeiro aceno da cabeça, ela saltou para os galhos das árvores com a graça e velocidade de um valmur, sem dar atenção para a ponte de corda.

— Ah, cuspe de cobra — ela exclamou lá de cima. — Era para eu ir buscar tio Esau e tia Perl.

Ela mudou de direção e desapareceu por entre as árvores.

Cheguei ao salão comum. Oran, Violet, Chestnut e os dois batedores estavam reunidos. Meu grande alívio ante a ausência de

fogo na lareira central me alarmou. Se eu estava com medo de uma simples fogueira, o que faria quando me deparasse novamente com o Deformador do Fogo? Evitei pensar na possibilidade e me concentrei na questão à mão.

Assim que me viu, Stono sentou-se. Seu rosto estava pálido, e tive receio de que ele fosse desmaiar. Sem me fitar nos olhos, ele murmurou um agradecimento para o chão. Oran e Violet continuaram a interrogar Chestnut sobre as cobras-colares.

Chestnut estava irrequieto e gaguejava.

— Eu quis ajudar.

— Não tinha a nossa permissão — Oran disse. — E agora quantos estão mortos?

— Seis — Chestnut respondeu baixinho.

— Fez muito bem, Chessie — Stono falou. — Quem dera houvesse matado todos eles. Arrancado-lhes as tripas e os estrangulado com elas!

Os olhos de Stono iluminaram-se com uma intensidade homicida.

Com expressões chocadas nos rostos, os anciões voltaram-se para Stono.

Violet foi a primeira a se recuperar.

— Stono, você passou por maus bocados. Por que não vai descansar um pouco? — ela ordenou.

Ele ficou de pé com as pernas trêmulas, avançou alguns passos e parou ao meu lado.

— Se você quiser, matarei a cobra que tentou devorá-la — ele sussurrou ao meu ouvido. — Avise-me do que quiser que eu mate para você.

Virei-me para protestar, mas o batedor seguiu seu caminho.

— O que ele disse? — Oran perguntou.

O que mesmo? Uma oferta de vingança com relação a uma cobra ou algo muito mais perturbador?

— Ele disse que gostaria de me ajudar.

— Não sem a *nossa* permissão.

Tentando parecer importante, Oran estufou o peito.

— Não pode simplesmente usar os membros do nosso clã como seu exército pessoal. Levar Chestnut para uma situação

desconhecida e perigosa, que poderia tê-lo matado, foi errado.

Eu já me enchera de Oran Cinchona Zaltana. Aproximando-me dele, eu disse:

— Poderia, mas não matou. Se tivéssemos aguardado *sua* permissão, você *teria* perdido três membros do clã. E eu não demoraria muito discutindo como vão fazer para localizar um possível ninho de Vermes morando na *sua* selva. Se esperar demais, eles provavelmente se multiplicarão.

— Do que está falando? — Violet perguntou.

Foi então que Esau e Perl se juntaram a nós. Tendo escutado meu aviso, Perl levou a mão à garganta, e a expressão severa do rosto de meu pai ficou ainda mais séria.

— Papai, será que poderia informar aos anciões sobre a ameaça em potencial? Tenho de cuidar de outros assuntos — eu disse.

— Aonde você vai? — Perl perguntou.

— Achar meus amigos.

Encontrei Leif no apartamento de nossos pais. Ele estava dormindo profundamente no sofá, e me dei conta de que eu não sabia se ele possuía seus próprios aposentos no lar ancestral dos Zaltana. Esau havia derrubado a parede do quarto de Leif para expandir sua área de trabalho. Sem querer incomodar meu irmão, segui para meu quarto na ponta dos pés. Logo o sol se poria, e eu queria voar com os morcegos.

Deitando-me na minha cama estreita, senti o sono chegando. Resisti, pensando no Homem da Lua. Ele nos ajudara a curar Stono. Talvez o esforço o houvesse esgotado, deixando-o incapaz de responder à minha busca.

Quando a luz ficou mais fraca, puxei magia da fonte de poder e projetei minha mente na direção da selva. Encontrando a consciência coletiva dos morcegos, juntei-me a eles em sua busca noturna por alimento.

Flutuei de um morcego para outro, pressentindo o espaço abaixo e ao redor. Atenta a qualquer fogueira ou sinal de pessoas, planei pelo ar, sentindo o sol abandonar o céu. Perguntei-me como os morcegos podiam saber o tamanho e as formas de tudo ao seu

redor sem enxergar. Seria um talento que eu poderia aprender? Minha magia me permitia sentir seres vivos, contudo, eu não sentia nada vindo dos objetos inanimados no meu caminho.

Os morcegos invadiam cada seção da selva Illiais. Repousando abaixo do platô Daviian, a selva não era grande. Bastavam dois dias de caminhada para uma pessoa atravessá-la de ponta a ponta. O Mercado de Illias marcava o limite da selva. Alguns morcegos voaram perto das fogueiras do mercado, mas evitaram o ar arenoso e as barulhentas multidões.

Retraí minha consciência. Não tendo encontrado sinais físicos do Homem da Lua e dos outros na selva, decidi que Leif e eu viajaríamos até o mercado amanhã. O mercado era o ponto de encontro que havíamos combinado, ainda no platô. Se o Homem da Lua seguira os Vermes para fora da selva, ele, mais cedo ou mais tarde, nos procuraria ali. Pelo menos, era o que eu esperava.

Quando acordei, na manhã seguinte, havia um grupo de pessoas na sala de estar dos meus pais, em meio a uma animada conversa.

— É a sua vez. Eu entreguei uma carroça de toranjas da última vez — Nutty disse para Chestnut. — Está vendo? — Ela ergueu a mão direita. — Ainda tenho as bolhas para provar.

— Não sou burro. Elas são de passar a noite toda acordada, terminando as roupas que está devendo a Fern — Chestnut retrucou. — É a sua vez de ir ao mercado.

— Você não pode sair por aí colhendo tudo quanto é videira de Curare, Esau. Vai demorar várias estações — Perl afirmou. — E quanto aos Vermes? Se eles o capturarem de novo...

A mão de Perl voou até a garganta, como se estivesse tentando bloquear as emoções que se acumulavam no seu coração.

— Não estou preocupado com isso — Esau disse. — Estou preocupado com o que eles poderão fazer com o Curare!

— Curare pode ser combatido com Theobroma — Leif lembrou a Esau. — Só precisamos nos certificar de que todo mundo carregue um pouco consigo.

— Não é a minha vez — Nutty afirmou.

— É sim — Chestnut retrucou.

— Yelena! — Nutty gritou ao avistar-me. — Fiz outro conjunto de saia-calça e blusa para você.

Ela ergueu uma estampa azul-clara e amarela.

— Obrigada — eu respondi. — Você não precisa ir até o mercado, Nutty. Posso entregar as roupas por você. E, Leif, Theobroma serve para recuperar os movimentos, porém deixa quem o toma indefeso contra ataques místicos. Pai, será que consegue dar um jeito para o Theobroma funcionar contra o Curare sem os efeitos colaterais? Isso seria muito mais útil do que arrancar todas as videiras. Além do mais, não consegui encontrar nenhum indício de que os Vermes estejam coletando videiras, contudo, acho que mandar um grupo de batedores bem armados vasculhar a selva, de tempos em tempos, seria uma boa ideia.

— Yelena chegou — Leif disse. — Problemas resolvidos — brincou.

— Terei menos dificuldades com o Theobroma do que convencendo Oran e Violet a enviar grupos avançados — Esau comentou. — Eles querem se trancar aqui no lar ancestral e se esconder do mundo!

— Eu cuidarei de Oran e Violet — Perl disse.

A determinação estava estampada no seu rosto carrancudo, que se virou para mim.

— Já vai nos deixar?

— Precisamos ir ao encontro dos nossos cavalos e dos outros membros do nosso grupo — expliquei.

— Eles estão no mercado? — Leif indagou em um tom de voz esperançoso.

— Gente demais por lá para eu ter certeza. De qualquer modo, precisamos procurar sinais de Ferde e Cahil.

Eles podiam estar em qualquer lugar a essa altura, fazendo coisas indescritíveis. Estremeci só de pensar na barriga arruinada de Stono.

— Não sem tomarem café da manhã.

Perl correu na direção da cozinha.

— Vou buscar os vestidos.

Nutty saiu correndo.

— É melhor eu ir preparar minha mochila. — Leif sorriu. — A vida jamais é entediante com você por perto, irmãzinha.

— Do que você precisa? — Esau me perguntou.

— Estou ficando sem Theobroma e sem Curare.

Ele caminhou até o elevador e subiu até o segundo andar. Chestnut olhou ao redor, passando os olhos pela sala subitamente silenciosa. Ele parecia inquieto sob o meu olhar, e me dei conta de que queria conversar sobre algo além de quem era a vez de ir ao mercado.

— Agora é a hora — eu falei. — Assim que todo mundo voltar...

— Não posso... — Ele mexeu as mãos, como se quisesse puxar seus pensamentos do ar. — Estou tendo dificuldades para esquecer...

— Envolvendo o próprio corpo com os braços, Chestnut embalou-se com frustração. — Como pode estar tão calma? De pé aí, fazendo planos, dando ordens. Seis pessoas morreram. Stono voltou da morte e agora está diferente...

— Diferente? Como?

— Provavelmente não é nada. Foi um choque grande pelo que ele passou, mas, de alguma forma, está mais duro. — Chestnut sacudiu a cabeça. — Não é essa a questão. Seis pessoas mortas pelas cobras-colares. Essa é a questão.

Entendi o seu problema.

— Jamais perdeu alguém para uma cobra?

— Ninguém. Sei que é uma morte terrível. Pelo menos, morrem antes de serem engolidos. Eu sempre senti um pouco de curiosidade...

Ele encolheu-se de culpa.

— Curiosidade para ver uma cobra devorar a presa, e sente-se responsável por não ter detido as cobras?

— É.

Ele praticamente sibilou a palavra.

— Pense no que teria acontecido se as cobras houvessem soltado os Vermes.

— Você e Stono teriam morrido.

— Também não estou feliz com a morte de seis pessoas, contudo, considerando a alternativa, sou capaz de justificá-las em minha mente. — Um arrepio percorreu meu corpo. Desde que não pensasse muito a respeito. — Você perguntou como posso estar tão

calma. Não tenho tempo para não estar. Eu gostaria de poder lamentar e me preocupar e reclamar, mas isso não leva a resultado algum.

— E resultados são importantes, não são, Yelena? — Leif perguntou, adentrando o aposento. — Uma das primeiras coisas que a Primeira Feiticeira me ensinou quando cheguei à Fortaleza foi a deixar o sentimentalismo para trás. Roze acredita que recebeu o dom da magia para usá-lo para um propósito, e ela não pode permitir que a culpa e o remorso a impeçam de realizar tal propósito. — Leif esfregou o queixo, e seu rosto assumiu uma expressão pensativa. — Você é muito parecida com ela.

— Não sou não.

— Foi um elogio. Ambas são inteligentes. Mulheres de ação. Líderes natas.

Eu discordava. Não me portava como Roze. Ela era uma tirana que achava saber tudo e não parava para considerar outras opções nem o ponto de vista de outras pessoas. Eu não era assim. Era?

— Embora *ela* tenha um mau gênio — Leif prosseguiu. — Estava enganada quanto à direção tomada por Ferde e Cahil. Roze não vai ficar contente de saber disso.

— Com isso, eu concordo — afirmei.

— Concorda com o quê? — Esau perguntou, chegando com vários recipientes nos braços.

Nutty chegou com a sua pilha de roupas, e Perl retornou com uma bandeja cheia de frutas e chá. Quando acabamos de comer, as horas da manhã já haviam passado.

— É melhor irmos. Teremos de nos apressar para chegar ao mercado antes de escurecer — Leif disse.

— Yelena, você precisa voltar para uma visita decente — minha mãe instruiu. — Talvez depois que sua vida se acalmar. — Ela pensou por um instante e acrescentou: — Talvez possa se planejar para nos visitar. Não vejo as coisas se acalmando para você por um bom tempo.

— Sabe disso devido à sua mágica? — indaguei.

— Não, minha querida. Devido à sua história.

Um sorriso demorou-se nos seus lábios antes que a séria expressão materna de Perl retornasse tempo suficiente para ela me dar um sermão sobre tomar cuidado.

Com as mochilas cheias, Leif e eu descemos pelas cordas até o chão da selva. Ele começou a caminhar em um passo acelerado, e eu apressei-me em acompanhá-lo. Quando paramos para descansar por um instante, deixei a mochila pesada deslizar até o chão e massageei as costas doloridas. Agora sabia muito bem o que sentia um cavalo de carga... Kiki!

— Leif, essa trilha segue larga assim até o mercado?

— Desde que nenhuma árvore tenha tombado recentemente. Os Zaltana costumam mantê-la sempre livre. Por quê?

— Os cavalos.

Ele espalmou a testa.

Com a minha mente, tentei alcançar os pensamentos de Kiki.

Ela estava escondida com Garnet e Rusalka na floresta a oeste do mercado.

Atrasada, ela disse em meus pensamentos. *Suja. Faminta.*

Pode vir ao nosso encontro na trilha da selva? Chegaremos mais rápido ao mercado. Cuidaremos de vocês mais depressa.

Ela concordou. Em silêncio, Leif e eu continuamos a caminhada por mais algum tempo. Quando a luz do sol começou a ficar mais fraca, o zumbido dos insetos foi ficando mais intenso.

— Vivo me esquecendo de que você é capaz de se comunicar com cavalos — Leif disse. — Acho que pode ser a primeira na história de Sitia.

— Tem certeza?

— Todos os alunos da Fortaleza tiveram de aprender sobre os magos do passado e seus poderes, mas o mestre Bloodgood é quem poderia lhe dizer com certeza.

Bain Bloodgood, o Segundo Feiticeiro, era um livro de história ambulante e falante. Minha lista de perguntas ficava maior a cada dia que passava. Tinha muito a aprender sobre magia e sobre história. Às vezes, sentia-me intimidada só de pensar no quanto e me lembrava de como eu ainda era despreparada.

Como foi que acabei recebendo os poderes de uma Descobridora de Almas? Ambos os meus pais não possuíam poderes o suficiente para serem convidados a estudar na Fortaleza, de modo que eu não os herdara. Será que fora pura sorte?

Leif interrompeu meus pensamentos.

— Conhece mais alguém capaz de falar com cavalos?

— O Cavalariço diz que conhece o estado de humor e as intenções dos cavalos, mas ele não exatamente escuta as palavras na sua cabeça.

E ele olhara para mim como se asas houvessem brotado nas minhas costas, quando mencionei o fato.

— E lá em Ixia?

Considerarei a pergunta. Quando o Comandante tomara o poder em Ixia, dezesseis anos atrás, ele ordenara a Valek, seu chefe de segurança, que assassinasse todos os feiticeiros. Desde então, sempre que um ixiano desenvolvia a habilidade de usar magia, normalmente após a puberdade, Valek assassinava a pessoa, caso esta já não houvesse fugido para Sitia. Não havia magos em Ixia, contudo, meus pensamentos se demoraram em Porter, o mestre do canil do Comandante. Ele possuía um talento incomum com os cães e jamais precisara de correias ou de apitos para conseguir que eles o obedecessem.

— Talvez um outro — eu disse. — Embora ele jamais admitisse isso. Significaria sua sentença de morte.

— Talvez possamos ajudar a trazê-lo para Sitia.

— Não acho que ele fosse querer vir.

— Por que não?

A simples noção chocou Leif.

— Eu explico mais tarde.

Não possuía a energia para educar Leif quanto às políticas do Comandante. Criado em Sitia, Leif acreditava que Ixia era um lugar terrível para se morar. Que, com o severo Código de Conduta, exigências de uniforme e a necessidade de se obter permissão para casar ou para mudar-se para outra casa em Ixia, seus cidadãos deviam ser extremamente infelizes. Ixia não era perfeita, mas havia vantagens em se morar lá. Para mim, Valek era uma delas.

Sentia falta de vê-lo todos os dias, sentia saudades de discutir sobre venenos e táticas de combate e de ter uma alma gêmea que sabia do que eu precisava, antes que eu mesma me desse conta. Suspirei. Melhor ter imunidade à magia, como Valek tinha, do que ser essa temida Descobridora de Almas. Uma Descobridora de Almas e totalmente inútil contra um Deformador do Fogo.

A posição do Comandante no que se referia à magia não parecia tão extrema agora. Magia causava problemas. E o que os Vermes haviam feito para aumentar seu poder era mais terrível do que qualquer coisa que eu testemunhara em Ixia.

— Leif, e quanto ao Deformador do Fogo? — perguntei. Desde o incidente na selva, não tivera tempo de discutir isso com ele. — Você já havia visto um mago saltar do fogo antes?

— Não. Roze Featherstone possui a habilidade de criar enormes fogueiras, capazes de consumir prédios inteiros, contudo, ela se queimará se chegar muito perto de uma delas. Desde que você voltou para casa, tenho visto todo tipo de magia estranha. Você desperta o melhor e o pior nas pessoas — Leif tentou brincar.

Eu não achei graça.

— Os Vermes estão usando antigos rituais místicos. Sabe alguma coisa a respeito deles?

— Os poderes dos Tecelões de Histórias dos Sandseed são lendários. Costumavam ser chamados de Guerreiros Efe. Eu achava que as histórias sobre esses guerreiros eram exageradas. — Leif interrompeu-se por um instante. — Até agora. Dois mil anos atrás, antes dos clãs sitianos se unirem, a tribo Efe dominava as outras. Usando magia de sangue, os Efe não tinham rivais. Os outros clãs lhes davam o que eles queriam. Comida, ouro ou sacrifícios, na esperança de apaziguá-los. Houve uma desavença entre os governantes dos Efe, e uma guerra civil começou. A batalha que se seguiu arrasou as montanhas Daviian.

— Montanhas?

— Agora um platô.

— Minha nossa.

— É. Após isso, um novo líder chamado Guyan assumiu o controle dos sobreviventes da tribo. Ele declarou que plantaria as sementes

para uma nova tribo nas areias que caíram quando as montanhas foram destruídas. Foi então que surgiu o nome Sandseed, e seus magos foram, então, chamados de Tecelões de Histórias.

O trovejar de cascos interrompeu a história de Leif. O rosto de Kiki foi uma visão bem-vinda, embora seus olhos azuis parecessem cansados e a lama recobrisse o seu pelo cor de cobre. Garnet e Rusalka não estavam com aparência muito melhor.

Leif e eu alimentamos e demos água para os cavalos. Eu queria escová-los e permitir que descansassem, mas Leif insistiu para que, primeiro, chegássemos ao mercado.

— Há predadores demais durante a noite — ele alegou. — Os cavalos atrairão todas as onças das árvores da selva.

Mercado perto, Kiki disse. Selva cheira... estranho.

Montamos e galopamos na direção do mercado. Estando conosco, os cavalos não tiveram de se esconder, e nós os escovamos perto do acampamento dos Zaltana, atrás das construções do mercado, quando o sol começou a se pôr. Muitos clãs haviam construído acomodações permanentes para seus membros ficarem, enquanto trocavam ou compravam mercadorias.

O Mercado de Illiais só fechava tarde da noite. Várias tochas ficavam acesas para permitir a continuação dos negócios, embora o movimento dos fregueses pechinchando, discutindo e comprando ficasse menos intenso ao cair da noite.

Após abrigar os cavalos, caminhei apressadamente através da coleção de casas de bambu com telhados de palha. A maioria dos proprietários fechara as portas e janelas de bambu para impedir a entrada da brisa fria da noite. Eu estivera ali antes, no início da estação quente, e as cortinas haviam sido enroladas para ajudar a refrescar os funcionários.

Passando os olhos pelas pessoas do mercado, eu procurava o Homem da Lua. Detive alguns fregueses, perguntando se haviam visto meus amigos. O proprietário de uma das barracas recordava-se de ter visto alguns homens correndo pelo mercado, alguns dias atrás, mas não conseguia descrevê-los.

Minha imaginação entrou em ação, e visões do Homem da Lua, Tauno e Marrok estaqueados no chão para o ritual Kirakawa

preencheram minha mente. Escondidos atrás de um escudo negativo, eu não conseguiria encontrá-los, e cada minuto que desperdiçávamos era outro minuto que Cahil e Ferde ganhavam.

Concentrando-me na tarefa à mão, inspirei os aromas do mercado para aliviar o aperto no meu peito. Os temperos exóticos oferecidos pelo clã Greenblade se misturavam ao aroma de carne assando. Meu estômago roncou de fome. Antes que pudesse parar para comer, entreguei o embrulho de roupas para Fern. A mulher pequena suspirou de alívio.

— Pensei que Nutty não fosse terminá-las a tempo — exclamou de trás de uma mesa com uma pilha de rolos de tecidos.

— Pensei que você vendesse tecido — eu disse.

— Estou expandindo o negócio. Nutty está ficando com uma reputação e tanto.

— Isso é bom ou ruim?

— Os dois. Algumas das mulheres Greenblade se cansaram das túnicas e perneiras verdes e lisas e querem um guarda-roupa mais colorido. Elas têm comprado todos os vestidos, blusas e saias-calças que Nutty tem me mandado. Eu forneço os tecidos, e nós dividimos os lucros. Contudo, os anciões do clã não estão muito satisfeitos com a quebra das tradições.

Como membros de um clã que habitava a floresta, os Greenblade costumavam usar as cores da mata. Olhei ao redor e, dito e feito, avistei algumas mulheres usando as coloridas criações de algodão de Nutty. Eu presumira que fossem Zaltana, porém, olhando mais de perto, pude ver o tom claro de bordô da pele dos Greenblade.

Em Ixia, eu sabia em que Distrito Militar alguém morava pela cor de seus uniformes. Aqui era tudo uma questão de saber como cada clã gostava de se vestir. Interessante.

— Yelena, você precisa de algum tecido novo? — Fern perguntou. Ela puxou um rolo de material de debaixo da mesa. — Eu acabo de terminar esta linda estampa verde. Está vendo? — Ela a ergueu diante da luz das tochas. — Apenas um pouquinho de dourado trançado através do tecido. Combina perfeitamente com os seus olhos.

Eu ri.

— Você é uma vendedora e tanto. Mas Nutty acabou de me fazer um conjunto novo.

Sem se deixar frustrar, Fern encontrou outro rolo. O dourado vivo me chamou a atenção assim que ela desenrolou o tecido.

— Este seria para a blusa. — Ela me observou por um instante. — Devo enviar um pouco para Nutty, no seu nome?

— Você é diabólica.

Ela sorriu.

— Estou apenas pensando no melhor para as minhas freguesas.

— E para o seu livro-caixa.

Um sorriso predatório apareceu no rosto dela. Paguei o tecido e fui embora antes que ela pudesse me convencer de que eu precisava de outro conjunto. Comprei um pouco de mel avibian para o Cavaliço, antes de comprar um pouco de carne grelhada para comer enquanto verificava as outras barracas do mercado. Os artigos expostos para venda incluíam produtos artesanais, roupas, frutas e bolos.

Parei, por um instante, para examinar um anel de prata trabalhada com uma pedra da lua preta. Devolvendo-o ao balcão, coloquei de lado a ideia de comprar o anel. Restavam apenas algumas moedas do dinheiro que eu ganhara como Assistente de Feiticeira.

Além do mais, eu já usava o pingente de borboleta e o bracelete de cobra. Ambos haviam sido esculpidos e presenteados por Valek. Mexi no pingente sobre o peito, pensando nele.

Será que ele estava na sua sala de trabalho, criando outra estatueta de animal? Talvez estivesse discutindo táticas militares com Ari e Janco ou duelando com Maren. Ela me ensinara a lutar com um cajado, e as próprias habilidades de Maren haviam melhorado. Talvez estivesse com Valek, agora mesmo, trabalhando em algum projeto complicado que exigia que passassem todos os dias juntos. Talvez Valek acabasse se esquecendo de mim. Talvez ficasse feliz em ter Maren ao seu lado.

Não. Forcei-me a ignorar tais pensamentos. Já tinha muito com o que me preocupar sem me deixar assombrar por preocupações inventadas. Determinada, segui de volta para o acampamento.

Talvez uma nova busca mística da região me revelasse o Homem da Lua e os outros.

Leif e eu aguardamos mais um dia por algum sinal do Homem da Lua. Rondei o mercado, praguejando baixinho. Cada minuto que desperdiçávamos reduzia a possibilidade de recapturarmos Cahil e Ferde. Vasculhei a floresta com minha magia, conectando-me com as criaturas do bosque. A área permanecia serena, imperturbada.

Naquela noite, discutimos nosso próximo passo. Sentada diante da fogueira, fitei as chamas. O cajado estava ao meu alcance, mas eu não acreditava que a arma pudesse fazer muito contra o Deformador do Fogo.

— Deveríamos voltar para a Cidadela — Leif disse. — É o que faz mais sentido.

— E quanto aos Sandseed? Eles deixaram seu clã desprotegido nas Planícies. Talvez precisem de ajuda, e deveríamos lhes contar sobre o Homem da Lua e Tauno.

— Contar-lhes o quê? Que nós os perdemos? Prefiro lhes contar que Tauno tem medo de altura e que o Homem da Lua é claustrofóbico.

E eu preferia tê-los conosco. Adiado a decisão, eu disse:

— A direção de nossa viagem é a mesma, tanto para a Cidadela quanto para as Planícies. Amanhã, seguiremos para o norte.

Leif concordou. Ele esticou sua manta ao lado do fogo e deitou-se. Usando a sela de Kiki como almofada, cobri-me com a capa e tentei me acomodar no chão, ao lado de meu irmão.

— Deveria chegar mais para perto do fogo. Vai acabar congelando — Leif disse.

— Estou bem.

Ele ficou quieto por um instante.

— Talvez o Homem da Lua e os outros tenham se perdido.

— Pouco provável. Se tivessem se perdido na selva, eu os teria encontrado.

— Marrok tem medo de se perder — Leif disse baixinho. — E você tem medo de...

— Leif, vá dormir. Temos um longo dia pela frente amanhã.

Rolei para o lado, dando as costas para ele. Não queria que ele desse nome ao meu temor. Um nome o tornaria real.

Com frio e pouco à vontade, virei de um lado para o outro, tentando dormir. Sonhos perturbadores de fogo e morte invadiram minha mente. Chamas se acendiam em um sonho benevolente, aqui e ali, até se multiplicarem e consumirem toda a bela cena, queimando as imagens até transformá-las em uma tempestade de cinzas negras. Acordei tossindo com uma fumaça imaginária, meu corpo coberto de suor.

Para evitar os pesadelos, observei a lua ascender por sobre as árvores da floresta. Quando Ferde estivera, desenfreadamente, roubando almas, os Mestres Feiticeiros e eu desenvolvemos uma teoria de que os rituais de assassinato estavam vinculados às fases da lua. Estávamos enganados. Ele só precisava de tempo suficiente para torturar suas vítimas para que se submetessem à sua vontade, para que ele pudesse lhes roubar as almas. Os antigos símbolos e rituais Efe que usava para coletar as almas o teriam tornado o mago mais poderoso de Sitia, caso houvesse conseguido reunir todas as doze almas. Valek e eu o impedimos de absorver a alma de Gelsi e de completar o ritual, porém ele agora estava livre para tentar novamente. E Cahil o ajudara. Como pôde? Não conseguia acreditar que Cahil tivesse se envolvido, após testemunhar o que Ferde fizera com aquelas moças. Mas ele ajudara Ferde a escapar das celas de proteção da Fortaleza e agora viajava com ele. Será que estava faminto por poder? Não podia mais reivindicar o trono ixiano. Será que, então, queria governar Sitia?

Estudei a lua. Prestes a ficar cheia, o disco claro iluminava a paisagem. Pensei no poder da lua e por que certas coisas, como o ritual Kirakawa, precisavam da presença dela para funcionar. Podia sentir a camada invisível de poder revestindo o céu, porém nada sentia vindo da lua.

Em um sutil reflexo de luz, o Homem da Lua apareceu em meio a um raio de luar azulado, como se houvesse sido invocado por meus pensamentos. Estava de pé ao lado da fogueira, sem roupas ou arma.

Você é um sonho?, perguntei.

Profundas rugas de exaustão lhe marcavam o rosto, mas ele esforçou-se para sorrir e disse:

Talvez eu tenha sido sempre um sonho. O que acha?

Acho que estou cansada demais para discutir filosofia de Tecelões de Histórias com você. E se você não é real, então, pelos menos, seja útil e me diga onde você, de fato, está!

Eu estou aqui.

E o Homem da Lua desabou de joelhos no chão.

LEVANTEI-ME COM um salto e corri até a forma agachada do Homem da Lua, diante da fogueira. Envolvendo os ombros musculosos do Homem da Lua com minha capa, compartilhei minha energia com ele.

— Você está bem? O que houve? Onde estão os outros? — perguntei.

— Estão todos bem. Explicarei mais tarde.

Ele puxou a borda de minha capa mais para perto do rosto.

— Explicará mesmo? Ou simplesmente oferecerá alguns detalhes vagos ao estilo típico dos Tecelões de Histórias?

Ele respondeu com um ronco baixinho.

Reprimi a vontade de compartilhar mais poder com ele e acordá-lo. O sono era a melhor maneira para o Homem da Lua recuperar as forças após usar magia. Infelizmente, eu não podia dormir. Peguei um cobertor extra de dentro do alforje de Leif e o usei para cobrir o Homem da Lua. Minha capa não parecia ser proteção suficiente contra o ar frio da noite. Apesar de minha relutância, alimentei a chama da fogueira com um pouco de lenha.

Fitei as labaredas dançantes, perguntando-me que outras surpresas me aguardariam. As respostas viriam com o tempo, mas minha capacidade de lidar com elas permanecia em dúvida.

Apesar da barulheira dos gritos dos compradores e dos lojistas vinda do mercado movimentado, o Homem da Lua só foi acordar quando o sol já alcançara seu apogeu. Quando o Tecelão de Histórias terminou de comer a refeição que Leif solicitamente lhe preparara, minha impaciência já acumulara tanta energia que eu provavelmente seria capaz de escalar uma árvore lisa sem o auxílio de uma corda.

— Conte-nos tudo — exigi antes que ele pudesse engolir o último bocado.

Ele sorriu ante minha agitação. O cansaço ainda lhe marcava as feições, mas seus olhos reluziam com um brilho divertido.

— E nem venha com a típica asneira enigmática de Tecelão de Histórias, ou eu...

— O quê? — o Homem da Lua perguntou.

— Eu o machucarei. E feio. Fale logo.

O Homem da Lua lançou um olhar para Leif.

Meu irmão deu de ombros.

— Eu já a vi manejar aquela vara. Mas se você estivesse com sua cimitarra...

— Arriscado demais — o Homem da Lua disse.

Ele viu a fúria aumentando nos meus olhos e, sabiamente, começou a nos contar o que acontecera.

— Depois que você e Leif distraíram o Deformador do Fogo, perseguimos os Vermes pela selva. E os teríamos pegado se você não tivesse precisado da minha ajuda. — O Homem da Lua me lançou um olhar sugestivo. — Como está o batedor?

— Vivo e passando bem — respondi.

— Voltou a ser ele mesmo?

Hesitei, mas não podia deixar o Homem da Lua mudar de assunto.

— Ele está bem. Continue a sua história.

— Ajudá-la drenou toda a minha energia, e precisei descansar por alguns instantes — o Homem da Lua contou. — Marrok rastreou os Vermes até o Mercado de Illiais e, depois, para o norte, até a cidade de Booruby. É um lugar movimentado, e perdemos a pista dos Vermes. Gente demais.

Ele estremeceu. O movimento me lembrou da alegação de Leif de que o Homem da Lua era claustrofóbico. A cidade era o verdadeiro oposto do espaço aberto de seu lar, nas planícies Avibian. Localizada no extremo norte das terras do clã Cowan, os limites leste de Booruby davam para as Planícies e estavam longe demais para a minha magia alcançar.

— Onde estão os outros? — Leif quis saber.

— Alugamos um quarto em uma das estalagens. Deixei Tauno e Marrok lá para localizar qualquer informação sobre os Daviian e voltei para me juntar a vocês.

Leif olhou ao redor.

— E como, exatamente, chegou aqui?

O Homem da Lua sorriu.

— Um poder secreto dos Tecelões de Histórias.

— Você usou o luar — eu disse.

Ele sorriu em sinal de aprovação.

— Atravessei o mundo das sombras. O luar revela o mundo das sombras, permitindo acesso a ele.

— Foi lá que me mostrou a história de minha vida? — perguntei, lembrando-me da planície escura que se transformara em visões de minha infância.

— Isso mesmo. É um lugar onde desembaraço filamentos de histórias para ajudar os outros a aprender com o passado enquanto tecem o futuro.

— É um lugar físico?

Eu já estive lá duas vezes. Na segunda, o Homem da Lua levara a mim e a Leif para desembaraçar os nós de hostilidade e raiva que tínhamos um para com o outro. Contudo, todas as vezes eu me sentira imaterial, como se meu corpo houvesse se transformado em fumaça.

— Ele existe nas sombras do nosso mundo.

— Qualquer um com poderes místicos pode adentrar o mundo das sombras?

— Até agora, apenas os Tecelões de Histórias possuem tal habilidade. Mas estou aguardando para ver se há outros bravos o bastante para reivindicar tal dom.

Seus olhos fitaram os meus, e vislumbrei sombras. Ele desviou o olhar.

Rompendo o silêncio, Leif disse:

— Independentemente de como fez para chegar aqui, ainda precisa trabalhar nas suas habilidades de transporte. Talvez, da próxima vez, possa trazer algumas roupas consigo.

Leif e eu compramos calça e túnica beges para o Homem da Lua, além de suprimentos para a viagem. Guardando tudo nos alforjes, aprontei os cavalos. O Homem da Lua montaria Garnet até alcançarmos Booruby.

Seguimos para o norte, tomando uma trilha conhecida através da floresta. Vasculhei os arredores com minha magia, mas supus que não haveria muita chance de sermos emboscados, graças a todos os viajantes e caravanas que trafegavam pela trilha. Leif também usou sua magia para sentir as intenções dos Vermes, mas nada conseguiu discernir.

Assim que alcançássemos Booruby, encontraríamos os outros e decidiríamos nosso próximo passo. Remoí, na cabeça, o fato de termos perdido os Vermes e me preocupei com a direção que Ferde e Cahil pudessem ter tomado. De volta para as Planícies ou para o platô? Ou tramando outro plano para obter poder?

Ferde sequestrara Tula de seu lar, em Booruby. Sua única vítima encontrada com vida, Tula fora enviada para a Fortaleza dos Magos. Eu curei-lhe o corpo e encontrei-lhe a alma, apenas para perder ambos para Ferde. A culpa instalou-se na minha garganta. A liberdade dele me consumia a alma.

Apertei com força as rédeas, fazendo com que Kiki bufasse de agitação.

Desculpe. Relaxei. Estava pensando em Ferde e em Cahil.

Homem Hortelã gosta de maçã, Kiki disse, referindo-se a Cahil.

Por que diz isso?

Eu sabia que Kiki adorava maçãs.

Ele maçã preta. Ninguém quer.

Vi a imagem de maçãs apodrecendo no chão.

Ruim. Mas boas virão.

Kiki mostrou como as sementes dentro das maçãs adquiriam raízes e se tornavam árvores após as frutas apodrecerem.

Está dizendo que algo de bom poderá vir do Homem Hortelã? Ou, se ele morrer, poderá ser vantajoso?

Sim.

Conselhos enigmáticos de um cavalo. Bem, agora eu poderia morrer feliz. Já escutara de tudo.

Dois dias mais tarde, alcançamos Booruby. Aglomerações de casas de pedra e madeira marcavam os limites da cidade. A floresta ficava mais esparsa. E o ar puro transformava-se em uma névoa fina de fumaça, poeira de carvão e serragem, que pairava sobre as construções da rua principal. O ar espesso nos agrediu com cheiros de lixo misturados ao de dejetos humanos. As pessoas se acotovelavam nas calçadas, e carroças cheias de produtos trafegavam pelas ruas. Lojas e barracas se intercalavam com fábricas e escritórios.

O rosto alarmado do Homem da Lua deixou bem claro o seu desconforto quando manobramos nossos cavalos pelas ruas movimentadas. Ele nos conduziu até a Estalagem dos Três Fantasmas. A construção de pedra encostava sua estrutura estreita de quatro andares no seu vizinho. Através de um beco, conduzimos os cavalos até um estábulo vazio, grande o suficiente para conter seis cavalos.

As baias estavam limpas e continham água e feno frescos. Um ajudante de cavalaria logo se juntou a nós quando retiramos as selas dos animais. O menino calado nos ajudou a escová-los e a alimentá-los. Ele me lançou um olhar tímido quando eu lhe dei uma gorjeta.

Passamos por várias estalagens ao entrarmos na cidade.

— Por que essa estalagem? — perguntei ao Homem da Lua enquanto carregávamos nossas mochilas através do beco.

— Gostei do nome. Contudo...

Ele se interrompeu, como se perdido em pensamentos.

— Contudo? — insisti.

— Eu ainda não encontrei os três fantasmas. Talvez você tenha mais sorte.

Eu ri.

— Você não acredita mesmo em fantasmas, acredita?

O Homem da Lua se deteve, e eu esbarrei nele. Ele virou-se, revelando sua expressão chocada.

— Como é que *você* não acredita? Existem almas perdidas. Você pode ajudá-las a encontrar o seu caminho. Como fez por Reyad.

Estendi a mão para me firmar.

— Reyad era... — O homem que eu matara em Ixia. O motivo de eu estar aguardando a execução antes de Valek me oferecer o trabalho de provedora de comida. — Como foi que você...

— Tecelão de Histórias, lembra? Conheço todos os filamentos que entremeiam a sua vida.

— Mas pensei que o fantasma dele houvesse sido minha imaginação. Uma manifestação de meus medos. Por que jamais vi outros? Se os posso ajudar, por que não estão me rondando?

— Talvez estejam, e você simplesmente não quer enxergá-los.

— Isso é esquisito — Leif disse.

Concordei com ele. Fiquei toda arrepiada só de me imaginar cercada por fantasmas invisíveis.

— Eu poderia ensinar...

— Vamos entrar — sugeri, interrompendo a oferta do Homem da Lua. De todas as coisas que eu queria que ele me ensinasse, enxergar fantasmas não estava no topo da lista.

— É, vamos. Estou com fome.

Leif massageou a barriga.

Adentramos a área comum. Mesas e compridos bancos de madeira, arranhados devido ao uso, ocupavam o aposento. O fogo ardia na lareira de pedra, contudo, o recinto estava vazio.

— Ainda faltam algumas horas para o jantar — uma mulher disse. Ela apareceu no vão da porta, próximo à parede dos fundos. Avistando o Homem da Lua, ela sorriu e caminhou na nossa direção.

— Sr. Lua! Fico tão contente que tenha voltado. Seus amigos saíram hoje de manhã, mas desconfio que estarão de volta para o jantar. Sr. Tauno adora o meu ensopado de legumes.

O cabelo grisalho da mulher estava preso para trás, em um coque. Alguns fios soltos emolduravam o rosto oval. A pele clara me fez imaginar se ela não seria de Ixia. Quando o Comandante dera início à sua campanha para tomar o poder em Ixia, vários ixianos fugiram para Sitia antes de ele fechar as fronteiras.

Com uma expressão sagaz, a estalajadeira passou os olhos azuis como o céu por mim e por Leif. Seu olhar se demorou nas minhas mãos, antes de retornar ao Homem da Lua.

— Precisaré de outro quarto? — ela perguntou.

— Precisarei. Sra. Floranne, esses são Yelena e Leif.

Ela enxugou as mãos no avental antes de apertar as nossas mãos.

— Deixe-me acompanhá-los até os seus quartos então.

Nós a seguimos escada acima. Parando no terceiro andar, ela nos conduziu pelo corredor estreito e abriu a segunda porta à esquerda.

— Este será o quarto da srta. Yelena. Sr. Leif ficará com o senhor, sr. Lua, ou precisarão de outro quarto?

O suor recobria a testa do Homem da Lua quando ele olhou para ambos os lados do estreito corredor, como se estivesse procurando uma saída.

— Leif pode ficar comigo — eu disse, avistando duas camas no interior do quarto pequeno.

A postura rígida da sra. Floranne deixou bem clara sua desaprovação. Contudo, antes que ela pudesse fazer qualquer comentário, acrescentei:

— Ele é meu irmão.

Seu rosto se suavizou, e ela relaxou.

— Tocarei o sino quando o jantar estiver pronto. Não se atrasem.

Ela nos deixou a sós.

Leif reprimiu uma risada.

— Lugar interessante este que encontrou, sr. Lua.

— Se Leif tivesse sido meu amante em vez de meu irmão, será que ela teria nos deixado ficar juntos?

— Não sei — o Homem da Lua respondeu.

— Talvez os fantasmas não apreciem comportamento inapropriado — Leif comentou, rindo.

O Homem da Lua seguiu para seu quarto no fim do corredor, para verificar se Tauno ou Marrok haviam nos deixado algum recado. Enquanto colocávamos alguns dos nossos pertences sobre as camas, remói na cabeça o comentário de Leif.

— Seria considerado inapropriado se Valek e eu...? Você sabe.

— Yelena — Leif exclamou, fingindo indignação. — Não me diga que você e Valek...

— Apenas responda à pergunta.

— Alguns clãs, como o clã Bloodgood, são muito severos e exigem que um casal seja casado antes de morar junto. Outros, como os Zaltana, preferem que o casal seja casado, mas não fazem caso se não for. E temos também os Sandseed, que sequer acreditam no casamento. Simplesmente fazem o que têm vontade. — Ele esticou os braços para o lado. — Com a sua aversão por usar roupas, não entendo como o clã Sandseed não é infestado de crianças.

— Temos muito cuidado com as nossas sementes da vida — o Homem da Lua disse, do vão da porta. — Não encontrei nenhum bilhete. Querem dar uma volta pela cidade? Eu preciso... — Seu olhar viajou pelo aposento. — É melhor para mim lá fora.

Leif lambeu os lábios.

— Não sei. Não quero perder o jantar. O cozido de legumes estava cheirando muito bem.

— Não se preocupe. Escutaremos o sino. A cidade toda sabe quando o jantar está sendo servido na Estalagem dos Três Fantasmas.

Deixamos a estalagem e vagamos pelas ruas. Usei minha magia em diferentes locais para encontrar sinal dos Vermes, mas simplesmente havia gente demais por perto. Seus pensamentos e emoções me bombardeavam, e eu os bloqueei para não ser sobrepujada. Leif também foi inundado de aromas. Vasculhamos a cidade, procurando escutar todo e qualquer vestígio de informação.

Uma centelha chamou minha atenção. Fileiras e mais fileiras de animais de vidro estavam em exposição em uma vitrine de loja. Os lindos prismas de cores das estátuas irradiavam como se fogueiras estivessem aprisionadas em seu interior. Eles me lembraram de Tula. Ela tinha animais esculpidos com o vidro da fábrica de sua família.

Será que ela havia criado aqueles animais? Seria aquela a loja de sua família?

Espiei através da vitrine, mas não consegui enxergar além dos objetos em exposição. Será que eu deveria entrar e perguntar? Talvez sua família não quisesse me ver novamente. Considerando o que acontecera com Tula e com sua irmã, Opal, não podia culpá-la por me odiar. Afinal de contas, o único motivo pelo qual Opal fora sequestrada, após a morte de Tula, havia sido para trocar a vida dela pela minha. Na ocasião, pensei que Ferde estivesse com Opal, mas fora Alea Daviian, buscando vingança pela morte do irmão, Mogkan. Outro homem em cuja morte eu tomara parte.

Em Ixia, Mogkan fora sedento por poder. Ele assumira não só o controle da mente do comandante Ambrose, como também a de trinta outros inocentes. O desgraçado merecia morrer, mas Alea não enxergara a coisa desse modo e agora também estava morta. Suspirei. Eu devia ficar longe de Opal e de sua família.

A morte me seguia. E, quem sabe, fantasmas também? Será que o fantasma de Alea, ou o de Mogkan, me assombrava? Estendi minhas mãos e girei, desenhando um círculo no ar. Nada.

Leif e o Homem da Lua estavam entretidos na sua conversa, a meio quarteirão de distância. Avancei na direção deles.

— Yelena! — uma voz gritou atrás de mim.

Uma mulher carregando um pequeno caixote apressava-se ao longo da calçada. Um lenço branco lhe cobria o cabelo, e embora o rosto e as mãos estivessem cobertos de fuligem, reconheci o sorriso radiante de Opal e não resisti à tentação de lhe dar um abraço rápido.

— O que está fazendo aqui? — ela perguntou.

— Tenho alguns negócios a tratar. — Antes que ela pudesse perguntar que tipo, eu prossegui. — Esta é a loja da sua família?

Apontei para a loja dos animais de vidro.

— Ah, não. Nossa fábrica fica no lado leste da cidade, praticamente nas Planícies. Vendemos nossos produtos de vidro através de várias lojas em Booruby. Você precisa vir nos visitar! — Ela torceu uma das mãos sobre a outra. — Isto é, se quiser. — Opal

desviou o rosto para o outro lado. — Quero dizer, depois do que eu fiz...

Com inesperada intensidade, Opal ergueu o olhar do chão e o concentrou em mim. A menina tímida e insegura que viera até a Fortaleza transformou-se diante dos meus olhos.

— Deixe-me recompensá-la, você *virá* me visitar.

— Você não fez nada de errado — afirmei com convicção. — Não tem por que me recompensar.

— Mas eu a furei com Curare!

— Alea forçou-a a fazê-lo. E, tenho de admitir, foi um truque e tanto.

Achei que, assim que Opal estivesse livre, o perigo teria passado. Um erro quase fatal.

— Mas...

— Não pode permitir que o passado arruíne seu futuro. Vamos dizer que estamos quites e recomeçar do zero.

— De acordo. Pode vir jantar esta noite? — ela pediu.

Em seguida, ela ficou boquiaberta de surpresa e recuou alguns passos.

O Homem da Lua estava postado atrás de mim, bloqueando a luz do sol.

— Você não vai perder o jantar — Leif disse, copiando o sotaque da sra. Floranne.

Opal relaxou um pouco ao ver meu irmão.

— Você também está convidado. E... seu amigo?

Compreendi o medo de Opal. À primeira vista, o Homem da Lua lembrava Ferde. Mas Opal só vislumbrara Ferde brevemente através das lembranças da irmã, sendo assim, não tinha como comparar os dois. Apresentei-a ao Tecelão de Histórias.

— Acho que eu deveria ficar aguardando o retorno de Tauno e Marrok — O Homem da Lua disse. — Você e Leif podem ir. Eu os verei mais tarde.

O Homem da Lua ergueu as sobrancelhas, sinalizando para mim. Abri meus pensamentos para ele.

Talvez a família dela tenha informações sobre os Vermes. Não deixe de perguntar.

Sim, senhor, respondi.

Ele sorriu para mim antes de ir embora. Opal correu para dentro da loja, para terminar suas entregas. Enquanto Leif e eu a aguardávamos, voltei a examinar as estatuetas de animais feitas de vidro na vitrine. Leif juntou-se a mim.

— Olhe como reluzem! — ele comentou. — Qual você escolheria? A cobra?

— Não. Já me enchi de cobras. Gosto do cavalo, mas os olhos estão da cor errada. Deveriam ser azuis.

Leif riu.

— Não está sendo objetiva. Eu compraria a onça das árvores. Os detalhes são impressionantes. Como será que o artesão consegue acertar com tanta precisão o padrão verde e amarelo da onça?

— O padrão está por dentro. — Opal deixou a loja. — Há uma fina camada de vidro por fora.

— Foi Tula quem os fez? — indaguei.

A tristeza estampou-se nos olhos da jovem. Ela piscou, contendo as lágrimas.

— Não. Os de Tula são preciosos demais para serem vendidos.

— Opal, eu...

— Não fale nada. Estamos recomeçando, lembra?

— Lembro.

— Ótimo. Vamos.

Opal mostrou o caminho. Eu receava que os pais da jovem não fossem ser tão clementes, mas eles nos receberam calorosamente. A casa e a fábrica deles haviam sido construídas nos arredores da cidade, cercadas por três lados pelas planícies Avibian. A localização explicava por que Ferde escolhera Tula. Mantendo os fornos aquecidos, Tula passava a noite sozinha na fábrica, onde ninguém poderia testemunhar seu sequestro.

Opal nos levou para conhecer o negócio da família, e nós conhecemos a irmã que lhe restara, Mara, além do irmão caçula, Ahir. A refeição prometida acabou sendo um cozido de carne servido em um recipiente feito de pão.

— Menos para lavar — a mãe de Opal, Vyncenza, disse com um sorriso.

Leif sentou-se ao lado de Mara e flertou com ela. Ele até se juntou à moça na cozinha, para ajudá-la com a limpeza. Não que eu pudesse culpá-lo. Os lindos cachos soltos do cabelo castanho-dourado pendiam até abaixo dos ombros. Bondade irradiava dos enormes olhos fulvos, e ela escutava atentamente as histórias de Leif.

Enquanto os outros tiravam a mesa, o pai de Opal, Jaymes, me contou histórias de seus negócios e de sua família.

— ...ela não estava prestando atenção e tocou fogo no avental da mãe! Só deixamos Tula manejar um pontel novamente após quatro estações.

Ele riu e deu início a outra história. Quando elas acabaram, eu perguntei quais eram as novidades em Booruby.

— Os anciões Cowan estão sempre discutindo sobre quantas árvores cortar e sobre como querem começar a tributar a areia que importo para os meus produtos de vidro. — Ele emitiu um som de desaprovação ante a perspectiva. — Rumores sobre os outros clãs sempre deram boa lenha para alimentar os mexericos. Os deste ano dizem respeito aos Daviian. Todo mundo está preocupado com eles, mas os feiticeiros estão com o assassino de Tula na prisão, e estou certo de que os Sandseed cuidarão do resto. Eles sempre o fazem.

Concordei, mas não pude deixar de notar que ele ainda acreditava que Ferde estivesse trancafiado. Isso não era bom. Por que o Conselho não informara a população? Provavelmente para não amedrontar ninguém. Ferde ainda estava fraco, e provavelmente estavam esperando já estar com ele novamente sob custódia. Será que eu deveria contar para Jaymes? Ele tinha duas outras filhas. A população também precisava ser alertada sobre o ritual Kirakawa. As pessoas poderiam ajudar a encontrar os Vermes e a manter as famílias protegidas. Contudo, será que, em vez disso, não entrariam em pânico e atrapalhariam os nossos esforços?

Era uma escolha difícil para fazer sozinha, e os benefícios de se ter o Conselho para votar questões importantes ficaram muito claros para mim. Nenhum único membro poderia ser responsabilizado por julgamentos errôneos.

Adiando a decisão, perguntei se os filhos dele ainda trabalhavam sozinhos à noite.

— Não. Não. Eu me encarrego pessoalmente de todo o turno da noite. Aprendemos a nossa lição e não seremos novamente pegos desprevenidos.

— Ótimo. Mantenham a vigilância. Os líderes do clã Cowan têm razão por estarem preocupados com os Daviian.

Opal retornou, rindo. Havia manchas de água na sua saia comprida, e ela estava ajeitando alguns fios desgarrados do cabelo úmido para debaixo do lenço.

— Guerra de água — ela disse. E, antes que o pai pudesse censurá-la, acrescentou: — Mamãe que começou!

Ele suspirou, mas não parecia estar muito aborrecido. Opal me puxou pela mão, querendo me mostrar a casa. O quarto que dividia com a irmã ficava no segundo andar da casa de pedra. O ar cheirava a madressilvas. Pendurada acima de uma cama vazia, estava a bandeira de luto de Tula. A flâmula de seda branca fora parte da cerimônia funerária. Os sitianos acreditavam que, uma vez hasteada, a bandeira libertava a alma de Tula para o céu. Tendo libertado a alma de Tula de Ferde, eu sabia que o costume sitiano apenas ajudava a confortar as famílias.

— Por que a bandeira está pendurada acima da cama? — perguntei.

— Para impedir que o espírito dela volte para a terra — Opal respondeu. — Todas as coisas pelas quais ela poderia querer retornar estão sob a bandeira. Ela não consegue enxergá-las ali.

Olhei sob a flâmula e avistei uma pequena prateleira repleta de animais de vidro. As estatuetas eram muito bem confeccionadas e pareciam reais, contudo, não haviam capturado a chama interna como as que eu vira antes.

— Tula deu algumas estatuetas de presente e vendeu muitas outras, mas essas ela guardou para si. Tentei imitá-la, mas as minhas não saem iguais. Consegui vender apenas algumas poucas.

Ela deu de ombros.

— Você fez as que estavam na vitrine da loja, não fez?

— Fiz. — Mais uma vez, ela fez um gesto de pouco caso. — A dona da loja é uma mulher gentil. Ela sabia que eu viria hoje e colocou as estatuetas na vitrine. Meus animais são grosseiros comparados com os de Tula.

— Opal, eles são maravilhosos. Como é que consegue fazê-los brilhar?

Ela levou a mão ao coração, como se não conseguisse acreditar no que estava escutando.

— Você consegue ver a luz?

— É claro. Todo mundo não vê?

— Não! — ela gritou. — Só eu a vejo... e agora você!

Ela rodopiou de alegria.

— E Leif. Ele também a viu.

— É mesmo? Que estranho. Ninguém mais na minha família e entre os meus amigos é capaz de enxergar a luz interior. Todos acham que enlouqueci, mas, ainda assim, procuram me agradar.

— Como é que faz as estatuetas?

Ela explicou o processo de fabricação do vidro. Mais detalhes do que eu precisava, contudo, entendi o básico.

— Normalmente, você esculpe os animais de vidro sólido, mas, quando eu tento, os animais lembram massas disformes. Para fazer um vaso ou um copo, é preciso soprar uma bolha de ar no vidro. Também não consigo fazer isso. Posso ficar roxa tentando obter uma bolha de partida, mas nunca consigo. Todavia, quando fracasso em fazer a bolha, posso moldar as peças, de modo a não desperdiçar o vidro. É quando obtenho resultados. Não só os meus animais parecem reais, mas uma centelha permanece dentro das peças, mesmo após terem esfriado.

Ponderei por um instante.

— Contudo, mais cedo ou mais tarde, o centro deveria esfriar. O que o mantém brilhando?

Ela ergueu os braços em um gesto de frustração.

— Não sei. Coloco o meu coração nessas peças.

A resposta me veio à mente.

— Magia.

— Não. A Mestra Jewelrose me testou. Eu não tinha poder suficiente para permanecer na Fortaleza.

Sorri.

— Ela deveria testá-la novamente. — As zombarias de Dax sobre poderes esquisitos me passaram pela cabeça. Se Opal houvesse nascido uma Zaltana, o teste teria sido diferente. — Você possui poder suficiente para capturar fogo no interior de suas estátuas.

— E por que ninguém mais consegue enxergá-lo?

— Talvez uma pessoa precise possuir alguma habilidade mística para enxergar o fogo — especulei. — Se for esse o caso, você precisará vender as estatuetas no mercado da Cidadela, onde há muitos magos.

Ela franziu pensativamente os lábios.

— É óbvio que eu não encontro muitos magos. Será que não pode levar uma de minhas estatuetas consigo e provar a sua teoria?

— Com uma condição.

— Qualquer coisa!

— Que me deixe pagar por ela, para que possa ficar comigo.

— Você não precisa...

Ergui a mão, interrompendo-a.

— Você disse qualquer coisa.

Ela riu.

— Tudo bem, mas vou cobrar o preço de venda em atacado. E sei direitinho a peça que vou lhe dar. Está na fábrica.

Opal desceu correndo as escadas e saiu em disparada pela porta. O vento frio da noite que invadiu a casa me fez lembrar que precisávamos voltar para a estalagem. Agradei aos pais de Opal pela refeição, e eles me informaram que Leif acompanhara Mara até a fábrica.

Foi lá que encontrei Opal. Ela me passou um embrulho. Enrolado em várias camadas de tecido para proteger o vidro. O pacote, do tamanho de um punho cerrado, cabia direitinho na minha mão.

— Abra mais tarde — ela disse. — Tinha pensado noutra para você, mas esta... me chamou. Loucura, eu sei.

— Já ouvi falar de coisas mais esquisitas. Eu lhe escreverei uma carta quando voltar para a Fortaleza, para avisá-la de como foi o

experimento. — Gentilmente coloquei o embrulho de Opal na mochila, passei os braços por dentro das alças, pendurando-a nos ombros e paguei a estatueta. — Tem alguma ideia de onde Leif está?

Ela enrubesceu.

— Acho que ele gostou de Mara. Estão nos fundos, na sala de mistura. Ela deveria estar separando a areia.

Tracei um caminho por entre fornos, bancadas de trabalho e barris de suprimentos. O ar quente fazia a minha pele arder. Uma fumaça cinza-clara emergia dos carvões em brasa, flutuando pelas chaminés, até se dissipar lá fora. A família de Opal utilizava um carvão branco especial, minerado nas montanhas Esmeraldas, para aquecer os fornos. Mais limpo do que a variedade preta, o carvão branco ardia quente o bastante para alcançar os dois mil graus necessários para derreter os ingredientes da areia.

Na sala dos fundos, uma bancada cheia de vasilhas para misturar se estendia ao longo da parede nos fundos. Leif e Mara estavam curvados sobre uma vasilha profunda, mas olhavam um para o outro, em vez de para a mistura. As máscaras de pano usadas para impedir que respirassem as partículas finas estavam penduradas ao redor do pescoço deles.

Hesitei antes de interrompê-los. As mãos de Mara estavam cobertas de areia, e grãos salpicavam o cabelo de Leif. Ele parecia mais jovem, e seu rosto reluzia de alegria. Era um lado de Leif que eu jamais havia visto, e me perguntei se ele não teria alguém de quem gostasse lá na Fortaleza. Dei-me conta de que nada sabia a respeito de certas partes da vida de meu irmão.

Dando alguns passos para trás, sumi de vista. Chamei o nome de Leif bem alto, de modo que pudessem me escutar acima do barulho dos fornos. Quando apareci de novo no vão da porta, ele estava afastado de Mara, e a areia desaparecera de seu cabelo.

— Está ficando tarde. Precisamos voltar.

Leif assentiu, mas não se mexeu. Entendi a dica e me retirei.

Do lado de fora da fábrica, uma brisa forte empurrava as nuvens no céu. Raios de luar atravessavam os espaços entre elas. Quando Leif juntou-se a mim, seguimos para a estalagem. Ele estava calado.

— Quer conversar a respeito? — indaguei.

— Não.

Após vários passos, ele perguntou:

— Soube de alguma coisa a respeito dos Vermes por Jaymes?

— A cidade está preocupada com eles, porém não há informação quanto a onde podem estar, se é que estão por aqui.

Contei-lhe sobre os animais de vidro de Opal, e ele pareceu intrigado pelo elemento místico.

— Contou para Mara da fuga de Ferde? — eu quis saber.

— Não. Apenas lhe disse para ter muito cuidado.

Caminhamos por algum tempo em silêncio. O ar frio cortava através da minha blusa, e lamentei não estar com minha capa. Booruby ficava no limite da zona de temperatura, com tardes quentes seguidas de noites frias.

— Gosto dela — Leif falou, interrompendo o silêncio. — Jamais gostei de alguém. Ocupado demais e muito preocupado com você para gostar de outra pessoa. Não consegui mantê-la a salvo. Não levantei um dedo para ajudá-la. Encontrá-la tornou-se mais importante do que viver minha própria vida.

— Leif, você tinha 8 anos de idade e teria sido morto se tivesse tentado impedir Mogkan de me sequestrar. Fez a coisa certa.

— Ser morto teria sido mais fácil. Sem culpa. Sem preocupações. Sem medo. Gostar de alguém é, ao mesmo tempo, terrível e maravilhoso. Não sei se tenho forças para gostar de outra pessoa. Como é que você lida com isso?

— Concentro-me nas partes maravilhosas e aguento as partes terríveis, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, elas acabarão.

— Gostou de Valek assim que o viu?

— Não. No início, nossa relação era puramente profissional.

Na primeira vez em que encontrei Valek, ele me oferecera a escolha entre ir para a forca ou tornar-me a próxima provadora de comida do Comandante. — Minha família sabia que eu fora a provadora de comida do Comandante, mas não por quê. Algum dia, eu teria de lhe contar sobre as torturas de Reyad.

— Quando foi que seus sentimentos mudaram?

Essa era uma pergunta mais difícil.

— Acho que na primeira vez em que ele me salvou a vida.

Contei para Leif do festival do fogo em Ixia e sobre como Irys contratara alguns capangas para me matar, pois minha magia descontrolada poderia entrar em combustão e arruinar a fonte de poder.

— Quer dizer que, da primeira vez que encontrou a Mestra Jewelrose, ela tentou matá-la? E você me disse antes que Valek quis matá-la duas vezes. Puxa, Yelena, você não é muito popular com as pessoas, não é?

— As circunstâncias eram outras — disse em minha defesa.

— Parece complicado demais. É melhor eu não me envolver com Mara.

— Isso seria tomar o caminho mais fácil. Seguro, no entanto, monótono. Por que gosta dela?

— Seu perfume lembra a selva em um dia perfeito. É uma leve pitada de flor Ylang-Ylang, combinada com o doce aroma de gramados verdejantes e a essência da própria terra. É um perfume capaz de envolver uma pessoa e fazê-la sentir-se em paz. Apenas os dias secos e ensolarados são capazes de produzir tal cheiro, e esses são tão raros quanto um valmur todo branco. — Leif inspirou fundo. — Ela tem uma alma calmante e satisfeita.

— Ela parece valer o esforço. Pode haver muitos dias chuvosos, mas os perfeitos farão todas as lembranças de chuva desaparecerem.

— Fala por experiência?

— Falo.

Chegamos à Estalagem dos Três Fantasmas e entramos. O Homem da Lua e Tauno estavam sentados a uma das mesas na área comum, que estava repleta de hóspedes.

Tauno segurava um pano ensanguentado de encontro à têmpora, e seu lábio inferior estava sangrando.

— O que aconteceu? — perguntei ao me juntar aos meus amigos.

— Onde está Marrok?

O rosto de Tauno estava sério. Ele olhou para o Homem da Lua, como se buscando a permissão do Tecelão de Histórias.

— Encontramos os Vermes — Tauno disse. Ele estremeceu. — Ou melhor, eles nos encontraram. Um grupo de cinco soldados com o Ladrão de Almas e Cahil. Eles nos cercaram, nos arrastaram até uma construção e ameaçaram nos matar. Cahil puxou Marrok para o canto, e eles tiveram uma conversa em particular. Após rirem, deixaram o local juntos, como os melhores dos amigos. — Tauno levou a mão às costelas e encolheu-se de dor. — Os outros me atacaram, e tudo o que me lembro após isso é de acordar na construção abandonada.

— Quando foi que isso aconteceu? — perguntei.

— Hoje de manhã.

— Fico feliz que ele esteja vivo, mas me pergunto por que não o mataram — disse o Homem da Lua.

Analisando a situação, eu disse:

— Atravessar as ruas movimentadas com um prisioneiro não seria fácil. Se aguardassem até o cair da noite para realizar nele o ritual Kirakawa, correriam o risco de serem descobertos.

— Então por que simplesmente não o matar? — perguntou o Homem da Lua.

— Porque querem que saibamos que eles têm Marrok — Leif afirmou.

— Como refém? — indagou o Homem da Lua.

— Não. Marrok partiu com Cahil. Estão esfregando na nossa cara o fato de que Marrok agora está do lado deles — eu disse. — E eles sabem tudo o que ele sabe. Inclusive a nossa localização atual.

— ACHA MESMO que eles nos atacam aqui? — Leif perguntou.

Olhei para a lareira que aquecia o salão comum da estalagem. Será que o Deformador do Fogo correria o risco de ser visto pelos outros hóspedes?

— Podem vigiar a estalagem e nos seguir, aguardando até chegarmos a um local isolado para atacar — o Homem da Lua disse.

— Que ideia agradável — Leif murmurou.

Estendi minha consciência até Kiki. Ela estava cochilando no estábulo, mas despertou ao sentir meu contato mental. Se houvesse Vermes rondando a estalagem, ela e os outros cavalos estariam agitados.

Cheiro?, perguntei.

Noite. Palha. Feno doce.

Por ora, tudo bem.

Kiki ajudar? Observar. Escutar. Cheirar para você.

E se ficar cansada?

Rusalka. Garnet. Revezar.

Boa ideia. Irei abrir as porteiras.

Moça Alfazema fica. Kiki abre.

Sorri, lembrando-me de como ela destrancara a porteira de sua baia no estábulo da Fortaleza quando Goel me atacara. Um dos homens de Cahil que guardara rancor, Goel não a vira.

Provavelmente só foi saber o que o atingira quando recuperou a consciência em meio às tábuas quebradas da cerca do pasto.

— Yelena? Olá?

Leif cutucou o meu braço.

— Estou aqui.

— O que vamos fazer?

— Está tarde demais para irmos para qualquer outro lugar. Kiki e os cavalos vigiarão o lado de fora da estalagem e me alertarão caso alguém se aproxime.

— Puxa, cavalos de guarda. Que pitoresco. — Leif apontou para a lareira. — E se o sr. Deformador do Fogo decidir saltar de dentro das chamas? Não acho que a sra. Floranne vá querer lhe servir um prato de seu cozido.

— Podemos apagar o fogo? — indaguei.

— Não — Leif disse. — A estalagem ficará fria demais, e a sra. Floranne não terá brasas para preparar o desjejum.

— Leif, você precisa pensar sempre com o estômago? — perguntei.

— E existe outra maneira de pensar?

Suspirei.

— Colocaremos vigias aqui dentro. Homem da Lua, quantas entradas a estalagem possui?

— Duas. A principal, que leva à rua, e outra nos fundos na cozinha.

— E quanto aos andares de cima? Por acaso, há outra escada na cozinha?

— Há, mas podemos trancar a porta que leva ao nosso corredor.

— Ótimo. Cada um de nós pegará um turno de duas horas. Vou precisar descansar após curar os ferimentos de Tauno, de modo que não poderei ficar com o primeiro turno. O Homem da Lua pode começar, seguido de Leif, eu e Tauno.

Deixamos o Homem da Lua no salão comum. Ajudei Tauno até seu quarto. Duro e dolorido, ele movia-se com cuidado. Quando ele estava confortável na cama, puxei um fio de poder e examinei o estrago. Tirando duas costelas quebradas, seus ferimentos eram de

pouca importância. Fitando os machucados até eles se transferirem para mim, curvei-me de dor e a expulsei do meu corpo.

Antes de adormecer, Tauno apertou minha mão em sinal de agradecimento. Caminhei penosamente até minha cama, não tão exausta quanto já ficara no passado. Talvez meus dons de cura estivessem melhorando com a prática. Ou será que eu estava me acostumando a usar minha magia?

— Yelena, acorde.

Leif sacudiu meu ombro.

Eu o fitei por baixo das pálpebras pesadas. Ele pousou a lanterna sobre a mesa.

— Vamos, foi você que estabeleceu os turnos. — Ele arrancou o cobertor de cima de mim. — A maior parte dos comandantes não tem a sua vez de guardar as tropas. Eles têm uma boa noite de sono, de modo a poderem tomar as decisões acertadas quando chega a manhã.

Sentei-me na beirada da cama, esfregando os olhos.

— Não sou nenhuma comandante, e nós não somos uma tropa.

— Discordo. Você vem nos liderando durante todo o caminho. É a que sabe o que está fazendo.

— Eu...

Leif levou os dedos aos meus lábios.

— Não diga nada. Eu gosto de... Não.... *Preciso* acreditar que você sabe o que está fazendo. Torna mais fácil seguir suas instruções, especialmente quando estou servindo de isca para uma cobra de quinze metros.

— Muito bem. Tenho tudo sob controle. Não preciso de muito sono, porque tenho todos os passos que temos de dar já planejados na cabeça. Satisfeito?

— Muito.

Leif estendeu-se na sua cama.

Peguei a lanterna.

— Bons sonhos.

— Agora eles serão.

O corredor da estalagem estava escuro e silencioso. Verifiquei a porta que levava à escada da cozinha. Continuava trancada. Ótimo. Descendo até a área comum, pensei no comentário de Leif. Podia ser eu a estar tomando as decisões, contudo, não acreditava ter experiência suficiente para ser comandante de nada. Meus atos ainda eram movidos por palpites, por instinto.

Valek me ensinara um bocado sobre estratégia e operações clandestinas, e meus amigos ixianos, Ari e Janco, haviam me ensinado a lutar. Aulas tarde da noite, com Janco, eram a razão de eu saber arrombar fechaduras. Mas meu treinamento místico com Irys fora interrompido pela busca de Ferde por poder.

Talvez houvesse um modo místico de encontrar Ferde e combater um Deformador de Fogo, mas como eu não li todos aqueles livros sobre magia e história e não explorei meus poderes para encontrar os limites, ele era a prova para a qual eu não estudara, o teste no qual eu estava fadada a fracassar. Um peixe fora d'água.

O som de minhas passadas ecoou pelo salão comum vazio. Dei uma volta pela área, atrás de intrusos, antes de pousar a lanterna sobre a mesa e ir lá fora para falar com os cavalos. O ar frio cortou através da minha capa.

Kiki estava no beco ao lado da estalagem. Seu pelo escuro desaparecia nas sombras, porém a mancha branca ao longo do rosto refletia o luar.

Cheiros?, perguntei, acariciando-a atrás das orelhas.

Frescos. Nada ruim.

Algum problema?

Ela fungou divertidamente.

Dois homens. Uma mulher.

Ela me mostrou a imagem de dois homens roubando uma mulher. Ficaram tão ocupados revirando os embrulhos dela que não notaram a aproximação silenciosa de Kiki. Silenciosa porque Kiki, como todos os cavalos Sandseed, recusava-se a usar ferraduras de metal.

Kiki girara e usara as patas traseiras com exímia precisão. Os homens foram aterrissar a meio quarteirão de distância, e a mulher, após fitar Kiki com os olhos arregalados, saiu em disparada na

direção oposta. Perguntei-me o que a moça estaria fazendo na rua até tão tarde.

Ela provavelmente espalhará rumores sobre ter sido salva por um cavalo fantasma, eu disse para Kiki. Talvez até mudem o nome da estalagem para dos Quatro Fantasmas.

Gosto de fantasmas. Silenciosos.

Você enxerga fantasmas?

Enxergo.

Onde?

Aqui. Ali. Lugares.

Aqui? Olhei ao redor. A rua vazia parecia deserta. Não vejo nenhum.

Ainda verá. Ela focinhou minha capa, cheirando os bolsos. Também gosto de balas de hortelã.

Eu lhe dei as balas.

Não quer falar mais sobre a questão dos fantasmas?

Não.

Ela voltou para dentro do beco, e eu retornei para a estalagem. A chama do lampião tremulou quando dei outra volta pela cozinha e pelos quartos do andar de cima, antes de me acomodar perto da lareira. Brasas reluziam no interior dos restos do fogo. Reprimindo minha apreensão, adicionei um pouco de lenha para aumentar as chamas, de modo a poder aquecer água para um chá. Uma fogueira tão pequena não deveria ser potente o suficiente para o Deformador do Fogo.

Talvez o tamanho do fogo tivesse de se igualar ao tamanho do Deformador do Fogo. A imagem de um Deformador do Fogo de trinta centímetros saltando de dentro da lareira me fez rir, mas saber que tudo o que ele precisava era de uma chama para dar início a um incêndio arruinou meu bom humor.

Procurando folhas para o chá no interior da minha mochila, encontrei o embrulho de Opal. Curiosa para saber que animal a chamara, desenrolei o pano grosso. Um morcego grafite com olhos esverdeados ganhou vida em minhas mãos. Quase deixei cair a peça de tanta surpresa, contudo, mesmo com as asas estendidas, a criatura do tamanho da palma da minha mão não alçou voo. A

magia de Opal, e não vida, brilhava no âmago do morcego. Um exame mais minucioso revelou pintas prateadas ao longo do corpo e das asas do morcego.

Um arrepio revigorante subiu pelo meu braço. Considerei os benefícios de ser uma criatura da noite. Será que eu poderia localizar Cahil e Marrok enquanto a cidade dormia? Reunindo poder, projetei minha mente e me deparei com uma variedade de confusas imagens de sonhos. Mais uma vez, gente demais para eu discernir. Recuei.

A água ferveu. Com relutância, retornei minha estatueta para a mochila e encontrei o chá. Por sobre a xícara fumegante, vigiei a fogueira minúscula. Considerei a possibilidade de tentar contatar Bain Bloodgood. O Segundo Feiticeiro poderia me dar alguns conselhos sobre como encontrar uma única alma em meio a tantas.

A Cidadela ficava a três dias a cavalo de distância. Longe demais para eu projetar sobre circunstâncias normais. O desespero ampliava meu alcance, mas eu não tinha controle sobre a direção. Além do mais, Bain estaria dormindo, suas defesas mentais impenetráveis. Decidi aguardar até a manhã antes de tentar.

A vontade de dormir ameaçava se apossar do meu corpo. Dei várias voltas no aposento apenas para permanecer acordada. Quando sentada, minha atenção sempre se voltava para as chamas dançantes na lareira. Elas pulsavam em um ritmo que acompanhava as batidas do meu coração. Os movimentos das chamas pareciam coreografados, como se tentassem me comunicar algo. Algo importante.

Ajoelhei-me perto do fogo. Dedos amarelados e alaranjados me chamavam.

Venha, convidavam. Junte-se a nós. Aceite o fogo.

Inclinei-me lentamente mais para perto. Ondas de calor me acariciavam o rosto.

Venha. Precisamos lhe contar...

O quê?

Inclinei-me para frente. As chamas estalavam, seiva sibilava e fervia, e o cheiro forte de cabelo queimando espalhou-se no ar.

— Yelena!

A voz do Homem da Lua serviu como um banho gelado de razão. Afastei-me apressadamente da lareira, detendo-me ao alcançar o outro extremo do aposento. Estava toda arrepiada e tremendo.

— Obrigada — eu disse para ele.

— Achei que havia algo errado. — O Homem da Lua desceu o restante da escada. — Acordei sentindo como se os fios de minha coberta estivessem em chamas.

— Ainda bem que você acordou.

— O que houve?

— Não sei ao certo. — Apertei minha capa ao redor do corpo. — Pensei ter visto almas no fogo.

— Aprisionadas?

Gargalhei. Se eu tivesse dito isso para qualquer outra pessoa, ela teria me considerado uma louca furiosa. O Homem da Lua queria detalhes. Detalhes que eu não podia fornecer.

— Acho que queriam que eu me juntasse a elas.

Ele franziu a testa e fitou a lareira.

— Você não deve ficar sozinha na presença de fogo. Eu terminarei o turno de Tauno.

— Terminar?

Olhei para fora da janela. O manto da escuridão estava ficando mais fino. Perdi totalmente a noção do tempo, e não acordei Tauno para seu turno. Não era um bom sinal.

— Vá dormir um pouco. Teremos planos a fazer quando você acordar.

O barulho ensurdecador do sino da sra. Floranne me despertou. Leif estava sentado na beirada da sua cama, com as mãos na cabeça, tentando bloquear a barulheira. Com o silêncio, veio o alívio, e ele abaixou os braços.

— Ela vai tocar isso novamente se não descermos logo para o desjejum — ele falou.

Era toda a motivação de que eu precisava. Chutei o cobertor para longe e deixei o quarto logo atrás de Leif. Juntamo-nos ao Homem da Lua e a Tauno na área comum. O burburinho de conversas tomava conta da estalagem. Sra. Floranne servia o chá, enquanto os

empregados serviam o desjejum. O aroma de melado fresco espalhava-se pelo ar.

A boa noite de sono estava estampada no rosto de Tauno. O inchaço desaparecera, e os machucados haviam se transformado em ligeiras manchas arroxeadas. Ele mexia-se sem encolher-se de dor.

Comemos nosso desjejum de mel, ovos e pães, discutindo o próximo passo.

— Deveríamos vasculhar a cidade — Leif sugeriu. — Quarteirão por quarteirão, até os encontrarmos ou determinarmos que não estão mais aqui.

— Levaria muito tempo.

Com a colher, o Homem da Lua colocou um pouco de ovos sobre uma fatia de pão.

— Eles foram embora — Tauno afirmou.

Parei de comer.

— Como sabe?

— Mencionaram deixar Booruby.

— Por que não nos contou isso ontem à noite?

Espetei os ovos com o garfo.

— Estava distraído pela dor e só me lembrei do comentário agora. Teria feito diferença?

Pensei um pouco. Tauno estava em mau estado. Porém, sem ferimentos fatais. Poderíamos tê-lo deixado aqui e... o quê? Vasculhado a floresta mais próxima com minha magia? Não sabia para que lado haviam ido, e tinham uma vantagem de quase um dia inteiro de viagem.

— Provavelmente não. — Suspirei. — Tauno, você se lembra de mais alguma coisa? Eles disseram para onde estavam indo?

— A necessidade de pressa foi tudo o que pude pressentir. Talvez tenha sido por isso que não fui morto. Não tiveram tempo suficiente.

— A melhor estratégia teria sido nos manter no escuro quanto a Marrok, na dúvida se ele está vivo ou morto, e sobre o que contou para eles. — Bebi o chá. — Contudo, Cahil gosta de se sentir superior e provavelmente acha que nos deixar saber que fomos traídos por Marrok nos faria duvidar de nossos instintos e nos atrasaria.

Cahil tentara essa tática comigo antes. Quando achara que eu era uma espiã de Ixia, ele me emboscara na floresta. Depois quis que eu acreditasse que Leif armara para mim apenas para me desmoralizar. Não funcionara. E não ia funcionar agora.

Na verdade, estava ainda mais determinada a encontrá-los. Embora houvésssemos perdido sua pista. Subitamente sem apetite, afastei o prato.

— E agora? — Leif perguntou.

A porta da área comum abriu-se com um estrondo. Marrok estava de pé no vão, com uma espada ensanguentada nas mãos.

Nós quatro nos levantamos com um salto. Esquecendo o desjejum, pegamos nossas armas enquanto as conversas na área comum da estalagem foram se calando, até o silêncio tomar conta do lugar.

— Venham. — Marrok gesticulou do vão da porta com a espada.

— Vamos antes que eles nos alcancem.

— Quem? — perguntei.

— Cahil e seus... seus... amigos. — Marrok praticamente cuspiu as palavras. — Eu escapei. — O horror empalidecia seu rosto, e sangue escorria de um corte na garganta. — Eu os despistei, mas sabem que estamos aqui.

— Quantos? — exigi saber.

Marrok endireitou-se.

— Sete.

— Armados?

— Espadas, cimitarras e Curare.

— Em quanto tempo?

Marrok olhou por sobre o ombro e ficou paralisado. Ele largou a espada que caiu ruidosamente no chão. Uma mão enorme o empurrou, e o soldado foi ao chão.

Atrás de Marrok, Cahil, Ferde e cinco Vermes adentraram o salão comum.

COM AS armas apontadas para nós, os Vermes e Cahil desenharam um leque diante da porta. Dois Vermes possuíam cimitarras, dois tinham espadas e um estava com uma zarabatana diante dos lábios.

— Todo mundo fique calmo — Cahil ordenou.

Sua comprida espada larga era impressionantemente ameaçadora. As pessoas no salão comum permaneceram em seus assentos. Em sua maioria mercadores e comerciantes, não havia nenhum soldado no grupo.

Marrok permaneceu no chão. Um Verme estava de pé sobre ele, com a ponta da cimitarra apontada para a garganta do homem caído.

Olhei para Tauno.

— Você disse que eles haviam partido.

Seu rosto empalidecera e, embora segurasse a arma, não havia enganchado nenhuma flecha no arco. O Homem da Lua olhava para os Vermes, como se avaliando a distância entre seus pescoços e a cimitarra. O facão de Leif reluzia sob a luz do sol que entrava pela porta.

— Mudança de planos — Cahil disse.

Cahil deixara o cabelo louro crescer para além dos ombros, e ele estava solto. Tirando isso, permanecia o mesmo. As mesmas roupas de viagem acinzentadas, as mesmas botas de montar pretas, os

mesmos olhos azuis-claros e a mesma expressão de ódio no rosto barbudo.

— Meu amigo queria trocar Marrok por Yelena.

Cahil inclinou a cabeça na direção de Ferde.

Não pude deixar de notar o uso da palavra *amigo*. Como ele podia chamar aquela criatura de amigo?

A túnica lisa e a calça do Ladrão de Almas escondiam a maior parte das tatuagens vermelhas que lhe recobriam o corpo. Com uma cimitarra em uma das mãos e uma zarabatana na outra, ele me olhou com deliberada frieza. Apesar do corpo esbelto e poderoso, pressenti que sua magia continuava fraca. No entanto, senti uma pontada de medo na boca do estômago.

— Espero que tenha trazido mais alguns Deformadores consigo — eu disse para Cahil. — O Ladrão de Almas não está em condições de lutar com três feiticeiros.

— Posso ter falhado na minha busca por poder — Ferde falou. — No entanto, agora sirvo a outro que aprendeu a magia de sangue.

O rugir das labaredas me alcançou antes do calor. Um olhar rápido confirmou que o fogo na lareira havia ficado mais intenso. Sentindo o pavor borbulhar na minha garganta, resolvi agir antes que o Deformador do Fogo aparecesse.

Reunindo poder, enviei um fio até o Homem da Lua.

Cuide do homem com a zarabatana. Eu me encarrego de Ferde. Ele concordou. Leif, eu disse, ataque o homem sobre Marrok e, em seguida, mantenha Cahil ocupado.

Quando?, Leif perguntou.

— Agora — gritei e projetei minha consciência na mente de Ferde, atravessando suas defesas e assumindo controle de seu corpo.

Era um golpe de autodefesa que eu aprendera quando Goel me capturara. Acorrentada e sem outro recurso à disposição além de usar a magia, enviara minha alma para dentro do corpo de Goel.

Assim que Ferde se deu conta de que eu invadira, concentrou todas as forças em me expulsar. Ignorei seus esforços. Ele ameaçou me matar do mesmo modo que assassinara as outras vítimas.

Lembranças me apunhalaram, sons de seus gritos me agrediram, o cheiro de sangue rançoso penetrou minhas narinas e visões de

mutações me atacaram. Seus desejos sombrios de poder e domínio através da tortura e estupro me revoltaram.

Para detê-lo, colhi sua alma e a retorci, expondo seus temores mais profundos e os acontecimentos que haviam provocado seu vício em poder. O tio favorito que o amarrara e o sodomizara. A irmã mais velha que o atormentara. O pai que o humilhara. A mãe em quem ele confiara e com quem se abrira. A mesma mãe que o mandara de volta para morar com o tio, como castigo por ter mentido.

Um Tecelão de Histórias poderia ter ajudado Ferde a desembaraçar os filamentos repletos de nós de sua vida, mas eu tratei de puxá-los com força, arrebatando os fios. Ele voltou a se tornar a vítima indefesa. Examinei cada detalhe de suas lembranças, procurando informações sobre os Vermes Daviian. Quando terminei, espiei através de seus olhos.

Meu corpo estava largado no chão, desacordado. O Homem da Lua enfrentava um Verme. Eles manobravam ao redor de um corpo decapitado. Cahil desferia golpes na direção de Leif, cujo facão não era páreo para a espada mais comprida de Cahil. Meu irmão logo seria forçado a se render. Tauno estava parado no mesmo lugar, como se enraizado ao chão. Marrok voltara a se levantar e enfrentava um dos Vermes perto de outro corpo. As pessoas, na estalagem, haviam organizado uma fila para despejar baldes de água no fogo.

Embora meu combate com Ferde parecesse ter durado uma eternidade, apenas segundos haviam passado. Ergui a zarabatana na mão do Ladrão de Almas e mirei. Primeiro, Cahil. Recarregando, atirei um dardo mergulhado em Curare em cada um dos Vermes, dando fim à luta.

Água não deteria o Deformador do Fogo, porém, com seus comparsas neutralizados, ele abriu mão de lutar.

— Da próxima vez, minha morceguinha.

O fogo morreu com um sibilar e um soprar de fumaça oleosa.

Retornei ao meu corpo. Meus membros pareciam pesar, cada um, uma tonelada. Leif me ajudou a ficar de pé nas pernas bambas.

Sra. Floranne aproximou-se. Ela retorcia apreensivamente o tecido do avental entre as mãos.

— O que devemos fazer?

— Mande alguém buscar os guardas da cidade. Precisaremos de ajuda para transportar os prisioneiros de volta para a Cidadela — eu disse.

Ela enviou o ajudante de cavalaria.

— Foram todos atingidos com Curare?

Leif apontou para as figuras imóveis.

Olhei para Ferde, que havia desabado inconsciente no chão.

— Todos com exceção de um. Examinei a alma dele, e não nos causará mais problemas.

— Por quanto tempo?

— Para sempre.

— Acha que foi uma atitude prudente? — o Homem da Lua perguntou. Sangue e tripas pingavam de sua cimitarra, e notei cortes no seu peito. — Poderia ter obtido o mesmo resultado sem lhe danificar a mente.

— Eu...

Leif veio em minha defesa.

— Alto lá, sr. Vamos-exterminar-todos-os-Vermes. Dada a oportunidade, você o teria decapitado. Além do mais, ele mereceu. E, de qualquer modo, não importa. Roze teria feito a mesma coisa com ele assim que chegássemos à Cidadela. Yelena apenas poupou tempo.

Senti pequenas pontadas de medo no coração. As palavras de Leif se repetiram na minha mente. *Roze teria feito o mesmo.* Ele tinha razão. Um torpor espalhou-se pelo meu corpo. Sequer parara para considerar as consequências antes de agir.

Não se meta no meu caminho. Sou a toda-poderosa Descobridora de Almas. Fui tomada de repulsa. Os livros de história não haviam sido muito gentis para com os Descobridores de Almas. A imagem da minha versão de fogo sendo queimada na estaca me veio à cabeça. Talvez os Conselheiros e Roze tivessem razão em me temer. Depois do que eu acabara de fazer com Ferde, eu mesma receava que pudesse vir a me tornar uma déspota sedenta de poder.

— Precisamos partir assim que possível — o Homem da Lua disse.

Havíamos voltado a nos reunir no salão comum da estalagem. Os guardas da cidade haviam levado Cahil e os outros sob custódia no dia anterior. Passamos o dia explicando para as autoridades sobre o grupo de Cahil. Uma tarde de discussões para convencê-los a enviar os prisioneiros até o Conselho. Naquela manhã, Leif e Marrok acompanhariam os guardas da cidade até a Cidadela. Eu planejava acompanhar o Homem da Lua e Tauno até o lar dos Sandseed, nas planícies Avibian.

— Está preocupado com o seu clã — eu falei.

— Estou. Também acho que precisamos aprender mais sobre o Kirakawa, o Deformador do Fogo e suas habilidades, antes de qualquer outro embate com os Vermes.

— Mas seu clã já se esqueceu dos detalhes. Como vai aprender mais? — Leif perguntou.

— Podemos consultar Gede. Ele é outro Tecelão de Histórias, mas também é descendente de Guyan, e pode ter mais informações.

O Homem da Lua roubou meu bolinho de gengibre e o comeu.

Embora estivesse curiosa para saber mais sobre como Guyan reunira os Sandseed após sua guerra civil com os Guerreiros Efe, os comentários do Homem da Lua me lembraram de que eu precisava tentar contatar Irys e deixá-la saber o que havia transcorrido.

Terminamos o desjejum e cuidamos dos preparativos para partir. O Homem da Lua e Tauno preparariam os cavalos, enquanto Leif e eu tentaríamos nos comunicar com Irys.

Retornamos ao nosso quarto, e eu me deitei na cama.

— Acha que consegue alcançá-la dessa distância? — Leif indagou.

— Espero que sim, mas posso precisar de um auxílio de energia.

Leif sentou-se na beirada da minha cama. Fechando os olhos, reuni poder e projetei minha consciência na direção da Fortaleza dos Magos, na Cidadela. Ignorei a confusão caótica de mentes na cidade e segui para os campos abertos que marcavam os limites ao leste das terras do clã Greenblade. Os poucos animais que encontrei se encolhiam diante do vento úmido.

Ultrapassando as terras inférteis, segui para as muralhas de mármore branco da Cidadela. Mas minha mente já estava estendida até o limite, como se houvesse se transformado em caramelo. A mão

quente de Leif envolveu a minha, e uma onda de energia empurrou minha consciência mais longe, mas não consegui alcançar as muralhas. O esforço me deixou esgotada.

Leif apertou minha mão antes de ficar de pé. Ele vasculhou a mochila e, antes que eu pudesse perguntar, me passou uma folha amarela, enrolada como um pergaminho.

— Coma — ele disse. — Vai lhe dar energia.

Cheirei. A folha cheirava a hortelã e alecrim. Uma combinação estranha. Quando mastiguei a folha, o gosto amargo de hortelã dominou, e ela se despedaçou como papel na minha boca.

— Eca. O que é?

— Uma folha de baka. Uma das descobertas de nosso pai.

Após algum tempo, senti-me melhor. Arrumamos nossas malas e nos juntamos a Tauno e ao Homem da Lua, nos estábulos. Nós quatro montamos. Leif e Marrok cavalgaram juntos em Rusalka e seguiram na direção do quartel da cidade. Marrok pegaria emprestado um dos cavalos da guarda para a viagem até a Cidadela.

O restante de nós atravessou as ruas movimentadas de Booruby. Tauno dividia a sela de Kiki comigo, e o Homem da Lua montava Garnet.

Quando alcançamos as planícies Avibian, os cavalos deram início ao seu galope rajada de vento. Viajamos até o sol se pôr, quando paramos para descansar. Nossa parada se deu em uma seção desolada das Planícies. Algumas hastes de grama agarravam-se à areia, e não havia árvores nem madeira para lenha por perto. Tauno fez um reconhecimento da área assim que desmontou.

O Homem da Lua e eu cuidamos dos cavalos. Assim que estavam alimentados, saciados de água e escovados, o Homem da Lua pegou as nozes oleosas que Leif lhe dera. Uma das descobertas de meu pai, as nozes oleosas queimavam tempo suficiente para ferver água para um cozido. O ar noturno estava com um cheiro úmido, sugerindo chuva.

Após dispor em um círculo as nozes do tamanho de um punho cerrado, ele as acendeu esfregando duas pedras juntas para produzir uma faísca. Supus que, entre os poderes de um Tecelão de Histórias, não estava o de acender fogo. Interessante.

Tauno retornou com um par de coelhos que caçara com seu arco e flecha. Ele tirou a pele dos animais e acrescentou a carne ao cozido.

Após o jantar, perguntei para o Homem da Lua sobre Guyan.

— O que aconteceu entre os governantes dos Efe?

— Pouco mais de dois mil anos atrás, a tribo Efe era um povo pacífico e nômade, que acompanhava o gado e as estações. — O Homem da Lua reclinou-se de encontro à sela de Garnet, acomodando-se para a história. — Antes de se tornar um membro oficial da tribo, os jovens faziam uma peregrinação de um ano de duração e traziam de volta uma nova história para a tribo. Dizem que Hersh passou muitos anos longe e que, quando retornou, trouxe de volta o conhecimento da magia do sangue. A princípio, ensinou apenas para alguns magos Efe, chamados de Guerreiros, como aumentar os seus poderes. Pequenos ritos exigindo uma gota do próprio sangue. O poder a mais se dissipava após a tarefa ter sido completada. Em seguida, Hersh mostrou como misturar o próprio sangue com tinta e injetá-lo na pele. Agora o poder não se dissipava, e eles se tornaram Guerreiros mais fortes. Logo descobriram que usar o sangue de outro era ainda mais potente. E o sangue do coração, retirado de dentro das câmaras do órgão, concedia poderes inacreditáveis.

O Homem da Lua ajeitou-se no lugar, fitando o céu negro.

— O problema de se usar magia de sangue é que ela vicia. Embora os Guerreiros Efe fossem poderosos, eles ainda queriam mais. Não matavam membros de seu próprio clã, mas buscavam vítimas nos clãs vizinhos. Não querendo mais seguir o gado nem colher a própria comida, roubavam o que precisavam de outros. O abuso continuou por um longo tempo. E teria continuado se um Efe chamado Guyan não tivesse detido os Guerreiros. Ele manteve sua magia pura. Enojado com os horrores que testemunhou, Guyan organizou uma resistência. Os detalhes da batalha se perderam no tempo, mas a quantidade de magia puxada do manto de poder foi suficiente para arrasar as montanhas Daviian e danificar a fonte de poder. Guyan organizou o que restou do clã e estabeleceu o papel do Tecelão de Histórias, cuja missão era ajudar a restaurar a população e o poder.

O Homem da Lua bocejou.

Comparei sua história com o que eu aprendera sobre história sitiana.

— É mesmo possível restaurar a fonte de poder? Li uma história em que um mago acumulou o poder ao redor de si mesmo, e foram necessários duzentos anos para redistribuir o manto.

— Guyan foi o primeiro Tecelão de Histórias — Tauno disse. Ele sequer movera um músculo durante a história do Homem da Lua. — Os poderes incríveis de Guyan podiam restaurar a fonte de poder, uma habilidade de que não se tem notícia desde então.

O Homem da Lua concordou.

— O manto não está perfeito. Há buracos, rasgos e pequenos remendos. Pode chegar o dia em que ele se dissipará, e a magia será uma coisa do passado.

Um estalo alto veio da fogueira. Eu me sobressaltei. A última das nozes de Leif crepitou e morreu, deixando-nos na escuridão. Tauno ofereceu-se para pegar o primeiro turno, enquanto eu e o Homem da Lua nos aprontávamos para dormir.

Fiquei acordada, tremendo dentro da minha capa, pensando na fonte de poder. Descobrir a existência de tais buracos, chamados de Vácuos, fora uma surpresa desagradável. Alea Daviian me arrastara até uma área, sem poder para me torturar e me matar. Sem conseguir acessar minha magia, senti-me totalmente indefesa. O fato de ter sido amarrada a uma carroça apenas serviu para reforçar minha completa falta de controle. O erro de Alea fora não me revistar atrás de armas, e eu usara o meu canivete para escapar.

Alea também quisera coletar meu sangue, e perguntei-me se sua intenção era realizar o ritual Kirakawa em mim. Supus que jamais descobriria. Não podia perguntar a uma mulher morta. Ou podia? Uma imagem de espíritos invisíveis flutuando acima de mim preencheu meus pensamentos, e senti como se uma camada de gelo recobrisse minha pele.

Na manhã seguinte, comemos um desjejum frio de carne-seca e queijo. O Homem da Lua estimava que alcançaríamos o campo principal dos Sandseed até o fim da tarde.

— Tentei alcançar os anciões — o Homem da Lua disse. — Mas há uma barreira forte de magia protetora envolvendo o acampamento. Ou meu povo conseguiu rechaçar os Vermes e esse novo escudo é uma precaução contra novos ataques ou os Vermes assumiram o controle e estão se defendendo.

— Vamos torcer pela primeira opção — eu disse.

Montamos e cavalgamos pela maior parte do dia, parando apenas uma vez para descansar os cavalos. Antes de alcançarmos o ponto onde seríamos visíveis do acampamento Sandseed, detivemo-nos. Tauno faria o reconhecimento do acampamento e voltaria para nos dar o relatório.

Colocando de lado o arco e as flechas, Tauno encharcou a si mesmo e as roupas com água e rolou no chão de areia. Os grãos grudaram na sua pele. Ele misturou-se tão bem com o que o cercava, que logo desapareceu de vista.

Agitada, andei de um lado para o outro, enquanto o Homem da Lua aparentava serenidade.

— Preocupação não vai mudar nada — ele disse em resposta à pergunta que eu nunca fiz. — Prefiro conservar energias para quando, de fato, pudermos fazer alguma coisa.

— Tem razão, é claro, mas, às vezes, a lógica *não* triunfa sobre as emoções.

Ele deu de ombros. Resisti à tentação de me preocupar e optei por me concentrar no que eu podia fazer.

Cheiros?, perguntei a Kiki.

Doce. Casa, ela respondeu. *Coçando*.

Placas de lama lhe recobriam o pelo cor de cobre. Revirei a mochila até achar a almofada. Ainda estava escovando Kiki quando Tauno retornou.

— O campo é seguro. Se partirmos agora, poderemos chegar lá antes de escurecer — ele informou.

Enquanto nos preparávamos para partir, ele nos contou o que vira.

— Tudo parecia normal. Yanna lavava roupas, e Jeyon esfolava uma lebre. Aproximei-me mais e avistei os anciões discutindo perto do fogo. As crianças estão fazendo suas lições. Os jovens, treinando com as espadas de madeira. Muitas cabeças secando ao sol.

— Cabeças? — indaguei.

— Nossos inimigos — o Homem da Lua explicou sem rodeios, como se decorações com cabeças decapitadas fossem a coisa mais comum do mundo.

— É um bom sinal — Tauno disse. — Significa que vencemos a batalha.

No entanto, Tauno não parecia satisfeito.

— Falou com alguém? — perguntei.

— Falei. Jeyon me sinalizou que estava tudo bem. Não quis desperdiçar a luz do dia tentando descobrir detalhes. — Ele olhou para o céu. — Uma refeição quente, à beira da fogueira, vai ser muito bem-vinda.

Concordei. Tauno juntou-se a mim no lombo de Kiki, e o Homem da Lua montou Garnet. Animados, fazíamos piadas, enquanto cavalgávamos até o acampamento Sandseed.

O crepúsculo acinzentado começou a minguar, à medida que as tendas do acampamento foram ficando visíveis. Muitos Sandseed estavam reunidos perto da fogueira. Alguns mexiam o conteúdo de enormes caldeirões, e, pelo aroma inebriante, supus que estivessem preparando um cozido de carne de veado. Hum. Outros acenaram quando nos aproximamos. Reduzimos a marcha dos cavalos.

O ar tremulava com o calor. Vasculhei a área com minha magia, porém senti apenas a forte proteção que o Homem da Lua mencionara. A magia não parecia ser uma ilusão, mas minha experiência era limitada.

Quando cruzamos a barreira mística, eu me retesei. Até mesmo Tauno apertou minha cintura com mais força. Contudo, a cena não mudou. Os Sandseed continuaram iguais. Três homens e duas mulheres avançaram até nós quando detivemos os cavalos, enquanto o restante retomava o trabalho da noite.

O rosto da mulher parecia estar marcado pela preocupação ou pela tristeza. Devia ter havido baixas entre os Sandseed. Os homens Sandseed agarraram as rédeas dos cavalos. Uma coisa estranha para se fazer, considerando que haviam treinado os cavalos para ficarem imóveis. Kiki empinou. Segurei sua crina quando ela se libertou bruscamente dos Sandseed que a seguravam.

Cheiro ruim, ela disse.

A luz da fogueira reluziu sobre o aço. Virei-me a tempo de ver uma turba de Daviian bem armados emergindo das tendas.

O ARCO de Tauno entrou em ação e eu gritei:

— Vai! Vai! Vai!

Kiki estava livre, mas dois Sandseed seguravam com força as rédeas de Garnet. Um olhar rápido para o lado revelou que cerca de três metros e meio nos separavam dos Vermes mais rápidos.

Puxei meu cajado da mochila, e Kiki girou. Ela usou as patas traseiras para manter os Vermes ocupados enquanto eu acertava com o cajado a têmpora do Sandseed que segurava Garnet. Senti uma pontada de arrependimento ao ver o homem tombar no chão. Ele provavelmente fora forçado a nos emboscar. Mas não deixei que o sentimento me impedisse de atacar o segundo homem segurando Garnet.

— Vai! Vai! Vai! — voltei a gritar.

Mesmo com a cimitarra do Homem da Lua, as flechas de Tauno e o meu cajado, os Vermes nos tinham em desvantagem numérica. Era apenas uma questão de tempo até sermos dominados. Em uma confusão de cascos, aço e gritos, os cavalos deixaram para trás o acampamento Sandseed, dando início ao seu galope rajada de vento.

Havíamos cavalgado a maior parte da noite para nos afastarmos o máximo possível dos Vermes. Os cavalos desaceleraram. Abaixando

a cabeça, mostraram-se ofegantes. Seus pelos reluziam de suor. Restavam apenas algumas horas de escuridão. Desmontando, removemos as selas dos animais. Enquanto eu caminhava com os cavalos para refrescá-los, o Homem da Lua e Tauno foram atrás de lenha e caça.

Ninguém disse uma palavra. O choque do ataque ainda era recente, e a sua lembrança vívida se repetia incessantemente na minha cabeça. Suas ramificações eram terríveis demais para considerar naquele instante.

Em silêncio, comemos outro cozido de coelho. Refleti sobre nosso próximo passo.

— Os anciões...

A voz do Homem da Lua parecia tão alta no denso ar noturno.

— Ainda estão vivos — Tauno falou. — Por ora.

— Será que eles os matariam?

Um arrepio percorreu meu corpo só de pensar em todos aqueles crânios secando.

— A armadilha foi acionada. Não precisam mais deles — o Homem da Lua respondeu, mas, logo em seguida, pareceu reconsiderar suas palavras. — Talvez fiquem com eles como escravos. Os Vermes são preguiçosos no que diz respeito a tarefas domésticas.

— E devem ser extremamente aplicados quando se trata de assassinatos rituais e aquisição de poder — eu retruquei. — Que sorte a nossa. — A cena voltou a se repetir na minha cabeça. — Acha que parte de seu povo conseguiu escapar?

— Pode ser. Contudo, eles teriam abandonado as Planícies — ponderou o Homem da Lua. — Os Sandseed não controlam mais a magia protetora das planícies Avibian. Ficar dentro de seus limites seria perigoso para eles. Por ora, os Vermes estão usando a proteção para manter a sua presença um segredo, porém, agora que escapamos, acredito que a usarão para nos encontrar. Talvez até nos atacar com magia.

— Nesse caso, não devemos nos demorar. Há algum modo de sabermos se eles nos encontraram?

— Podemos erguer uma barreira para nos alertar de um ataque e talvez até rechaçar uma investida inicial.

— Devemos selar logo os cavalos, para o caso de precisarmos bater rapidamente em retirada.

Fiquei de pé.

— Isso seria prudente.

O Homem da Lua me ajudou com os animais.

Kiki bufou irritada quando apertei as correias.

Cansada, disse. Não precisa. Cheiro bom.

Por ora. Se o cheiro ficar ruim, podemos partir mais rapidamente.

Eu lhe dei algumas balas de hortelã e cocei atrás das enormes orelhas. Ela suspirou, e seus olhos começaram a se fechar.

Após preparar os cavalos, nós três nos sentamos em um círculo ao redor da fogueira.

— Talvez devêssemos apagar as chamas.

Preocupada que o Deformador do Fogo pudesse me pressentir através das chamas, eu não usara minha magia perto do fogo.

O Homem da Lua despejou água sobre as labaredas. Uma coluna de fumaça rosada ergueu-se no ar.

— Yelena, quero que puxe fios de poder. Deixe que eu faço o resto — o Tecelão de Histórias instruiu.

Concentrando-me, reuni filamentos de poder. O Homem da Lua puxou os fios para si e os usou para formar uma rede ao nosso redor. A expressão séria e aflita de Tauno deixava claro como ele estava pouco à vontade. Como o único sem magia, ele não possuía a habilidade de ver a proteção erguendo-se ao nosso redor.

Quando o Homem da Lua terminou, eu me desconectei da fonte de poder, sentindo-me esgotada. A rede pulsava com magia, embora não a estivéssemos mais alimentando. Eu me perguntei por que será que ela ainda funcionava. Em todos os meus esforços passados, o poder se dissipava assim que eu parava de usar magia. A não ser por minhas conexões mentais com Kiki e Irys, cada vez que eu queria curar ou projetar, tinha de conscientemente puxar energia da fonte de poder. No entanto, os Sandseed tinham a sua proteção, e havia outros feitiços cujos efeitos não cessavam.

Uma imagem da faca nos aposentos de Valek me veio à cabeça. Quando Valek assassinara o rei de Ixia, o rei o amaldiçoara, prometendo que seu sangue mancharia eternamente as mãos de

Valek. Como magia não funcionava em Valek, a maldição se transferiu para a faca. O sangue do rei ainda a recobria e permanecia tão úmido e brilhante quanto no dia em que o rei fora morto.

Perguntei ao Homem da Lua como a rede protetora permanecia ativa.

— De um modo geral, canalizamos a magia através de nós. Contudo, há ocasiões em que conseguimos desviar o poder de volta para a fonte. É algo que pode ser muito difícil de fazer, e, ao pedir que você puxasse o poder, pude poupar minha energia para moldá-lo e redirecioná-lo de volta para a fonte. Proteção em grande escala, como a que cobre as planícies Avibian e os Sandseed...

Uma pontada de emoção interrompeu suas palavras, e ele engoliu a tristeza antes de continuar.

— Circuitos fechados de magia de grandes proporções exigem um esforço imenso de muitos magos, mas podem ser eficientes por muito tempo. A proteção que acabamos de criar durará algumas horas antes de se dissipar. Tempo suficiente para dar aos cavalos a chance de descansar.

— E depois? — perguntei, mas ele olhou para mim. O comentário de Leif sobre eu ser a comandante passou pela minha cabeça. Respondi minha própria pergunta. — Deixamos a planície. Seguimos para a Cidadela e informamos ao Conselho a respeito da situação com os Vermes.

— Com um pouco de sorte, eles já estarão sabendo. Os sobreviventes Sandseed seguirão para a Cidadela. — O Homem da Lua fez uma careta. — Se houver algum.

Aguardar que os cavalos recuperassem um pouco de suas forças provou ser difícil. Nossa rede de proteção brilhava sempre que a magia dos Vermes vasculhava a região. Até agora, a rede nos escondia dos Vermes, mas cada choque enfraquecia as fibras.

O desejo de fugir e a necessidade de dormir batalhavam em meu íntimo. Queria ficar acordada, para o caso de os Vermes atacarem, mas cochilei várias vezes antes de o céu se iluminar com o sol nascente.

As poucas horas antes da alvorada haviam sido suficientes para os cavalos. Montamos e seguimos para o noroeste, cavalgando a toda. Durante as nossas paradas para descansar, o Homem da Lua buscava algum sinal de que a magia dos Vermes havia nos encontrado. Eu projetava minha consciência para descobrir se eles estavam fisicamente no nosso encalço. Na nossa pressa, deixávamos para trás uma trilha física que até mesmo os meus olhos destreinados eram capazes de seguir.

Faltando algumas horas para cruzarmos os limites de Avibian, paramos para um descanso mais demorado. O Homem da Lua declarou que os Vermes haviam perdido a nossa pista, e eu não conseguia pressentir ninguém por perto.

Como já viajavamos juntos há quinze dias, cuidamos automaticamente de nossas tarefas escolhidas, mesmo com a ameaça Daviian pairando sobre nossa cabeça.

Quando terminei de escovar os cavalos e atender às suas necessidades, senti o cheiro do cozido de coelho sendo preparado no fogo.

Tauno estava sentado ao lado da panela. Os ombros curvados, como se carregassem um grande peso, e a atenção fixa no chão. Desde ontem, ele mal dissera algumas poucas palavras. Talvez se sentisse culpado e responsável por ter nos conduzido a uma emboscada. Pensei em conversar com ele, mas supus que ele se sentiria mais à vontade falando com o Homem da Lua. Perguntei-me se o Homem da Lua não seria o seu Tecelão de Histórias. Todos os Sandseed tinham um Tecelão de Histórias para aconselhá-los ao longo da vida.

Olhei ao redor, dando-me conta de que o Homem da Lua não retornara de sua coleta de lenha, embora houvesse uma pilha de galhos descansando ao lado da fogueira.

— Tauno, onde está o Homem da Lua? — perguntei.

Tauno sequer levantou a cabeça ao dizer:

— Ele foi chamado para o mundo das sombras.

— Chamado? Isso significa que outro Tecelão de Histórias sobreviveu ao ataque dos Vermes?

— Terá de perguntar a ele.

— Quando ele voltará?

Tauno ignorou o resto das minhas perguntas. Frustrada, circulei pela área, procurando o Homem da Lua, e encontrei suas roupas em uma pilha, no chão. Virei-me para voltar para a fogueira e esbarrei nele.

Surpresa, dei um salto para trás. O Homem da Lua me segurou pelos braços para impedir que eu caísse.

— Onde esteve? — perguntei.

Ele me fitou com uma intensidade alarmante. Chamas azuis reluziam nos seus olhos castanhos. Tentei me mover, mas ele se recusou a me soltar.

— Estão mortos — disse em um tom de voz monótono. — Tecelões de Histórias e Sandseed, mortos. Suas almas assombram o mundo das chamas.

Ele apertou os meus braços com mais força.

— Você está me machu...

— Você pode ajudá-los.

— Mas eu não...

— Garota egoísta. Prefere perder as suas habilidades a usá-las. E é o que vai acontecer. Você se tornará escrava de outro.

Suas palavras me esbofetearam no rosto.

— Mas eu as tenho usado o tempo todo.

— Qualquer um pode curar. Contudo, você se esconde de seu verdadeiro poder, e outros sofrem por isso.

Magoada e ofendida, tentei me libertar, mas ele se recusava a me soltar. Para não ter de machucá-lo, projetei minha consciência na mente do Homem da Lua. Grossas cordas de um poder acinzentado o envolviam. O mundo das sombras ainda estava com a mente dele, meus esforços para romper o vínculo falharam.

— O mundo das sombras chama.

O Homem da Lua começou a desaparecer. Meu corpo ficou transparente. Ele planejava me levar consigo para um lugar onde eu receava que não conseguiria acessar magia. Enfiando a mão no bolso, saquei o canivete e acionei a lâmina. Cortei-o ao longo da barriga. O Homem da Lua estremeceu e me soltou. Ele desabou no chão, encolhendo-se todo.

Olhei para a forma imóvel do Homem da Lua. O poder acinzentado desaparecera, mas eu não fazia ideia de qual era seu estado mental. Talvez o choque e o pesar houvessem sido demais para ele. Difícil de acreditar. O tempo todo, ele fora uma presença firme e tranquilizadora.

Ajoelhei-me ao seu lado. O sangue que saía da ferida encharcava sua camisa. Reunindo poder, concentrei-me na barriga dele. O corte pulsou com uma luz vermelha, e uma linha de dor se formou na minha própria barriga. Encolhi-me no chão, concentrando-me no ferimento. Minha magia consertou o estrago.

Quando terminei, o Homem da Lua agarrou minha mão. Tentei me libertar, mas ele apertou. Meu corpo estremeceu quando a imagem de corpos decapitados atingiu minha mente. A multidão me cercou, envolvendo-me com o fedor de carne morta, enquanto eles exigiam vingança. Outro tremor quando a cena do massacre apossou-se dos meus sentidos. O fedor ardente de fluidos corporais e morte incomodou o meu nariz, ao mesmo tempo em que o sangue encharcou o chão. Corpos mutilados estavam espalhados de uma maneira casual, irreverente, e deixados para serem encontrados pelos abutres.

O Homem da Lua sentou-se, e tentei soltar minha mão. Ele me fitou nos olhos.

— Foi isso que você viu no mundo das sombras? — perguntei.

— Foi.

O horror apossou-se de seus olhos quando as imagens revoltantes voltaram a ocupar seus pensamentos.

— Entregue-me as lembranças. — Senti sua relutância. — Eu não as esquecerei.

— Você os ajudará?

— Você não pode?

— Só posso ajudar os que estão vivos.

— Vai me contar como ajudar ou prefere recitar mais asneiras enigmáticas?

— Você não quer aprender. Recusa-se a enxergar o que está ao seu redor.

— Não respondeu à minha pergunta.

A dor apossou-se de seu rosto, e a luz no seu olhar ficou mais fraca. Ele não seria capaz de funcionar com o terrível conhecimento do quanto o seu povo sofrera.

— Entregue-as para mim. Tentarei ajudá-los, mas não neste instante.

Mentalmente, acrescentei “consolar Sandseed mortos” ao fim da minha longa lista de coisas para fazer. Depois de lidar com o Deformador do Fogo, o que ia ser moleza. Enquanto mentia para mim mesma, incluí voar e transformar pedras em ouro à lista. Por que não pensar grande?

O Homem da Lua libertou o caos emocional das visões. Ele não esqueceria as imagens, contudo, elas deixariam de sufocá-lo. Puxei sua culpa e angústia para a minha alma. Tanta carnificina e sangue. Tudo para aumentar o poder dos Vermes. Tantos mortos. Tantos. Como consolar aquelas vítimas? Impedir os Vermes de aumentar suas forças poderia funcionar. E se tentassem novamente? Talvez destruir o manto do poder para impedir que todo mundo usasse magia pudesse funcionar. Uma medida drástica e desesperada, que talvez nem fosse possível.

Soltando a minha mão, o Homem da Lua ficou de pé.

— O que você disse sobre o meu futuro é verdade? — perguntei.

— É. Você se tornará escrava de outro.

Encerrando a conversa, o Homem da Lua retornou até a fogueira.

Comemos o cozido em silêncio. Levantando acampamento, montamos e tocamos os cavalos na direção dos limites das planícies Avibian. Quando alcançamos a estrada localizada entre as Planícies e as terras do clã Greenblade, seguimos para o norte, na direção da Cidadela, e reduzimos a marcha dos cavalos para um trote. Tão tarde da noite assim, a estrada estava deserta.

Estar fora das Planícies, ao menos, nos deu a ilusão de segurança, mas eu queria avançar um pouco mais antes de pararmos para passar a noite.

Os três dias seguintes se arrastaram. Mal havendo uma palavra trocada entre nós três, um silêncio constrangedor se abateu sobre nós enquanto viajávamos para a Cidadela. As palavras do Homem da

Lua se repetiam na minha mente, irritando-me como um guincho agudo. Queria saber quem me forçaria a ser escrava e quando, mas sabia que a resposta do Homem da Lua seria um comentário enigmático e que eu não seria inteligente o suficiente para decifrá-lo. À medida que avançávamos para o norte, o ar ia ficando úmido e frio, e uma garoa noturna deixou nossa viagem ainda mais sofrida.

Enxergando a visão bem-vinda dos muros de mármore branco da cidade, no terceiro dia, comecei a galopar com Kiki. Há dezoito dias longe da Fortaleza, sentia saudades de Irys, minha antiga mentora, que respondia às minhas perguntas com reconfortante objetividade, e também dos meus amigos na Fortaleza dos Magos.

Após cruzar o portão da entrada sul da muralha externa, atravessamos as ruas da Cidadela, puxando os cavalos. Poças de lama salpicavam as calçadas. Cidadãos corriam apressadamente sob a chuva intermitente, e o tempo cinzento dava um ar triste às construções de mármore. O cheiro de lã molhada se espalhava pelo ar. Seguimos para Council Hall, que ficava localizado junto aos outros prédios do governo, no quadrante sudoeste da Cidadela.

Casa?

Kiki olhou com saudade para as quatro torres da Fortaleza.

Em breve, prometi. Por ora, descanse aqui. Um estábulo, para os Conselheiros, havia sido erguido atrás do prédio. Pelo menos, estará protegida da chuva.

Assim que Kiki e Garnet estavam instalados, adentramos a sede do Conselho.

Um guarda nos informou de que uma reunião do Conselho acabara de ser encerrada e que deveríamos entrar antes que os Conselheiros fossem embora. Adentrando o Grande Salão, avistei Irys conversando com Bain Bloodgood, o Segundo Feiticeiro. Grupos de conselheiros e auxiliares se reuniam espalhados pelo salão, preenchido pelo barulho de suas discussões. Pelos tons ásperos e estridentes das vozes, pressenti que a discussão não correria bem e senti um arrepio de medo percorrer minha pele.

O Homem da Lua e Tauno seguiram direto para o Conselheiro deles, Harun Sandseed. Eu fiquei para trás, não querendo interferir com os Sandseed. Irys veio apressadamente na minha direção.

Estava com sua expressão séria de Quarta Feiticeira. Estava preocupada. Examinando com mais atenção os agrupamentos de conselheiros, descobri a razão de sua preocupação.

Cahil estava de pé ao lado de Roze Featherstone e de outro Conselheiro. Ele ria e conversava como se aquele fosse o seu lugar.

AVANCEI PARA confrontar Cahil. Ele deveria estar na masmorra por ajudar um assassino a fugir, não de pé no meio do Grande Salão conversando com Roze. Fiquei ainda mais alarmada ao ver alguns Vermes no interior do Salão.

Irys tinha outros planos. Ela me agarrou pelo braço e me puxou para o canto.

— Esta não é a hora — falou.

— O que está acontecendo? — exigi saber.

Irys olhou ao redor do salão. Alguns Conselheiros estavam perto o suficiente para nos escutar, de modo que ela passou a se comunicar comigo mentalmente.

Cahil alega que estava em uma missão secreta este tempo todo, ela disse. Ele afirma que não libertou Ferde.

E por que alguém acreditaria nisso?

Porque Roze confirmou a versão dele.

O choque me atingiu como uma descarga elétrica. Torci para não ter entendido direito. Mas a expressão séria de Irys permaneceu inalterada.

A coisa fica pior ainda, ela disse. Cahil diz que flagrou Marrok libertando Ferde, e que, após interrogá-lo, Cahil descobriu que Ferde estava a caminho de se encontrar com outros. Cahil seguiu o Ladrão de Almas para descobrir o que planejavam.

Isso é ridículo. Sabemos que Cahil surrou Marrok para descobrir a verdade a respeito de seus pais biológicos.

A essa altura, é a palavra de Cahil contra a de Marrok, porque não há evidência alguma comprovando quem libertou Ferde. Ainda mais levando em consideração que Ferde não pode ser interrogado. Irys franziu a testa. Mais tarde, conversaremos sobre os seus atos, mas o que quer que tenha descoberto na mente de Ferde não poderá ser usado como evidência.

Por que não?

Porque você já esteve emocionalmente envolvida com o Ladrão de Almas, e sua imparcialidade é suspeita. Sei que não é certo, ela prosseguiu, pressentindo o meu protesto, mas quando o Conselho descobriu o que você fizera com Ferde, os receios quanto a você ser uma Descobridora de Almas foram confirmados, e os avisos de Roze, validados.

Suspirei. Meus temores também haviam sido confirmados.

Onde está Ferde agora?

Na prisão da Cidadela, esperando que o Conselho decida o que fazer com ele. Embora eu ache que executá-lo seria um ato de bondade.

Sua censura magoou, e minha culpa aumentou. Forcei meus pensamentos para longe de Ferde e me concentrei em Cahil. Tinha de haver um modo de mostrar para o Conselho a verdade sobre o seu envolvimento.

Onde está Marrok? O que ele disse?

Está detido, aguardando para ser interrogado. Ele alega que não libertou Ferde. Não tinha motivo para fazê-lo. Mas Cahil afirma que Marrok queria incriminá-lo pela fuga, de modo a poder liderar os homens de Cahil. E também que Marrok mentiu para ele, e que Cahil possui sangue nobre.

Senti-me atordoada. Cahil tinha resposta para tudo.

Nesse caso, por que Cahil estava viajando com Ferde?

Diz que fazia parte de sua missão secreta. Assim que alcançou Ferde, ele o convenceu de que queria fazer parte de seus planos. Enquanto viajava com os Daviian, Cahil afirma que os recrutou para mudarem de lado.

Ela gesticulou na direção dos Vermes no salão.

Por acaso, ele mencionou os Vermes usando magia de sangue ou o Deformador do Fogo?

Não, não mencionou. Mas Leif tentou. Leif tentou desacreditar Cahil, e muitos dos Conselheiros acharam que seu irmão estava exagerando quanto aos Daviian. Infelizmente a reputação de Leif de enxergar morte e destruição em tudo quanto era lugar depôs contra ele.

Será que Cahil disse o que os Daviian pretendem?

Parte de mim não queria escutar a resposta de Irys. Preparei-me para o pior.

De acordo com Cahil, os líderes dos Daviian estão compactuados com o Comandante de Ixia. Juntos, planejam assassinar o Conselho e os Mestres Feiticeiros, e, em meio ao caos decorrente, os Daviian se oferecerão para ajudar Sitia na batalha contra Ixia. Porém, na realidade, não haverá guerra, e os Daviian acabarão por transformar o governo de Sitia em uma ditadura.

Exatamente o que o Conselho teme desde que o Comandante assumiu o poder em Ixia, e, somando isso às impressões negativas resultantes da visita da embaixadora ixiana, os Conselheiros estavam suscetíveis às mentiras de Cahil. Agora parecia que Roze estava certa ao alertar o Conselho sobre o Comandante. E eu não tinha como provar que estavam errados.

E quanto ao meu treinamento?, perguntei.

Não achei que Irys pudesse parecer mais aborrecida, mas ela deu um jeito de amarrar ainda mais a cara.

O Conselho concedeu, a Roze, permissão para "avaliar" o seu envolvimento nesses acontecimentos e determinar o risco que você representa para Sitia.

Estou certa de que ela não será imparcial. Não tenho o direito de recusar?

Não. Mas os outros Mestres estarão presentes como testemunhas. Todos, exceto eu. Minha objetividade foi considerada comprometida, devido à nossa amizade.

O Homem da Lua e Tauno terminaram a conversa com Harun. Eles vieram na nossa direção.

Soube do massacre dos Sandseed?, perguntei para Irys.

Soube. Uma notícia terrível que concedeu, a Cahil, ainda mais provas da ameaça dos Daviian. O Conselho está preparando o exército sitiano para a guerra.

Nem precisei perguntar. Irys viu a pergunta nos meus olhos.

Guerra contra os Daviian e contra Ixia.

Era o fim do meu cargo de oficial de ligação. Guerra entre Ixia e Sitia era justamente o que eu esperava poder evitar. Contudo, tinha de haver mais por detrás dos Vermes Daviian. Sabia que o Comandante jamais se uniria a eles. Eles usavam magia de sangue, e ele não aprovava o uso de qualquer magia. Além do mais, ele podia atacar Sitia sem o auxílio dos Vermes. Mais uma vez, eu não dispunha de provas.

O Homem da Lua e Tauno se juntaram a nós.

— Há cerca de uma dúzia de sobreviventes Sandseed — O Homem da Lua disse. — Eles vieram até a Cidadela e, por ora, estão alojados aqui. Apenas um Tecelão de Histórias, além de mim, sobreviveu. É Gede, e é com ele que precisamos falar sobre o Deformador do Fogo.

— Quem... — Irys começou a dizer.

O Homem da Lua continuou falando.

— Você mencionou que o mestre Bloodgood possui alguns livros sobre os Efe, não foi?

— Foi.

— Devemos examiná-los. Gede e eu iremos até a Fortaleza, amanhã de manhã.

O Homem da Lua virou-se e foi embora.

Observei-o afastar-se, sentindo-me pouco à vontade. Desde que ele tentara me arrastar para o mundo das sombras, sua atitude para comigo mudara completamente. Ele se portava como se houvesse desistido de mim.

— Isso foi um tanto quanto abrupto — Irys comentou.

— Ele passou por muita coisa.

— Você também. Conte-me a respeito desse Deformador do Fogo. Leif ofereceu apenas alguns detalhes confusos.

Ao deixarmos Council Hall e seguirmos para a Fortaleza, relatei nossas aventuras para ela.

Na manhã seguinte, reunimo-nos no gabinete de Bain Bloodgood. Ocupando todo o segundo andar da sua torre, o escritório de Bain era rodeado de estantes para livros. Elas haviam sido construídas ao redor das janelas compridas e finas, e todas as prateleiras transbordavam de tantos textos. Uma escrivaninha, algumas cadeiras de madeira e uma poltrona extravagante, parecendo ser tão velha quanto Bain, ocupavam o centro do recinto. O cheiro forte de tinta impregnava o ar. Tinta manchava o tampo da mesa e os dedos de Bain. E o único espaço do chão sem uma pilha de livros era uma trilha de trinta centímetros que vinha da porta até a mesa.

A tensão no recinto era palpável. O Homem da Lua largara seu corpo enorme em uma das cadeiras. Parecia pouco à vontade e lançava olhares saudosos lá para fora. Eu não me sentia muito diferente dele. O aposento parecia excessivamente lotado e apertado até mesmo para mim. Bain sentava-se atrás da mesa, com Dax Greenblade de pé ao seu lado. Dax era o aprendiz de Bain e tinha o talento raro de ser capaz de ler idiomas antigos. Sua ajuda em encontrar Ferde e resgatar Gelsi fora vital.

Irys fitava o outro Tecelão de Histórias Sandseed com um desagrado muito mal disfarçado. Gede chegara com o Homem da Lua e adentrara o aposento como se ali fosse o seu lugar. Portava-se com autoridade e dava a impressão de ser mais alto do que realmente era. Só quando ficou de pé, ao lado de Irys, é que sua verdadeira altura foi revelada. Tinha o mesmo 1,75m.

— Estes livros me pertencem — Gede afirmou.

A declaração foi recebida em silêncio. Dax olhou para mim, a incredulidade reluzindo nos seus olhos verde-escuros.

— Meu ancestral batalhou para banir todo e qualquer conhecimento referente à magia de sangue, no entanto, aí estão eles... — Ele gesticulou na direção dos dois livros abertos sobre a mesa de Bain. — Para qualquer um pegar e ler.

Irys argumentou:

— Duvido que qualquer um além de mestre Bloodgood e Dax seja capaz de ler ou entender a língua...

Gede a interrompeu.

— Basta uma pessoa para lê-los, ter ideias e resolver fazer experiências com o conhecimento. A magia de sangue é diferente de qualquer outra. Uma vez que a pessoa começa a usá-la, é impossível parar.

— Parece que os Vermes descobriram a informação sem a ajuda dos livros — eu disse.

— Como é que você sabe? — Gede perguntou. Ele olhou para Dax com evidente desconfiança. — Talvez alguém venha lhes passando a informação.

Postei-me diante de Gede antes que Dax pudesse se defender.

— Pois não partiu daqui. Além do mais, ter esses livros pode acabar sendo uma vantagem. Seu antepassado, Guyan, derrotou os Efe, e talvez o livro contenha informações sobre como enfrentar a magia de sangue dos Vermes e sobre como derrotar o Deformador do Fogo.

— Ainda mais razão para que os entreguem para mim — Gede afirmou. — Os Sandseed encontrarão uma maneira de se opor aos Daviian. Afinal de contas, eles são problema nosso.

— Não são mais apenas problema de vocês — Bain retrucou. — E manteremos os textos aqui. É bem-vindo a estudá-los conosco.

Mas Gede insistia na sua reivindicação, e Bain se recusava a ceder. Por fim, Gede ergueu-se para ir embora. Ele deteve-se diante de mim e, com frieza nos olhos escuros, me olhou dos pés à cabeça.

— Você sabia que Guyan era um Descobridor de Almas? — perguntou-me.

Surpresa, respondi:

— Não. Pensei que ele houvesse sido o primeiro Tecelão de Histórias.

— Ele foi as duas coisas. Você nada sabe a respeito de Descobridores de Almas. — Ele olhou friamente para o Homem da Lua. — Sua educação tem sido patética. Posso ensiná-la a ser uma Descobridora de Almas de verdade.

Senti o meu coração saltar no interior do peito. A perspectiva de aprender mais sobre os Descobridores de Almas, ao mesmo tempo, me empolgava e me apavorava.

Gede deve ter percebido a indecisão no meu rosto.

— Não precisa desses livros para derrotar o Deformador do Fogo.

Bom demais para ser verdade. Sabia que tinha de haver alguma desvantagem envolvida.

— Suponho que me guiará com as costumeiras asneiras enigmáticas.

— Hã? — Mais uma vez, Gede lançou um olhar irritado para o Homem da Lua. — Não temos tempo para isso. Interessada?

A lógica e a emoção se digladiaram.

— Estou.

A emoção venceu.

— Ótimo. Estou alojado nos aposentos para hóspedes da Cidadela. Venha ao crepúsculo. A luz já estará alta o suficiente.

Seguido pelo Homem da Lua, Gede deixou o aposento.

Irys ergueu uma das delgadas sobranceiras ao me fitar.

— Eu não...

— Acha que seja a melhor decisão — completei para ela. — Acha que eu deva mergulhar de cabeça na situação e torcer para o melhor.

Alisando as mangas da túnica, ela me lançou um olhar de esguelha.

— Não. Eu não confio nele.

Conflitada, demorei-me do lado de fora da torre de Roze. Esta reunião com ela, Bain e Zitora podia ser uma armadilha. Ela poderia me enganar a confessar conspirações contra Sitia ou poderia ser uma oportunidade para me redimir. Era bom ter opções.

Bain abriu a porta e disse:

— Entre, criança. Está frio aqui fora.

A decisão tomada, segui Bain até o interior do lar de Roze. Um enorme fogo estalava e crepitava, cuspidando faíscas, que teriam queimado o tapete púdo se Roze não apagasse as centelhas errantes com sua magia. Com a lembrança de seu ataque com fogo

gravada na minha mente, escolhi uma cadeira de madeira maciça o mais longe possível dela e da lareira.

Espartanamente decorado, o aposento não possuía o conforto aconchegante da área de visitas de Irys nem o ambiente intelectual do estúdio de Bain. Zitora, a Terceira Feiticeira, estava empoleirada na beirada de sua cadeira, outra poltrona de encosto alto sem almofadas. Ela não tirava os olhos das próprias mãos, que estavam cruzadas sobre o colo. Bain ocupava a única poltrona confortável. Gasto e excessivamente estufado, o tecido da cadeira estava quase rasgando, e a julgar pela expressão irritada de Roze sempre que olhava para ele, supus que Bain houvesse sentado em seu lugar favorito.

— Vamos acabar logo com isso — eu disse, rompendo o silêncio constrangedor.

— Nervosa? — Roze perguntou.

— Não. Tenho compromisso para daqui a uma hora e ainda tenho de lavar o cabelo.

Roze inspirou profundamente.

— Minhas caras, por favor. Isto já é bem difícil — Bain falou. — Coloquem de lado suas diferenças, e vamos avaliar a situação.

Roze guardou para si seu comentário. Impressionante. Ela assentiu formalmente para Bain. Ele alisou as dobras do manto antes de prosseguir.

— Yelena, você destroçou a alma de Ferde.

— Eu...

— Nada de comentários até eu ter terminado.

O tom de voz sério de Bain me deixou toda arrepiada. Ele era o segundo feiticeiro mais poderoso ali presente.

— Sim, senhor.

Satisfeito, Bain retomou o seu sermão.

— Sua ações impensadas provocaram descontentamento no Conselho. Primeiro, agiu sem permissão. Segundo, sua capacidade de destroçar uma alma alarmou vários membros do Conselho, inclusive eu. Você perdeu a confiança deles, invalidando, assim, qualquer informação que tenha obtido por intermédio de Ferde.

Tentei fitar Zitora nos olhos, mas ela desviou o rosto.

— De agora em diante, você tem ordens de ficar longe dos assuntos oficiais de Sitia, enquanto lidamos com essa nova ameaça Daviian. Roze concordou em permitir que você trabalhe com Gede para descobrir a extensão dos seus poderes, e reavaliaremos como você poderá ajudar nos nossos esforços no futuro.

Bain gesticulou, permitindo que eu me manifestasse.

Protestos borbulharam na minha garganta, mas eu os engoli e forcei o meu cérebro a fornecer uma resposta lógica. Esta reunião era uma emboscada. Não queriam me interrogar. Apenas me dizer o que fazer.

— E quanto a Cahil? Não pode acreditar nele — apelei para Bain.

— Não há provas de que ele esteja mentindo. A Primeira Feiticeira o apoia.

— Ele sempre foi egoísta — Roze disse. — Quer apenas uma coisa. Ajudar os Daviian contra Sitia iria contra tal desejo. Precisa de nossa ajuda para lançar a sua campanha para reivindicar Ixia. Um país em meio a uma guerra civil não seria capaz de ajudá-lo.

A lógica sensata de Roze me preocupava mais do que sua raiva.

— E quanto ao Deformador do Fogo?

Uma brilhante bola de fogo emergiu da lareira e pairou acima de nós. Apertei os olhos ante a luz forte. O calor das chamas bafejou o meu rosto. Roze cerrou os dedos, formando um punho, e a bola de fogo desapareceu. Abrindo a mão, ela gesticulou e apagou o fogo da lareira, deixando o aposento na penumbra.

— Sou a Primeira Feiticeira por um motivo, Yelena. Meu comando do fogo é a minha habilidade mais poderosa. Não precisa se preocupar com o Deformador do Fogo. *Eu* cuidarei dele.

As chamas voltaram a se acender, e, mais uma vez, luz e calor emanaram da lareira.

Não pude reprimir o meu ceticismo.

— Acha mesmo que permitirei que os Daviian e esse Deformador do Fogo assumam o controle de Sitia? Eles não cuidariam direito do meu país. Não. Farei o que for necessário para mantê-los longe do poder, inclusive protegê-la do Deformador do Fogo.

Agora ela estava deliberadamente me assustando.

— Você me quer morta.

— Verdade. Você é uma ameaça para Sitia, mas não tenho provas. Não posso obter o apoio do Conselho para que seja executada. Contudo, assim que tiver alguma evidência, você será minha.

Essa, sim, lembrava a Roze que eu conhecia e odiava. Fitamo-nos uma à outra com intensidade.

Bain pigarreou.

— Criança, dando ouvidos ao Conselho e trabalhando com Gede Sandseed, você recuperará a confiança do Conselho.

Aprender sobre os meus poderes era o que eu sempre quis, Ferde não era mais ameaça, e o Conselho estava a par dos Daviian. Por que eu deveria me importar se os seus membros queriam acreditar em Cahil? O exército do Comandante derrotaria o de Cahil. Eu quisera evitar a guerra, mas não tinha influência junto ao Conselho. Por que não ser egoísta uma única vez e ficar longe da política enquanto explorava os meus poderes?

Concordei. Mas o ligeiro alívio que senti não contribuiu muito para aliviar uma pontada de dúvida. O comentário do Homem da Lua sobre eu me tornar escrava de outro ecoava em minha mente.

Retornei aos meus aposentos na torre de Irys. Ela me oferecera três dos dez andares para usar. Subi as escadas ansiosa, preocupada e frustrada. Era melhor Roze ter razão quando se vangloriara de poder lidar com o Deformador do Fogo. Os livros Efe de Bain descreviam símbolos de poder e rituais de sangue, porém ele nada descobrira para combatê-los. E não havia menção de um Deformador do Fogo.

Dax traduzira o grosso dos livros, mas restavam alguns capítulos. Ele planejava passar a tarde trabalhando neles. Minha preocupação também provinha de um comentário que Dax fizera sobre Gelsi. A outra aprendiz de Bain, Gelsi, fora a última vítima de Ferde, mas eu o detive a tempo, revivi o corpo dela e devolvi a alma dela.

Quando eu lhe perguntara sobre ela, a resposta vaga de Dax fez com que eu o interrogasse mais a fundo.

— Para falar a verdade — Dax respondera. — Ela está diferente de antes.

— Diferente como? — eu perguntara.

— Está mais brusca. Infeliz. — Ele fez um gesto de futilidade com os braços. — Não aproveita mais a vida. Está mais preocupada com a morte. É difícil de explicar. O mestre Bloodgood está trabalhando com ela. Torcemos para que seja um condição que ela possa superar, e não... — Dax deu de ombros. — Permanente. Talvez você possa falar com ela.

Prometi visitá-la. Pensando bem, eu retornara as almas de duas pessoas aos corpos que já haviam morrido. As de Gelsi e de Stono. E ambos voltaram mudados. Será que as personalidades diferentes eram resultado de algo que eu fizera quando estava de posse de suas almas? Minha ansiedade intensificava-se ante o que eu poderia descobrir com Gede sobre minhas habilidades de Descobridora de Almas.

Senti um frio de inquietação na barriga e lembrei do ataque que Roze fizera, em que minha versão em chamas reuniu um exército sem almas. Apesar de isso não se aplicar a Gelsi nem a Stono, lembrei-me da oferta do batedor de matar por mim.

Com tais pensamentos mórbidos, alcancei meus aposentos. Embora tivesse três andares à minha disposição, só possuía móveis o suficiente para ocupar um deles. Uma cômoda, uma mesa, uma cama de solteiro e uma mesinha de cabeceira pareciam deslocadas no quarto arredondado. Quando tivesse tempo, precisaria fazer umas compras. Contudo, naquele momento, encontrar almas era mais importante do que encontrar cortinas. E, então, eu poderia ser Yelena, a toda-poderosa Descobridora de Cortinas. Capaz de decorar o seu quarto em uma hora.

Gargalhei bem alto.

— O que é tão engraçado? — perguntou uma voz capaz de derreter o coração, vinda de trás de mim.

Valek estava encostado no batente da porta, com os braços cruzados diante do peito, como se me visitasse todos os dias. Vestido como um dos criados da Fortaleza, ele estava usando túnica e calça acinzentadas.

— Estava pensando em cortinas.

Avancei na direção dele.

— Cortinas são engraçadas?

— Em comparação com todos os meus outros pensamentos, são. Cortinas podem ser muito engraçadas. Mas você, meu caro, é a melhor coisa que me aconteceu o dia todo, a semana toda e, agora que penso um pouco a respeito, a estação toda.

Dois passos, e eu estava nos braços dele.

— Essa foi a melhor recepção que tive o dia todo.

E só podia imaginar o que ele andava aprontando. Sua habilidade de adentrar qualquer construção sem ser detectado o tornava o homem mais temido de Sitia. E sua imunidade à magia apavorava os Mestres Feiticeiros. Ele era a melhor arma do comandante Ambrose contra eles.

— Quero saber... Por que você está aqui? — perguntei.

— Não.

Suspirei.

— Eu deveria saber por que você está aqui?

— Deveria. Mas não agora.

Ele inclinou-se, e seus lábios encontraram os meus, e o porquê passou a não fazer mais diferença.

O sol do fim da tarde me acordou e me lembrou de meu compromisso com Gede. Cutuquei Valek para acordá-lo. Nós nos aconchegamos sob as cobertas, buscando proteção contra o ar gelado.

Valek fez menção de se levantar.

— Vou acender o fogo...

— Não.

Eu o agarrei pelo braço, detendo-o.

Ele me fitou com preocupação. Maravilhei-me com o intenso azul safira de seus olhos e como eles contrastavam com sua pele pálida.

— Vai precisar retocar sua maquiagem para escurecer seu tom de pele — eu disse, afastando de seu rosto um fio de cabelo negro.

Ele segurou minha mão.

— Boa tentativa, mas você vai me contar por que não quer que eu acenda o fogo.

— Só se você me contar por que está aqui.

— De acordo.

Eu o pus a par da série de acontecimentos envolvendo Cahil, Ferde e o Deformador do Fogo.

— É ridículo achar que o Comandante está trabalhando com esses Vermes. — Valek pareceu pensativo. — Quer dizer que o pretense rei escolheu ignorar a verdade a respeito de suas origens. Você tem de admitir que a habilidade dele para enganar todo o Conselho é impressionante.

— Não todo o Conselho. Irys não acredita em Cahil, e estou certa de que há outros. — Fiz um gesto de pouco caso com a mão. — Não importa. Não me diz respeito. Fui ordenada a me comportar como uma boa aluna e a cuidar da minha própria vida.

Valek riu.

— Como se *você fosse obedecer.*

— Eu concordei em fazê-lo.

Ele deixou escapar uma demorada gargalhada.

— Você. Não. Envolver-se. — Valek interrompeu-se para recuperar o fôlego. — Você tem estado metida em encrencas desde que se tornou a provadora de comida do Comandante, meu amor. Você jamais daria as costas a elas.

Aguardei até ele ter enxugado as lágrimas da face.

— Isso é diferente. Na ocasião, não tive escolha.

— Ah, é? E agora você tem escolha?

— Tenho. Deixar os membros do Conselho lidarem com esses Vermes e ficar longe de problemas.

— Mas você sabe que eles não podem combatê-los.

— Não querem a minha ajuda.

Valek ficou sério, e um brilho duro reluziu no seu olhar.

— O que acontecerá quando os Vermes vencerem?

— Ficarei com você em Ixia.

— E quanto aos seus pais? Leif? O Homem da Lua? Irys? Virão todos com você também? E o que acontecerá quando esses Deformadores, com sua incrível magia de sangue, decidirem segui-la até Ixia? Que escolha terá então? — Ele me fitou o rosto. — Não pode permitir que seu medo do Deformador do Fogo a impeça de...

Irritada, retruquei:

— O Conselho me impediu. É ele que está contra mim.

Além do mais, não queria pensar na minha família. Seus membros eram todos adultos capazes de cuidar de si mesmos. Nesse caso, por que a culpa cutucava meu coração e a dúvida me apertava o peito?

— Você disse que há alguns Conselheiros do seu lado. Assim que o Conselho escutar o depoimento de Marrok, hoje à noite, acreditarão em você quanto ao pretense rei.

— Como sabe sobre Marrok?

Irys me contara naquela mesma manhã. Eu insistira em estar presente para o interrogatório de Marrok, mas ela disse que seria uma sessão fechada, apenas para os Conselheiros.

O ar divertido retornou ao rosto de Valek.

— Serviçais. Sua rede de informação é muito superior a uma tropa de espiões treinados. — Descontraidamente, ele acrescentou: — Eu lhe contarei sobre a sessão de mais tarde, hoje à noite.

— Seu rato! É uma sessão fechada. Só mesmo você tentaria algo assim.

— Você me conhece, amor.

— Eu sei. Você adora um desafio e é convencido.

Ele sorriu.

— Eu não diria convencido. É necessário se ter uma certa autoconfiança, ainda mais no meu ramo de trabalho. — Ele ficou sério. — E no seu.

Ignorei a insinuação.

— Falando em trabalho, fizemos um acordo. Por que você está aqui?

Ele esticou os braços por sobre a cabeça e bocejou, fingindo considerar a pergunta.

— Valek — eu avisei, cutucando-o nas costelas. — Conte-me.

— O Comandante me enviou.

— Por quê?

— Para assassinar o Conselho Sítiano.

BOQUIABERTA, FITEI Valek. Assassinar o Conselho ajudaria os Vermes e daria credibilidade às alegações de Cahil.

— Você não está...

— Não, não é a coisa certa a se fazer agora. O Comandante baseou sua decisão no estado da situação política sitiana antes do aparecimento desses Vermes. Ele me concedeu um nível de flexibilidade nessa missão. Nós precisamos descobrir o que está acontecendo. A reunião do Conselho desta noite poderá revelar informações cruciais.

— Nós?

— Isso mesmo. *Nós*.

Suspirei. Mais uma vez, eu estava desobedecendo as ordens dos Mestres Feiticeiros e do Conselho, envolvendo-me em questões de estado sitianas. Será que algum dia eu concordaria com as decisões deles ou, no fundo, eu não passava de uma ixiana tentando ser imparcial? Talvez minha sessão com Gede viesse a ser útil. Precisava de orientação, assim como de informação.

Valek e eu combinamos de voltar a nos encontrar no meu quarto, mais tarde naquela noite. Ele foi embora.

A apreensão me envolvia como um espesso nevoeiro quando me vesti e segui para os aposentos dos hóspedes da Cidadela. As pequenas nuvens, no céu, foram ficando mais escuras, à medida

que a luz ia desaparecendo. As ruas vibravam com as pessoas terminando as tarefas do dia. Acendedores de lampiões começavam a acender a vasta rede de lanternas de rua. As principais vias de trânsito seriam acesas, mas os becos permaneceriam às escuras.

Minha preocupação apenas se intensificou quando cruzei com vários Vermes perambulando pelas ruas, como se fossem os donos do lugar. Evitei olhar para eles e me perguntei como pudera o Conselho se deixar levar, dessa maneira, pelas palavras de Cahil. Talvez um Deformador houvesse usado de magia para influenciá-lo, tornando os seus membros mais suscetíveis.

Os aposentos para hóspedes da Cidadela ficavam localizados em um prédio atrás de Council Hall e próximo aos estábulos. A estrutura de dois andares abrigava muitos apartamentos, e eu espiei através da penumbra, tentando determinar qual deles seria ocupado por Gede. Uma sombra moveu-se perto da entrada. O Homem da Lua emergiu de uma poça de escuridão.

— Por aqui — ele disse.

Seu rosto não mostrava emoção alguma. A expressão travessa e o brilho divertido de seu olhar haviam desaparecido. Senti falta deles.

— Homem da Lua, eu...

— Você não deve deixar Gede esperando — ele disse em um tom monótono de voz. — Seu Tecelão de Histórias está pronto para você.

Ele me convidou a entrar, fechando e trancando a porta atrás de nós. O calor me envolveu, como se eu houvesse adentrado um forno. Um enorme fogaréu ardia na lareira, iluminando a sala de estar. Toda a mobília havia sido empurrada de encontro às paredes. Gede estava sentado com as pernas cruzadas sobre uma esteira diante do fogo. Alguns Sandseed estavam sentados na área liberada, no centro do aposento.

— Venha. Sente-se.

Gede apontou para uma esteira diante de si.

Hesitei.

— Você é uma Descobridora de Almas. Não deveria ter medo do fogo. Sente-se ou não aprenderá nada.

Retirando minha capa e a mochila, eu os depusitei ao lado da entrada. Tive vontade de retirar meu cajado da alça da mochila, mas

ignorei o desejo. Em vez disso, juntei-me a Gede no chão. O suor escorria pelo seu rosto arredondado. Sua pele parecia preta à luz do fogo. Um reflexo da luz revelou uma complicada tatuagem que conectava as cicatrizes de seus braços expostos. Porém, quando pisquei, o desenho sumiu.

— Como Descobridora de Almas, você é capaz de examinar uma alma, retorcê-la, contê-la e devolvê-la. Você pode enviar a sua própria alma até outros. E pode projetar a sua alma para dentro de outros mundos, retornando sem que seu corpo sofra nenhum mal — Gede explicou.

— Outros mundos?

— O mundo do fogo, o céu e o mundo das sombras. Por intermédio do Homem da Lua, você conheceu o mundo das sombras. O luar é o portal para o mundo das sombras. O céu é o local do repouso final de nossa essência. O mundo do fogo é o que é chamado por alguns de submundo. Abaixo do que ele deveria estar, eu não faço ideia. Mas é onde o Deformador do Fogo vive. E onde você deve ir.

— Por quê? Por que precisa ser eu?

O descair dos ombros de Gede deixou evidente sua decepção.

— Você é a Descobridora de Almas. É ali que está a alma do Deformador do Fogo.

O calor do aposento estava me cozinhando. Minha blusa colou-se nas costas.

— Como faço para chegar lá?

— Através do fogo.

Quando eu nada disse, Gede continuou.

— Apenas você pode entrar e sair sem sofrer mal algum. Os Deformadores vêm alimentando essa criatura com almas do ritual Kirakawa. Sua força cresce cada vez mais.

As chamas na lareira pulsavam com urgência. Cresceram até chegar ao tamanho de um homem. Olhei alarmada para Gede, mas ele parecia sereno.

— Ele a está aguardando. Vá até ele — Gede ordenou.

Fiquei de pé.

— Não. Não estou pronta. Sequer sei como combatê-lo. Com magia?

O rosto de Gede transformou-se em uma careta de desdém.

— Você não tem a menor ideia, não é? Melhor assim.

Confusa, meu olhar se alternou entre Gede e o fogo, esperando que o Deformador do Fogo fosse emergir da conflagração.

— Ele está vindo à sua procura. Se você não vai ao encontro dele por vontade própria, terei de fornecer um incentivo. — Ele estalou os dedos. — Homem da Lua, mostre à sua pupila o que ela precisa fazer.

O Homem da Lua avançou na direção das labaredas. As chamas estenderam-se na direção dele. O Tecelão de Histórias esticou as mãos, e dedos de fogo lhe envolveram os braços.

— Não — eu gritei. — Para trás.

Agarrei o Homem da Lua pelos ombros e o puxei inutilmente.

As garras de fogo avançaram, subindo pelas minhas mãos. Nas profundezas das chamas, pude sentir uma ardente excitação e almas se contorcendo em agonia. Presas entre os mundos. Centenas delas. Elas nos puxaram em sua direção.

Meu primeiro instinto fora reagir, mas a necessidade que elas tinham de liberdade, de alívio, afligiu o meu corpo. Eu precisava ajudá-las. Inclinando-me na direção do Homem da Lua, avancei. O fogo queimou a minha pele, mas a dor permaneceu suportável, e um alívio refrescante me aguardava do outro lado. Se, ao menos, eu conseguisse chegar lá.

Uma mão pousou no meu ombro. Tentei me desvencilhar da pessoa.

— Está tudo bem. Precisam de mim.

Um braço vindo de fora do mundo do fogo envolveu o meu pescoço e apertou. Minhas mãos ainda agarravam os ombros do Homem da Lua, aprisionado no mundo do fogo.

— Não. Pare. Eu preciso...

Os apelos das almas cessaram, e elas se encolheram.

— Esperem. — A palavra escapou de meus lábios quando eu tentei respirar. Mas elas se esconderam apavoradas. — Eu vim ajudar...

— Mas quem é que vai ajudá-la, morceguinha? — o Deformador do Fogo perguntou.

O Tecelão de Histórias escapuliu de minhas mãos. Sem conseguir respirar, projetei "*Faça alguma coisa!*" na mente do Homem da Lua.

Não posso. Não tenho poder aqui.

O mundo do fogo tornou-se um borrão laranja e amarelo. Tentei puxar o braço que estava ao redor do meu pescoço, mas minhas mãos pareciam pesar cinquenta quilos. O borrão ficou preto.

Acordei. Deitada de barriga para cima, pisquei e apertei os olhos até eles se acostumarem com a escuridão. O ar frio movia-se como seda sobre meu corpo quente. Minha cabeça latejava, e a pele das mãos e do braço ardia de dor. Puxei um fio de magia e o usei para aliviar a cabeça e curar as queimaduras.

— Que tal me ajudar? — Leif pediu.

Ele estendeu os braços. Estavam chamuscados.

Leif estava sentado ao meu lado. Estávamos em um beco, na Cidadela. Concentrando-me, puxei poder e curei suas queimaduras. Sem forças, encostei-me em uma parede, enquanto uma onda de tonteira fazia tudo girar.

— O que aconteceu?

Minha voz estava rouca, e meu pescoço, dolorido.

— Tinha negócios a tratar esta noite na Cidadela e pensei em esperar você perto dos aposentos para hóspedes. Do nada, Valek surgiu. — Leif interrompeu-se e, quando não fez menção de explicar, prosseguiu: — Ele comentou alguma coisa sobre uma reunião do Conselho e perguntou onde você estava. Pela luz do fogo que vinha através das janelas, não foi difícil descobrir. Valek arrombou a fechadura e espiamos lá dentro, vendo você e o Homem da Lua envoltos pelo fogo.

Com a manga, ele limpou a fuligem do rosto.

— Valek atacou os Sandseed lá dentro e gritou para que eu a pegasse. Gede gritou para que eu a deixasse em paz, que você precisava aprender. Valek me assusta mais do que Gede, de modo que foram às palavras dele que dei atenção, mas não consegui

puxá-la para fora do fogo. Tentei sufocá-la até que você desmaiasse. Depois carreguei-a para fora.

Levei a mão ao pescoço.

— Fez o mesmo pelo Homem da Lua?

— Ele estava longe demais. Não consegui alcançá-lo. — A voz de Leif estalava de angústia. — O Deformador do Fogo está com ele?

— Não sei. Foi estranho. Não tenho certeza do que acabou de acontecer. — Meu cérebro parecia ter sido assado, e a lógica parecia estar tendo dificuldades em atravessar a crosta queimada. Precisava de outra opinião. — Onde está Valek?

— Desapareceu. Mas ele deixou sua capa e mochila. Além de ordens. — Leif sorriu com tristeza. — Devemos deixar a Cidadela assim que possível.

— Ele falou o motivo?

— Não. Disse apenas para encontrá-lo a três quilômetros ao sul da Cidadela.

Fiquei de pé, envolvi a minha capa ao redor do corpo e coloquei a mochila nos ombros. Minhas pernas reclamaram do peso.

— Vamos buscar nossos cavalos e suprimentos na Fortaleza.

Leif sacudiu a cabeça.

— Ele disse para não voltar à Fortaleza por *nenhum* motivo.

Considerarei as implicações. Valek assistira à sessão fechada do Conselho, na qual Marrok fora interrogado. Evidências devem ter vindo à tona, porém, obviamente, não a nosso favor. E lá se fora a minha promessa de visitar Gelsi.

Fugimos da Cidadela e acampamos em um campo de cultivo a oeste da estrada principal. Sem suprimentos, e eu recusando a deixar Leif acender uma fogueira, tínhamos a perspectiva de uma noite miserável. Nos abraçamos na escuridão.

Leif tentava entender os motivos de Valek para ter nos enviado ali. Eu amaldiçoei a minha própria estupidez. Não precisava esperar Valek. Podia eu mesma entrar em contato com Irys.

Pedi a Leif que ficasse de vigia.

— Melhor do que congelar até a morte — ele disse.

Deitando no chão duro, projetei meus pensamentos na direção da torre de Irys. Em vez de encontrar a Mestra Feiticeira dormindo, ela estava curvada sobre um punhado de livros no seu gabinete. Graças ao vínculo que compartilhávamos, os pensamentos dela estavam abertos para mim.

Irys, projetei na mente dela.

Yelena! Graças ao Destino! Você está bem?

Estou.

Onde você está?

Não sei se devo responder. O que houve na sessão do Conselho?

Uma longa pausa.

Marrok confessou.

Confessou o quê? Ele não fez nada.

Confessou ter libertado Ferde e conspirado contra Sitia.

Atordoada, não consegui pensar por um instante.

Qual... Qual foi o motivo?

Exatamente o que Cahil alegou. Marrok queria fazer com que Cahil fosse preso e queria assumir o controle dos homens de Cahil. Mas...

Prossiga, eu pedi.

Há uma novidade. Marrok conspirou juntar-se a Ferde e aos Daviian para provocar uma guerra com Ixia.

E como isso é novidade? Já sabíamos que os Daviian querem a guerra.

A novidade é que Marrok deu o nome de cúmplices. Outra pausa. Você e Leif.

Meu corpo perdeu toda a sensação.

Inacreditável. Alguém deve ter forçado Marrok a confessar. É tudo mentira. Pôde sentir alguma magia sendo usada? Como é que o Conselho pôde engolir essa?

Os pensamentos vinham em uma sucessão desordenada.

A não ser que vocês possuam provas em contrário, o Conselho assinou um mandato de prisão para você e Leif. Querem capturá-los para que vocês dois possam ser executados em segurança.

Quase ri diante das palavras *em segurança* e *executados* sendo usadas juntas. A situação toda era ridícula.

Também não deveria estar lhe contando isto. Posso ser presa na masmorra da Fortaleza se o Conselho descobrir. Bain e eu já estamos sob vigilância por discordar dele. O Conselho parece ter enlouquecido.

Enlouquecido é pouco.

O que vocês vão fazer?, Irys perguntou.

Tem de haver uma razão para o Conselho ter enlouquecido. Descobrir essa razão é o próximo passo.

Suponho que eu, de fato, fosse meter o meu nariz nos assuntos de Sitia. Nada como ter um mandato de prisão em seu nome para motivar uma garota.

Mas todos os clãs serão alertados quanto ao mandato de prisão, e já estão falando em recompensa. Não há lugar seguro para você em Sitia.

Eu pensarei em alguma coisa e acho que é melhor eu não tentar contatá-la novamente por algum tempo. Você já está sob suspeita. Não quero comprometê-la ainda mais.

Bem pensado. Tenha muito cuidado, Yelena.

Eu tentarei. Mas você me conhece.

É, conheço. De modo que vou repetir. Tenha muito cuidado.

Puxei minha consciência de volta, interrompendo a conexão. A exaustão apossou-se de meu corpo, e eu teria adormecido se Leif não houvesse cutucado meu braço.

— Ah, não, nem vem, irmãzinha. Você ficou um bom tempo longe. Conte-me o que está acontecendo.

Pus Leif a par dos detalhes, o que o chocou tanto que ele ficou em silêncio. Coisa rara.

— E o que faremos agora? — Leif, por fim, sussurrou.

— Aguardaremos Valek.

Valek chegou por volta da alvorada. Cavalgava Kiki e estava puxando Rusalka. Os alforges estavam estufados de suprimentos. Seu rosto estava marcado pela fadiga.

Ele me fitou com intensidade.

— Já está sabendo?

— Já.

Valek desmontou.

— Ótimo. Poupa tempo. A Cidadela e a Fortaleza estão abarrotadas de soldados procurando por vocês.

— Então como foi que conseguiu sair com os cavalos? Alguma manobra secreta de espião? — Leif indagou.

— Não. Uma distração nos portões da Fortaleza, e subornei os guardas na entrada sul da Cidadela.

Leif gemeu.

— Agora saberão onde estamos.

— Quero que pensem que estão indo para o sul. Mas é melhor irem para o mais longe possível daqui.

— E ir para onde? — Leif perguntou.

— Para Ixia.

— E por que faríamos isso?

Leif cerrou teimosamente os dentes.

O perigo brilhou nos olhos de Valek, mas ele conteve uma resposta sarcástica.

— As coisas estão acontecendo rápido demais agora. Precisamos reagrupar e planejar. Precisamos de reforços.

Valek fazia sentido. Ixia era o único lugar onde estaríamos a salvo.

— Devemos partir agora — eu disse.

— Eu os encontrarei no castelo do Comandante — Valek me passou as rédeas de Kiki.

Ela cutucou o meu braço, mas eu a ignorei.

— Você não vem conosco?

— Não, ainda tenho parte de minha tropa dentro da Cidadela. Meus agentes precisam ser informados do que está acontecendo. Eu os encontrarei no castelo mais tarde.

Antes que ele pudesse ir embora, eu o puxei para o canto. Nós nos abraçamos.

— Fique em segurança — ordenei.

Ele sorriu.

— Não sou eu quem vive sendo puxado para fogueiras, meu amor.

— Como soube que eu estava em apuros?

— Depois que escutei o Conselho concordar com sua execução, tive a estranha sensação de que o Conselho fosse a menor das suas

preocupações.

— Obrigada por me salvar.

— Você torna as coisas interessantes, amor. Seria entediante sem você.

— É tudo o que sou para você? Uma diversão?

— Se, ao menos, fosse tão simples assim.

— Suponho que eu não esteja mais aposentada.

Exibi um sorriso cansado.

Valek despediu-se de mim com um beijo.

— Tome o caminho mais longo até Ixia. A fronteira ao norte da Cidadela provavelmente estará vigiada.

— Sim, senhor.

Valek partiu, e o ar ficou frio. Estremeci. Kiki puxou a manga de minha blusa, e eu abri a minha mente para ela.

Ficar com Moça Alfazema. Manter aquecida.

Fico feliz que esteja aqui, eu disse.

Verifiquei os bolsos em busca de uma guloseima, mas não tive sorte.

Fantasma colocou balas de hortelã na bolsa.

Eu ri. Kiki sempre sabia onde encontrar as balinhas. Surpreendi-me que Valek tivesse se dado ao trabalho de incluir guloseimas entre os suprimentos. Contudo, o nome que os cavalos tinham para ele era perfeito. Ele aparecia e desaparecia como se fosse um verdadeiro fantasma.

— Para que lado? — Leif perguntou.

Boa pergunta. Valek disse para dar a volta. A melhor direção seria seguir para o noroeste, através das terras do clã Stormdance. Depois seguir para o norte, na direção de Ixia, contornando as terras Featherstone ao redor da Cidadela. Expus o meu plano para Leif.

— Mostre o caminho. — A resignação de Leif estava clara em sua voz. — Jamais estive em Ixia.

Durante todo o dia, nossa passagem através dos campos não chamara atenção, contudo, ainda nos sentíamos expostos à luz do dia. Leif e eu decidimos percorrer o grosso do percurso durante a noite. Após uma breve pausa para o jantar, cavalgamos sob a

escuridão. Galopando, trotando e descansando, os cavalos iam avançando em direção ao nosso objetivo.

Quando o sol nasceu, encontramos um pomar de maçãs. Kiki xeretou por entre as ordenadas fileiras de árvores, mas todas as maçãs haviam sido colhidas. Nada crescia naquela região durante a estação fria. Decidindo acampar abrigados pelo pomar, encontramos um local escondido da vista das poucas casas ao redor.

— Já entramos nas terras dos Stormdance? — perguntei para Leif, tirando a sela do lombo de Kiki.

— Ainda não. Está vendo aquele cume?

Ele apontou para o noroeste.

— Estou.

— Ali é o limite. Em sua maioria, as terras dos Stormdance são compostas de xisto. Eles possuem algumas poucas fazendas no lado leste de seu território, mas o lado oeste é recoberto de extensões de xisto e de rochas. As tempestades que sopram do mar Jade esculpiram esculturas fabulosas ao longo de sua costa, só que ninguém mora lá. Só vão até a costa dançar.

Leif sentou-se e reuniu alguns gravetos para uma fogueira.

Acomodei-me ao seu lado. Dolorida da cavalgada e esgotada de energia, adiei cuidar dos cavalos.

— Por que eles dançam?

— É como colhem o poder das tempestades. Eles capturam a força de uma tempestade em globos de vidro. É uma dança perigosa, mas o risco vale a pena. Se são bem-sucedidos, protegem a nossa terra. Em vez de castigada por fortes ventanias e encharcada com chuvas pesadas, Sitia recebe apenas chuvas moderadas. Como benefício adicional, os Stormdance podem usar os globos para alimentar suas fábricas.

Gesticulei, pedindo mais informação.

— Você não prestou nenhuma atenção nas aulas?

— Minhas lições viviam sendo interrompidas por coisas mundanas, como ir atrás de um Ladrão de Almas. No futuro, eu me esforçarei mais para ignorar tais acontecimentos.

— Nossa, mas você fica mal-humorada quando está cansada. — Leif acendeu uma pequena fogueira e despejou água na panela. —

Este recipiente foi feito pelo clã Stormdance. Eles refinam o minério para fabricar diferentes itens de metal, inclusive as moedas sitianas. Também produzem papiro e fabricam tintas das plantas azuladas que crescem nas suas fazendas ao leste.

Ponderei a explanação de Leif. Ao comprar produtos no mercado, jamais havia parado para considerar quem poderia tê-los feito. Em Ixia, cada Distrito Militar oferecia um serviço ou um produto importante para o território, que era usado em negociações e comércio. Aparentemente, Sitia funcionava da mesma maneira, embora os Stormdance oferecessem uma variação diferente. Tentei imaginar se não seriam capazes de aproveitar o poder das nevascas que vinham das geleiras ao norte. A vida no DM-1, DM-2 e DM-3 tornava-se uma luta pela sobrevivência durante a estação fria.

Será que o comandante Ambrose consideraria suspender a proibição de magos para aliviar as tempestades? Ele crescera no DM-3, trabalhando nas minas de diamantes, de modo que tempestades devastadoras não eram novidade para ele. Até mesmo Valek, que morara no DM-1, vira a indústria de couro do pai destruída por pesadas nevascas.

Pensei na cadeia de acontecimentos que havia sido deflagrada com o colapso do telhado do pai de Valek. Ele não tinha dinheiro para repor o equipamento, alimentar a família e pagar os impostos ao rei. Quando o pai de Valek pediu uma prorrogação aos soldados que vieram coletar os impostos, eles mataram três de seus quatro filhos. Tal ato enviou Valek em uma missão de vingança contra um rei que permitia que os soldados matassem crianças inocentes. Tornando-se o melhor assassino em toda Ixia, Valek acabou unindo-se a Ambrose. Juntos, derrotaram o rei e assumiram o controle de Ixia.

Se o telhado não houvesse caído, pergunto-me se o rei ainda não estaria no poder ou se Ambrose não teria encontrado outro assassino para ajudá-lo. Será que eu mesma estaria aqui?

Deixei de lado tais pensamentos e me concentrei na nossa situação atual. Leif e eu precisávamos guardar o nosso pequeno acampamento. Ele pegou o primeiro turno de vigia, enquanto eu tentava dormir.

Assim que nossa refeição ficou pronta, o fogo fora apagado. A fumaça pairou no ar, levada pela brisa. Sonhos agitavam-se em minha mente, como centelhas erguendo-se de uma fogueira ardente. As imagens estonteantes ficavam mais lentas por um instante, e cada vez eu vislumbrava um horror. As tripas retorcidas de Stono transformando-se em cobras-colares. Sangue chovendo na selva Illiais. Cabeças decepadas flutuando sobre as areias das Planícies. E fogo dançando na minha pele. A pontada quente de cada labareda, ao mesmo tempo, me queimando e me excitando.

Acordei sobressaltada. Minha pele formigava. Com medo de voltar a dormir, mandei Leif para a cama.

O sono agitado veio em breves períodos durante os dois dias seguintes. Nós nos mantivemos fora de vista. Usávamos pequenas fogueiras para cozinhar as refeições antes de apagar as chamas e tremíamos de frio sobre o chão duro. No terceiro dia, chegamos às terras do clã Krystal e viramos para o norte, seguindo para a fronteira ixiana.

Localizado diretamente a oeste do clã Featherstone e da Cidadela, o terreno acidentado das terras dos Krystal era repleto de bosques de pinheiros. Pedreiras se acomodavam entre as áreas arborizadas. O clã Krystal minerava mármore para a construção e exportava areia de alta qualidade de que os vidreiros de Booruby precisavam, deixando enormes fossas para trás, no chão.

Evitamos os pontos de movimento ao redor das pedreiras e viajamos através das florestas de pinheiros. Mais um dia de viagem nos levaria até a fronteira ixiana. Nossa aproximação dos limites territoriais precisaria ser cuidadosamente planejada. Soldados sitianos poderiam estar aguardando para nos emboscar. Caso conseguíssemos atravessar, eu precisaria escolher as palavras corretas ao me dirigir aos guardas ixianos. Ou corria o risco de ser presa por eles.

No fim das contas, todo o planejamento, todo o tempo e a energia que Leif e eu gastamos encontrando o local perfeito para cruzar a fronteira sem alertar os sitianos acabou sendo a troca de nada. Justamente quando estávamos atravessando a extensão de trinta metros de campo aberto, que era a zona neutra oficial entre Ixia e

Sitia, dois cavaleiros montados emergiram da floresta de pinheiros em direção à fronteira.

Duas coisas aconteceram para fazer com que a presença dos cavaleiros passasse de azar para coincidência letal. Seus cavalos vieram em nossa direção, e um esquadrão inteiro de soldados sitianos armados surgiu da floresta em perseguição.

RESTAVA APENAS uma opção. Esporeamos nossos cavalos na direção da fronteira, torcendo para que os guardas ixianos dessem ouvido à nossa história antes de nos matar. Os cavaleiros indesejados aproximaram-se de nós quando adentramos a Floresta da Serpente ixiana. Eles nos acompanharam quando penetramos até o interior da floresta, antes de pararmos.

Como esperado, os soldados sitianos não haviam nos seguido até Ixia.

— Fiquem onde estão — uma voz ordenou, vinda das árvores. — Vocês estão cercados.

Eu sabia que os ixianos não demorariam a nos encontrar. Só não estava esperando que fosse ser tão rápido. Eu escolhera o meio da manhã para cruzar a fronteira para evitar a troca da guarda. Naquela hora, havia apenas um grupo de soldados de serviço.

— Soltem suas armas e desmontem — o guarda escondido mandou.

Topaz. Garnet, Kiki falou. Ela relinchou um cumprimento.

O cavalo de Cahil? Peguei meu cajado e virei-me para os cavaleiros, ignorando as ordens dos guardas. Dois homens estavam montando Topaz, e o Homem da Lua cavalgava Garnet.

— O quê? Como?

Com mãos trêmulas, um dos cavaleiros sobre Topaz puxou para trás o seu capuz, revelando o rosto pálido, antes de desmaiar. Tauno o segurou com força.

— Marrok! O quê...

Uma flecha atingiu uma árvore ao meu lado.

— Soltem suas armas e desmontem. Ou a próxima flecha acertará o seu coração — o ixiano gritou.

Joguei o meu cajado no chão e gesticulei para que os outros fizessem o mesmo. Tauno desmontou Topaz, ajudou Marrok a descer e, em seguida, retirou o arco e as flechas. O Homem da Lua fez uma careta, mas soltou a cimitarra antes de descer de Garnet. Leif jogou o seu facão para perto do meu cajado.

— Afastem-se das armas e ergam as mãos.

Obedecemos as instruções. Aproximei-me de Marrok. Uma flecha lhe acertara a lateral do corpo.

O barulho dos soldados ixianos foi se aproximando. Contei quatro homens e duas mulheres. Armados com bestas e espadas, eles avançaram na nossa direção.

— Deem-me um bom motivo para não os mandar de volta para o esquadrão de sulistas — pediu o capitão ixiano.

Seu uniforme era quase todo preto, exceto por uma fileira de padrões amarelados em forma de diamantes que lhe descia pelas mangas e pelas pernas da calça. Havíamos adentrado o DM-7 de Ixia.

— Porque não seria diplomático mandar embora uma delegação sitiana — respondi.

O capitão riu.

— Delegações vêm acompanhadas de guarda *de honra*, não *fugindo* de guardas. Quer tentar outra vez?

— Sou a oficial de ligação Yelena Zaltana. Estou aqui para falar com o Comandante, embora minha visita não tenha sido aprovada pelo Conselho Sitiano.

— Yelena? A provadora de comida que salvou o Comandante? — o capitão perguntou.

— É.

— Mas você possui magia. Por que iria querer voltar para Ixia? Eu poderia matá-la agora e seria considerado um herói.

— Vejo que sua reputação a precede — Leif disse, sorrindo.

Torcia para que seu bom humor se devesse ao alívio de ver o Homem da Lua vivo, e não por conta da ameaça de morte que eu recebera.

Fitei-o com a testa franzida. Leif não compreendia como a nossa situação era delicada. A jactância do capitão tinha o seu mérito. Eu tinha quase certeza de que os rumores sobre a ordem para a minha execução haviam percorrido toda Ixia, enquanto, provavelmente, o mesmo não ocorrera com o fato de que o Comandante havia rasgado tais ordens quando concordei em me tornar oficial de ligação.

Ainda mais levando em conta que todo mundo em Sitia e Ixia acreditava que o Comandante permanecera para trás quando a delegação ixiana visitara Sitia, alguns meses atrás. O Comandante se disfarçara como a embaixadora Signe, e *ela* não tinha autoridade para cancelar uma ordem de execução.

Devido ao decreto de que magos só eram permitidos em Ixia quando convidados e que qualquer ixiano que fosse descoberto possuindo poderes místicos era condenado à morte, eu tinha nas mãos uma situação volátil.

Embora nos matar não fosse ser fácil, de acordo com o regulamento, o capitão tinha ordens para nos executar ali mesmo. Caso fosse bem-sucedido, teria de se ver com Valek. Tentei não pensar nisso.

Em vez disso, eu disse:

— O Comandante me nomeou oficial de ligação com o Conselho. Sou considerada uma terceira neutra, de modo que não viria acompanhada de uma guarda de honra sitiana. Venho com amigos. Os guardas o estavam perseguindo. — Apontei para a forma imóvel de Marrok. — *Preciso* discutir algo importante com o Comandante agora mesmo.

A besta nas mãos do capitão oscilou. Ele parecia estar considerando a minha resposta. Reuni um fio de magia e passei os

olhos pela mente dele, tocando de leve apenas os pensamentos e emoções superficiais.

Sua ambição estava em conflito com sua inteligência. Cansado de guardar a fronteira, o capitão queria uma promoção e outra função. Matar esses magos sulistas lhe renderia reconhecimento suficiente para chegar a major. Contudo, e se Yelena estivesse falando a verdade? O Comandante não ficaria feliz de saber que sua oficial de ligação fora morta. Ainda assim, trazer uma feiticeira para perto do Comandante poderia ser perigoso. E se Yelena estivesse mentindo e pretendesse assassiná-lo?

Encorajei seus pensamentos a confiar em nós e a acreditar que, se nos levasse ao seu oficial Comandante, estaria fazendo a coisa certa.

— Vocês virão comigo e com o meu esquadrão — o capitão disse. — Confiscaremos suas armas e cavalos, e vocês obedecerão todas as ordens. Qualquer problema ou sinal de rebelião, serão incapacitados. — Ele sinalizou para que alguns soldados se aproximassem. — Reviste-os. E quanto a ele?

Olhei para Marrok.

— Permita que eu cuide de seus ferimentos, capitão...

— Nytik. — Mais uma vez, o capitão fez sinal para um de seus soldados. — Tenente. Reviste-o à procura de armas.

Após o tenente ter retirado a espada de Marrok, ele me deu permissão para examiná-lo. A flecha penetrara a lateral do corpo de Marrok, deixando de acertar-lhe as costelas. Não havia muito sangue, e a flecha não atingira muito fundo. Por que Marrok estava inconsciente?

Acessando minha magia, examinei-lhe o restante do corpo. Ele fora surrado. Duas costelas e a clavícula estavam quebradas. Vários machucados se espalhavam pelo seu corpo, e o maxilar estava fissurado.

— Leif, vou precisar de um pouco de ajuda.

Curar todo o estrago feito ao corpo de Marrok iria me esgotar, e eu precisava deixar alguma energia de reserva, para o caso do capitão Nytik mudar de ideia.

— Um cataplasma?

Leif ajoelhou-se ao meu lado.

— Não. Os filamentos de sua história estão puídos.

O Homem da Lua pousou a mão larga sobre a testa de Marrok.

Fitei com intensidade o Homem da Lua.

— Fique longe dele. Leif, primeiro, vamos lidar com os ferimentos físicos.

O Homem da Lua recuou. Leif e eu puxamos poder da fonte. Com a ajuda de meu irmão, assumi os ferimentos do soldado e os curei. Quando Marrok acordou, Leif lhe deu água e um tônico para lhe restabelecer as forças e para revivê-lo.

Interroguei-o sobre o que acontecera e sobre por que ele estava ali, mas Marrok apenas me fitou com um olhar confuso e perdido. Preocupada com o seu estado mental, projetei minha consciência nos seus pensamentos.

Uma cacofonia de imagens preenchia-lhe a mente. Lembranças, emoções e pensamentos secretos estavam expostos, descobertos e deixados espalhados, como se alguém houvesse pego uma biblioteca cheia de livros e, após rasgá-los, os houvesse jogado por todo o aposento. A confusão era tão grande que estava dominando Marrok. Ele era incapaz de conectar dois pensamentos para formar uma frase coerente.

E ali, no meio de toda a bagunça, alegremente retalhando o que restava da mente de Marrok, estava Roze Featherstone, a Primeira Feiticeira.

Ela virou-se para mim.

Aí está você. Eu sabia que, se procurasse o bastante, eu a encontraria aqui. Agora posso descobrir onde tem se escondido.

Ela avançou, mas eu não arredei o pé de onde estava.

Não sou uma lembrança, Roze. Não conseguirá arrancar nada de mim.

Eu não teria tanta certeza. Confiança excessiva pode ser uma fraqueza.

Você já tentou duas vezes antes e falhou. Confio no que eu predisse. Por que destruiu a mente de Marrok?

Ela admirou o caos ao redor.

Ele é um criminoso. E você não deveria ter ficado chocada. Não é tão diferente de quando você destruiu a mente do Ladrão de Almas.

Ignorei a alfinetada.

Marrok não é criminoso, e você sabe muito bem disso. Por acaso, o forçou a fazer uma falsa confissão?

Ao contrário de você, ele foi sincero. Você vem mentindo para nós e para si mesma, achando que pode beneficiar Sitia. Agora o Conselho conhece o perigo, e tenho permissão para eliminar a ameaça que você representa.

Mais uma vez, sua bravata não me impressionou.

Como foi que Marrok e os outros nos encontraram?

Roze sorriu.

Terá de descobrir isso sozinha.

Está tentando me dizer que há um espião entre nós?

Pessoas desonestas costumam atrair umas às outras, Yelena. É o preço que se paga por se envolver com elementos criminosos. Francamente, fiquei surpresa pelo Conselho não ter me concedido permissão para eliminá-la antes. Afinal de contas, como é que seus membros podem confiar na alma gêmea do homem mais temido em toda Sitia? Pense um pouco a respeito. Como pode ser oficial de ligação quando é óbvio onde reside a sua lealdade? Ao primeiro sinal de problemas, você corre para casa. Vou lhe dizer uma coisa: não estará segura em Ixia.

Eu nada disse, mas ela riu.

Encontrei o que precisava. Boa sorte tentando juntar os pedaços da mente de Marrok.

Ela desapareceu da consciência dele. Postada no meio da destruição que Roze deixara para trás, eu soube que restaurar a ordem seria uma tarefa impossível. Voltei para o meu corpo. Não havia nada a ser feito.

Roze tinha o apoio do Conselho contra mim. Se eu não soubesse a verdade, as teias de mentiras espalhadas por Cahil fariam completo sentido. Até mesmo Roze fazia sentido. Se ela fosse tão dedicada a Sitia quanto alegava, seus esforços para me desacreditar eram válidos. Por que confiar em mim? Sou uma Descobridora de Almas, o

tipo de feiticeira que tinha uma história malévola. Agora seria preciso um grande esforço e provas irrefutáveis para desacreditar Cahil.

— Homem da Lua, como foi que nos encontrou? — perguntei.

— Lógica. Eu sabia que você viria para Ixia e sabia que não cruzaria as planícies Avibian, de modo a circundar as terras Featherstone. Sendo assim, só restava o oeste. Tauno pegou a sua trilha nas terras dos Krystal.

Era coincidência demais.

— Mas Leif o viu desaparecer no fogo. E quanto a Marrok e os cavalos? Como foi que acabou ficando com eles?

Ele tivera ajuda e deve ter sido enviado por Cahil ou por Roze. O Homem da Lua trabalhava para eles agora.

— Gede me arrancou do fogo. Marrok fora largado na enfermaria e deixado sem guardas. Os cavalos vieram quando precisamos deles. Ainda parecia fácil demais.

— Por que Gede insistiu para que eu entrasse no fogo?

— Terá de perguntar a ele. Ele agora é o seu Tecelão de Histórias. Não posso mais guiá-la.

Havia tristeza no seu tom de voz.

— Por que você entrou no fogo, Homem da Lua? — Leif indagou.

— Gede é o único líder sobrevivente do meu clã. Eu sigo as suas ordens.

— Mesmo quando sua vida está em jogo?

— É. Lealdade ao clã vem antes da segurança pessoal.

— Como quando se serve de isca para cobras-colares?

Leif olhou para mim.

— Exatamente — o Homem da Lua respondeu.

— Seu homem pode andar? — o capitão Nytik perguntou. Ele ficara por perto, observando-nos, sua testa marcada pela desaprovação. — Precisamos nos pôr a caminho.

Marrok não podia andar, mas ele podia cavalgar. As cabeças de Kiki e Topaz estavam juntas. Conectando-me com Topaz, perguntei:

Quer ir para casa? Saudades do Homem Hortelã?

Não. Ficar.

Por quê?

Topaz estava com Cahil há muito tempo.

Cheiro ruim. Sangue.

Virei-me para o capitão.

— Ele irá sentado no seu cavalo.

Com o tenente mostrando o caminho, Homem da Lua, Leif, Tauno e eu viemos logo atrás. O capitão e os soldados restantes formavam a retaguarda. Viajamos para o norte, através da Floresta da Serpente. No mapa, a floresta lembrava uma estreita corda verde que ondulava ao longo de toda a fronteira leste a oeste, desde o mar Jade até as montanhas Esmeraldas. Após meio dia de viagem, chegamos ao posto da guarda e às casernas.

Tivemos de passar por outra rodada de explicações antes de podermos cuidar dos cavalos e almoçar. Sentamo-nos no meio do refeitório do quartel, cercados por cinquenta soldados desconfiados, que nos lançavam olhares entre cada garfada. O Homem da Lua guiava Marrok com gentil paciência. Habilidades básicas como comer e cuidar de si mesmo teriam de ser reaprendidas.

Durante a nossa refeição de carne-seca fria e pão, expliquei para meus companheiros o sistema de uniformes de Ixia.

— Todo mundo que mora em Ixia precisa usar uniforme. As cores padrão para as camisas, calças e saias são branco e preto, mas cada Distrito Militar possui a sua própria cor. Estamos no DM-7, que é governado pelo general Rasmussen, que se reporta ao Comandante. A cor de Rasmussen é o amarelo, e vocês notarão uma linha de diamantes amarelos em algum lugar do uniforme. — Apontei para os guardas ao nosso redor. Seus uniformes combinavam com o do capitão, mas as insígnias das patentes na gola eram diferentes.

— O uniforme de um cozinheiro é todo branco, com os diamantes estampados lado a lado ao longo da camisa. A cor dos diamantes lhe dirá para que distrito o cozinheiro trabalha. Vermelho é a cor do Comandante.

— Quem é aquela?

Leif apontou para uma mulher vindo na nossa direção. Estava toda vestida de preto, mas tinha dois diamantes vermelhos bordados na gola. O cabelo louro estava preso para trás, em um coque. Nas mãos, ela trazia um par de cajados.

— Ela é uma das conselheiras do Comandante.

Fiquei de pé e sorri.

Ela me jogou o meu cajado, e eu o agarrei. O barulho no salão cessou assim que ele atingiu a minha mão.

— Muito bem, Vomitadora, vamos ver se você tem praticado — ela disse com um brilho exultante, porém predatório, nos olhos.

— *Conselheira* Maren, sua mãe não lhe ensinou que não é educado xingar as pessoas? — Exibi o cajado. — Ainda mais pessoas *armadas*.

Ela fez pouco caso do comentário.

— Deixemos as gentilezas para mais tarde. Presa aqui na mata, há um bocado de tempo que não sei o que é uma luta decente. Venha!

Gesticulando para que eu a seguisse, ela atravessou o refeitório.

— Devemos nos preocupar? — Leif perguntou.

— Ela me ensinou todos os truques que sabia, mas aprendi alguns novos desde a nossa última luta. Isto deverá ser... interessante.

— Seja boazinha — Leif sugeriu.

Cruzei o aposento silencioso, que explodiu em gritos assim que eu o deixei. Uma turba de soldados me seguiu até lá fora.

Maren alongou os músculos antes de pegar o cajado. Alta e esbelta, era uma adversária formidável. Ela girou o cajado de um metro e oitenta com as mãos hábeis. Uma ligeira desvantagem, meu cajado mal passava de um metro e meio. Retirei minha capa e passei as mãos ao longo da madeira lisa de minha arma, colocando minha mente na zona de concentração que eu usava quando estava lutando. Não exatamente místico em origem, esse estado mental mantinha minha mente aberta para as intenções de meus oponentes.

Assim que eu estava pronta, ela atacou com dois golpes rápidos na direção de minhas costelas. Bloqueei ambos e contra-ataquei com um golpe na direção dos seus braços. A luta teve início.

O estalar rítmico de nossas armas preencheu o ar. Esquivei-me de um golpe na têmpora e empurrei a extremidade de meu cajado da direção da barriga dela. Maren deu um passo para trás e tentou me dar uma rasteira com o seu cajado. Eu saltei e desferi um pontapé no meio do ar, acertando-lhe o ombro. Ela recuou alguns passos antes de avançar na minha direção com uma série de estocadas.

— Por acaso, cansou-se de perder para Janco o tempo todo e pediu uma transferência? — perguntei, desviando-lhe o cajado para o lado e desferindo uma sucessão de golpes mirados na têmpora.

Maren costumava ser capitã no batalhão de Forças Especiais do Comandante, junto com meus amigos Janco e Ari.

— Fui promovida — ela disse, defendendo-se do meu ataque e fintando para a direita.

Pressentindo suas intenções, ignorei a finta e bloqueei o golpe na direção da minha cabeça no último instante.

— Promovida a conselheira? Parece suspeito. Subornou alguém que eu conheça?

— Uma vez que derrotei Valek, pude escolher qualquer trabalho em Ixia.

Surpresa, hesitei por um instante, e ela me acertou no braço, derrubando-me. Rolei para evitar suas estocadas, mas ela aproveitou a vantagem. Dois lances mais tarde, Maren estava sentada sobre meu peito, pressionando o cajado no meu pescoço. Os soldados aplaudiram.

— Rende-se?

— Sim.

Ela sorriu e me ajudou a levantar.

— Revanche?

— Dê-me um minuto.

Espanei a poeira de minhas roupas.

— Que história é essa de usar saia?

— Não é uma saia. Está vendo?

Afastei o tecido, revelando a calça.

Ela riu com um ar divertido.

— Precisamos colocá-la de volta em um uniforme, Yelena.

O uso do meu nome significava que eu, ao menos, a havia impressionado com minha habilidade de luta. O que me lembrou do comentário que me fizera baixar a guarda.

— Que história é essa de *você* derrotar Valek? Você é adequada com um cajado, mas, convenhamos, Valek?

Valek havia feito um desafio a todos os habitantes de Ixia. Bastava derrotá-lo em uma luta com a arma de sua escolha para conquistar

o direito de se tornar o segundo em comando dele. Muitos soldados haviam tentado conquistar tal direito e haviam falhado.

— Adequada? — Ela riu. — Suponho que *quando* eu a derrotar novamente, você dirá que sou decente.

— Isto é, se você me derrotar novamente, e ainda não respondeu à minha pergunta.

— Eu tive ajuda. Está contente agora? Valek nunca disse que tínhamos de derrotá-lo mano a mano. Três de nós nos unimos e conquistamos o direito de escolher qualquer posição em Ixia. Optei por me tornar conselheira do Comandante. Estou temporariamente designada para o DM-7, para lidar com... — Ela olhou na direção dos soldados — Algumas questões.

Três contra um ainda era pouca vantagem para derrotar Valek. Tentei imaginar quem seriam os outros dois, e a resposta logo me veio à cabeça.

— Por favor, não me diga que Ari e Janco foram os seus parceiros. Sua expressão mortificada confirmou minha suposição.

— Janco já era insuportavelmente presunçoso antes. Agora, então, vai ser impossível aguentá-lo — eu disse.

— O desafio de Valek foi modificado. Como Janco e Ari foram promovidos a segundos de Valek, caso outros soldados queiram reivindicar o posto, primeiro precisam derrotar Ari e Janco, mas há um limite máximo de seis de cada vez. Os segundos em comando de Valek precisam ser capazes de derrotar três cada. Caso um soldado deseje lutar sozinho contra Valek, primeiro precisará derrotar um de nós.

— Ter Janco no comando quando Valek está fora é uma perspectiva assustadora.

— Não tão assustadora quanto quando se está implorando misericórdia.

Maren girou o cajado.

Bloqueei e contra-ataquei. Logo, estávamos travando outro breve combate. Contudo, dessa vez, permaneci focada. Dei-lhe uma rasteira e pisei no cajado dela antes que Maren pudesse rolar para longe. Venci a luta e recebi alguns aplausos de meu irmão, que se juntara aos expectadores. O Homem da Lua e os outros

permaneceram afastados. Ele me observava com o rosto completamente impassível.

— Desempate?

Maren não esperou uma resposta. O terceiro round começou.

Lutamos até atingir um impasse.

A voz de Leif nos interrompeu antes que começássemos outro embate.

— Por mais que eu goste de ver minha irmã levar uma surra, realmente precisamos falar com o Comandante. Estamos desperdiçando tempo.

Maren estudou Leif com uma expressão desconfiada.

— Não enxergo a semelhança familiar.

Apresentei meu irmão para Maren.

— Embora eu deteste admitir, meu irmão tem razão. Precisamos ir.

Maren sacudiu a cabeça.

— Primeiro, o general Rasmussen quer falar com vocês. Os soldados têm ordens de mantê-los aqui até que ele lhes conceda permissão para partir.

— Mas eu já expliquei...

— Tudo, com exceção do que exatamente você precisa discutir com o Comandante.

— Isso é confidencial.

— Era o que eu receava. — Maren apoiou-se no seu cajado. — O general tornou-se... cauteloso com a idade. *Ele* não permitirá a sua partida até que lhe conte o motivo de sua vinda a Ixia.

Devido às palavras escolhidas por Maren, tive a sensação de que a história não se resumia apenas a isso. Ela trabalhava para o Comandante, mas estava ajudando o general e, provavelmente, reportando tudo de volta para Valek.

— Nesse caso, conversaremos com o general — eu concordei.

— Ótimo. Marcarei uma audiência com ele para amanhã.

— Amanhã? Temos urgência em tratar do assunto.

— Lamento. O general se recolhe cedo. Ele não verá ninguém hoje à noite.

Leif abriu a boca para protestar. Eu toquei no seu braço, contendo-o. Maren e eu havíamos desperdiçado a tarde toda

duelando, e eu suspeitava haver um bom motivo para isso.

— Tudo bem. Aguardaremos até amanhã. Quanto tempo levará para chegarmos até a mansão? Talvez seja melhor partirmos esta noite?

— Não. Seria *melhor* partirmos amanhã. É meio dia de cavalgada.

— Maren nos acompanhou até um chalé de tijolos, que tinha um estábulo por perto. — Podem ficar nos alojamentos de hóspedes. Este local é um ponto de parada muito popular entre os viajantes do DM-6.

O complexo do castelo ficava localizado no extremo sul do DM-6. Dois dias e meio de cavalgada diretamente ao norte da Cidadela de Sitia. Achei interessante que os dois centros de poder político ficassem fisicamente tão próximos, apesar de seus estilos de governar estarem separados por um verdadeiro mundo de diferenças.

Adentramos o chalé. Embora houvesse pouca mobília no aposento principal, ela parecia ser confortável. Guardas postaram-se do lado de fora, mas um tenente nos seguiu até lá dentro.

— Camas! Eles têm camas com colchões de penas — Leif gritou de um dos quartos.

— Há lenha nos fundos, e vocês podem jantar com os soldados. Avisarei o general de sua chegada.

Maren foi embora, seguida de perto pelo tenente, mas os dois guardas permaneceram postados ladeando a porta da frente.

Uma rápida espiada pelas janelas laterais e dos fundos revelou a presença de mais guardas. Estávamos cercados. Pensei nos comentários de Maren. Algumas das coisas que ela dissera não faziam sentido. Perguntei-me o que ela planejava fazer. Tudo o que eu sabia eram os meus planos, e eles não incluíam uma visita ao general.

Juntei-me aos meus companheiros de viagem no quarto. O Homem da Lua estava sentado ao lado de Marrok, que, deitado de barriga para cima, fitava o teto. Tauno estava empoleirado na beirada de uma cadeira.

Leif estava estendido sobre uma das camas. Um suspiro de alegria lhe escapou dos lábios.

— Não durmo em uma cama desde... desde... Nem consigo me lembrar!

— Não fique muito confortável — eu disse.

Ele gemeu.

— O que foi agora?

Estendi o dedo diante dos lábios e, em seguida, apontei para a minha cabeça.

Há um excesso de ouvidos curiosos por perto, projetei na mente dele.

O que está acontecendo?, ele perguntou.

Não vamos perder tempo com o general, o Homem da Lua disse.

Surpresa, franzi a testa ao fitá-lo. Esquecera-me de que ele era capaz de conectar seus pensamentos aos nossos.

Como você escolheu Gede como o seu guia, tive de canalizar através de Leif.

Ignorei a confusão de Leif.

Nesse caso, pode descanalizar. Esta é uma conversa particular.

O Homem da Lua permaneceu quieto por algum tempo.

Eu me retirarei.

Quer me contar o motivo disso?, Leif perguntou.

Eu o pus a par de minha conversa com Roze.

O Homem da Lua é um espião.

De jeito nenhum. Você não pode acreditar nisso.

Está me dizendo que Roze mentiu?

Não. Estou dizendo que você está exagerando. O Homem da Lua admitiu que Gede é o chefe dele. O clã deles foi dizimado pelos Vermes, de modo que Roze e Gede querem a mesma coisa. Gede provavelmente enviou o Homem da Lua para ficar de olho em você.

E qual é a diferença entre isso e espionar?

Ele provavelmente está aqui para protegê-la, para mantê-la a salvo até que você tenha limpado o seu nome.

Seria bom poder perguntar-lhe, mas estou certa de que ele já tem preparada alguma resposta vaga que não esclarece nada.

Isso não é justo, Yelena. O homem acaba de testemunhar o massacre do seu próprio clã. Embora devo admitir que sinto falta do antigo Homem da Lua, Leif confessou. *Prefiro muito mais as*

zombarias, os conselhos enigmáticos e as chegadas misteriosas do que este seu novo comportamento lúgubre.

Meu irmão colocou outro travesseiro sob a cabeça.

Parece que ficaremos em Ixia por um bom tempo. Leif Liana Ixia soa bem. Se não me executarem por ser mago, talvez eu possa encontrar trabalho como boticário ixiano. Eles têm uniformes para boticário?

Nós vamos voltar para Sitia.

Para a morte certa? Não, muito obrigado. Quem sabe o Comandante não venha a precisar de um de meus chás medicinais?

Precisamos falar com o Comandante e nos encontrar com Valek.

Pelo menos, era o que eu estava torcendo que fosse acontecer.

Estamos cercados de guardas, lembra-se?

É verdade. Estamos em desvantagem numérica. É uma pena que não tenhamos magia para nos ajudar. Um mago poderia colocar os guardas para dormir. Ou, melhor ainda, poderia usar Curare. É uma pena que eu não tenha uma zarabatana na minha mochila.

Sarcasmo não é uma qualidade bonita, irmãzinha. Você deveria evitá-la.

E você desiste com facilidade demais.

E também confiava por demais facilmente, mas eu não ia lhe dizer isso.

A culpa é do colchão de penas. Ele sugou toda a minha motivação. Se houver uma cama confortável no meu apartamento acima da botica, ficarei muito contente de morar em Ixia.

Leif, alertei.

Tudo bem, tudo bem. Vou fabricar algumas zarabatanas para você, para o caso de não conseguirmos colocar todo mundo para dormir.

Ele resmungou para si mesmo, ao rolar para fora da cama e caminhar até sua mochila.

Pensei no que deveria contar para Tauno e para o Homem da Lua. Desde que não houvesse nenhum fogo por perto, eu poderia alertá-los de meus planos. E eu os queria comigo, para que pudesse ficar de olho neles.

— É melhor irmos para a cama cedo hoje — disse-lhes. — Para *descansar* para *amanhã*.

Eles deram a impressão de ter entendido a dica. Assim que os soldados ixianos fossem para a cama, nós escaparíamos.

Eu planejava estar no castelo do Comandante antes mesmo que os guardas do DM-7 se dessem conta de que havíamos escapado. Aproximar-se dos portões principais do castelo sem um guia ixiano despertaria suspeitas instantâneas, mas eu lidaria com o problema quando ele surgisse.

Após jantar com os soldados, passei atentamente os olhos pelo nosso novo grupo de guardas, na tentativa de avaliá-los. Eu sabia que nem Tauno nem o Homem da Lua poderiam passar por ixianos, então ou Leif ou eu teríamos de usar um uniforme e nos fazermos passar por um soldado até alcançarmos o Comandante. Em uma situação ideal, seria eu a me disfarçar, mas com pouco mais de um metro e sessenta, eu duvidava que fosse capaz de encontrar um uniforme que me servisse.

Não nos dando ao trabalho de acender a lareira, nós nos recolhemos cedo. Dormi por algumas horas. O luxo de estar em uma cama de verdade tornou difícil levantar-me. Mas forcei-me a sair da cama e acordei os outros, sinalizando para que fizessem silêncio.

Leif não tinha a habilidade para colocar nossos guardas para dormir, mas ele poderia complementar minha energia. Segurei-lhe a mão e projetei minha consciência na direção do círculo de guardas. Três homens e uma mulher estavam de vigia. Projetando mais para longe, alcancei os cavalos nos estábulos.

Pronta?, perguntei para Kiki.

Pronta.

Dois auxiliares de cavalaria dormiam em pilhas de feno, satisfeitos por terem cavalos no seu estábulo. Para eles, o cheiro almiscarado de cavalo, esterco e palha se comparava a um colchão de penas.

Vasculhei mentalmente as casernas, procurando sinais de encrenca. Às duas da madrugada, o quartel estava tranquilo. Como eu não podia colocar a guarnição inteira em um sono profundo,

torcia para que estivéssemos longe o bastante para não a acordar. Retornei aos garotos adormecidos e os coloquei em um sono ainda mais profundo.

Os guardas ao redor do chalé mostraram ser mais resistentes à minha sugestão mental. Seu treinamento ixiano lutava contra a minha magia, e tive receio de que teria de recorrer ao uso do Curare. Antes que pudesse interromper a conexão, um dos guardas estremeceu de surpresa ao sentir algo pontiagudo acertar-lhe o pescoço. Sua visão ficou turva assim que a droga entrou na sua corrente sanguínea. Recuei antes do homem desmaiar.

Leif soltou minha mão.

— Hora de ir — eu disse, movendo-me rapidamente.

Tínhamos ajuda, e senti o coração ir às alturas. Havia alguém que sempre sabia quando eu precisava dele. Abri a porta esperando Valek, mas dei de cara com Maren no seu lugar. Ela arrastou um dos guardas para dentro do chalé de hóspedes e foi logo seguida de três outros, cada um carregando uma figura inconsciente, que logo depositaram no chão.

Os companheiros de Maren usavam uniformes do DM-7.

— Acho que tivemos a mesma ideia. Meus homens tomarão o lugar dos seus guardas enquanto seguimos para o castelo — ela explicou.

— Eles ficarão desacordados durante muito tempo?

Cutuquei com a bota um dos homens estendidos no chão.

— Umas boas seis horas. Usei neles a poção para dormir de Valek. Ela sorriu com um brilho travesso nos olhos acinzentados.

— Conselheira Maren, você não estaria fazendo um bico à parte com a tropa de Valek, estaria? — Sacudi a cabeça fingindo reprovação. — Como soube quando atacar?

Maren me lançou um olhar estranho.

— Quando vi os cavalos deixando os estábulos, achei que poderiam estar prontos para partir.

— Você vem conosco? Pode cavalgar?

— Posso. Tenho um cavalo aqui por perto. Tenho de retornar à mansão do general antes que descubram a sua fuga. Eu os acompanharei até a fronteira com o DM-6, onde os apresentarei aos

soldados do posto intermediário. Eles os levarão ao castelo do Comandante. Suas armas estão logo aqui fora. Vamos.

Leif, o Homem da Lua e Tauno carregaram nossas selas até estarmos longe o suficiente para arriscar fazer barulho. O Homem da Lua e Marrok montaram Topaz. Marrok ainda não conseguia falar, mas ele montou quando o Homem da Lua lhe pediu para fazê-lo.

Maren mostrou ser uma exímia amazona, e cobrimos a distância até o DM-6 em tempo recorde. Antes que ela pudesse alertar os guardas do posto intermediário, eu lhe perguntei:

— O que acontecerá quando o general Rasmussen descobrir que escapamos?

— Uma vez que estejam com o Comandante, ele não poderá admitir que tentou atrasá-los, pois terá de dar um motivo para isso. Provavelmente ordenará que seus comandados não voltem a tocar no assunto. Valek, com certeza, deixará que ele acredite que se safou dessa. Até que Valek precise de alguma coisa dele.

Outro sorriso predatório apareceu no seu rosto.

Nossa transferência para o DM-6 e para as mãos dos soldados do general Hazel ocorreu com veloz eficiência. O novo guia usava um uniforme de capitão com diamantes azuis, em vez dos amarelos de Nytik.

Na verdade, toda a viagem até o castelo do Comandante correu sem incidentes. Tendo obtido acesso ao complexo sem qualquer problema, eu deveria ter saboreado aquelas poucas horas tranquilas. Porque, depois que encontramos o comandante Ambrose, nada mais deu certo.

APÓS NOSSA chegada ao complexo, aguardamos no pátio externo. Recebemos muitos olhares curiosos dos habitantes do castelo, e eu sabia que os serviçais não demorariam muito para dar início a mexericos e apostas sobre quem éramos e de onde havíamos vindo. Provavelmente não me reconheciam sem o uniforme de provadora de comida.

Cavaliços vindos dos estábulos apareceram para levar os cavalos. Eu quis ficar com Kiki, mas recebemos ordens de adentrar o castelo e aguardar uma audiência com o Comandante.

Meus companheiros exclamavam ante a estrutura de formato estranho. Com seus vários níveis de formas geométricas incomuns, o castelo lembrava um brinquedo de criança. Equilibrados sobre a base retangular, os outros níveis do castelo eram uma combinação de quadrados, triângulos e até mesmo cilindros, construídos uns sobre os outros de um modo irregular. Em alguns níveis, as três formas podiam ser notadas. As janelas da construção também refletiam a queda do arquiteto por geometria, incluindo octógonos e elipses.

Já fazia um ano desde a última vez em que eu vira o castelo. Outrora parte de minha rotina diária, eu me acostumara com o seu estilo estranho. Agora a visão da estrutura me sobressaltava e me fazia sentir-me pouco à vontade.

As quatro torres nos cantos davam uma sensação de simetria para quem olhasse. Elas erguiam-se alguns andares acima da construção principal, e vitrais lhes decoravam as janelas. Hesitei. A Fortaleza dos Magos também tinha quatro torres em seus cantos, e não pude deixar de ficar intrigada com a similaridade.

Um criado nos conduziu até uma sala de espera de aparência sóbria, com um mínimo de conforto. Quando nos serviram bebidas, eu automaticamente testei a minha em busca de venenos, surpreendendo Leif ao gargarejar o suco. Ele provavelmente estivera fitando as paredes vazias, perguntando-se aonde teriam ido todas as lendárias pinturas e espelhos dourados. Eu presumira que o Comandante houvesse destruído todos os tesouros da época do rei, contudo, lembrando-me de um comentário que Cahil fizera sobre as quantias necessárias para sustentar Ixia, não pude deixar de me perguntar se, em vez disso, o comandante Ambrose não os trocara por serviços.

— Você morava aqui? — Leif perguntou.

Eu assenti.

— Durante dois anos.

Um deles passado na masmorra. Não havia muitas pessoas que sabiam a respeito de Reyad em Sitia. Eu preferia guardar para mim mesma os detalhes sobre essa época. Mas a maioria dos Ixianos sabia que eu matara Reyad.

— Onde você ficava?

— Eu tinha um quarto nos aposentos de Valek.

Leif me fitou com incredulidade.

— Nossa, você trabalha rápido.

— E você presume demais.

Um dia, eu contaria para Leif e para os meus pais sobre a minha provação, mas não hoje.

Leif ficou pensativo. Tauno cochilava em uma das cadeiras de madeira. Eu me surpreendi com o modo do Sandseed ser capaz de se encaixar em qualquer espaço pequenino e, ainda assim, parecer confortável. Durante o nosso tempo juntos, ele se adaptara a estar entre quatro paredes.

Por outro lado, o Homem da Lua estava irrequieto na sua cadeira. Não consegui determinar se o desconforto provinha de estar em um local confinado ou de minha hostilidade. Ele alegava que eu tinha um novo Tecelão de Histórias. Era uma maneira fácil de ele evitar ter de me contar a verdade.

Sabendo que estávamos seguindo para Ixia, Cahil devia ter planejado a fuga de Marrok. Os soldados sitianos que os perseguiram provavelmente também faziam parte da farsa.

Senti vontade de andar de um lado para o outro no interior do aposento. A espera estava se estendendo tanto quanto uma cobra-colar. Não havia nada para me distrair de minha lista de preocupações. Valek continuava no topo dela. Onde será que ele estava? A esta hora, já deveria ter voltado a Ixia. Pensamentos circularam em minha mente. Para me distrair, sentei-me em uma das cadeiras duras perto da janela. Do lado de fora, parte das casernas e do pátio de treino, onde os soldados do Comandante moravam e praticavam, estava visível, lembrando-me de Ari e Janco, meus amigos soldados, que, de acordo com Maren, eram agora os segundos em comando de Valek.

Fiquei de pé, ansiando por ação. Talvez eu devesse simplesmente ir até o escritório do Comandante. Sabia como chegar lá e detestava esta sensação irritante na boca do estômago. Por que eu estava tão tensa?

A compreensão me veio à cabeça e precisei me sentar novamente. No interior daquelas paredes, eu fora uma prisioneira. Fosse pelas barras da masmorra ou pela crença de que eu ingerira um veneno chamado Pó de Borboleta, sabendo que não poderia ir longe sem a dose diária do antídoto para me manter viva. E toda a lógica no mundo era incapaz de convencer o meu corpo de que eu estava livre.

Por fim, um Conselheiro chegou para nos conduzir através dos corredores principais do castelo. Leif deixou escapar uma exclamação de surpresa quando adentramos o salão principal. Recebidos pela visão de esfarrapadas tapeçarias de seda e dourado dependuradas, solidarizei-me com a reação de meu irmão. Tinta preta manchava as outrora famosas colchas de retalhos que

simbolizavam cada província durante a época do rei. Agora representavam a tomada de poder. As antigas províncias haviam sido desfeitas, e suas fronteiras, redesenhadas em oito organizados Distritos Militares.

O desdém do comandante Ambrose por opulência, excessos e ganância era evidente em cada centímetro da construção de pedra. Privado dos luxos da realeza, o castelo tivera a sua alma arrancada e fora reutilizado apenas como a mais básica estrutura utilitária.

A transformação da sala do trono foi outro exemplo de seu desdém. Em vez de decorações luxuosas e tapetes grossos, o aposento vibrava com a atividade de numerosos conselheiros e oficiais militares de cada Distrito Militar em Ixia, sem nenhum sinal de uma plataforma ou trono à vista. Com escrivaninhas dispostas uma bem perto da outra, atravessar o aposento provou ser um teste à nossa agilidade quando tentamos avançar em direção ao fundo da sala.

O escritório do Comandante combinava com o restante do castelo. Eficiente, limpo e organizado, o aposento não tinha muita personalidade, porém refletia perfeitamente o seu ocupante.

Usando um impecável uniforme negro com diamantes reais reluzindo na gola, o comandante Ambrose ficou de pé quando entramos. Fitei seu rosto liso, com a barba benfeita, ao apresentá-lo para meus companheiros, detectando apenas uma ligeira semelhança com a embaixadora Signe, como se realmente fossem primos, em vez de a mesma pessoa.

O poder de seu olhar, contudo, permanecia o mesmo. Meu coração saltou no interior do peito quando ele voltou os olhos de cor dourada na minha direção.

— Esta é uma visita inesperada, oficial de ligação Yelena. Suponho que tenha um bom motivo para ter ignorado o protocolo padrão — ele falou, erguendo uma das sobancelhas finas.

— Um excelente motivo, senhor. Acredito que Sitia tentará montar uma ofensiva contra o senhor.

O Comandante olhou para meus companheiros, enquanto analisava minhas palavras. Mais fios grisalhos haviam se espalhado

pelo seu cabelo preto, que estava cortado tão curto que Kiki parecia ter pastado nele.

Caminhando até a porta do seu escritório, o Comandante chamou um dos seus homens.

— Conselheiro Reydon, por favor, acompanhe nossos convidados até o salão de jantar para o almoço e, em seguida, até o aposento de hóspedes. — Ele virou-se para os outros. — A oficial de ligação almoçará comigo e os encontrará mais tarde.

Leif olhou para mim em busca de orientação. Abri minha mente para ele.

Quer que fiquemos?, ele perguntou.

Não acho que tenham escolha.

Ele não é o meu Comandante. Não tenho de lhe dar ouvidos.

Um comentário teimoso e infantil. Talvez Leif estivesse se sentindo excluído.

Seja um bom hóspede e obedeça. Eu o informarei de tudo o que acontecer.

Tem certeza de que não precisa de reforços? Esse sujeito me assusta.

Leif, eu alertei.

Com evidente relutância, ele deixou o escritório, lançando-me um olhar de irritação antes de seguir o Conselheiro.

Quando o aposento ficou vazio, o Comandante gesticulou para que eu me sentasse na poltrona diante da sua escrivaninha. Desanimada, empoleirei-me na beirada.

Ele me serviu uma xícara de chá antes de voltar a acomodar-se atrás da escrivaninha. Tomei um gole com cuidado, testando o líquido em busca de venenos. No comando de um poderoso exército e com oito ambiciosos generais para supervisionar, o Comandante precisava de um provador de comida a seu serviço.

— Por que você veio? — ele indagou.

— Já lhe disse. Sitia planeja...

Ele me interrompeu com um gesto de pouco caso.

— Você sabe que essa notícia é antiga. Por que *realmente* está aqui?

— Para lhe pedir que adie um primeiro ataque.

— Por quê?

Hesitei, colocando em ordem meus pensamentos. Apenas a lógica seria capaz de persuadir o Comandante.

— O Conselho Sitiano teve uma mudança de opinião drástica a seu respeito, passando de querer abrir linhas de comércio e comunicação com Sitia a estar apavorado com o senhor.

— É verdade. Os sitianos são muito instáveis.

— Mas não são *tão* instáveis assim. Estão sendo influenciados.

— Através de magia?

O Comandante pronunciou a palavra como se ela fosse dolorosa para ele.

O general Brazen e Mogkan, meus sequestradores, haviam usado de magia e Theobroma para adquirir o controle sobre a mente dele, apesar da proibição, aos magos, ordenada por Ambrose. Embora sua censura irrestrita houvesse abrandado, o Comandante ainda não achava feiticeiros dignos de confiança. Consentir que eu agisse como oficial de ligação para Ixia fora a sua primeira e única concessão.

A teoria de Valek era que o Comandante temia os magos, mas eu acreditava que tinha mais a ver com o que o Comandante chamava de sua mutação. Nascido com um corpo feminino, ele acreditava que sua alma era a de um homem e tinha receio de que um mago poderia desmascará-lo. Contudo, de minhas interações com ele de quando Ambrose se disfarçara de embaixadora Signe, eu pressentira a presença de duas almas no interior do seu corpo.

Postada diante dele, reprimi a vontade de me projetar nos seus pensamentos, evitando até mesmo uma varredura superficial. Seria uma severa quebra de protocolo. Além do mais, seria errado.

— Magia pode ser um fator, mas pode haver outra razão ou, até mesmo, uma pessoa influenciando o Conselho. A essa altura, eu não sei, mas quero descobrir. Se você matar todos os seus membros, pode não resolver o problema, e aqueles que os substituírem serão piores — afirmei.

— Parece-me um tanto quanto vago. Quem sabe você não tenha mais informações a esse respeito?

O Comandante pegou um pergaminho e o entregou para mim.

Desenrolei o papel. Cada palavra lida aumentava minha preocupação e indignação.

— E note bem... — Ambrose inclinou-se para a frente e apontou para o pé da página. — Está assinado por todos os Conselheiros, mas está faltando a assinatura de dois dos Mestres Feiticeiros. Curioso.

Curioso não era bem a palavra que eu teria usado. *Desastroso* parecia muito mais propício. Preocupei-me com Irys e Bain. Se o Conselho tentara pressioná-los para lhes obter as assinaturas, o que acontecera com eles por terem se recusado? Concentrei-me no papel nas minhas mãos. Preocupação não ajudaria Irys e Bain.

Em resumo, a carta alertava o Comandante de minha situação de renegada e sugeria que eu e meus companheiros traidores fôssemos mortos assim que avistados. Provavelmente o motivo de Roze estar tão confiante de que eu não estaria a salvo em Ixia.

— Eles tentam minar a sua credibilidade, ao mesmo tempo em que planejam me atacar. Por acaso acham que sou tolo? — Ele relaxou na sua poltrona e suspirou. — Explique-me exatamente o que está acontecendo por lá.

— Se eu tivesse uma ideia exata, não teria sido tão vaga.

Foi a minha vez de suspirar. Passei a mão pelo rosto, pensando na melhor maneira de contar para o Comandante sobre Cahil. Será que eu mencionava ou não o Deformador do Fogo? Não fazia ideia de qual era o papel dele nisso tudo. Era exatamente esse o problema.

Sendo assim, expliquei sobre a fuga de Ferde com a ajuda de Cahil e sobre como Cahil torcera tudo, de modo a implicar Marrok, Leif e eu.

— Tenho a impressão de que assassinar o Conselho seria para o bem de Sitia — o Comandante comentou.

— Isso daria a Cahil e aos seus cúmplices evidências de que estavam certos em suspeitar do senhor. Sitia os apoiaria totalmente. Valek concorda comigo. Ele ainda não fez planos para eliminar o Conselho. Está a caminho daqui.

Se o Comandante ficou surpreso, não deu sinais disso.

— Quer dizer que você já adiou o meu ataque antecipado. No entanto, não possui prova alguma.

— Nenhuma. É por isso que eu queria que aguardasse antes de lançar outro ataque. Precisamos de mais informação. Valek e eu...

A porta do escritório abriu-se. Star entrou no escritório, carregando uma bandeja de comida. A provadora de comida do Comandante ficou paralisada de choque ao me reconhecer. Meu coração parou por um instante ao notar o meu antigo uniforme sendo usado por ela. E não apenas por qualquer mulher, mas pela antiga capitã Star, que fora a líder de um bem-sucedido esquema de extorsão e mercado negro, antes que Valek lhe desbaratasse a operação.

Star me lançou um olhar fulminante. A tentativa fracassada de assassinato que seus capangas haviam feito contra a minha vida havia levado à sua captura. Já de sobreaviso quanto à emboscada armada por Valek, Star poderia ter desaparecido em meio à própria rede criminosa. No entanto, ela se deixara levar pela vingança mesquinha e agora provava comida para o Comandante.

— Pelo menos, você sobreviveu ao treinamento — eu disse para ela.

A mulher desviou o olhar. Os compridos cachos vermelhos haviam sido presos em um nó malfeito, e o nariz avantajado ia abrindo o caminho, à medida que ela caminhava. Depositando a bandeja sobre a mesa do Comandante, ela provou a comida e foi embora. Embora houvesse dois almoços na bandeja, ela testara apenas um deles.

Fitei minha comida. Star parecera ter ficado surpresa com a minha presença, mas podia estar apenas fingindo. Ainda podia estar cultivando o seu desejo de vingança. O Comandante me passou um prato. Não querendo ser rude, coloquei na boca uma garfada hesitante da torta de carne, mastigando lentamente e passando a comida por sobre a língua. A carne estava temperada com alecrim e gengibre e não continha venenos. Pelo menos, não senti o gosto de nenhum veneno do qual eu me lembrasse. Perdi o meu apetite ao me recordar do comentário do Homem da Lua sobre aprender fazendo e sobre como era fácil esquecer informações que lhe foram dadas.

Conversamos sobre trivialidades enquanto comíamos. Quando eu elogiei o seu novo *chef* pela sobremesa de raspas de limão, o

Comandante me contou que a posição agora pertencia a Sammy.

— O garoto de recados de Rand? — perguntei.

Ele tinha apenas 13 anos de idade.

— Ele trabalhou com Rand durante quatro anos, e ficou óbvio que era o único que conhecia todos os ingredientes das receitas secretas de Rand.

— Mas ele é tão jovem.

A cozinha, durante a hora das refeições, era uma cacofonia de caos ordenado guiado pela mão firme de Rand.

— Eu lhe concedi uma semana para provar que era capaz. Ele ainda está lá.

Eu me esquecera de que idade não era importante para o Comandante. Ele poderia ter forçado Sammy a divulgar as receitas, mas Ambrose respeitava habilidade mais do que experiência ou gênero. Meu jovem amigo Fisk, o menino mendigo que se tornara empreendedor, teria se dado muito bem em Ixia.

Quando terminamos a refeição, o Comandante colocou a bandeja de lado e reposicionou sua estatueta de leopardo da neve. Pontos prateados reluzentes salpicavam a pedra preta. Único item de decoração em toda a sala, o leopardo era uma das esculturas de Valek. Matar um leopardo da neve era considerado impossível. Os cidadãos de Ixia evitavam as criaturas letais que moravam na geleira ao norte. A habilidade sobrenatural do leopardo de escapar à morte o tornava temido.

O comandante Ambrose era a única pessoa a já ter tido êxito em caçar e matar um e, ao fazê-lo, provou para si mesmo que, apesar de sua mutação, era capaz de se infiltrar no mundo dos homens com a mesma facilidade com que vivera em meio ao mundo dos leopardos da neve. Ele acreditava que seu corpo feminino fora apenas um disfarce para sua alma. Apenas o Comandante e eu sabíamos a respeito de sua caçada e de suas duas personalidades. Ele me fizera jurar segredo quando eu o resgatara do controle mental de Mogkan.

— Antes de Star entrar com o almoço, você mencionou obter mais informações sobre o Conselho Sitiano. Agora que é uma criminosa

procurada, como é que pretende fazer isso? — o Comandante perguntou.

— Planejava infiltrar-me na Cidadela e conversar com um dos Conselheiros. Contudo, tenho receio de que a magia de um dos Mestres Feiticeiros possa acabar me descobrindo, de modo que agora quero pegar Valek e alguns de seus homens emprestados. Eles poderiam nos ajudar a entrar em contato com o Conselheiro.

— Qual deles?

— Baval Cacao Zaltana, o Conselheiro do meu clã. Ele tem sido meu maior defensor, e se atentar à sua assinatura... — Peguei o documento sitiano e apontei para o seu nome. — Ele não incluiu o seu nome de família, Cacao, na sua assinatura, de modo que não é um registro oficial. Acredito que seja uma mensagem para mim, de que ele pode ser abordado.

O Comandante fitou o outro lado do aposento, como se estivesse considerando minhas palavras. Após alguns instantes, voltou novamente a atenção para mim.

— Quer que eu arrisque o meu chefe de segurança para ajudá-la a obter informação. Enquanto isso, não faço nada e rezo para os sitianos não ataquem antes que você descubra o que está acontecendo?

— Isso mesmo.

Embora, do modo como o Comandante dissera, a situação toda parecesse terrível. Não havia por que tentar dourar a pílula. E a última coisa que eu queria era colocar Valek ou qualquer outra pessoa em risco. Mas tinha de ser feito.

O Comandante repousou o queixo nas mãos cerradas.

— A informação não vale o risco. Eu poderia aguardar para ver como se desenvolve a situação com o Conselho e então decidir como melhor lidar com ela.

— Mas...

Um alerta brilhou nos seus olhos.

— Yelena, por que se importa com o que aconteça com o Conselho? Eles lhe deram as costas. Você não pode retornar a Sitia. Seria de maior ajuda aqui comigo, como minha conselheira.

Uma oferta inesperada. Eu a considerei.

— E quanto aos meus companheiros?

— Magos?

Um ligeiro vinco de desagrado formou-se na sua testa.

— Dois deles.

— Se quiser, podem fazer parte de sua equipe. Mas *não* podem usar magia contra ixianos sem a *minha* permissão.

— E quanto à minha magia? Terei de trabalhar com as mesmas restrições?

O olhar do Comandante não titubeou.

— Não. Confio em você.

Por um instante, fiquei paralisada de surpresa. A confiança dele era uma honra, e considerando a recente reação do Conselho Sitiano a meu respeito, a tentação de me tornar sua Conselheira estava em conflito com minhas emoções. Provavelmente seria mais fácil ficar e ajudar a derrotar Cahil desse lado da fronteira.

— Não responda agora. Converse com seus companheiros. Devo ter notícias de Valek muito em breve. Nós nos reuniremos quando eu tiver. Enquanto isso, há algo de que esteja precisando?

Pensei em nossos suprimentos já quase no fim. Se partíssemos, precisaríamos de mais provisões.

— Você poderia trocar moedas sitianas por ixianas.

Revirei minha bolsa, colocando vários objetos soltos sobre a mesa, para tirá-los do caminho.

— Entregue-as para o conselheiro Watts. Você se lembra do meu contador?

— Lembro.

O pacote que envolvia o morcego de Opal havia se desfeito e estava espalhado pelo fundo da minha mochila. Removi o animal de vidro e o libertei do embrulho. O Comandante deixou escapar uma exclamação de surpresa.

Seu olhar estava fixo na estatueta em minhas mãos, e seus dedos, estendidos, como se para pegar o morcego.

— Posso ver? — ele perguntou.

— Claro.

Com um movimento rápido, ele pegou a estatueta de minha mão. Ele girou o morcego, examinando-o de todos os ângulos possíveis.

— Quem fez isto?

— Minha amiga, Opal. Ela é uma artista que trabalha com vidro em Sitia.

— Brilha como se houvesse lava derretida em seu interior. Como foi que ela fez?

Tentando compreender suas palavras, fitei o Comandante com incredulidade. Ele era capaz de enxergar o brilho. Impossível. Apenas magos eram capazes de ver a luz.

O Comandante possuía poderes místicos.

O MORCEGO de vidro brilhou para o Comandante. Eu havia especulado que apenas magos eram capazes de enxergar a luz interior. Mas eu podia estar errada. Talvez não houvesse testado o morcego em um número suficiente de pessoas. Se o Comandante possuísse poderes místicos, sua magia, a esta hora, já teria fugido ao controle e entrado em combustão, matando-o. Os Mestres, em Sitia, já o teriam sentido há muito tempo. Irys teria pressentido quando esteve perto dele.

Expulsando tais pensamentos ridículos de minha mente, respondi à pergunta do Comandante sobre a confecção do vidro.

— Mas o que faz com que brilhe?

Eu sabia que, se respondesse magia, ele teria deixado o enfeite cair, como se este o houvesse queimado. Em vez disso, disse que era um segredo de família.

Ele me passou o morcego de vidro.

— Extraordinário. Da próxima vez em que vir a sua amiga, peça para que faça um para mim.

Encontrei as moedas que estava procurando e devolvi tudo o que havia retirado à bolsa. Só quando coloquei a mochila nos ombros é que me dei conta de que esquecera de embrulhar novamente o morcego.

O Comandante pegou as moedas, caminhou até a porta do escritório e a abriu. Chamando o conselheiro Watts, pediu que ele me trocasse as moedas e que me mostrasse a área dos hóspedes.

Dispensada, segui Watts até a sala do trono, segurando o morcego nas mãos. Ao entregar-me as moedas ixianas, o Conselheiro notou a criatura.

— Arte sitiana? — ele perguntou.

Assenti.

— Está até parecido, mas um tanto quanto sem graça. Pensei que os sitianos tivessem mais imaginação do que isso.

Repassei, na cabeça, os comentários do Comandante e do conselheiro Watts enquanto seguia Watts através do castelo. Ainda incapaz de aceitar a habilidade do Comandante de enxergar o brilho, tive de adiar futuras considerações quando adentrei os aposentos de hóspedes.

Leif me polvilhou com um milhão de perguntas no instante em que cruzei a porta. Pelos padrões ixianos, os aposentos de hóspedes eram um tanto quanto excessivos. A sala principal continha um confortável sofá e poltronas macias, assim como várias mesas e escrivaninhas. Havia um ligeiro aroma de desinfetante no ar. Quatro quartos de dormir davam para a sala de estar, dois de cada lado dela. A luz do sol entrava pelo círculo de janelas na parede dos fundos, aquecendo o aposento vazio.

Interrompi as perguntas de Leif com um olhar.

— Onde estão os outros?

Ele apontou para a segunda porta à direita.

— Estão todos descansando. O Homem da Lua e Marrok estão no quarto maior, ao lado do de Tauno.

As portas duplas marcavam a entrada para o quarto do Homem da Lua.

— Qual é o meu?

— Segunda porta à esquerda, ao meu lado.

Adentrei o quarto. Leif veio atrás de mim, como um cachorrinho perdido. Uma arrumação simples de cama, cômoda, escrivaninha e mesa de cabeceira, todas feitas de carvalho, decorava o pequeno

interior. A roupa de cama parecia limpa e convidativa. Acariciei a colcha macia. O ar cheirava a pinho. A falta de poeira me fez lembrar da governanta de Valek, Margg. Ela assombrara a minha existência quando eu me tornei a provadora de comida, recusando-se a limpar meu quarto e escrevendo mensagens desagradáveis na poeira. Esperava não ter o desprazer de esbarrar com ela durante esta viagem.

As perguntas de Leif recomeçaram, e eu o pus a par do que acontecera no escritório do Comandante, deixando de mencionar a habilidade de Ambrose de ver o brilho do morcego. Não estava convencida de que o Comandante possuísse magia e, com certeza, não estava disposta a tentar convencer Leif ou mais ninguém.

— Preto e vermelho não combinam comigo. Qual Distrito Militar usa o verde? Talvez eu possa abrir minha botica lá — Leif disse.

A piada de Leif perdeu a graça.

— O DM-5 é preto e verde. O general Brazell costumava governar o distrito, mas ele agora está no calabouço do Comandante.

Eu me perguntava quem teria sido promovido.

— O que faremos em seguida?

— Não sei.

Leif fingiu estar chocado.

— Mas você é a nossa líder destemida. Você já tem tudo planejado. Não é?

Dei de ombros.

— Vou tomar um demorado banho quente. Que tal isso?

— Parece ótimo. Posso fazer o mesmo?

— Contanto que prometa não passar o dia todo lá dentro.

Peguei algumas roupas limpas.

— E por que eu faria isso?

— Se você achou que o colchão de penas era um luxo, espere até ver os locais de banho do Comandante.

A água quente levou embora as minhas dores.

Leif juntou-se a mim no corredor, com um sorriso satisfeito no rosto.

— Não terei o menor problema em me ajustar à vida em Ixia. Aquelas piscinas e o duto acima da cabeça, despejando água... Fantástico. Todas as cidades possuem casas de banho semelhantes?

— Não, apenas o castelo do Comandante possui tal luxo. É remanescente do regime do rei. O Comandante costuma desprezar extravagâncias, no entanto, a casa de banho permanece.

Durante o meu banho, pensara um bocado na nossa situação e na oferta do Comandante. A tentação de ficar tentava sobrepujar a lógica, mas eu sabia que precisávamos retornar a Sitia. O clã dos Sandseed já fora destruído pelos Vermes, e Cahil e o Deformador do Fogo permaneciam um problema.

Como eu lidaria com eles continuava sendo um mistério. Não podia confiar no Homem da Lua, em Tauno e em Marrok, o que deixava apenas Valek, Leif, e eu contra os Daviian, o Deformador do Fogo, Cahil e o seu exército.

E o que aconteceria se eu revelasse o envolvimento de Cahil com os Vermes? O Conselho confiava nele. Precisaria convencê-lo das mentiras de Cahil. Precisaria de evidências concretas para lhe conquistar a confiança. Evidências que eu não possuía.

Na verdade, quanto mais eu pensava na situação toda, menos confiança sentia na minha capacidade de encontrar uma solução.

Quando Leif e eu retornamos aos aposentos dos hóspedes, o Homem da Lua e Tauno estavam nos aguardando na sala de estar.

— Como está Marrok? — perguntei para o Homem da Lua.

— Melhor.

— Ele está em condições de falar?

— Ainda não.

— Em breve?

— Talvez.

Eu o fitei com intensidade. Ele respondeu da maneira típica dos Tecelões de Histórias. Contendo-me para não arrancar dele à força a informação, perguntei:

— Descobriu alguma coisa enquanto trabalhava com Marrok?

— Pude ver pedaços e fragmentos. A sensação de ele ter sido traído está dificultando o meu acesso aos seus pensamentos. Ele não confia em mim.

Os olhos do Homem da Lua encontraram os meus, e pude enxergar suas palavras não ditas.

— Confiança é uma estrada de mão dupla.

— Não é falta de confiança que me faz ficar calado. É a falta de aceitação por sua parte.

— E você tem medo do que poderá descobrir assim que aceitar o seu papel nisso tudo, não está? — Leif me perguntou.

Uma batida à porta me salvou de ter de responder à pergunta de Leif. Uma das criadas me entregou uma mensagem do Comandante. Fomos convidados a jantar com ele na sala de guerra.

— Você não tem uma resposta para mim. Por acaso, tem uma resposta para o Comandante? Vai ficar para se tornar conselheira dele? — Leif perguntou após a criada ter ido embora.

— Na verdade, Leif, não tenho respostas. Não faço ideia do que estou fazendo nem do que vou fazer.

Fui para o meu quarto e fechei a porta.

A sala de guerra do Comandante ficava localizada em uma das quatro torres do castelo. Com compridas janelas de vitrais refletindo a luz dos lampiões, a câmara circular lembrava-me do interior de um caleidoscópio.

Nossa conversa ateu-se a questões mundanas enquanto comemos um franco condimentado e sopa de legumes. Leif devorou a sua comida com evidente prazer, mas eu não tive pressa, provando cada prato com extremo cuidado. Alguns guardas estavam postados próximo ao Comandante. Star permanecia por perto, pronta para provar a comida do Comandante, sempre que um novo prato era servido. O Homem da Lua e Tauno permaneceram calados durante o jantar.

Conversamos sobre o novo general em DM-5. O coronel Ute, do DM-3, fora promovido e transferido. O Comandante achara melhor que um oficial de fora do distrito fosse colocado no comando. Em outras palavras, uma pessoa leal, que não fora comprometida pela tentativa do general Brazell de se tornar o novo líder de Ixia.

Quando o assunto passou a ser a preocupação do general Kitviam com a estação de nevascas que se aproximava, contei para

o Comandante sobre o clã Stormdance e sobre como eles lidavam com as tempestades que vinham do mar.

— Magos poderiam canalizar o poder das nevascas, salvando a população de DM-1 dos ventos letais — eu disse. — Depois o poder poderia ser aproveitado para as serrarias do general Dinno, em DM-8.

Dinno costumava usar o vento para fazer suas serrarias funcionarem, e dias de calmaria prejudicavam a produção.

— Não. A questão de magos e magia em Ixia *não* será discutida — o Comandante deixou claro.

Seu tom severo outrora me intimidara, mas não desta vez.

— Quer que eu seja a sua conselheira, no entanto, recusa-se a usar magia para o bem de seu povo. Sou uma feiticeira. Como posso lhe ser uma conselheira eficiente?

— Pode me aconselhar sobre como combater os magos de Sitia. Não estou interessado no que a magia pode fazer por Ixia.

Ele fez um gesto decidido com a mão. Era o fim da discussão.

Mas recusei-me a mudar de assunto.

— O que acontecerá quando um dos seus generais ficar doente ou for ferido, e eu puder salvá-lo com minha magia?

— Você não o salvará. Se ele morrer, promoverei outro coronel.

Fui tomada de emoções conflitantes ao ponderar a resposta. Sabia que seu estilo firme de governar era inflexível. A lista rígida de comportamento ixiano apropriado, do Código de Conduta, não dava margens a debates. Contudo, eu esperava que, uma vez que ele visse os benefícios da magia para o seu povo, Ambrose pudesse relaxar um pouco o seu ponto de vista.

Como se houvesse lido os meus pensamentos, o Comandante disse:

— A magia corrompe. Eu vi isso acontecer com os magos do rei. Eles começam querendo ajudar e realizando grandes feitos, mas, logo o poder os consome, e eles cobizam mais, apesar do custo. Considere o que aconteceu com o clã do Homem da Lua. Francamente, surpreendo-me que algo assim não tenha acontecido antes.

— Meu clã será repovoado — o Homem da Lua afirmou. — Disso, não tenho dúvida.

— E eu não tenho dúvida de que, se esses Vermes de Sitia forem derrotados, será apenas uma questão de tempo até que outro mago deseje derrubar o atual governo. O dom de controlar a mente e o corpo de outra pessoa é intoxicante e capaz de viciar. Melhor banir o uso de magia e eliminar, de uma vez, os magos.

Perguntei-me se o ponto de vista do Comandante não poderia mudar se ele soubesse que existe a possibilidade de ele possuir o talento para acessar magia. Meus pensamentos voltaram-se para o morcego de Opal e para a sua habilidade de ver o brilho, ponderando as implicações.

— Melhor matar as pessoas à moda antiga — Leif disse com a voz carregada de indignação. — O senhor está afirmando que derrubar um governo usando venenos, facas e espadas é *muito* melhor do que usar magia. Francamente, não vejo diferença.

— Magia força uma pessoa a fazer coisas que ela não quer. Controla a sua vontade.

O Comandante inclinou-se para frente, seus olhos brilhando com intensa paixão.

Leif tremeu ante o escrutínio do Comandante, mas ele deu continuidade ao debate.

— E o seu Código de Conduta não força as pessoas a fazerem o que não querem? Todo mundo, em Ixia, *quer* usar uniforme? As pessoas *querem* obter permissão para se casar ou para mudar para um outro distrito?

— Pequenos inconvenientes para se morar em um lugar onde não há fome nem corrupção. Para que se saiba exatamente qual é o seu lugar na sociedade e o que se espera de você, sendo recompensado por suas habilidades e esforços, em vez de obter privilégios devido à família em que nasceu ou qual é o seu sexo.

— Mas a recompensa por ter poderes místicos é a morte — Leif retrucou. — Tenho certeza de que as famílias daqueles magos em potencial não encaram a perda da pessoa amada como um simples inconveniente. Por que não os mandar direto para Sitia, em vez disso?

— Para que possam ser usados contra mim? — A voz do Comandante deixava clara a sua incredulidade. — Isso seria péssima estratégia militar.

Leif permaneceu calado.

— Nenhum governo é perfeito — o Comandante afirmou, relaxando novamente na sua poltrona. — A perda de algumas liberdades pessoais foi aceita pela maioria da população de Ixia, especialmente por aqueles que sofreram sob a corrupção do rei. Contudo, sei que as gerações mais jovens estão ficando inquietas e que terei de atentar a essa questão muito em breve. — Ele fitou Leif, como se contemplando o futuro. — Yelena, noto que inteligência é uma qualidade de família. Espero que ambos decidam ficar.

Os dentes de meu irmão se cerraram com determinação. Leif podia ser teimoso e talvez encarasse como um desafio mudar a opinião do Comandante a respeito dos magos.

Um mensageiro chegou e entregou um pergaminho para o Comandante. Após ler a mensagem, ele ficou de pé.

— Por favor, aproveitem o restante do jantar. Tenho que tratar de alguns assuntos.

Ele deixou a sala, levando consigo seus guardas e Star.

Antes de Star segui-lo, ela me lançou um olhar calculista.

As opiniões do Comandante a respeito de magia e feiticeiros não me saíram da cabeça quando estávamos voltando para os aposentos dos hóspedes. Embora eu concordasse com Leif que ixianos com poderes místicos não deveriam ser mortos, eu também achava que a magia corrompia. Até mesmo Roze, a feiticeira mais poderosa em toda Sitia, fora afetada. Temer o meu potencial como Descobridora de Almas era uma coisa, apoiar Cahil era outra.

Quando chegamos aos nossos aposentos, puxei Leif para o meu quarto.

— O que foi? — ele perguntou.

— Quero contatar Irys. Ver o que está acontecendo na Cidadela.

— O que eu quero saber é o que está acontecendo com *você*.

— O que quer dizer?

— Desde que cruzamos a fronteira, você mudou, tratando o Homem da Lua como um traidor e não confiando em ninguém. Caso decida ficar como conselheira do Comandante, você *será* uma traidora de Sitia. O que houve com a oficial de ligação Yelena? A terceira pessoa neutra.

— Para ser oficial de ligação, preciso ter o apoio de *ambos* os lados. Você vai me ajudar a entrar em contato com Irys ou vai ficar me dando sermão?

Leif resmungou e fez cara feia, mas concordou em compartilhar sua energia. Deitei-me na cama e reuni poder, projetando minha consciência em direção à Fortaleza, ao sul. Ignorando os pensamentos agitados dos habitantes da Cidadela, vasculhei o campus atrás de Irys. Não consegui encontrá-la no interior da torre, porém pressenti um eco fraco, como se o cheiro de sua alma permanecesse para trás, após ela ter deixado o aposento. Estranho.

Segui para as outras torres da Fortaleza, torcendo para que Irys estivesse visitando algum outro Mestre. Os pensamentos de Zitora estavam protegidos contra intrusos. A torre de Bain tinha a mesma sensação estranha que a de Irys, e me choquei com a barreira fria ao redor dos pensamentos de Roze. Quiquei e tentei recuar, mas um vento gelado me sugou de volta na direção dela. Dessa vez, a barreira fora abaixada, e dedos frios envolveram a minha consciência, puxando-me para a mente dela.

Procurando alguém?, Roze perguntou.

Recusei-me a responder.

Você facilita tanto as coisas, Yelena. Roze gargalhou. *Sabia que tentaria contatar Irys. Receio que não será capaz de falar com ela. O Conselho decidiu que os mestres Bain e Irys estavam envolvidos em atividades traiçoeiras. Atualmente estão nas celas da Fortaleza.*

COMO FOI que conseguiu incriminar dois Mestres Feiticeiros, Roze?, perguntei, contendo minha surpresa e indignação.

Eles se recusaram a assinar a carta para o Comandante e têm sido leais defensores de você e do seu irmão. Ela disse a palavra *irmão* com intenso desprezo. *Duvidaram da palavra de Cahil. Cahil que, sozinho, aumentou o poder do nosso exército com a inclusão dos guerreiros Daviiian.*

Os guerreiros não estão aí para ajudá-los. Estão aí para usá-los.

Não vou aceitar conselhos de você. Roze segurou com mais força a minha consciência. *Uma tola que está prestes a perder a sua mente.*

Ela descascou camadas de minha consciência com uma faca feita de gelo. O frio penetrou fundo no íntimo de meus pensamentos, tentando expor o que eu mantinha oculto.

Pensando em se tornar uma conselheira do Comandante. Que piada. Depois que eu terminar com você, não será capaz de aconselhar a um bebê a melhor maneira de chupar o dedo.

Incapaz de me libertar, entrei em pânico. A energia de Leif era despejada dentro de mim, mas, ainda assim, não conseguia me soltar. Esfolada por sua magia ártica, eu permanecia indefesa.

Valek estava em Sitia para assassinar o Conselho. Hum... Muito interessante, ela disse.

Desesperada e sabendo que não conseguiria me soltar dela, tentei chegar mais perto, procurando alguma parte de Roze que eu pudesse controlar. Sua alma. Puxei a energia etérea, sentindo o cheiro podre e sentindo-a desfiar-se, como se sua alma estivesse se separando em múltiplas personalidades.

Horrorizada, Roze sobressaltou-se e me largou. Enquanto eu escapava, suas palavras me alcançaram.

Tente resgatar Bain e Irys. Venha até a Cidadela. Estamos prontos para você.

Roze ergueu uma barreira de proteção entre nós, interrompendo o contato.

Retornei ao meu corpo, sentindo-me exausta e fraca.

Leif inclinou-se sobre mim.

— O que aconteceu? Eu a perdi.

— Fui capturada por Roze...

Meus pensamentos voltaram-se para o que ela dissera sobre Irys e Bain.

— E?

— E eu me libertei antes que ela pudesse dissecar *todos* os meus pensamentos.

— O que ela descobriu?

Eu contei que ela sabia a respeito da oferta do Comandante e sobre Valek estar em Sitia.

Ele alisou as sobrancelhas espessas ao pensar.

— Saber sobre Valek pode ser uma boa coisa. O Conselho poderá tomar precauções para o caso de Valek retornar.

— *Se* Roze os alertar. A morte dos membros do Conselho pode ser exatamente o que ela quer.

— Não. Roze quer apenas o melhor para Sitia. Ela é uma pessoa enérgica, e muitos dos Conselheiros se deixam levar por seus argumentos, mas não acredito que ela recorra a assassinato ou magia para conseguir o que quer.

Sacudi a cabeça. Após o ataque, eu sabia que ela recorreria a ambos para conseguir o que queria.

— Você foi aluno dela. É claro que ainda quer pensar o melhor de Roze.

— Conheço-a melhor do que você. — A voz de Leif estava carregada de raiva. — Há nove anos que trabalho para e com ela. Os métodos de Roze podem ser bruscos, mas sua preocupação é *sempre* com o bem-estar de Sitia. Ela *sempre* apoiou o desejo de Cahil de se tornar o rei de Ixia. Para ela, os seus dons de Descobridora de Almas são uma ameaça para Sitia. E estou começando a concordar com ela.

Leif marchou para fora do quarto.

Fiquei me perguntando o que, de fato, aborrecera Leif. Na minha opinião, Roze era uma assassina. Ela não matava o corpo, mas destruía as mentes sem qualquer remorso. Olhe só para Marrok. Por outro lado, eu fizera o mesmo com Ferde. Pelo menos, eu admitia ser capaz de matar. Será que isso me tornava melhor? Não.

Repassei, na cabeça, toda a informação que obtive com Roze. Resgatar Irys e Bain tornara-se uma prioridade. Precisava de olhos e ouvidos no interior dos muros da Cidadela e uma maneira de fazer chegar mensagens ao interior da Fortaleza. Tudo sem ser vista e sem colocar em risco mais ninguém. Magia deixara de ser uma opção. Se eu voltasse a projetar minha consciência nas redondezas da Fortaleza, Roze me capturaria novamente. Métodos mundanos eram o meu único recurso.

Um plano formou-se em minha mente, deixando-me animada com as possibilidades. Se não estivesse tão esgotada, teria começado os preparativos naquela mesma noite. Em vez disso, mapeei os passos que teria de tomar para retornar a Sitia.

Rondei a entrada do ateliê de Dilana. A costureira do Comandante estava sentada sob um facho da luz do sol da manhã, cantarolando enquanto seus dedos hábeis consertavam uma calça. Seus cachos macios reluziam como mel fresco. Sem querer incomodá-la, hesitei.

Contudo, minha necessidade de informação me fez adentrar o aposento. Ela ergueu o olhar surpreso, e meu coração parou. Preparei-me para a sua reação, supondo que ódio e raiva estivessem no topo da lista.

— Yelena! — Ela levantou-se com um salto. — Soube que você voltou. — Ela me puxou para um abraço caloroso e, em seguida,

soltou-me para uma rápida inspeção. — Ainda está magra demais. E o que é isso que está usando? O material é fino demais para o clima de Ixia. Deixe-me arrumar-lhe algumas roupas decentes e algo para comer. Tenho um pouco de pão de canela fresquinho.

Ela afastou-se.

— Dilana, espere. — Agarrei-lhe o braço. — Já tomei o café da manhã e não estou com frio. Sente-se. Quero falar com você.

Sua beleza de boneca de porcelana não diminuía com o tempo e o sofrimento, mas, apesar do sorriso, pude notar um brilho de tristeza no seu olhar.

— É bom voltar a vê-la. — Ela passou a mão pelo meu braço. — Olhe só como a sua pele está bronzeada! Conte-me o que tem feito em Sitia, além de tomar banho de sol.

Ri ante a mera imagem fantasiosa de uma Yelena deitada ao sol, mas logo me recompus. Ela queria evitar tocar no assunto. Evitar mencionar o motivo pelo qual eu achava que ela poderia me odiar. Mas eu não podia continuar sem dizer nada.

— Dilana, sinto muito a respeito de Rand.

Ela fez um gesto de pouco caso ante o comentário.

— Não precisa. O bobalhão foi se meter com Star e seus esquemas nefários. Não foi culpa sua.

— Mas ele não era o alvo dela. Eu era e...

— Ele a salvou. O grande idiota morreu um herói. — Ela piscou para conter as lágrimas que ameaçavam escorrer pelos cílios compridos. — Ainda bem que não nos casamos ou eu seria uma viúva agora. Ninguém quer ser viúva aos 25 anos de idade. — Ela inspirou fundo. — Deixe-me pegar-lhe uma fatia de pão.

Dilana foi embora antes que eu pudesse detê-la. Quando retornou com um prato, já recuperara a compostura. Eu lhe perguntei sobre as últimas fofocas.

— Dá para acreditar que Ari e Janco estão trabalhando com Valek? Estiveram aqui no mês passado, experimentando os uniformes novos e desfilando diante dos espelhos.

— Você sabe onde eles estão? — perguntei.

— Em alguma missão com Valek. Tive de fazer uma roupa de camuflagem para cada um deles. Usei todo o meu tecido preto para

recobrir os músculos de Ari. Dá para imaginar um grandalhão daqueles tentando ser furtivo?

Era difícil. Ari não me parecia o típico assassino. Estava mais para um lutador mano a mano. Diria o mesmo de Janco. Ele não se sentiria bem matando alguém sem uma luta justa. Sendo assim, *onde* eles estavam com Valek?

Dilana continuou a conversar. Quando o assunto retornou aos uniformes, eu lhe perguntei sobre conseguir um uniforme de conselheiro.

— O Comandante me pediu para ficar, e eu acho que chamo atenção demais nessas roupas sitianas.

Não era de todo mentira, no entanto, senti uma pontada de culpa no peito.

— Embora a cor coral fique linda em você, ficará mais aquecida em um uniforme. — Dilana caminhou até a sua pilha de roupas. Pegou uma camisa e uma calça preta. Passando-as para mim, ela me empurrou para trás do biombo do provador. — Experimente isso.

Passsei os dedos pelos dois diamantes vermelhos bordados na gola da camisa. Da última vez em que eu estivera ali, trocara o meu macacão da prisão pelo uniforme de provadora de comida. Quando tirei a blusa, notei o meu bracelete de serpente. Ele enroscava-se no meu braço. Reprimi a súbita vontade de rir que me veio à garganta. Voltara ao ponto de partida, só que, desta vez, estava colocando um uniforme de conselheira. Ele serviu melhor do que o meu uniforme de provadora de comida, moldando-se ao meu corpo como uma segunda pele. O Comandante queria que eu o ajudasse, enquanto o Conselho me queria morta. Cerca de um ano atrás, o oposto fora verdade. Desta vez, permiti que uma risada desanimada escapasse de meus lábios.

— Algo errado? — Dilana perguntou.

Sai de trás do biombo.

— A calça está um pouco grande.

Ela segurou a calça pela cintura, juntou o tecido e fez a marcação com giz.

— Estará pronta até a hora do almoço.

Eu me troquei, agradei e segui para visitar Kiki e os cavalos. Os estábulos do Comandante ficavam ao lado dos canis. Os animais compartilhavam o cercado de treinamento, e havia pasto para os cavalos ao longo dos muros do castelo.

Kiki cochilava em sua baia imaculada. Eu verifiquei os outros cavalos. Seus pelos reluziam sob a luz do sol. Pareciam felizes e bem cuidados. Congratulei os meninos e meninas assistentes do cavalariaço, que assentiram e retomaram o seu trabalho. Sua postura lembrou-me a de adultos, e me perguntei se eles saberiam se divertir.

Ao voltar para o castelo, avistei Porter, o mestre do canil do Comandante. Seus cães jamais usavam coleira, e a maneira como o obedeciam era fantástica. Eu me detive para observá-lo trabalhar com uma ninhada de filhotes. Ele escondera guloseimas pelo pátio de treinamento e estava ensinando os cãesinhos a encontrá-las. Sendo filhotes, eles frequentemente esqueciam-se do que tinham de fazer, mas, uma vez que Porter conseguia chamar a atenção de um cachorro, ele tocava no focinho do animal e dizia:

— Vá achar.

Motivado com a missão, o filhote cheirava o ar e seguia direto para a guloseima. Impressionante. Porter notou-me observando e assentiu brevemente na minha direção. Ele fora amigo de Rand, e recordei-me de uma conversa que tivera com Rand a respeito de Porter.

Rand não acreditara nos rumores sobre a conexão mágica que Porter tinha com os cães. Como não havia provas, Rand manteve-se fiel à amizade deles, mesmo quando todos os demais evitavam ter contato com o mestre do canil. Enquanto Porter continuasse a ser útil e a não chamar atenção para si mesmo, seu emprego com o Comandante estaria garantido.

Contudo, não pude deixar de pensar na mágica. Se ele possuía magia e era capaz de usá-la sem ser flagrado, podia haver outros em Ixia fazendo o mesmo. Porter trabalhara para o rei durante muitos anos antes do Comandante assumir o poder, dando-lhe tempo mais do que suficiente para aprender a usar e a esconder o

seu poder. Talvez comunicar-se com cães fosse tudo o que ele conseguisse fazer.

Só havia um jeito de descobrir. Puxei um fio de poder e fiz contato mental com um dos filhotes. Sua energia e entusiasmo pulavam de um cheiro para o outro. Quando tentei me comunicar com a cachorrinha, ela me ignorou ou não me escutou. Seu nariz foi preenchido por um aroma suave misturado com uma pitada forte de molhado, e ela começou a escavar o chão à procura de uma minhoca. Quando uma voz calorosa e gentil a chamou, ela abandonou a sua tarefa e correu na direção de Porter.

Ele deu aos filhotes um pedaço de couro cru para mastigarem e encheu a fileira de vasilhas com água. Movi minha consciência na sua direção, pressentindo seus pensamentos superficiais. Estavam voltados para as tarefas do dia, no entanto, havia uma certa inquietação. Por que ela está aqui? O que quer?

Ajudar Ixia, eu disse na mente dele.

Ele se sobressaltou, como se houvesse sido mordido na perna, e me fitou intensamente.

Você consegue me escutar, não consegue? Os rumores são verdadeiros.

Ele avançou na minha direção. Passei os olhos pelo pátio vazio ao meu redor. Embora soubesse me defender, seu corpo alto e musculoso me lembrou que, apesar do cabelo grisalho, Porter ainda era um adversário formidável. Ele parou a poucos centímetros de mim.

— Você está aqui para ajudar Ixia? — Porter rosnou. Se ele tivesse pelo, este estaria ouriçado. — Você pode ajudar deixando-nos em paz.

Ele não estava falando dele e dos cães. Captei a breve imagem de outros ixianos.

— Deve haver algo que eu possa fazer.

— Como fez por Rand? Não, muito obrigado. Tudo o que vai conseguir é fazer com que sejamos mortos.

Ele virou as costas, mas as palavras “*ou escravizados*” me alcançaram.

Uma onda fria de medo me banhou. Será que alguém em Ixia estava usando magos contra a sua vontade? Por que eu estava surpresa? Magia e corrupção caminhavam lado a lado. Será que eu também acabaria sendo corrompida? Eu vinha usando magia sem parar para pensar nas consequências. Fazer contato com Porter poderia resultar na morte dele, no entanto, eu o fiz apenas para satisfazer a minha própria curiosidade. Se eu já usava a minha magia com tanta despreocupação agora, como eu encararia a coisa no futuro? Será que eu ansiaria por usá-la, como um vício? Começava a pensar que talvez fosse melhor não usar magia alguma.

Antes que eu pudesse retornar ao castelo, escutei o relincho de Kiki. Corri de volta para os estábulos, mas Kiki já abrira a porteira e viera ao meu encontro na aleia.

Pata dói, ela disse.

Ela me seguiu até o pátio de treinamento e curvou o casco direito dianteiro para trás, para que eu lhe inspecionasse a sola. Uma pedra estava cravada na ranilha.

Quando foi que isso aconteceu?

Noite. Não doía antes.

Sob a luz do sol, seu pelo não parecia tão bem escovado quanto eu pensara à primeira vista.

Ela bufou.

Moça Alfazema cuida.

Não dá para ser o assistente do cavalariaço?

Bruto demais. Espero você.

Você está mimada demais.

Deixei Kiki no pátio e fui buscar minhas escovas e o alvião.

Ela ergueu a pata e eu retirei a pedra, depois passei o pente de aço pelo seu pelo cor de cobre. Após algum tempo, retirei a minha capa. Quando terminei, havia tufo de pelos do animal agarrados às minhas roupas suadas.

Você está linda, e eu preciso de um banho, eu disse para ela.
Pasto ou baia?

Baia. Hora do cochilo.

E quanto à dormida de antes da escovada?

Pré-cochilo.

Ah, a vida de um cavalo. Certifiquei-me de que havia água fresca no seu balde. Quando estava saindo, esbarrei em Porter.

— Você é boa com o cavalo — ele disse.

Aguardei, pressentindo que ele tinha mais a dizer.

— Talvez você *possa* nos ajudar. — Ele olhou ao redor. Alguns rapazes trabalhavam ali perto. Porter abaixou a voz. — Há uma reunião hoje à noite, em Castletown. Peach Lane, quarenta e três, porta dos fundos. Venha durante o jantar. Não deixe ninguém saber aonde está indo.

ELE FOI embora. Hoje à noite, eu planejava já estar a caminho de Sitia. A visita a Porter me atrasaria, mas parecia ser importante demais para ignorar.

Após o passeio até os estábulos, cheguei à porta dos aposentos dos hóspedes na mesma hora que um mensageiro. O Comandante queria que o encontrássemos na sala de guerra esta tarde. Lá dentro, Tauno andava de um lado para o outro da sala de estar, como um animal enjaulado, rondando as janelas.

— Por que não dá um pulo lá fora? — eu lhe sugeri. — Os soldados costumam correr ao redor do complexo do castelo para se exercitarem. Se quiser, pode se juntar a eles.

Com uma expressão de surpresa, ele se deteve.

— Eu posso deixar os aposentos sem ser escoltado por um Conselheiro?

— Os Conselheiros são uma cortesia fornecida pelo Comandante para ajudá-los a se encontrar no interior do castelo. Se sair sozinho, vai receber alguns olhares desconfiados, mas, contanto que se atenha às áreas comuns, ninguém o incomodará. Apenas trate de voltar para a reunião.

Eu lhe contei da mensagem.

O Homem da Lua estava sentado ao lado de Marrok, no sofá. Marrok nos fitava com uma expressão intensa, como se estivesse

tentando decifrar a nossa conversa.

— Interessante como você vê os Conselheiros como uma cortesia, enquanto Tauno os enxerga como guardas — o Homem da Lua disse.

Ignorei o comentário do Tecelão de Histórias e dei instruções a Tauno sobre como se encontrar lá fora. Mesmo com as minhas garantias, ele ainda abriu a porta como se estivesse esperando ser abordado.

— Marrok já falou alguma coisa? — perguntei.

— Não, mas está compreendendo cada vez mais. Ao contrário de você.

Amarrei a cara.

— E o que isso quer dizer?

O Homem da Lua recusou-se a responder. A cada instante, meu plano de deixar meus companheiros para trás, em Ixia, para que eu pudesse viajar mais rápido através de Sitia, tornava-se mais e mais atraente. O Comandante poderia ficar de olho neles, e eu não teria de me preocupar em ser traída.

Olhei ao redor.

— Onde está Leif?

— No quarto dele — o Homem da Lua respondeu.

A julgar pela resposta monossilábica que veio do outro lado da porta, supus que Leif ainda estivesse zangado comigo. Eu lhe contei sobre a reunião e recolhi-me ao meu quarto.

Um grupo silencioso me seguiu até a sala de guerra do Comandante. Tauno retornara com uma aparência mais tranquila, visto que queimara um pouco de sua energia. A serenidade do Homem da Lua parecia ter retornado, e Leif estava com a cara amarrada para o mundo e para mim, em particular. Meu irmão sabia como ficar melindrado.

O Comandante tinha uma surpresa nos aguardando. Valek, Ari e Janco estavam sentados ao redor da mesa circular. Fui tomada de alegria ao vê-los.

— Valek estava justamente me informando do estado atual da situação em Sitia — o Comandante informou. — Prossiga.

— Achei a situação um tanto quanto... hã... singular.

Valek recostou-se na cadeira. Passou os olhos pelos meus companheiros com um franzir pensativo dos lábios. As feições severas do rosto angular suavizavam-se quando ele sorria.

— Singular é pouco — Janco disse.

Ele passou a mão pela cicatriz no local onde a parte inferior de sua orelha direita costumava ficar. Um sinal certo de sua preocupação.

— Tente alarmante — Ari acrescentou.

Pânico começou a se instalar no meu coração. Ari costumava equilibrar os exageros de Janco com pura lógica. Sua presença tranquilizadora ajudava a manter Janco sob controle. Opostos em aparência, o corpo magro de Janco sugeria a sua esperteza e o seu estilo de luta rápido como um raio, enquanto a força de Ari era capaz de sobrepujar praticamente qualquer um.

— Alarmante se aplica — Valek concordou. — Eliminar o Conselho não resultaria em líderes melhores. Na realidade, teríamos inflamado os cidadãos a declarar guerra aberta. E os sitianos possuem alguns novos jogadores que, potencialmente, poderiam virar o jogo a favor deles.

— Jogadores? Tente homens arrepiantes. Magos assustadores. Demônios malignos.

Janco estremeceu.

Valek lançou um olhar de alerta na direção de Janco.

— Preciso obter mais informações antes que eu possa determinar a natureza da ameaça e determinar o melhor modo de combatê-la.

— Por que retornaram? — o Comandante perguntou.

Outro olhar de Valek, desta vez, dirigido a mim.

— Necessito de mais ajuda. As coisas estavam ficando quentes demais, até mesmo para mim.

E lá se iam meus planos de viajar sozinha para Sitia.

O aposento ficou em silêncio, enquanto o comandante Ambrose considerava.

— Do que precisa?

— De mais alguns homens, de Yelena e do irmão dela, Leif.

Eu desconfiava que Valek iria me querer. Pela exclamação de choque de Leif, soube que sua surpresa se comparara à minha ao escutar o nome dele.

— Yelena ainda não concordou em ser minha conselheira, de modo que não posso ordenar que ela o ajude — o Comandante disse.

— Neste caso, eu terei de pedir.

Valek olhou para nós.

— Claro — eu respondi no mesmo instante em que Leif respondeu não.

— Sou sitiano, lembra-se? Não posso ajudar Ixia a derrubar o governo de Sitia — Leif explicou.

— Não quero tomar o poder em Sitia — o Comandante afirmou. — Apenas não quero que nos invadam, e tomarei medidas preventivas para impedir que isso ocorra.

— Ao nos ajudar, também estará ajudando o seu país — Valek disse.

— Pois podemos resolver isso sozinhos. Não precisamos de você nem de Yelena. — Leif virou-se para mim. — Você jamais poderia ter sido uma oficial de ligação de verdade, irmãzinha. Desde que chegamos a Ixia, você revelou as suas verdadeiras lealdades.

Indignada, perguntei:

— É nisso que acredita?

— Olhe para as evidências. Ao primeiro sinal de problemas, você correu para Ixia. Poderíamos ter retornado para a Cidadela e explicado tudo para o Conselho.

Suas acusações me feriram, como se Leif estivesse segurando uma faca.

— O Conselho não acreditaria em nós. Eu lhe contei o que Irys disse.

— Mas e se você mentiu? Sabe que eu não possuo o poder de me comunicar mentalmente sozinho. Você não confia em nós, por que haveríamos de confiar em você?

Primeiro o Conselho se voltara contra mim, e agora o meu irmão.

— acredite no que quiser então. Valek, podemos fazer isso sem ele?

— Podemos.

O Comandante fitou Valek com intensidade.

— Você *vai* me contar os seus planos antes de desaparecer novamente.

— Sim, senhor.

— Ótimo. Estão todos dispensados.

O Comandante ficou de pé.

— E quanto a nós? — Leif gesticulou na direção do Homem da Lua e de Tauno. — Podemos retornar para Sitia?

— Considerem-se hóspedes de Ixia até que este infeliz incidente esteja resolvido — Valek disse.

— E se não quisermos mais ser hóspedes? — o Homem da Lua indagou.

— Nesse caso, serão os nossos primeiros prisioneiros de guerra, e suas acomodações não serão tão confortáveis. A escolha é sua.

O Comandante foi embora.

Leif lançou um olhar furioso na minha direção, e tive vontade de rir. Sua atual reação espelhava o primeiro encontro que tivera com ele após passarmos catorze anos separados. Outra volta ao início. Senti-me zozna. Talvez fosse um sinal de que devesse permanecer naquele lugar, para evitar a perda de tempo e o esforço de dar a volta novamente.

Valek virou-se para Ari e fez um ligeiro gesto com a mão.

Ari assentiu e ficou de pé, seus cachos louros balançando com o movimento.

— Teremos prazer em escoltá-los aos seus aposentos.

Uma variedade de emoções estampou-se nos rostos de meus ex-companheiros ao acompanharem Ari para fora da sala. Leif mal conseguia conter sua fúria, Tauno dava a impressão de estar preocupado, e o Homem da Lua parecia pensativo.

Janco veio na retaguarda da procissão. Ele sorriu convidativamente para mim.

— Pátio de treinamento, quatro da tarde.

— Está precisando de mais aulas?

— Até parece.

Meu sorriso desapareceu quando a porta se fechou. Valek permaneceu do outro lado da mesa, com uma expressão séria no rosto. Senti-me constrangida e insegura.

— Tão ruim assim? — perguntei.

— É uma situação com a qual jamais me deparei. Estou preocupado.

— Com Ixia?

— Com você, amor.

— Comigo?

— Sempre achei fascinante o modo como você é capaz de despertar a atenção indesejada e a ira de pessoas poderosas. Contudo, desta vez, você conseguiu abalar um país inteiro. Se eu fosse o Comandante, aguardaria para ver como se resolveria o conflito político em Sitia e a ofereceria ao vencedor sob a condição de deixarem Ixia em paz.

— Ainda bem que você não é o Comandante.

— É. E acho melhor deixarmos Ixia antes que a ideia passe pela cabeça dele. O que você estava planejando?

Tentei dar a impressão de inocência.

— Eu? É você que sempre tem um plano.

— E o que me diz do uniforme de conselheira que pediu para Dilana apertar? Não estava pensando em voltar sorratamente para Sitia sem mim, estava?

Outra traição.

— Ela contou para você?

— Eu tinha feito um buraco na minha calça favorita. Quando fui deixá-las para consertar, ela me pediu para lhe entregar o uniforme e me lançou um olhar malicioso. Suponho que os serviçais já estejam apostando quando é que um deles vai nos ver juntos. — Ele suspirou. — Se, ao menos, as informações coletadas pelas minhas tropas fluíssem com a mesma eficiência que as fofocas se espalham entre os empregados, meus problemas seriam mínimos.

Com um movimento fluido, Valek ficou de pé. Ele caminhou até onde eu estava, seus movimentos graciosos, como os de uma pantera. Energia poderosa acumulava-se em seu corpo. Ele apoiou-se nos braços da minha poltrona, trazendo o rosto a centímetros do

meu. O cabelo negro caía até os ombros, a expressão de seu rosto era letal.

— Vou perguntar novamente. Seus planos me incluem, correto?
Afundei ainda mais na cadeira.

— Yelena?

O tom de alerta estava claro na sua voz.

— Você disse que jamais se deparara com uma situação como essa. É desconhecida. Eu não quis arriscar...

— O quê?

— Arriscar perdê-lo. Com a sua imunidade, eu não posso curá-lo!

— É um risco que estou disposto a correr.

— Mas não estou disposta a permitir que corra.

— Lamento, amor. A decisão não é sua. É minha.

Resmunguei baixinho. Os acontecimentos haviam fugido do meu controle. De novo. Eu simplesmente andava em círculos, jamais chegando a lugar algum.

— Tudo bem, prometo não voltar para Sitia sem você.

O que não dizia nada da reunião com Porter naquela noite.

— Obrigado.

Valek roçou os lábios na minha face. Um arrepio me subiu pela espinha.

— E quanto ao seu plano?

Tentei não me desviar do assunto, mas perdi toda a motivação assim que o perfume almiscarado de Valek me envolveu.

— Este é o meu plano.

Ele aproximou-se e me beijou. Ardor espalhou-se pelo meu corpo. O pânico preso na minha garganta aliviou-se. Deixei de lado as preocupações e me concentrei em Valek, envolvendo-o com os braços. Mas a sensação dos músculos por sob a camisa não era o suficiente. Puxei com força o tecido, querendo tocar-lhe a pele, querendo usar-lhe a pele.

Ele afastou-se, endireitando-se.

— Na sala de guerra, amor? E se alguém entrar?

Fiquei de pé e tirei-lhe a camisa.

— Vai ter uma boa história para contar.

— Boa?

Ele fingiu estar ofendido.

— Prove que estou enganada.

Seus olhos se iluminaram ante o desafio.

Valek e eu acabamos sob a mesa redonda da sala de guerra. Deitados lado a lado, senti-me segura pela primeira vez em semanas. Discutimos os acontecimentos em Sitia.

— Mal consegui me mover dentro da Cidadela — Valek disse. — O ar estava tão carregado de magia que eu senti como se estivesse nadando em xarope.

— Mas você não foi detectado.

A imunidade de Valek à magia continuava sendo uma arma poderosa. Sem ela, eu não teria conseguido derrotar Ferde.

— Não. Embora fosse apenas uma questão de tempo. Com tantos... Como foi mesmo que os chamou?... Deformadores, minha presença, mais cedo ou mais tarde, teria provocado uma zona neutra digna de nota.

Pensei na velocidade com que as coisas haviam mudado na Cidadela. Vinte e dois dias atrás, o Homem da Lua especulava que os Daviiian possuíam oito Deformadores, contudo, assim que ele se deu conta de que estavam realizando o Kirakawa, soubemos que o número real de Deformadores era muito maior, dependendo de quantas vítimas haviam sido usadas e em que ponto do ritual estavam. Também tínhamos de levar em consideração que apenas vítimas com poderes místicos podiam dar origem a Deformadores.

Se já estavam preparando essa ofensiva há algum tempo, quem seriam essas vítimas? Não teriam usado membros do clã, e o clã Sandseed teria notado se alguns de seus Tecelões de Histórias desaparecessem. O mesmo podia ser dito dos outros clãs. Incapaz de deduzir uma resposta, fiz a pergunta a Valek.

— Devem estar pegando moradores de rua. Quem sentiria a falta de alguns mendigos em uma cidade grande? Ninguém.

— Mas e quanto à necessidade de feiticeiros?

— O primeiro ano após um mago chegar à adolescência é um ano difícil e vulnerável. Metade das pessoas sequer se dá conta de que é capaz de acessar a fonte do poder, e a outra metade não faz a

mínima ideia de como usá-la. Os Deformadores podem estar vasculhando as ruas, caçando pessoas nessa situação precária.

Quanto mais eu aprendia sobre magia e como ela podia ser explorada por outros, mais forte ficava a minha convicção de parar de usá-la.

Valek e eu mapeamos o nosso retorno a Sitia e planejamos como faríamos para entrar em contato com Bavol Zaltana.

— Deixaremos Ari e Janco aqui. Não ficarão felizes, mas a segurança ao redor da Cidadela está cerrada demais, e será melhor irmos sozinhos. Dois de minha tropa já foram capturados lá dentro.

— Valek empertigou-se com relutância. — Tenho alguns negócios a cuidar. Eu a encontrarei nos meus aposentos mais tarde, e poderemos finalizar os planos. Mandarei que levem suas coisas para lá.

Eu deveria ir buscar minha mochila, mas me dei conta de que não queria ver Leif e os outros. Mas lembrei-me de uma coisa.

— Por que queria que Leif viesse conosco?

Ele sacudiu a cabeça.

— Você não teria concordado de qualquer jeito.

— Com o quê?

— Em deixarmos que Leif fosse capturado, para que pudéssemos usar a sua conexão mental com ele para descobrirmos o que está acontecendo na Fortaleza. Mas agora que está furiosa com ele...

— Não. Ele seria morto. E não estou *tão* zangada assim com ele. Além do mais, se eu usar a minha magia em qualquer lugar nos arredores da Cidadela, todos os preparativos do mundo não serão capazes de me ajudar.

— Pode atacar e golpear, mas não conseguirá passar — Janco entooou ao bloquear meus ataques às suas costelas.

— Precisa melhorar as suas rimas. Ou isso, ou estou ficando melhor.

Fingi um ataque à têmpera e lhe dei uma rasteira. Antes que pudesse fazer uso da vantagem, Janco rolou para longe e ficou de pé novamente.

— Você hesitou — Ari disse, observando a luta. — Ocupada demais falando.

Renovei o meu ataque, e Janco o bloqueou com facilidade. Lutávamos no pátio de treinamento dos soldados, que estivera preenchido pelos sons de treinos até Janco e eu darmos início a esta contenda. Atraímos uma multidão e tanto.

— Impossível falar e lutar. Por mais polido que queira ser, algo vai ter que ceder.

Janco girou o cajado. A arma transformou-se em um borrão.

Eu recuei, bloqueando a sucessão de golpes, acompanhando o seu ataque até ele mudar o ritmo deles. Minha concentração escapuliu. O ar explodiu para fora de meus pulmões quando Janco acertou um golpe preciso no plexo solar. Tossindo e sem fôlego, eu me curvei.

— Engraçado — Janco disse. Ele alisou o cavanhaque com a mão. — Normalmente você não é tão fácil assim de derrotar. Será que fui bem-sucedido em ocultar meus pensamentos?

Assim que recuperei a compostura e me endireitei, ele sorriu docemente para mim. Da última vez em que lutamos, em Sitia, ele descobrira a respeito da minha zona de concentração, um estado quase místico que me permitia notar as intenções de meus oponentes quando eu treinava com eles. Desta vez, eu tentara enfrentá-lo sem colocar minha mente em tal zona.

— Não. Você ainda é egocêntrico e excessivamente presunçoso — respondi.

— Essas são palavras de desafio.

— Precisa de mais tempo para descansar? Agora que faz parte da administração, provavelmente vai precisar de ajuda para mover essa pança.

Em resposta, ele girou o cajado na direção das minhas pernas, e demos início a outro combate. Eu perdi novamente, mas continuei a desafiá-lo, até que ambos estávamos encharcados de suor e exaustos.

— À medida que os embates iam se sucedendo, sua habilidade de luta foi ficando mais aprimorada — Ari elogiou. — Mas não foi o seu melhor.

Ele me fitou como se estivesse aguardando uma explicação.

Dei de ombros.

— Estava tentando algo diferente.

— Pois não está funcionando. Melhor voltar para o seu estilo antigo.

— Eu gosto do estilo novo dela — Janco intrometeu-se. — Faz bem ao meu ego.

Ari amarrou a cara e cruzou os enormes braços diante do peito.

— Não se preocupe, Ari. Em caso de vida ou morte, eu volto a usar todos os meus truques antigos.

Ele pareceu mais tranquilo, e eu não estava mentindo. Quando a coisa ficasse preta, eu sabia que voltaria a recorrer à magia. Um outro problema. A magia me deixava acomodada, e sempre que eu me deparava com uma situação ruim, recorria a ela sem pensar duas vezes. Precisava aprimorar minhas outras habilidades, haja vista que magia não me ajudaria contra o Deformador do Fogo.

Mudei de assunto e perguntei aos meus amigos sobre os novos empregos. Janco me regalou com a história da batalha deles contra Valek. Cada vez que Ari sacudia a cabeça, eu sabia que Janco exagerara algum detalhe.

— Que tal ser o segundo em comando da rede de inteligência de Ixia? — indaguei.

— Não gosto de me esgueirar por tudo quanto é lugar — Ari respondeu. — Há muito mais acontecendo em Ixia do que eu jamais pensei. E há tanto a ser feito. Em se tratando de delegar, Valek é o rei.

— Tenho usado um bocado a minha habilidade de arrombar fechaduras. — Janco sorriu, a mais pura travessura brilhou nos seus olhos. — E as informações que descobrimos. Por acaso, sabia que o general Dinno tem...

— Janco — Ari alertou. — Gostamos do trabalho. Só não é o que esperávamos.

— Nada é — comentei.

Meus ossos doíam de cansaço. Despedi-me de Janco e Ari e segui para a casa de banhos. Antes de me juntar aos meus amigos no pátio de treinamento, eu pegara minha mochila e a guardara no

vestiário. Após um demorado banho, sequei-me e vesti o uniforme de conselheira, preparando-me para a reunião com Porter. Pensei que chamaria menos atenção usando um uniforme do que as minhas roupas sitianas.

Fiz um buraco no bolso da calça e amarrei o meu canivete na coxa direita. Não querendo chegar armada com o meu cajado, achei prudente ter minha faca comigo, por via das dúvidas. Prendendo o meu cabelo em uma trança comprida, deixei-a pender pelo meio das costas.

Embora a barriga estivesse roncando de fome, Porter me instruíra a vir durante o jantar. A hora escolhida fazia sentido, considerando que a maioria dos moradores do castelo estaria ocupada servindo ou comendo o jantar. E Castletown deveria estar relativamente calma.

Na saída, detive-me ao lado do pasto para verificar se alguém me seguia. Alguns criados corriam apressadamente entre as construções, mas ninguém prestou atenção em mim. O frio pairava no ar, como se estivesse aguardando uma brisa. Alimentei Kiki e os outros cavalos com algumas maçãs.

Cheiros?, perguntei para Kiki.

Grande neve.

Quando?

Meia lua.

Três dias. Valek e eu teríamos de partir antes do que pensávamos.

Kiki vai?

É claro, e Garnet também.

Ela suspirou de contentamento quando eu a acariciei atrás da orelha. Quando tive certeza de que ninguém me observava, segui para o portão sul. Uni-me a um grupo de habitantes da cidade que estava retornando para casa, para o jantar. Com a minha capa de lã ixiana cobrindo o uniforme de conselheira, misturei-me sem problemas à população. Meu grupo apressou-se a atravessar o campo gramado que cercava os muros. Quando subiu ao poder, o Comandante ordenara que todas as construções, em um raio de quatrocentos metros do castelo, fossem destruídas. Ele também mudara o nome da cidade de Jewelstown, assim nomeada em

homenagem a antiga rainha Jewel, para o tanto quanto pouco original Castletown.

Assim que alcançamos os limites da cidade, o grupo se dispersou, e os outros seguiram para as suas casas. A simetria da cidade, com suas fileiras organizadas de construções de madeira, contrastava com o estilo assimétrico do complexo do castelo. A disposição lógica de negócios intercalados com residência tornava a navegação no interior da cidade muito mais fácil. Cada distrito tinha um nome que combinava com a mercadoria ali vendida. Peach Alley ficaria localizado em Garden District.

Alguns habitantes da cidade percorriam suas ruas, todos concentrados em alguma tarefa. Caminhei como se tivesse um objetivo, de modo a não atrair a atenção indesejada dos guardas da cidade, que vigiavam as ruas. As cores das construções foram ficando mais acinzentadas à medida que o sol ia se pondo. Minhas percepções mudaram, e senti-me como se houvesse adentrado um mundo de sombras desprovido de colorido. As construções se transformaram em uma representação aguada de uma cidade povoada por fantasmas.

Tropecei em um pedaço da calçada que não havia visto e voltei bruscamente ao mundo real. Não dando muita atenção à estranha indisposição, atribuí-a à fome. Acelerei o passo, determinada a encontrar o endereço certo antes que os acendedores de lampiões aparecessem. Peach Lane parecia abandonada, e só quando segui para o beco nos fundos é que avistei sinais de habitação.

O brilho da luz do fogo vinha do número quarenta e três. Atendo-me às sombras, aproximei-me da porta dos fundos. Puxei um fio de magia e vasculhei a área. No interior da casa, pressenti Porter aguardando com duas jovens. Estavam nervosos por terem sido descobertos, mas não pressenti nenhuma duplicidade.

Hesitei ao me dar conta do quanto eu dependia de magia. Não apenas para procurar atacantes, mas também com Kiki. Será que eu era capaz de parar por completo de usar magia? Seria muito mais difícil do que pensei.

A porta abriu-se logo após a minha batida de leve, como se Porter a estivesse rondando. Ele me puxou para dentro e fechou a porta

atrás de mim.

— Alguém a viu? — ele perguntou.

— Não.

Passsei os olhos pelo aposento. Pequena e bem-arrumada, a sala de estar possuía um sofá, uma cadeira e três cães recebendo nervosas atenções das duas jovens. As moças estavam empoleiradas na beirada do sofá, com as costas empertigadas. Estavam usando uniformes de estudantes, que consistiam de simples macacões feitos de linho vermelho. Pálidas, seus olhares se alternavam entre Porter e eu.

— Você disse que eu poderia ajudar, não é? — perguntei.

— Estamos correndo um grande risco confiando em você. — Porter pegou o rolo de couro cru semimastigado do chão. Ele apertou a guloseima dos cães entre as mãos ao me fitar. — Você deve prometer que não contará sobre tudo isso para Valek ou mais ninguém.

— Não posso fazer tal promessa até saber o que é “tudo isso”.

O couro cru estalava nas mãos de Porter. Ele lançou um olhar na direção das moças e suspirou. Seus ombros largos descaíram ante o alívio da tensão, e ele apontou para a cadeira vazia.

— Sente-se. Isso vai demorar um pouco.

Assim que eu me sentei, um dos cães aproximou-se e pousou a cabeça no meu colo. Fitando-me por entre os felpudos pelos acinzentados, ele implorou a minha atenção. Acariciei-lhe a cabeça macia e o cocei atrás das orelhas. A cauda do animal começou a bater no chão. O cheiro de cão molhado e fumaça de madeira misturaram-se em um odor sufocante.

Porter ficou batendo o rolo na sua perna enquanto falava.

— Eu montei uma rede de pessoas espalhada por toda a Ixia para me ajudar a tirar crianças do país.

Alarmada, inclinei-me para frente, pensando no esquema de sequestros de Mogkan e em como ele transportara crianças de Sitia para Ixia para abusá-las para os seus próprios propósitos.

— Crianças?

— Parecem crianças para mim. — Porter lançou um sorriso típico de avô para as duas moças. — Adolescentes que acabam de

descobrir seus poderes mágicos. — Ele apontou para o sofá. — Jovens como Liv e Kieran. Eu as venho ajudando a escapar para Sitia antes que outros saibam de seus poderes. Mas acho que algo deu errado.

— O quê? — perguntei quando Porter deu a impressão de estar perdido nos próprios pensamentos.

— Eu estava no DM-7, mês passado. O general Rasmussen tem um belo cão de caça que eu queria cruzar com a minha cadela. Enquanto estava lá, um dos meus contatos que trabalha nos estábulos do general me contou que a última pessoa que enviei através da rede jamais chegou lá. E duas outras enviadas por ele não chegaram ao contato da fronteira. Todas desapareceram.

Senti um aperto no peito.

— Acha que Valek as matou?

— Não sei e não posso correr o risco de sair perguntando por aí. Se minha rede foi comprometida, não serei capaz de enviar Liv e Kieran. Mais cedo ou mais tarde, elas serão delatadas.

Não supusera ser possível, mas as moças ficaram ainda mais pálidas. Considerando a história de Porter, eu pedi:

— Conte-me como a sua rede opera.

— Tenho quatro contatos daqui até a fronteira. Algumas pessoas sabem de meus esforços clandestinos e me enviam seus filhos e filhas como aprendizes. O Comandante me dá plenos poderes para administrar como eu bem entender o seu canil, e ninguém presta muita atenção aos meus alunos. Eles vêm e vão como parte do seu treinamento na criação de animais. É arriscado estar tão perto de Valek, mas, por outro lado, costumo saber onde ele está e posso enviar meus protegidos quando ele está fora, a serviço do Comandante. — Porter começou a andar de um lado para o outro. — É arriscado demais mandar um guia junto, de modo que oriento a pessoa a achar o primeiro contato, que a manda até o próximo, até chegar ao contato da fronteira, que a conduz até Sitia. No caso de ser detida pelos guardas, a pessoa sempre tem papéis de transferência consigo. Se alguma delas houvesse sido capturada, eu já teria sido preso.

Seus movimentos agitados deixavam clara a sua frustração.

— Como posso ajudar?

Ele parou.

— Eu queria que acompanhasse Liv e talvez descobrisse o que está acontecendo com meus protegidos. Com esse uniforme de conselheira, você pode ir a qualquer lugar em Ixia sem permissão.

— Não. Perigoso demais para Liv. O melhor a fazer seria eu me disfarçar de aluna e atravessar sozinha a sua rede.

As sobrelhas de Porter ergueram-se de surpresa.

— Faria isso por nós?

— Faria. Contudo, infelizmente, terá de esperar.

A habilidade de se conectar à fonte de poder aparecia no início da puberdade. De um modo geral, uma pessoa tinha um ano antes de alguém notar e delatá-la e outros três a quatro anos para aprender a usar o poder. O poder de um mago principiante, quando descontrolado, podia entrar em combustão e deformar o manto de poder que recobre o mundo, causando problemas para magos em tudo quanto era lugar. E, quanto mais poderoso o mago, mais intensa a combustão. Poderes de um truque só, semelhante à habilidade de Opal de capturar magia em vidro derretido, costumavam ser inconscientes e não exigiam treinamento formal.

— Quanto tempo as moças têm? — perguntei.

— Um ano no máximo para Liv. Kieran é mais nova, de modo que poderia durar até dois anos, mas eu preferiria que ambas estivessem a salvo o mais cedo possível. No desespero, posso escondê-las aqui. Já tive refugiados que não tiveram tempo de trabalhar no canil — Porter explicou.

— Dê-me um ou dois meses. Neste exato momento, Sitia não é o melhor lugar para onde se enviar ninguém. Assim que eu resolver outra questão, voltarei para ajudá-lo. Por ora, posso ensinar as moças a dominarem o seu poder o suficiente para não se entregarem.

O alívio estampou-se nos rostos jovens de Liv e Kieran. Trabalhei com as duas durante a hora seguinte. Irys teria ficado orgulhosa de como eu me lembrei de suas orientações. Senti uma pontada de medo ao pensar em Irys. Torcia para que ela ainda estivesse viva.

Após a sessão, as moças deixaram juntas a casa de Porter, enquanto eu aguardei que já estivessem bem longe antes de partir. A necessidade de começar minha jornada de volta para Sitia não me saía da cabeça, e eu não conseguia parar de me preocupar com Irys e Bain trancafiados nas celas da Fortaleza.

Com a minha magia, fiz uma varredura rápida da área do lado de fora da porta de Porter. A atividade ao redor da casa parecia pouca, enquanto todo mundo terminava as tarefas diárias. Não havia ninguém rondando o beco.

Despedindo-me, deixei a casa de Porter. Fiquei parada do lado de fora, deixando que meus olhos se acostumassem à escuridão. Quando as sombras ficaram menos pretas, avancei na direção da rua.

Estava na metade do caminho quando senti uma presença atrás de mim. Girei, enfiando a mão no bolso para pegar o canivete. Algo me espetou no pescoço, e vi Star abaixar um tubo fino.

Arranquei o dardo do meu pescoço.

— Como?

— Que grande feiticeira você é — Star zombou. — Não notou o meu próprio talento humilde.

O mundo girou, e eu cambaleei. Star me agarrou, mas não tive forças para me soltar.

— O quê?

Ela me embalou nos braços.

— O suco goo-goo de Valek. Relaxe, Yelena. Star vai cuidar *muito bem* de você.

Meu último pensamento coerente dizia respeito a como a expressão sinistra do rosto dela não combinava com as palavras tranquilizadoras.

O MUNDO mexeu-se. Meus pensamentos se espalharam e não conseguiram fazer contato. Mãos quentes me guiavam. Sempre que as mãos se afastavam, o chão crescia e eu tropeçava.

Pensei na ausência de medo por apenas um instante, antes do ar girar ao redor da minha cabeça. Achei melhor eu me deitar. Pressenti movimento e senti o cheiro de cavalos.

No interior do meu engradado, eu me perguntei o que deveria estar fazendo. Coisas importantes? Minha mente perseguiu tais pensamentos até a luz do sol iluminar as partículas de poeira. Estudei as partículas reluzentes flutuando acima de mim. As partículas se transformaram em adagas. Quis gesticular para afugentá-las. Minhas mãos permaneceram coladas às costas. Uma tira de couro enfiada entre os meus dentes superiores e os inferiores. O problema desapareceu com o sol.

O tempo passou devagar. Meu engradado abriu-se. Fechou-se. Rostos me espiaram. Bocas falaram. Palavras zumbiram nos meus ouvidos. Algumas, como *comer*, *beber* e *dormir*, eu entendia. Outras pareciam a fala ininteligível dos bebês. Goo-goo. Goo-goo. Uma espetada no meu braço, pescoço ou costas. O ar se preenchia de cores. Meu engradado oscilava sobre um mar invisível.

Uma pequena parte lúcida de mim queria ação. Liberdade. A maioria venceu, e permiti que o mundo passasse por mim, satisfeita

de permanecer no meu engradado. Meu engradado. Meu engradado. Eu ri.

O fogo me acordou. Um dedo de fogo me cutucou. Eu saltei para longe, deixando o engradado. Meus pensamentos se fundiram em um todo coerente. O ar se tornou invisível, revelando o que me cercava. Preparei-me para outra espetada. Quando não senti nenhuma, eu me concentrei. As botas calçadas por um par de guardas estavam perto de mim. Eu estava deitada de lado, diante de uma fogueira. A escuridão lutava contra a luz do fogo, e minhas mãos estavam amarradas às minhas costas.

Uma conversa de verdade chegou aos meus ouvidos. Não era mais a fala ininteligível dos bebês. Porém quanto tempo isso duraria? Forcei meu cérebro a pensar, mas meus pensamentos permaneciam morosos.

A voz de um homem:

— Não deveria fazer isso — ele disse. — Ela deveria ficar inconsciente até alcançarmos o nosso destino. Jal é o único forte o bastante para enfrentar o poder dela.

Uma voz familiar respondeu:

— Eu lhe fiz uma promessa. Quero que saiba quem está com ela e o que planejamos fazer com ela.

Passadas se aproximaram, e tentei ligar um nome à voz conhecida. Minha mente se debatia, como se estivesse atolada em um rio lamacento.

— Retire a mordaca — a voz conhecida disse atrás de mim.

Um dos guardas removeu a tira de couro. Um misto de dor e alívio apossou-se de meus lábios. Eu os lambi, sentindo o gosto de sangue. Outras dores e câimbras despertaram. Apenas a visão de um par de botas de cavalgar pretas cobertas de poeira pôde me distrair de minha miscelânea de dores.

Meu olhar acompanhou as botas até a calça de montaria, que desapareceu sob uma capa acinzentada. Apertei os olhos ante a luz do fogo, torcendo para que a pessoa diante de mim fosse uma ilusão.

O sorriso arrogante quase fez meu coração parar. E quando ele me chutou nas costelas, eu soube que não havia nenhuma chance

de aquela ser uma reunião agradável. Tossi, tentando recuperar o fôlego, enquanto a dor espalhou-se pelo meu corpo.

— Isto foi por me atingir com Curare! — Ele voltou a me chutar. — E isto é só para não perder a oportunidade.

Suas palavras pareciam débeis e distantes, alcançando-me por sobre meus esforços de recuperar o fôlego. Quando a dor aguda transformou-se em um latejar insistente, esforcei-me para sentar. Olhei ao redor. Quatro guardas estavam postados a poucos metros de distância, e contei três Vermes Daviian por perto, mas não tive como saber se eram ou não Deformadores.

— Cahil — exclamei, ofegante. — Você ainda... tem medo. De mim.

Ele riu. O azul-claro de seus olhos reluziu com um brilho divertido.

— Yelena, é você quem deveria ter medo.

Ele agachou-se.

Estávamos cara a cara. Ele ergueu um dardo entre nós. Uma gota de um líquido claro pendia da ponta. Ao sentir o odor, um frio de medo se instalou na boca do meu estômago. Curare. Tentei não deixar que o pavor se revelasse no meu rosto.

— *Eu* lhe permiti este breve momento de lucidez. Escute atentamente. Lembra do que eu lhe disse da última vez em que estivemos juntos?

— Quando quis me trocar por Marrok?

— Não. Quando jurei que encontraria a pessoa capaz de derrotar você e Valek. Fui bem-sucedido. Na verdade, você já teve um encontro com o meu campeão.

— Ferde?

Banquei a desentendida para prolongar a conversa, torcendo para que minha mente lenta produzisse um plano para a minha fuga.

— Banque a tola, mas eu a conheço bem demais. Meu campeão a faz suar de medo e desejo. O Deformador do Fogo foi trazido a este mundo com apenas uma missão: capturá-la. E você não tem defesa contra ele. — A mais pura satisfação brilhou no rosto de Cahil. — Eu a entregarei a Jal e ao Deformador do Fogo. Jal realizará a cerimônia do ritual de vínculo do Kirakawa, tirando-lhe os poderes, ao mesmo tempo em que o Deformador do Fogo reivindicará a sua alma.

Meu cérebro vibrava com a necessidade de detê-lo. No entanto, não produzia nada inteligente. Eu sequer conseguia me conectar com a fonte de poder.

— E o que você ganha com isso, Cahil?

— A oportunidade de testemunhar sua morte e de ver sua alma gêmea sofrer, antes de ter o mesmo destino.

— Mas Jal obtém poder. Acredita mesmo que Jal permitirá que você governe? E quanto ao Deformador do Fogo? Acha que ele se contentará em voltar, depois que a sua tarefa estiver terminada?

— Ele veio pedindo você. Assim que a tiver, voltará para o lugar de onde veio. E então Jal governará Sitia, e eu governarei Ixia.

Notei um ligeiro brilho de incerteza no olhar de Cahil. Minha mente libertou-se do atoleiro do suco goo-goo, e fiz contato.

— Antes você disse que o chamaram. Agora diz que ele veio sozinho. Qual das histórias é a verdadeira?

— Não importa.

— Importa sim. Se vocês o chamaram, têm controle sobre ele. Ele deu de ombros.

— Jal lidará com ele. Desde que eu tenha Ixia, não me importo.

— Deveria se importar. A necessidade de poder vicia. Pergunte aos seus amigos Daviian sobre a história do clã Sandseed e das montanhas Daviian. E então você se dará conta de que Jal não se satisfará apenas em governar Sitia. Assim que a sua utilidade tiver acabado, você também terá chegado ao fim da linha.

— Você está tentando me enganar. Sou esperto demais para lhe dar ouvidos.

Ele tentou enfiar o dardo no meu pescoço. Joguei-me para trás e reuni poder quando Cahil me imobilizou com o seu peso. Sem tempo para pensar, concentrei minha magia no meu pescoço, quando ele enfiou o dardo na minha pele. Fechando os olhos, tratei da região, como teria feito com um ferimento. Na minha cabeça, enxerguei o Curare como uma luz vermelha e pulsante, espalhando-se pela minha garganta. Usei o meu poder para empurrar o líquido de volta pelo buraco na minha pele. A droga escorreu pela lateral do meu pescoço.

Meu olhar se deparou com o de Cahil quando abri os olhos. Ele me fitava com um misto de triunfo e ódio.

Torcendo para que ele não houvesse visto a droga escorrendo, eu disse:

— Preste bem atenção, Cahil. Você verá a verdade.

Agi como se tivesse sido paralisada, desfocando os olhos e permitindo que meu corpo ficasse mole.

Ele grunhiu e ficou de pé.

— Eu já vi a verdade. É por isso que a quero morta.

Os Vermes se juntaram a ele perto do fogo, e eu os observei de esquelha.

— Senti magia. Bem rápido. Ela usou o seu poder em você? — um dos Vermes perguntou para Cahil.

— Não. Eu a atingi a tempo.

Eles discutiram os planos de partir pela manhã.

Quando os outros se prepararam para montar acampamento, Cahil disse:

— Eu deveria matá-la agora mesmo.

Respostas alarmadas lhe disseram que isso seria imprudência. Pela primeira vez, concordei com os Vermes.

— Jal precisa dela, e você não vai querer enfurecer o Deformador do Fogo — um dos homens disse.

— E por que eu deveria me preocupar em não enfurecer o Deformador do Fogo? — Cahil perguntou. — *Eu* estou no comando. Ele deveria responder a *mim*. Deveria se preocupar em não *me* enfurecer, ainda mais depois daquele fiasco na selva.

Palavras tranquilizadoras foram murmuradas.

— Ponha-a de volta na caixa — Cahil, por fim, disse. — Tranque-a, para o caso de depararmos com algum problema.

Dois dos Vermes me levantaram. Concentrei-me em dar a impressão de ser peso morto. Minhas mãos estavam presas, e eu não podia usar magia sem alertá-los. Sabia que um dos três era um Deformador, mas não tinha certeza quanto aos outros. Por ora, precisaria de mais informação. Decidi aguardar uma oportunidade melhor e torci para que houvesse uma.

Os Vermes subiram em uma carroça, jogaram-me em um engradado e fecharam a tampa. A escuridão e o som de trancas de metal sendo fechadas arrepiou-me a pele. Reprimi um grito de angústia quando escutei o som de três trancas. O engradado, na forma de um caixão, parecia me sufocar, e procurei inspirar fundo algumas vezes para me acalmar. Meu olhar encontrou uma pequena fresta entre as tábuas, permitindo que o ar entrasse. E luz. O ligeiro tremular da luz do fogo passava por entre as frestas.

Mexi-me até encontrar uma posição mais confortável. Minhas opções limitadas passaram pela minha cabeça. Magia permanecia sendo minha única opção. Senti uma vontade quase irresistível de projetar minha consciência e vasculhar os arredores, mas sabia que não teria a menor chance de escapar se viessem a descobrir que eu não estava drogada. Será que o Deformador sentiria meu poder enquanto estivesse dormindo? Será que eu conseguiria colocar os Vermes e Cahil em um estado de sono profundo? Eu ainda estaria trancada em uma caixa, mas poderia chamar alguém para vir me libertar.

Quem? Apenas um colega mago poderia escutar o meu chamado mental, e eu não fazia ideia de onde eu estava. Se tivesse a sorte de esbarrar em um morador local, talvez pudesse descobrir minha localização.

Incapaz de traçar um curso de ação, maravilhei-me com a minha habilidade de expulsar a droga do meu corpo. Se eu tivesse sabido que possuía tal habilidade, não estaria nessa situação. Meus problemas com Curare, poções para dormir e suco goo-goo estavam resolvidos. Embora fosse difícil comemorar quando estava trancada em uma caixa.

Desde que fui para Sitia, tudo o que eu queria era aprender sobre magia, descobrir a verdadeira extensão dos meus poderes e ser reapresentada à minha família. Os acontecimentos conspiraram contra mim, e eu mal tivera tempo de recuperar o fôlego, quanto mais passar tempo explorando minha magia.

Expulsar o Curare do meu corpo era um novo desdobramento. Minhas habilidades apenas afetavam seres vivos. Como minha magia

não movera a droga, deve ter feito com que os músculos do meu corpo realizassem o trabalho.

Desespero e puro instinto haviam me trazido até aqui. Torcia para que me ajudassem a sair desta, e por mais que eu não gostasse, o uso da magia era inevitável. Se eu tivesse a sorte de sobreviver a isso, planejava me aposentar como Descobridora de Almas e limitar minha magia apenas à comunicação com Kiki. Perguntei-me se ela saberia que eu fora levada. Será que Valek sabia? E qual era o papel de Star nisso tudo?

Perguntas demais sem respostas me passaram pela cabeça. Com o tempo, meus pensamentos voltaram para a necessidade de fazer alguma coisa muito em breve, porque eu pressentia que ser entregue ao Deformador do Fogo seria o fim derradeiro.

— Vamos nos pôr a caminho. Se forcarmos o passo, poderemos chegar à fronteira Avibian ao pôr do sol.

A voz de Cahil me despertou de um ligeiro cochilo. Alguns segundos de desorientação se passaram antes que eu me lembrasse de meus apuros e absorvesse o significado de suas palavras. O choque acompanhou a compreensão. Estávamos em Sitia. Devo ter passado dias sob a influência do suco goo-goo. Onde estaria Valek? Lá se fora minha promessa de não ir a Sitia sem ele.

— Será que devemos verificar como ela está? — perguntou uma voz com um sotaque ixiano.

— Não. Ela está sob o efeito do Curare agora. Até o efeito da poção passar, tudo o que poderá fazer é respirar — Cahil respondeu. — Termine de alimentar as moças. Vamos deixar o efeito do suco passar antes de prepará-las para o ritual.

As moças? Espiei por entre as frestas de meu engradado. Havia outro engradado ao lado do meu. Meu estômago virou gelo. Quantas seriam, e como eu poderia ajudá-las? Reprimi uma débil risada. Aqui estava eu tentando salvar os outros quando estava trancada em uma caixa.

Duas tampas se fecharam ruidosamente, e o engradado chacoalhou para frente. O som de cavalos trotando foi somado aos ruídos da carroça. Estávamos a caminho.

Durante o dia, meu corpo foi submetido a uma variedade de emoções. Às vezes apavorada, às vezes, esperançosa e outras, entediada, cheguei até a fazer uma lista de meus problemas. Fome, sede, costelas doloridas, mãos dormentes, músculos latejando e uma câimbra ardente no meio das costas. Com os sons de nossa viagem mascarando os meus movimentos, tentei aliviar um pouco o meu sofrimento. Girei e contorci-me até conseguir passar meu corpo e pernas por entre os braços. Os benefícios de se manter em forma e ser pequena se tornaram evidentes quando fui bem-sucedida em trazer as mãos amarradas para a frente do corpo. Quase gemi alto ao sentir um alívio refrescante espalhar-se por minhas costas.

Ter as mãos diante de mim me permitiu explorar. Tateei minha coxa direita, em busca do canivete. Não tive sorte. Até mesmo a bainha fora retirada. Fitei os nós nas tiras de couro prendendo as minhas mãos e comecei a tentar desfazê-los com os dentes. Desamarrei alguns antes de a carroça parar, mas decidi continuar trabalhando, correndo o risco de ser descoberta.

— Acamparemos aqui — Cahil anunciou. — Quando acabarem de arrumar tudo, soltaremos as moças. Já devem estar lúcidas a esta altura e poderão prepará-las para o Kirakawa amanhã.

— E quanto à Descobridora de Almas? — um dos Vermes perguntou.

— Drakke lhe dará outra dose hoje à noite. Curare demais lhe parará o coração — Cahil respondeu.

Escutei os sons dos homens no acampamento enquanto continuava a morder e puxar minhas amarras. O cheiro da carne assando invadiu a minha caixa. Minha barriga roncou tanto que fiquei alarmada. Após algum tempo, os dois engradados foram abertos, e duas vozes amedrontadas começaram a fazer perguntas. Vislumbrando os macacões vermelhos através da fresta, supus que as moças eram as alunas de Ixia, Liv e Kieran. Senti pena delas.

Mais uma vez, me perguntei como os Vermes e Cahil haviam conseguido nos contrabandear para fora de Ixia. Talvez os Vermes houvessem feito se passar por comerciantes, atravessando a fronteira com uma carroça de produtos.

Vislumbrei o acampamento. Uma tenda fora armada, e contei quatro guardas e três Vermes. Alguns dos guardas eu reconheci como homens de Cahil, enquanto os outros dois não me eram familiares. Todos estavam armados com espadas e cimitarras. Procurei algum sinal de minha mochila. Apesar do campo de visão limitado me atrapalhar, supus que minha mochila deveria estar com Cahil.

A luz do dia desapareceu, e retomei meus esforços para arrancar as tiras de couro do redor de meus pulsos, redobrados a cada grito agudo de uma das moças. Ignorei a dor, o cheiro de medo e o gosto metálico de sangue ao puxar os nós. Cahil mencionara um ritual amanhã. Hoje à noite, seria minha única chance de escapar.

O último nó provou ser impossível de desamarrar, mas minha saliva encharcara o couro o suficiente para ele ceder um pouquinho quando eu me mexi. Puxei a mão pelo último laço, arrancando uma camada de pele no processo. Arfando de alívio, relaxei e aguardei que meu engradado fosse aberto.

Meu plano era simples, com chances iguais de sucesso e de fracasso. O tempo avançou em um passo glacial. Anos se arrastaram. Quando o barulho das trancas enfim soou, juntei minhas mãos nas costas e fiquei imóvel.

Um suave brilho da luz da fogueira refletiu no Verme que abriu o meu engradado. Ele ergueu a tampa com uma das mãos e estendeu a outra na minha direção. Segurava um pequeno dardo entre o indicador e o polegar.

Eu entrei em ação.

Agarrando sua mão com as minhas duas, puxei-o para mim, desequilibrando-o. Ele gemeu de surpresa. Seu peso veio para frente, dobrei a sua mão para trás e enfiei o dardo no ombro do Verme. Soltando-lhe a mão, tapei-lhe a boca para abafar o grito.

Em questão de segundos, o Curare lhe paralisou os músculos. A tampa repousava nas costas dele, e o seu corpo apoiava-se sobre o meu peito. Sabendo que eu provavelmente tinha apenas alguns segundos antes de ser descoberta, puxei o resto do corpo dele para dentro da caixa. Uma manobra complicada e difícil de se fazer, enquanto eu tentava impedir que a tampa se fechasse com força.

Assim que o Verme juntou-se a mim, contorci-me para sair de baixo do seu corpo e ergui a tampa para espiar lá fora. Os guardas permaneciam ao redor da fogueira, mas não consegui avistar os dois outros Vermes. As duas moças haviam sido despidas e estavam amarradas perto da fogueira. Cortes ensanguentados recobriam seus braços e suas pernas. Por ora, não havia nada que eu pudesse fazer por elas.

Deslizei até o pé do engradado e considerei minhas opções. Tentar me esgueirar para fora da caixa e desaparecer na noite ou empurrar para longe a tampa e sair correndo?

Eu precisava mesmo era de uma distração, mas isso envolveria magia. Torcia para que, quando se dessem conta de que a magia estava vindo de mim, eu já estivesse longe.

Uma mancha preta passando rapidamente acima da fogueira me deu uma ideia. Puxando para mim um fio de poder tão fino quanto a teia de uma aranha, projetei minha mente na direção do morcego. Ele voava através do ar quente, repleto de insetos, que se erguia das chamas. Acessei a consciência coletiva de seus companheiros morcegos e lhes enviei uma imagem. Uma imagem de insetos recobrindo os homens abaixo. Criaturas rastejantes, grandes e suculentas. Alvo fácil para um grupo de morcegos famintos.

Vultos negros começaram a descer do céu. Os guardas gritaram e começaram a agitar os braços. Cahil e o Deformador deixaram a tenda para investigar. O Deformador gritou algo a respeito de magia, mas suas palavras foram interrompidas pelo ataque dos morcegos.

Abri a tampa com um empurrão e saltei para fora da caixa. Após uma rápida olhada em volta para me certificar de que ninguém me vira, desci da carroça e saí correndo na direção da escuridão, mantendo a carroça entre mim e a fogueira.

Dei de cara com o terceiro Verme, que estivera cuidando dos cavalos. Preparado para a minha aproximação, ele sacara a cimitarra. Com um brandir de sua arma, magia atravessou as minhas defesas mentais e meu corpo ficou paralisado. Outro Deformador. Praguejei quando ele chamou os companheiros. Foi então que me dei conta de que ele não controlava a minha mente. Projetei minha consciência na direção dos dois cavalos.

Cansados, doloridos e incomodados com o cheiro de sangue, os animais aceitaram de bom grado o meu contato. Eu pedi ajuda.

Homens maus querem me machucar, disse para eles.

Coice?

Por favor.

O cavalo recuou um pouco. Com um borrão de movimento, o Deformador saiu voando. Assim que a cabeça do homem bateu no chão, ele perdeu a consciência, libertando-me de sua magia.

Obrigada.

Eu corri.

Escoiceio os outros?

Sons de perseguidores começavam a se aproximar. Os morcegos haviam perdido a imagem dos insetos quando transferi meus esforços para os cavalos.

Se puder, respondi, acelerando.

Gritos de surpresa alcançaram os meus ouvidos. Olhei por sobre o ombro. Quatro figuras ainda me perseguiam. O terreno continuava plano e sem traços característicos, como se fizesse parte das planícies Avibian. Uma saliência preta ao longe parecia promissora. Talvez fosse um bosque.

Os homens começaram a ganhar terreno. A cada passo, menores ficavam as minhas esperanças de alcançar abrigo.

Reuni poder, planejando confundir a mente de meus perseguidores, apostando a minha vida na pura hipótese de que, em rápida sucessão, eu possuísse a habilidade de projetar imagens confusas em quatro mentes diferentes.

Uma figura montada aproximou-se pela esquerda, vindo em minha direção. O luar se refletiu no metal de uma espada. Minhas opções se resumiam a confundir os homens ou a deter o cavalo.

Minhas chances de sucesso foram de duvidosas a nenhuma quando senti uma pontada fria nas costas.

MERGULHEI PARA o chão, encolhendo-me e rolando. O poder que reunira para confundir meus perseguidores, eu agora aplicava na região de minhas costas que começava a ficar dormente. Na minha mente, vi o Curare espalhando-se por meus músculos, à procura de minha corrente sanguínea. Eu investi em sua direção, usando minha magia como uma vassoura e guiando a substância até o buraco de entrada. Uma umidade quente espalhou-se pela minha camisa.

O esforço me deixou fraca, e considerei os méritos de fingir estar paralisada. O chão vibrou com o bater de cascos. O animal interpôs-se entre os guardas e eu. Um inesperado som de aço chocando-se com aço ecoou pelo frio ar noturno. Agachei-me.

O cavalo fez uma curva rápida e voltou. Reconheci aquele pisar. Fiquei de pé.

— Yelena!

Valek atirou o cajado para mim.

Eu o peguei no meio do ar. Kiki girou, e Valek deslizou de seu lombo. O choque violento de espadas se seguiu, quando Valek enfrentou os quatro homens em combate. Corri para me juntar a ele, antes que os Vermes restantes e Cahil nos alcançassem. Quatro contra um já exigia um bocado das habilidades de Valek. Ele estaria em franca desvantagem contra seis.

Auxiliados pelo ocasional coice de Kiki, Valek e eu lutamos lado a lado. Cahil e o Verme não se juntaram ao combate. Pressentindo que o Deformador fosse tentar um ataque místico, reforcei minhas defesas mentais.

Assim que Cahil decepou o braço de um dos guardas, procuramos tirar proveito da vantagem. Quando o homem caiu no chão, gritando de dor, Cahil ordenou que os soldados restantes recuassem. Valek me lançou um olhar inquisitivo.

— As moças ainda estão no acampamento — eu informei.

Ele assentiu, e avançamos na direção dos homens que batiam em retirada.

O Deformador ergueu os braços e gritou.

— Inflamar.

Senti o poder passar por mim. Com um jato de ar quente, o guarda no chão ficou em chamas. Valek e eu saltamos para longe. O homem gritava e se contorcia. Ele foi ficando imóvel à medida que o calor intenso o ia consumindo. O cheiro pungente de carne queimada nos alcançou, e cobri o nariz.

A voz do Deformador ecoou por sobre o estalar do fogo.

— Venha! Encontre sua alma gêmea!

O vulto de um homem começou a tomar forma em meio às chamas pulsantes.

— O que está acontecendo? — Valek perguntou.

— Vamos embora.

Saltei para o lombo de Kiki, Valek logo atrás de mim. Kiki saiu em disparada.

— E quanto às moças?

A culpa apertava o meu coração.

— Mais tarde.

Permiti que Kiki decidisse o nosso rumo. Com o passar do tempo, chegamos a uma fazenda, com uma casa de tamanho modesto, cercada de belos canteiros de flores.

Kiki parou nos estábulos, e Valek deslizou para o chão.

Onde estamos?, perguntei para Kiki.

Casa do Fantasma. Feno gostoso. Menino gentil.

Com súbita desconfiança, fitei a estrutura de madeira.

Aqui tem fantasmas?

Kiki bufou e focinhou Valek.

Fantasma.

O Homem da Lua me explicara que a imunidade de Valek à magia o fazia aparecer como um fantasma para criaturas místicas.

Olhei para ele.

— Uma casa de veraneio? Não é um pouco perigoso?

Ele sorriu.

— Serve de refúgio para a minha tropa. Uma base de operações.

— Que conveniente.

O estábulo estava vazio. Valek ajudou-me a retirar a sela de Kiki e a escová-la, adiando a conversa inevitável.

Estava exausta, mas precisava saber o que ele vinha fazendo enquanto eu estava no engradado.

— Como foi que me encontrou? E, como sempre, não poderia ter sido em melhor hora.

Valek puxou-me para os seus braços. Moldei-me a ele, buscando ardor e consolo. Meu corpo estremeceu com uma reação retardada. O horror do Deformador incendiando o próprio soldado voltou a passar pela minha cabeça.

— Não tem de quê, meu amor. Minha intenção havia sido invadir sorratamente o acampamento e destrancá-la esta noite, mas, pelo jeito, você tinha outros planos. Eu deveria ter estado mais preparado, contudo, quando eu o vi espetá-la, ontem à noite, achei que você não seria de muita ajuda. — Ele me soltou. — Vamos lá para dentro. Estou precisando de uma bebida.

O interior da casa não era tão acolhedor quanto o seu exterior. Espartano e funcional. Era evidente que os agentes de Valek não recebiam visitas ali. Valek acendeu alguns lampiões, mas eu me recusei a permitir que ele acendesse a lareira. Aconchegamo-nos um no outro sobre o sofá, enquanto tomávamos conhaque.

— O conhaque branco do general Kitvivan? — perguntei.

— Você lembra!

Valek parecia surpreso.

— Há gostos e aromas que despertam certas lembranças. O conhaque branco me lembra a reunião do conhaque do

Comandante.

— Ah, sim. E após ter tido de provar todos aqueles conhaques para o Comandante, você embriagadamente tentou me seduzir.

— E você recusou.

Eu era incapaz de determinar com precisão o momento em que os sentimentos de Valek por mim mudaram. Ele me pegara de surpresa com a sua declaração de amor na masmorra de Brazell.

— Eu quis aceitar. Mas não sabia se seu desejo vinha do coração ou do conhaque. Você poderia ter se arrependido mais tarde.

A imagem de Valek usando o seu uniforme de gala despertou novamente o desejo de seduzi-lo, mas tínhamos muito a discutir.

— Chega de conversa fiada. Conte-me tudo — eu ordenei.

Ele suspirou.

— Você não vai gostar.

— Comparado com o que acabo de passar nesses últimos... O quê? Três dias? Nem sei. Não pode ser tão ruim assim.

— Eu sabia que você estava nadando em águas muito perigosas, mas não pensei que houvesse mergulhado tão fundo — Valek disse.

— Valek, vá direto ao assunto.

Ele ficou agitado. Senti o medo apertar meu coração. Algo terrível acontecera. Jamais o havia visto desse jeito. Valek ficou de pé e começou a andar de um lado para o outro. Seus movimentos fluidos eram completamente silenciosos.

— Você foi capturada há cinco dias...

— Cinco dias!

Tanta coisa poderia ter acontecido nesse tempo. Meus pensamentos voltaram-se para Irys e Bain. Eles podiam estar mortos.

Valek ergueu a mão para interromper minhas perguntas.

— Deixe-me terminar primeiro. Você foi capturada por Star, e a única razão pela qual ela foi capaz de contrabandear-la tão longe até o sul foi porque... eu permiti.

Ele interrompeu-se, permitindo que eu absorvesse as suas palavras.

Fitei-o embasbacada.

— Você me armou uma armadilha?

— Sim e não.

— Vai ter que ser mais claro.

— Eu sabia que Star iria querer se vingar de você. Ela manteve contato com a rede clandestina, o que eu permiti para poder descobrir quem eram os novos jogadores. Com o Código de Conduta, sempre vai haver um mercado negro para produtos ilegais e documentos falsificados. Gosto de manter a rede sob observação, para garantir que as coisas não cheguem longe demais, como quando Star contratou assassinos para arruinar o tratado comercial sitiano. E quando...

— Vá logo ao xis da questão.

— Star sabia que você estaria na casa de Porter.

— Porter armou para mim?

— Não creio. Você vai deixar que eu conte ou não?

Irritado, ele pousou as mãos no quadril.

Gesticulei para que ele prosseguisse.

— Já há alguns anos que sei a respeito da operação de resgate de Porter, e permiti a sua continuidade. Contudo, recentemente, seus protegidos têm desaparecido, e não pude deixar de me perguntar por quê. Mas não foi por isso que eu estava vigiando a casa. Segui Star e três de seus homens até lá e fiquei surpreso de ver você cair cegamente na armadilha dela. Será que não a viu?

— Ela usou algum tipo sutil de magia.

— Nunca senti nada vindo dela, e há algum tempo que estou trabalhando com ela.

Procurei me lembrar da noite em que fora capturada. O único acontecimento estranho fora quando minha percepção ficou alterada por um instante, antes de voltar ao normal. Talvez ela houvesse afetado a minha visão, de alguma maneira.

— Você também não notou a minha magia. E perdi o controle sobre ela algumas vezes no interior do castelo.

— Vou me lembrar disso — Valek disse com frieza. — Entendi os motivos de Star para emboscá-la. A surpresa veio quando os amigos dela foram atrás das moças. Precisava saber para onde a estavam levando.

Considerarei a expressão de seu rosto.

— Você poderia ter me ajudado naquela noite, mas, em vez disso, preferiu aguardar.

— Um risco calculado. Eu queria descobrir a extensão da operação e saber por que ele sequestrara as moças. Não fazia ideia de que você acabaria do outro lado da fronteira e nas mãos do pretense rei.

Valek ajoelhou-se diante de mim e teria segurado as minhas mãos se eu não tivesse ficado com os braços cruzados. A raiva fervilhava em meu íntimo. Eu perdera cinco dias. Cinco dias que o Deformador do Fogo tivera para ficar mais forte.

— Isso não teria acontecido se você tivesse me contado sobre o seu encontro com Porter — ele disse.

— Um risco *calculado*. Quer goste ou não, sou uma feiticeira, e se houver um modo de ajudar os meus colegas, é o que eu tentarei. Não estava disposta a contar sobre isso para o matador de feiticeiros do Comandante.

Ainda assim, um ligeiro pensamento carregado de culpa sobre ser preferível matar feiticeiros a usá-los para aumentar o poder do Deformador do Fogo cruzou a minha mente.

Valek afundou sobre os calcanhares. A expressão do seu rosto endureceu até tornar-se uma máscara de ferro.

— Matador de feiticeiros? É isso o que pensa de mim?

— É um de seus deveres para com o Comandante. Sei como você opera. Gosta de seguir e observar a presa antes de atacar. Permitir que a rede de Porter continuasse faz parte do seu *modus operandi*.

A expressão do seu rosto ficou impassível e totalmente desprovida de emoção. A raiva governara a minha língua. Contudo, minha fúria permanecia.

Mudei de assunto.

— Como foi que Star conseguiu nos trazer para Sitia?

Como se apresentando um relatório para o Comandante, Valek disse:

— Colocaram-nas em engradados, empilharam caixas de produtos sobre eles e vestiram-se de comerciantes. Tinham os documentos necessários. Os guardas da fronteira fizeram uma verificação superficial, e vocês estavam a caminho. — Ele interrompeu-se e uma extrema irritação brilhou nos seus olhos. — Os guardas da fronteira

serão repreendidos e treinados novamente. — Valek ficou de pé. — Eu ia sugerir que dormíssemos algumas horas antes de tentar resgatar as moças. Mas, como sou o matador de feiticeiros, acho que não vou dar muita bola para o destino delas.

Ele deixou a sala.

A VIDA esvaiu-se do aposento depois que Valek saiu. Culpei o cansaço pelas minhas palavras rudes, mas sabia que não era verdade. Eu perdera o controle dos acontecimentos no instante em que cheguei a Ixia. Mas a verdade é que eu jamais estivera no controle. Desde o instante em que o Deformador do Fogo saltara da fogueira na selva, eu vinha sendo governada pelo medo. O que, até agora, me mantivera viva, mas eu certamente metera os pés pelas mãos. Valek era apenas o item mais recente em uma longa lista.

Suspirei. Havia um bom motivo para o medo. Os poderes do Deformador do Fogo eram maiores do que os meus, e eu não achava que um balde de água poderia apagá-lo. Encolhendo-me no sofá, fiz planos para libertar as moças. Não tinha como enfrentar o Deformador, mas poderia, ao menos, tentar impedir os Vermes de obterem mais poder.

Mas e quanto à próxima carga de jovens magos vinda de Ixia? Pelo que Valek me contara, Star infiltrara a rede de Porter, sequestrando seus protegidos e enviando os adolescentes para os Vermes usarem no ritual Kirakawa.

Após algumas horas de sono inquieto, fui até os estábulos. Kiki cochilava em sua baia, mas acordou quando eu a chamei.

Tem energia para um passeio?, perguntei.

Tenho. Para onde?

De volta para onde me encontrou.

Cheiro ruim.

Eu sei, mas preciso voltar e pegar o rastro deles. A esta altura, provavelmente já entraram nas Planícies.

Nós vamos rápido.

Era com o que eu estava contando.

Sem me dar ao trabalho de selá-la, saltei para o lombo dela. Tudo o que eu tinha era o cajado. Olhei para a casa. Se eu pedisse desculpas para Valek, ele viria comigo, mas ainda não estava preparada para admitir que precisava me desculpar para com ele. Pelo menos, ele estaria a salvo esta noite.

Logo estávamos perto dos limites das planícies Avibian. Vestígios do acampamento dos Vermes espalhavam-se pelo chão, e a julgar pelo número de objetos deixados para trás, Cahil partira às pressas. Restavam apenas algumas horas de escuridão.

Kiki, para que lado?

Ela seguiu para o sul, e a deixei à vontade para imprimir o ritmo que quisesse. Kiki trotou até alcançarmos as Planícies, depois deu início ao seu galope rajada de vento. O ar soprou ao passar pelos meus ouvidos, e o chão tornou-se um borrão. Ela não manteve o passo durante muito tempo, desacelerando quando o cheiro de madeira queimando e cavalos ficou mais forte.

A magia dos Vermes aguardava nas Planícies. Ao contrário da rede de proteção dos Sandseed, os Daviian preferiam preparar armadilhas que eram acionadas por vítimas que de nada desconfiavam. Kiki pressentia tais locais de intensa atividade mística e os evitava.

O ligeiro brilho de uma fogueira reluziu através dos olhos de Kiki. Paramos, e eu estava considerando o meu próximo passo quando Kiki empinou e pulou para o lado. O odor ardente de sangue queimou nas narinas de Kiki. Ela teria fugido, mas eu a acariciei para acalmá-la, enquanto minha mente ficava entorpecida de choque.

Eles não haviam aguardado a próxima lua. Fui tomada de culpa. Curvei-me sobre o pescoço de Kiki, tremendo de raiva e frustração.

Moças machucadas?, Kiki perguntou.

É.

Vá. Impeça.

O quê?

Mas ela não esperou. Saiu galopando na direção do acampamento.

Kiki!

Ajude. Conserte.

Ela atravessou correndo o acampamento, empinando e saltando como se enlouquecida de medo. A chegada súbita assustou a todos. Os guardas se espalharam, esquivando-se dos cascos e do meu cajado. Kiki derrubou a tenda de Cahil, capotou a carroça e espantou os cavalos.

Fiquei paralisada de terror ao ver os dois Deformadores curvados sobre as formas imóveis de Liv e Kieran. Os Deformadores estavam com os braços cobertos de sangue até a altura dos cotovelos. Cada um segurava nas mãos um pedaço de carne do tamanho de um punho cerrado, acariciando ternamente o objeto. Deixei escapar uma exclamação de surpresa ao reconhecê-los. Cada um deles segurava um coração humano. Os corações de Liv e Kieran.

Kiki me despertou do transe ao me derrubar no chão. Fiquei de pé, pronta para um ataque, mas os Deformadores permaneciam absortos com o ritual.

Ajude, Kiki ordenou, dando outra volta no acampamento.

Olhei para o fogo. Por ora, nada de Deformador do Fogo. Mentalmente, eu me repreendi por sequer me preocupar com ele e puxei um espesso fio de poder. A magia defensiva dos Vermes tentou inibir a minha conexão, mas eu puxara uma corda tão grossa que ela sequer conseguiu afetar um filamento.

Lancei minha consciência na direção dos Deformadores. Uma névoa de magia os cercava. Instintivamente, eu soube que, para consumir e manter o poder, eles tinham de drenar o sangue dos corações e injetá-lo na própria pele.

O ritual Kirakawa tinha o seu próprio poder, e eu não podia interferir com os Deformadores. Seu desejo sombrio por magia me enojou, e, por um instante, minha visão encheu-se de sangue.

Mas um movimento no canto do meu campo de visão chamou minha atenção. O fantasma de Liv estava de pé ao lado do seu corpo morto, e ela gesticulou para mim, batendo no coração com o

punho cerrado. Apertei os olhos ao fitar a aparição. Seu fantasma ou sua alma? Quando entendi seus movimentos, amaldiçoei-me por minha estupidez.

Não podia afetar o ritual, mas havia uma coisa que eu podia fazer. Concentrando-me no coração das moças, tentei alcançar-lhes as almas. O ritual as prendera no interior das câmaras. Inalei-lhe as essências, deixando para trás a carne morta. Os Deformadores não ganhariam poder naquela noite.

Kiki chegou perto de mim. Agarrei-lhe a crina e saltei para o seu lombo. Com alguns passos, ela deu início ao seu galope especial. Quando alcançamos os limites das Planícies, pedi para que Kiki parasse, de modo a poder libertar as almas das moças. O sol começava a raiar, desenhando sombras compridas no chão. Lamentei não conhecer melhor as moças, de modo a poder fazer bandeiras de luto sitianas para elas. A ocasião pedia a fanfarra de erguer as bandeiras para lembrar da vida curta das jovens.

Sem seda e nem um mastro de bandeira, contentei-me em exprimir minha profunda tristeza por não ter conseguido salvá-las. Elas pareciam contentes e aliviadas por estarem livres. Contudo, o que mais podiam dizer quando eu detinha as suas almas?

Um pensamento vil me ocorreu. Perguntei-me se meus poderes não seriam aumentados caso elas permanecessem comigo. Será que eu poderia enfrentar o Deformador do Fogo se eu aumentasse a minha força? Estremecendo de nojo só de ter considerado a possibilidade, libertei as almas das jovens para o céu. Elas me abandonaram rapidamente. Um demorado arrepio de alegria vibrou dentro de mim, antes de meu corpo curvar-se de fadiga.

Cheguei à casa de Valek sem qualquer lembrança da viagem. Kiki seguiu para o estábulo, e eu reuni energia o suficiente para lhe dar uma boa escovada. A pilha de fardos de feno do lado de fora de sua baia pareceu convidativa demais para ser ignorada. Deitei-me sobre ela e adormeci.

Um exército de soldados em chamas me perseguia. Minhas pernas se recusaram a correr mais rápido, e os homens flamejantes aproximavam-se. Leif veio em meu socorro, mas, assim que chegou

perto de mim, pegou fogo. Restou apenas Valek. Ele estava de pé em meio ao incêndio, intocado pelo calor ardente. Um bloco de gelo, ele parecia indiferente à minha situação.

— Lamento, amor. — Ele deu de ombros. — Não posso ajudá-la.

— Por que não?

— Você não me deixa.

Os soldados de fogo aproximaram-se até um círculo de fogo cercar-me. Línguas de chamas lamberam minhas roupas e agarraram-se ao tecido.

— Yelena!

Amarelo e laranja vibrantes dançavam ao longo de minha capa. Seus movimentos capturaram minha atenção com um fascínio bizarro ao consumirem minhas roupas.

— Yelena!

Fui atingida por água gelada, um dilúvio que me deixou encharcada. Vapor sibilou. Gritei e acordei, engasgando-me com a água. Valek estava de pé ao meu lado. Segurava um balde vazio.

— O quê? — Sentei-me. Minhas roupas e cabelo estavam encharcados. — Para que foi isso?

— Você estava tendo um pesadelo.

— E sacudir-me para eu acordar lhe pareceu dócil demais?

Ele ainda estava zangado.

Valek não respondeu. Em vez disso, estendeu a mão para me ajudar a levantar e apontou para o contorno chamuscado em forma humana sobre o feno. O lugar onde eu dormira.

— Você estava quente demais ao toque — ele afirmou impassivelmente.

Estremeci. Se Valek não houvesse estado ali, o que poderia ter acontecido?

— Suponho que sua tentativa de resgate ontem à noite tenha enfurecido pessoas poderosas, não é? Vi você e Kiki provocarem o caos no acampamento, mais uma vez arruinando os meus planos. O que mais você fez?

Valek não fora para a cama. Ele fora ajudar as moças. Kiki e eu poderíamos tê-lo acompanhado. Juntos talvez houvéssemos alcançado o acampamento a tempo de salvar Liv e Kieran. Senti a

culpa apertar o meu peito, deprimindo-me. Eu não conseguira fazer nada certo. Não encontrara Ferde e Cahil a tempo. O clã Sandseed se fora. Irys e Bain estavam presos. Eu me desentendera com meus amigos e com meu irmão. E com Valek.

Ele me fitava com sua expressão impassível, sem revelar nada. Uma barreira invisível ergueu-se entre nós. Minha ou dele? Eu lhe contei sobre as almas das moças e sobre como eu retirara o poder do ritual.

— Eu deveria ter deixado você matar Cahil — eu disse.

Se a mudança de assunto o surpreendeu, ele não deixou transparecer.

— Por quê?

— Teria evitado tudo isso.

— Acho que não. O envolvimento de Cahil é recente. Os Vermes estão preparados. Há muito que vêm planejando isso. Cahil a quer morta e quer o trono. Acredito que toda a história de ritual Kirakawa deve enojá-lo.

— Ele ajudou com os sequestros.

— Porque queria você. Ele não estava no acampamento ontem à noite. Provavelmente está seguindo para a Cidadela.

— Como é que você sabe?

Valek exibiu um sorriso discreto, desprovido de humor.

— Quando você atacou o acampamento, eu invadi a tenda, na intenção de dar um fim ao *pretense* rei. Tive apenas alguns segundos para determinar que ele não estava lá antes de a tenda desabar na minha cabeça.

Contive uma breve risada. Pela sua expressão irritada, pude perceber que Valek não a apreciaria.

— Mas encontrei aquilo.

Ele apontou para o chão. Minha mochila repousava de encontro à porteira da baía de Kiki.

Um grito de alegria escapou de meus lábios, e agachei-me para examinar o seu conteúdo. Antes de revirar a mochila, virei-me para agradecer a Valek, mas ele se fora. Pensei em ir à sua procura, mas não estava preparada para derrubar o murro que me cercava.

Dentro de meu pequeno casulo, eu podia fingir que a ameaça do Deformador do Fogo às pessoas que eu amava não existia.

A mochila ainda continha meu canivete, minhas roupas sitianas, minhas ferramentas para arrombar fechaduras, alguns frascos de Curare, pedaços de Theobroma, carne-seca, chás e o morcego de vidro de Opal. O brilho da estatueta parecia mais intenso.

O movimento complexo do fogo líquido chamou minha atenção. Maravilhei-me com o talento de Opal. O redemoinho de luz no âmago do morcego transformou-se em uma serpente. O rugir de uma fornalha ecoou nos meus ouvidos. Mãos manejaram um par de pinças metálicas para dar forma ao vidro frágil antes que este esfriasse. Os pensamentos da vidreira me alcançaram. Os pensamentos de Opal.

Ela pingou água em um sulco no vidro, perto do fim da vareta. A cobra estalou. Usando luvas grossas, ela pegou a peça e a colocou em outro forno, para esfriar lentamente. Este não estava tão quente quanto o primeiro.

Opal, você pode me escutar?, perguntei.

Não tive resposta.

Quando minha consciência retornou ao morcego em minhas mãos, eu soube que alcançara Booruby com a minha mente sem gastar muita energia. Booruby! Seis dias a cavalo daqui. Não fora capaz de alcançar Bain de Booruby, e eu estava muito mais perto. O que aconteceria se Irys segurasse a serpente? Seríamos capazes de nos comunicar de vastas distâncias sem esgotar nossas forças? As implicações não me saíram da cabeça.

O ar frio atrapalhou meu entusiasmo. Meu cabelo molhado parecia gelo sob a brisa fria, e lembrei-me de Kiki ter mencionado neve. Estávamos ao norte das planícies Avibian, mas eu não fazia ideia se a casa da fazenda ficava nas terras do clã Moon ou nas dos Featherstone. De qualquer modo, quando a tempestade nos alcançasse, se tornaria chuva e granizo. E a julgar pela aparência da muralha acinzentada de nuvens que avançava, vinda do oeste, a tempestade não demoraria muito para chegar.

Peguei a mochila e entrei na casa. Valek acendera a pequena lareira na sala de estar. Pude escutar seus passos suaves acima de

mim. Provavelmente planejava dormir após ter passado a noite toda fora. Hesitando na entrada do aposento, ponderei. Minha capa estava encharcada. Eu precisava do fogo para aquecê-la e queria me aquecer.

No fim, mudei para as roupas sitianas, pendurei minha capa perto da lareira e enchi a panela de água para preparar um chá. Fervi a água, mas evitei olhar para as chamas. Sentindo-me intranquila, mastiguei um pedaço de carne-seca e bebi o chá, o mais longe das chamas que pude ficar. Incapaz de permanecer mais tempo no aposento, minha vontade foi correr até Valek, lá em cima. Em vez disso, peguei o cobertor sobre o sofá e corri até os estábulos, para me juntar a Kiki.

Ela bufou divertidamente quando arrumei minha cama de palha na sua baia. Enchi dois baldes de água e os coloquei ao meu lado.

Se eu começar a soltar fumaça, jogue isto em mim, pedi. Não quero incendiar o celeiro.

Pouco depois que me deitei, a estranha melodia do granizo ecoou pelo telhado de ardósia. O assovio do vento através das tábuas somou-se à batida. Embalada pela música da tempestade, dormi sem sonhar.

Na manhã seguinte, Kiki e eu fomos acordadas pela chegada de um cavalo desconhecido. Pelo menos, eu torci para que a luz fraca da tempestade significasse o início, e não o fim do dia.

Valek entrou puxando o cavalo preto com patas brancas. Com as pernas compridas e o corpo esbelto, o animal tinha tudo para ser um cavalo de corridas. Puxando um fio de poder, fiz contato mental com o recém-chegado.

Ele sentia-se pouco à vontade naquele celeiro estranho. Cheiros estranhos. Cavalo estranho. Sentia saudade de sua baia e dos amigos.

Os cheiros aqui são bons, eu falei para ele. Você fará novos amigos. Qual é o seu nome?

Onyx.

Apresentei-o a Kiki.

Valek amarrou Onyx a uma viga.

— Precisamos ir para a Cidadela. — Ele colocou a sela em Onyx.
— O mau tempo nos dará cobertura.

Senti um aperto no coração. Ele arrumara o seu próprio cavalo para não ter que montar comigo em Kiki.

— Qual é a distância?

— Dois dias. E tenho um outro refúgio cerca de um quilômetro e meio ao norte da Cidadela. Poderemos operar de lá.

Trabalhamos no mais completo silêncio.

Os dois dias seguintes mais pareceram dez. Com o clima gelado, a frieza com que Valek estava me tratando e a minha pressa e ansiedade em chegar ao nosso destino, acho que teria preferido passar o tempo nas masmorras do Comandante.

Nossa chegada ao refúgio pareceu um alívio, até a necessidade de planejar nossas ações tornar insuportável o nosso relacionamento tenso. Eu permanecia teimosa, acreditando que a distância entre nós me facilitaria tomar decisões de vida ou morte.

Após nos acomodarmos no chalé, segui para a Cidadela. O mau tempo mais uma vez prometia chuva, tornando a paisagem melancólica. As árvores peladas e as colinas escuras pareciam silenciosas e desprovidas de vida. Eu sabia que, se vasculhasse a área com minha magia, sentiria vestígios de pequenas criaturas, aguardando o calor. Mas o risco de utilizar magia tão perto da Cidadela era alto demais.

Disfarçada como uma mulher do clã Featherstone, eu estava usando um vestido de linho de mangas compridas sob a capa lisa cor de areia. Embora houvesse deixado o meu cajado para trás, ainda tinha acesso ao canivete. Meu cabelo estava preso em um coque, estilo preferido entre os Featherstone, mantido no lugar com os meus pinos para arrombar fechaduras.

Valek prendera meu cabelo. Trabalhou com frieza e eficiência, tornando mais fácil para mim não lhe agarrar as mãos e puxá-lo mais para perto. Seus dedos hábeis torciam os cachos de meu cabelo com perícia, e uma estranha visão de chamas derretendo os seus braços até os ossos me veio à cabeça.

Bani a imagem da mente e cobri a cabeça com o capuz. O portão norte da Cidadela não estava tão movimentado quanto eu esperava. Na verdade, assim que entrei, notei apenas algumas pessoas caminhando pelas ruas. Elas curvavam-se sob seus embrulhos e fitavam o chão. O clima podia ser um fator, mas a chuva cessara. As ruas deveriam estar repletas de cidadãos correndo até o mercado antes da próxima enxurrada.

Até mesmo os mendigos eram poucos. A maioria usava expressões preocupadas ao olhar ao redor, e nenhum deles me abordou.

Os muros de mármore branco da Cidadela pareciam sujos e malcuidados. Os veios esverdeados se assemelhavam a riscos de sujeira, e era como se uma camada de fuligem cobrisse a cidade toda. A lama acumulara-se nas rachaduras e embebia suas fundações. O brilho desaparecera da cidade. E o clima nada tinha a ver com isso.

Hesitei ao avistar o primeiro Verme Daviian, contudo, logo estavam em tudo quanto era lugar. Curvando-me, imitei a postura dos cidadãos, procurando um beco ou uma rua lateral livre de Vermes. O sangue pulsava nos meus ouvidos. Os olhares dos Vermes queimavam a minha alma. Ao pegar um atalho até o mercado, senti minhas pernas bambearem de alívio. Mas permaneci fora de vista até ter estudado a praça central, observando as pessoas passando apressadamente pelas barracas do mercado. A sensação de medo chegava a diluir o costumeiro cheiro inebriante dos temperos e da carne assando.

A concentração de cidadãos significava mais Vermes. Aguardei até avistar o meu alvo e juntei-me aos fregueses do mercado. Ao aproximar-me de um garotinho de 10 anos de idade, tive de reprimir um sorriso ao escutá-lo negociando com o dono da barraca.

— Quatro cobres. É pegar ou largar — Fisk disse, como se fosse um adulto.

— Não posso alimentar minha família com isso! — o proprietário contra-argumentou. — Como você é meu amigo, faço por sete cobres.

— Belladoora está vendendo por quatro.

— Mas veja bem esta qualidade. Bordado à mão pela minha própria esposa. Atente aos detalhes!

Ele ergueu o tecido.

— Cinco, e nem um cobre a mais.

— Seis, e não se fala mais nisso.

— Tenha um bom dia, cavalheiro.

Fisk virou-se para ir embora.

— Espere — o proprietário da barraca gritou. — Que seja cinco. Mas você está tirando o pão da boca dos meus filhos.

Ele resmungou mais um pouco ao embrulhar o tecido, porém sorriu ao receber o dinheiro do menino.

Seguiu Fisk até a sua cliente. A mulher lhe pagou seis cobres, e ele entregou o pacote.

— Com licença, menino — eu disse. — Preciso de seus serviços.

— O que posso fazer pela senhora? — ele perguntou. Em seguida, seus olhos se arregalaram de surpresa antes de serem ocupados por preocupação. Com gestos furtivos, olhou ao redor. — Siga-me.

Ele me conduziu através de um beco estreito, levando até uma casa às escuras. Fiquei parada em meio à escuridão enquanto Fisk acendia alguns lampiões. As janelas estavam tampadas por grossas cortinas, e apenas algumas cadeiras decoravam o aposento vazio.

— É aqui que nos reunimos.

— Nós?

Ele sorriu.

— A associação de ajudantes. Planejamos o nosso dia, dividimos o nosso dinheiro e trocamos mexericos sobre os nossos clientes.

— Que maravilha.

Orgulho ante o que Fisk conquistara encheu o meu coração. O pequeno mendigo sujo que eu conhecera na minha primeira visita à Cidadela havia se transformado em um membro produtivo de sua família.

O próprio orgulho de Fisk era evidente nos olhos castanho-claros.

— E tudo se deve a você, minha primeira cliente.

Em vez de mendigar, Fisk agora colocara as outras crianças mendigas para ajudar os clientes a encontrar boas barganhas, para

carregar embrulhos e para fazer praticamente qualquer coisa por uma pequena quantia.

O sorriso desapareceu de seu rosto.

— Adorável Yelena, não deveria estar aqui. Há uma recompensa pela sua captura.

— Quanto?

— Cinco ouros!

— Só isso? Pensei que seria algo como dez ou quinze — brinquei.

— Cinco é um bocado de dinheiro. Tanto que eu não confiaria no meu próprio primo para não delatá-la. É perigoso para você aqui. Para todo mundo.

— O que tem acontecido?

— Esses novos membros do clã Daviian. Eles tomaram conta do lugar. A princípio eram apenas alguns, porém agora as ruas estão abarrotadas com eles. Boatos desagradáveis sobre o envolvimento deles com o massacre dos Sandseed estão deixando todo mundo apavorado. Pessoas morando na Cidadela foram interrogadas, e certos mendigos desapareceram. Sussurros sobre como os membros do Conselho perderam o controle da situação se espalharam, no entanto, estão se preparando para a guerra.

Fisk sacudiu a cabeça. Era sábio para a idade. Lamentei a perda de sua infância. Ser filho de mendigos o privara da diversão, da ingenuidade e do direito de cometer erros sem consequências fatais.

— E quanto à Fortaleza? — perguntei.

— Trancafiada. Ninguém entra ou sai sem uma escolta armada de Daviian.

A situação estava pior do que eu pensara.

— Preciso que leve uma mensagem para um dos Conselheiros para mim.

— Qual deles?

— Meu parente, Baval Zaltana. Mas não quero escrever nada. Terá de ser uma mensagem verbal. Pode fazer isso?

Fisk franziu a testa pensativamente.

— Será difícil. Todos os Conselheiros têm escolta quando passam pela Cidadela, contudo, talvez eu possa providenciar uma distração...

— Ele esfregou as mãos pelos braços ao contemplar a tarefa. —

Posso tentar. Não prometo nada. Se a coisa começar a esquentar, dou o fora. E vai...

— Vai me custar. Você não deve repetir esta mensagem para ninguém.

— De acordo.

Apertamos as mãos para selar o acordo. Dei a mensagem para Fisk. Ele foi recrutar alguns ajudantes. Retornei ao mercado para comprar alguns itens e para comer, fazendo hora sem dar a impressão de o estar fazendo.

Meu olhar insistia em se voltar para as torres da Fortaleza. Localizada no interior dos muros de mármore da Cidadela, a Fortaleza dos Magos ocupava a seção nordeste. Incapaz de reprimir o meu desejo de ver os portões de entrada com suas colunas rosadas, meu caminho me levou à Fortaleza.

Em vez de aparentar calorosa e convidativa, a pedra fria parecia impenetrável e opressora. Estava morrendo de vontade de fazer contato com meus amigos e colegas em seu interior. Onde estariam Dax e Gelsi? Será que haviam podido continuar os seus estudos? Senti-me cega e isolada, frustrada e perdida. Era como se eu houvesse sido isolada e jamais fosse vê-los novamente.

Havia guardas Daviian postados ao lado dos guardas da Fortaleza. Sentindo-me exposta demais, retornei à sala de reuniões de Fisk para aguardar o retorno do menino. O tempo arrastou-se de uma maneira enlouquecedora. Uma pequena aranha marrom construía sua teia elaborada no canto do aposento. Para ajudar a aranha, procurei um inseto para colocar em seus fios grudentos.

Fisk chegou no instante em que subi na cadeira para pegar uma traça. Estufando o peito, ele declarou a missão um sucesso.

— Conselheiro Zaltana falou que se encontraria com você esta noite, na casa dele. — Fisk pareceu um pouco mais desanimado com o próximo comentário. — Ele avisou que a sua residência é vigiada por um Deformador. O que é um Deformador?

— Um mago Daviian. — Considerei a complicação. — A que horas?

— Qualquer hora, mas se estiver nas ruas após a meia-noite, os guardas a prenderão. Minha sugestão é após a refeição da noite.

Normalmente há um aumento de atividade quando as lojas se fecham e todo mundo segue para casa. — Fisk suspirou. — Costumava ser uma boa hora para mendigar. As pessoas sentiam-se culpadas ao passar por uma criança sem um lar, quando elas mesmas tinham uma cama quente aguardando-as em casa.

— Costumava ser, Fisk. Agora é passado. Aposto que você tem um belo lar agora.

Ele empertigou-se.

— O melhor! O que me lembra que é melhor você ir embora antes que meus ajudantes cheguem. Nós nos reunimos de manhã cedo e, novamente, nos fim de tarde.

Paguei Fisk, agradecendo a ajuda.

— Se você for pego, não hesite em contar-lhes a meu respeito. Não quero que você se machuque por minha causa.

Fisk lançou-me um olhar confuso.

— Mas você poderá ser presa e morta pelos Daviiian.

— Antes eu do que você.

— Não. As coisas estão ruins e ficando piores ainda. Se você for morta, tenho a terrível sensação de que a vida não valerá mais a pena.

O terríveis comentários de Fisk me acompanharam quando atravessei a Cidadela. Atendo-me aos becos, escondi-me atrás das construções até as ruas se encherem de residentes seguindo apressadamente para casa, exatamente como Fisk previra. Eu me juntei ao fluxo, misturando-me à multidão à medida que as ruas foram escurecendo e os acendedores de lampiões começaram seu trabalho noturno. Quando passei pela residência de Baval, desacelerei apenas o suficiente para determinar que sua casa estava vazia.

Dei outra volta no quarteirão apenas para ter certeza, depois esgueirei-me pela parte de trás da construção. Usando meus pinos de arrombar fechaduras, destranquei a porta dos fundos e surpreendi uma mulher.

— Minha nossa!

Ela largou o atizador, que caiu ruidosamente na beirada da lareira de pedra, e o fogo que ela vinha tentando acender ficou mais fraco.

— Não quis assustá-la — eu disse, pensando rápido. — Tenho um compromisso urgente com o Conselheiro Zaltana.

— Não me lembro de ele mencionar uma convidada. Certamente nenhuma convidada que se esgueiraria pela porta dos fundos!

Ela pegou o atizador de ferro, erguendo-o com as mãos grandes. A mulher usava o tipo de túnica solta preferido pelas Zaltana, mas era difícil enxergar direito na penumbra.

Resolvi arriscar.

— Nós marcamos a reunião hoje mesmo. Diz respeito aos interesses do *clã*.

— Ora, ora! — Ela curvou-se e atizou as brasas com o comprido pedaço de metal. Quando a labareda se firmou, ela a usou para acender um lampião. — Minha nossa, minha criança. Entre. Feche a porta. Isto é um tanto quanto incomum, mas não sei por que estou surpresa. Estamos vivendo em tempos incomuns.

A mulher andou de um lado para o outro no interior da cozinha, alegando que o Conselheiro logo estaria em casa e que iria querer o seu jantar. Eu a ajudei acendendo os lampiões da sala de jantar e da sala de estar. A casa de Baval era decorada com arte da selva e com estatuetas de valmures. Senti uma pontada de saudade de casa.

Ao escutar alguém na porta da frente, escondi-me na cozinha.

— O cão de guarda não entra na casa — a mulher afirmou. — O Conselheiro não permite. O dia em que o cão puder entrar, será o fim do Conselho Sitiano.

Porém, será que o Deformador usaria magia para vasculhar o interior da residência? Será que eu sentiria o poder? Por via das dúvidas, mantive-me perto da porta dos fundos.

A mulher disse:

— Pode me chamar de Petal, criança. — E me convidou para jantar com eles. Ela descartou as minhas desculpas de não ter muito tempo. — Bobagem, criança. Deixe-me avisar o Conselheiro de que está aqui.

— Hã, Petal — eu chamei, detendo-a. — Quem sabe não seja melhor pedir ao Conselheiro que venha até aqui? Cães costumam ter

uma excelente audição.

Ela levou o dedo à testa e, em seguida, o apontou para mim, antes de sair. Baval entrou na cozinha com Petal nos seus calcanhares. Ele me recebeu com um sorriso cansado.

— Inteligente chegar antes de mim — disse baixinho. Ele massageou as profundas olheiras. Rugas de preocupação marcavam o seu rosto, e ele se movia como se carregasse um grande peso nas costas. — Se você for descoberta... — Baval empoleirou-se na beirada de um banco. — Não deve se demorar. Se ouvir ou vir algo fora do comum, o Deformador invadirá a casa, e eu lhe contarei *tudo*.

O comentário trivial sobre a sua reação ao Deformador me encheu de medo. O que estariam os Deformadores fazendo para obter informação e cooperação?

— Serei rápida então. Por que o Conselho permitiu a vinda dos Daviiian?

Alarme estampou-se no rosto de Baval, e ele juntou as mãos sobre o colo.

— Petal, será que pode me trazer um copo de uísque?

A mulher o fitou com irritação. Embora estivesse mexendo na panela do ensopado do outro lado da cozinha, ela estivera inclinando-se na nossa direção, tentando escutar a conversa.

Bufando de indignação, Petal deixou a cozinha.

Baval fechou os olhos por um instante e fez uma careta. Porém, quando me fitou, sua antiga confiança parecia ter retornado.

— Deveríamos tê-los deixado morrer — disse.

— DEIXAR QUEM morrer? — indaguei, mas Baval me ignorou.

— A princípio, os Daviian solicitaram coisas pequenas de nós, para mantê-los vivos. Um voto a favor ou contra alguma coisa. Os pedidos foram se tornando mais frequentes e alarmantes. O número de visitantes foi aumentando e, quando nos demos conta, já havíamos concordado com tudo.

— Manter quem vivos?

— Cometemos um erro, mas você está aqui agora. Talvez não seja tarde demais.

— Baval, eu não...

— Os Daviian estão com os nossos filhos.

Eu o fitei por um instante, em um silêncio atordoado.

— Como?

Baval deu de ombros.

— E importa como? Nossas famílias passam a maior parte do ano morando com o clã. Não estamos em casa para protegê-las.

— Com quem eles estão?

— Minha filha, Jenniqilla. Ela desapareceu do Mercado de Illiais. Recebemos instruções de não contar para ninguém. Contudo, a julgar pelos rostos dos outros Conselheiros, eu sabia que os Daviian haviam ameaçado a todos. Com o passar do tempo, nós acabamos tocando no assunto entre nós. Todos os Conselheiros com filhos

tiveram um deles levados. Quanto aos outros, os Daviian sequestraram o marido da conselheira Greenblade e a esposa do conselheiro Stormdance.

— Onde eles os estão mantendo?

— Se eu soubesse, não estaria aqui conversando com você — ele retrucou bruscamente.

— Lamento.

Ponderei as implicações. Petal retornou com dois copos de uísque e passou um deles para mim. Ela voltou a mexer nas panelas.

— Quando? — perguntei, lembrando-me do comentário de Valek de que os Vermes já vinham planejando isso muito antes de Cahil se envolver.

— Catorze dias atrás — Baval sussurrou.

Tentei me recordar. Catorze dias pareciam catorze anos quando eu lembrava de tudo o que acontecera. Os Vermes pegaram as famílias dos Conselheiros logo depois de eu fugir da Cidadela. Pelo jeito, não fora Roze quem influenciara o Conselho.

— Os Mestres Feiticeiros sabem?

— O mestre Bloodgood e a mestra Jewelrose suspeitaram quando escrevemos a carta para o Comandante. A Mestra Featherstone interpretou a recusa deles como um ato de traição. E os Daviian nos forçaram a concordar com ela, a assinar o mandado ordenando a prisão deles e a ajudar a encarcerá-los na Fortaleza. Eles cooperaram — Baval acrescentou, notando a minha preocupação. — É uma pena que a Mestra Cowan ainda seja jovem demais para exercer muita influência sobre a Mestra Featherstone.

— Acha que Roze está trabalhando com os Daviian?

— Não. Ela ficaria horrorizada se descobrisse que eles estão tomando as decisões. Estamos votando a favor dela, de modo que ela está satisfeita, e os Daviian estão oferecendo apoio na campanha dela contra o Comandante.

— Ela não poderia descobrir o seu dilema através de seus pensamentos?

O olhar de Baval virou-se bruscamente na minha direção.

— Isso seria uma quebra seríssima do Código de Ética dos Magos. A Mestra Featherstone jamais recorreria a invadir nossos

pensamentos mais íntimos.

Tinha dificuldades em acreditar nos altos valores morais de Roze, mas não possuía evidências provando o contrário.

— Devo colocar mais um prato para o jantar? — Petal perguntou.

Bavol e eu ambos sacudimos a cabeça, dizendo não. A expressão ansiosa do Conselheiro me lembrou de que eu tinha de ir embora muito em breve. Com uma expressão de censura, Petal carregou a pilha de pratos de volta para a cozinha.

Encontrar e resgatar os familiares dos Conselheiros tornara-se uma prioridade. Havia um modo pelo qual eu poderia descobrir onde eles estavam sendo mantidos prisioneiros, contudo, eu teria de usar magia.

— Bavol, talvez eu consiga achar a sua filha através de você. Mas não posso fazê-lo na Cidadela. Alguma chance de você poder deixá-la?

— Não. Meu guarda está sempre comigo.

— Não poderia fugir pela porta dos fundos?

— Tenho de fazer contato com o meu guarda de hora em hora. Foi o único modo de ele concordar em me dar qualquer privacidade.

— E quando você está dormindo?

— Ele fica sentado na sala de estar. Petal não sabe, já que ela se recolhe cedo e dorme como uma pedra. Desde a captura de Jenniqilla que não durmo. Levanto antes do sol nascer e o mando de volta lá para fora.

— Nesse caso, terá de ser durante a noite. Tomarei as providências. Apenas não se surpreenda quando tiver companhia no seu quarto de dormir amanhã à noite. E deixe a janela dos fundos aberta.

— É o quarto de Petal — ele informou.

— Talvez possa arrumar um jeito de garantir que ela não acorde, certo?

Bavol suspirou.

— Que saudade de dias mais descomplicados. Jamais voltarei a reclamar da teimosia do conselheiro Sandseed nem dos problemas triviais do conselheiro Jewelrose.

— O jantar está pronto — Petal avisou.

— É melhor você ir — ele disse.

— Sabe de algum jeito para eu entrar na Fortaleza?

— O túnel de emergência. Mas não sei se ele desmoronou ou se já foi fechado. Os magos o escavaram quando construíram a Fortaleza, durante as guerras dos clãs, muito tempo atrás. Eu só soube de sua existência recentemente. O Segundo Feiticeiro o mencionou para mim, poucos dias antes de ele e a Quarta Feiticeira terem sido presos.

— Bain e Irys ainda estão sendo mantidos presos nas celas da Fortaleza?

— Até onde eu sei, estão.

— Por acaso, Bain lhe contou onde o túnel fica localizado?

— Ele mencionou algo sobre o lado leste da Fortaleza e sobre como era grande o suficiente para um cavalo. — Baval ficou de pé. — Já nos demoramos mais do que o suficiente. Espero ter notícias suas em breve. Boa sorte.

O Conselheiro seguiu para a sala de jantar.

Aguardei um instante, depois abri a porta dos fundos. Espiando lá para fora, passei os olhos pelo beco escuro. Parecia deserto, mas, sem a minha magia, eu não podia ter certeza. Resolvi arriscar e deixei a casa de Baval. As ruas silenciosas da Cidadela me alarmaram. Apenas algumas pessoas trafegavam nas ruas e, em sua maioria, eram Vermes. Até mesmo as tavernas permaneciam apagadas e vazias.

Minhas chances de atravessar o portão norte sem ser detectada pareciam ser mínimas. Pensei na possibilidade de procurar uma estalagem, mas os Vermes podiam ter alguém postado nelas, à procura de desconhecidos. Quanto mais tempo eu passava nas ruas, maior era o perigo de eu ser pega.

À beira do desespero, encontrei uma casa com uma escada externa que se estendia até o chão de um beco. Subindo até os últimos degraus sem fazer barulho, fiquei de pé no corrimão e me estiquei na direção da beirada do telhado. Descobri um problema com construções de mármore ao tentar usar a parede para me alçar até o telhado. Meu pé escorregou, e mal tive tempo de recuperar o equilíbrio e não despencar quatro andares até o chão.

No fim, usei o meu treinamento acrobático e, rezando, saltei para o telhado. Ainda bem que as mesmas paredes de mármore eram grossas o suficiente para disfarçar o barulho de minha aterrissagem.

Fiquei deitada no telhado plano, tentando recuperar o fôlego, feliz por Valek não estar ali para testemunhar o pouso desajeitado. Sua habilidade em escalar as muralhas do castelo do Comandante era ainda mais impressionante agora. Perguntei-me se ele não ficaria preocupado quando eu não retornasse. Talvez houvesse sido melhor que eu tivesse me demorado tanto com Baval. Várias viagens através dos portões poderiam despertar suspeitas.

O ar noturno ficou frio. Encolhi-me em minha capa e adormeci. Sonhos com fogo me assombraram. Não importava para onde eu corresse e onde eu me escondesse, eles sempre me encontravam. Sempre.

Acordei encharcada de suor na manhã seguinte, dolorida e febril. A perspectiva de deixar o telhado sem ser notada e encontrar Fisk foi tão atraente quanto a de um banho frio. Pelo menos, descer do telhado provou ser mais fácil do que subir nele. Desci as escadas e cheguei ao beco sem incidentes. Embora continuasse a sentir a cabeça latejando.

Com a vista embaçada e cansada, procurei Fisk no mercado. Lembrando-me de sua sala de reuniões, escondi-me ali por perto e o aguardei.

O grupo de crianças que deixou a construção me fez sorrir. Focadas no seu dia de trabalho, elas moviam-se com determinação e se portavam com um ar sério. Após elas terem ido embora, Fisk apareceu ao meu lado.

— Alguma coisa aconteceu? — Fisk perguntou.

— Nada de ruim. Tenho outro serviço para você. — Eu lhe disse do que eu precisava, e ele achou que poderia me ajudar. — Contudo, não quero criar problemas para ninguém.

— Não se preocupe. Escolheu uma boa noite.

— Por que é tão boa?

— É a noite do meio da estação, quando comemoramos a passagem de metade da estação fria. Enche as pessoas de ânimo

diante do que ainda está por vir. — Fisk sorriu. — Vocês não têm algo semelhante em Ixia?

— Temos. Eles celebram o Festival do Gelo anual. As pessoas exibem seus trabalhos artesanais e se reúnem para trocar ideias. Só não havia me dado conta de que já estávamos nesse estágio da estação.

— A comemoração provavelmente será muito mais tranquila este ano, contudo, deverá haver atividade suficiente para esconder as nossas.

Desta vez, havia um certo ar de travessura no sorriso de Fisk, que me lembrou Janco.

Aposto que Janco devia ter sido um problema só quando garoto. Pelo menos, eu não me indispusera com ele e Ari antes de deixar Ixia. Por outro lado, como eu não os trouxera, talvez também estivessem irritados comigo.

Fizemos planos para aquela noite, e Fisk me contou de um lugar onde eu poderia ficar e aguardar até o fim do dia. Depois que ele foi embora, caminhei até Council Hall. Dei uma volta ao redor do prédio, tentando não dar a impressão de ter qualquer interesse especial na estrutura quadrada. Havia bastante atividade nos degraus largos que levavam ao primeiro piso. Os escritórios dos Conselheiros, o grande salão, a sala de arquivos, a biblioteca e a cadeia da Cidadela, todos ficavam lá dentro. Meu interesse era na sala de arquivos. Informações de todos os clãs estavam guardadas ali, e eu queria encontrar alguma menção ao túnel de emergência dos magos em qualquer documento. Ou quem sabe a biblioteca não teria alguma planta baixa da Fortaleza?

A reserva particular de livros de Bain provavelmente continha a informação de que eu precisava. Não pude deixar de notar a ironia da situação. O Segundo Feiticeiro contara para Baval sobre a existência do túnel porque sabia que o Conselheiro dos Zaltana seria a primeira pessoa que eu procuraria. O que Baval supusera ser uma curiosidade interessante, acabou sendo uma mensagem para mim.

A falta de detalhes permanecia sendo um problema. Do lado leste da Fortaleza e grande o suficiente para um cavalo não eram muita coisa.

O fluxo de pessoas entrando e saindo de Council Hall permaneceu constante. Contudo, alguns Vermes sempre estavam por perto, e decidi não arriscar a vida em troca de pesquisa.

Quando segui de volta para o mercado, uma estranha sensação percorreu as minhas costas, como se milhares de minúsculas aranhas subissem uma a uma minha espinha. Dobrando uma esquina, olhei para o lado. Um Daviian caminhava a pouca distância atrás de mim. Usava pantalonas vermelhas e uma capa curta e marrom com um capuz. Quando dobrei outra esquina, ele permaneceu na minha cola.

Sua cimitarra reluziu sob a luz do sol. Adentrei o mercado. Detendo-me em uma barraca de verduras, torci para que o Verme passasse por mim, mas ele encostou-se em um poste. Pontadas de pânico começaram a perfurar meu coração. Se o Daviian fosse um Deformador, eu não conseguiria despistá-lo. Juntando-me a um grupo de mulheres, permaneci com elas enquanto faziam compras. O homem nos seguiu. Eu precisava de uma distração e rápido.

Uma das mulheres no grupo pagou por um colar de contas. Ela fora um tanto quanto falante e cheia de opiniões ao irmos de barraca em barraca e deixou bem clara a sua irritação ante a minha presença indesejada.

Quando o proprietário da barraca entregou-lhe o embrulho, eu inclinei-me e sussurrei para ela:

— Ele vendeu esse mesmo colar para a minha amiga por duas pratas, na semana passada.

A mulher acabara de pagar quatro pratas. Como eu previra, ela, aos berros, exigiu o mesmo preço, e o vendedor confuso tentou argumentar com ela. A discussão que se seguiu atraiu uma considerável multidão, e eu me espremi por entre ela, na esperança de despistar o Daviian.

Não tive sorte. Ele me avistou e me seguiu. Alguns fregueses temporariamente se colocaram no caminho dele, e eu me escondi sob uma das barracas do mercado.

Não foi a melhor das decisões, mas eu me vira sem opções. Agachei-me sob a bancada. Um pano roxo fora jogado sobre ela e

pendia até o chão. Alguns rolos de tecido e uma caixa de botões haviam sido guardados ali embaixo.

Perguntei-me quando seria seguro sair dali de baixo. Aparecer justamente quando o Verme estava passando não seria o ideal, sendo assim, contorci-me até achar uma posição mais confortável e aguardei.

O pano roxo foi afastado. Fiquei paralisada.

O rosto de um homem apareceu na abertura.

— Seu amigo já foi. Pode sair.

Ele recuou quando eu comecei a me mover.

— Obrigada — eu disse, tirando a poeira da capa.

— Atrair a atenção *deles* jamais é uma boa ideia — o homem comentou. Seu rosto redondo exibia uma expressão séria. — As pessoas costumam desaparecer por aqui. Especialmente aquelas com a cabeça a prêmio por cinco ouros.

Acalmei o bater furioso de meu coração. O proprietário da barraca sabia que eu me escondera sob a bancada e não me delatara. Pelo menos, ainda não. Talvez quisesse fazer um acordo? Algo como seis ouros para ficar calado.

— Não se preocupe. Você é amiga de Fisk e de sua associação. E o simples fato de os Daviiian estarem dispostos a pagar cinco ouros pela sua captura significa que você, entre todas as pessoas, mete medo neles. Espero, pelo bem da minha família, que o motivo de você amedrontá-los é porque pode fazer alguma coisa para trazer de volta as nossas vidas normais.

— Eu os assusto — concordei, pensando no Conselho Sitiano e em como ficaram apavorados ao saber que eu era uma Descobridora de Almas. — Mas não sei se posso restaurar seu antigo modo de vida. Sou apenas uma única pessoa.

— Você tem a ajuda de Fisk.

— Até eu ficar sem dinheiro.

— Verdade. O malandrinho forçando-me a ganhar dinheiro honestamente! — O homem interrompeu-se, pensativamente. — Não há mais ninguém para ajudá-la?

— Você me ajudaria?

Ele piscou os olhos, surpreso.

— Como?

— Nem todos esses Vermes são Deformadores. Eles carregam lanças e cimitarras, mas olhe ao seu redor... Estão em desvantagem numérica.

— Mas seus Deformadores possuem magia poderosa.

— Vocês não têm magos? Ninguém escapou da Fortaleza? Ninguém veio dos outros clãs?

Seus olhos se iluminaram de entendimento.

— Mas estão espalhados pela Cidadela. Estão escondendo-se de medo.

— Um cidadão responsável precisa convencê-los a agir, a despeito do medo, precisa organizá-los e, quando chegar a hora, liderá-los.

— Você pode fazer isso. É a Descobridora de Almas.

Sacudi a cabeça.

— Minha presença colocaria em risco qualquer esforço. Sou necessária em outro lugar. Se estiver determinado, encontrará a pessoa certa.

O homem alisou o tecido sobre a mesa. Parecia perdido em pensamentos.

— Comerciantes vêm e vão da Cidadela o tempo todo... Caravanas de produtos...

— Apenas tenha muito cuidado.

Fiz menção de me afastar.

— Espere. Como saberemos que é chegada a hora certa?

— Tenho a terrível sensação que não terão como deixar de notá-la.

Após o dia ter se transformado em noite, eu me encontrei com Fisk e com o seu tio. As pessoas trafegavam pelas ruas de bom humor, apesar dos Vermes vigiando e de ser tão tarde da noite. Enquanto Fisk foi se preparar para mais tarde, conduzi seu tio até o telhado.

Assim que subimos, seguimos pelos telhados da Cidadela até a morada de Baval. Se não estivessem fora comemorando, os outros residentes já haviam ido para a cama. Tirei da mochila a corda que

Fisk comprara para mim e a amarrei ao redor de uma chaminé, antes de jogar a outra ponta pela lateral da construção.

O brilho da luz dos lampiões não alcançava o beco atrás da casa, de modo que torci para que Baval houvesse se lembrado de abrir a janela dos fundos. Agarrando a corda, deslizei pela lateral da casa e fiquei aliviada de encontrar a janela aberta. Invadi o quarto de Petal com o maior cuidado. No interior do aposento, fiquei imóvel e escutei a respiração dela, constante, com um ronco de vez em quando. Dei um puxão na corda e, em seguida, a segurei com firmeza enquanto o tio deslizou até o quarto, onde se juntou a mim com um baque surdo. Ambos ficamos paralisados, até Petal retomar sua respiração tranquila.

Baval, acordado e pronto, nos aguardava no seu quarto. O tio de Fisk deitou-se na cama, puxando as cobertas até o pescoço, e o Conselheiro me acompanhou até a janela dos fundos. Tendo passado a vida inteira vivendo na copa das árvores da selva, Baval não teve dificuldades em subir pela corda. Eu o segui.

Viajar pelos telhados mostrou ser ideal. Após algum tempo, descemos até o chão. Quando avistamos o portão norte, procuramos um lugar para nos esconder. Sem tráfego, eu me preocupei, e quanto mais tempo o portão permaneceu vazio, maior o meu medo.

Enquanto tentei me decidir se deveríamos atravessar, um grupo de homens e mulheres, evidentemente inebriados, aproximou-se. Aos berros, alguns membros do grupo decidiram que queriam sair da Cidadela, o que deu início a uma discussão, que levou a uma briga.

Quando os guardas se envolveram na confusão, Baval e eu passamos pelos portões sem sermos notados. Assim que perdemos de vista o quartel da guarda, saímos correndo. Nosso tempo era limitado.

Alcançamos o chalé de Valek, e torci para estarmos longe o suficiente da Cidadela e dos Deformadores.

Kiki relinchou em sua baía, e eu abri meus pensamentos para ela.

Moça Alfazema a salvo, ela disse com satisfação. *Fantasma aborrecido*.

Conversaremos mais tarde. Não tenho tempo agora.

Empurrei Baval para dentro do chalé. Valek estava sentado no sofá. Sua expressão era de fúria fria.

Ignorei-lhe a raiva. De todas as pessoas, ele é quem melhor deveria saber que a natureza dessa operação levava a circunstâncias imprevisíveis. Contudo, entendi por que o rosto de Baval ficou lívido ao avistar Valek no sofá.

— Você me enganou — ele disse, dando um passo para trás.

— Relaxe, Baval. Se Valek fosse mesmo assassinar o Conselho, você já estaria morto a esta hora. Ele está me ajudando.

Valek fungou.

— Estou? Engraçado eu ter me esquecido disso. Ou será que foi porque alguém se esqueceu *de mim*?

Cada palavra veio mergulhada em sarcasmo.

Mais uma vez, ignorei-lhe a fúria e o coloquei a par do que Baval me contara. Ao considerar as novas informações, seu rosto perdeu um pouco da ira.

— Baval, sente-se. Feche os olhos. Pense na sua filha — ordenei.

Quando ele se acomodou no sofá, eu reuni poder. tocar na fonte provocou uma onda de alívio súbita. Há dois dias que eu não usava magia e voltar a me conectar foi semelhante a estar embalada nos braços apertados da minha mãe.

Projetei minha consciência na direção de Baval. Seus pensamentos amorosos estavam voltados para a filhinha. Ela parecia ter 8 anos de idade. Mechas douradas riscavam o comprido cabelo castanho, e sardas salpicavam suas meigas faces morenas. Uma criança linda, ela gritava de alegria após ser presenteada com um pedaço de doce de seiva.

Através de Baval, alcancei Jenniqilla. No contexto da lembrança, a felicidade da menina com o doce se comparava à alegria de passar tempo com o pai. Forcei passagem através da recordação e tentei achar a menina.

Ela sentia a falta do pai com um desespero que chegava a ser doloroso. Com frio e fome, queria o pai e a mãe mais do que comida e calor. Ela se balançava para frente e para trás, tentando acalmar a criança em seus braços. O choro do menino de 2 anos de idade dera início a uma reação em cadeia entre as crianças no aposento. Uma

mulher andava de um lado para o outro com um bebêzinho de 1 ano de idade, e o homem tentava consolar outra criança de 2 anos.

A luz fraca no interior do aposento de madeira vinha de pequenas frestas por entre as tábuas acinzentadas. A área não continha qualquer mobília, e apenas duas vasilhas de lavagem haviam sido colocados atrás de uma tela rasgada. A julgar pelo cheiro forte e rançoso, já há algum tempo que ninguém esvaziava as vasilhas. Uma camada de sujeira recobria a pele de Jenniqilla, e ela se prometeu que jamais reclamaria novamente com a mãe por ter de tomar banho. Um arrepio de frio lhe subiu pelas pernas, vindo do chão de terra batida.

Jenniqilla, projetei na sua mente. Onde você está?

Ela olhou ao redor, perguntando-se se alguém lhe chamara o nome. Não avistando ninguém, continuou a cantar para Leevi.

Sou sua prima, Yelena. Preciso saber onde você está, para que eu possa ajudá-la e aos outros.

Ela lembrou-se de como a prima em segundo grau fora levada embora, há muito tempo, mas havia retornado.

Se ela fugiu, eu também posso, pensou.

Jenniqilla era nova demais para acessar a fonte de poder, ela não podia se comunicar diretamente comigo, mas pressentia as intenções do meu poder. Ela lembrou-se do seu rapto. De algum modo, perdera a mãe de vista no mercado. Enquanto rodava, procurando sua mãe, um homem usando a túnica folgada do clã Sandseed a agarrou. Antes que pudesse gritar, ele tapou a sua boca e nariz com um pano de cheiro doce.

Jenniqilla acordou dentro de uma caixa e gritou pela mãe. Um homem bateu na madeira e ameaçou matá-la se ela não se calasse. Ela sentiu movimento, e quando a caixa parou e abriu-se, o mesmo Sandseed a arrancou de lá de dentro e a trouxe até um velho celeiro, dilapidado com cheiro de podre. No interior do celeiro, havia outra estrutura. Esta cheirava a serragem e tinha trancas reluzentes na porta.

Quando a empurraram pela porta, ela notou vultos escuros movendo-se nos cantos. Confusa e nervosa, ela chorou. Uma mulher emergiu das sombras e tomou Jenniqilla nos braços. Após

tranquilizá-la, a mulher, Gale Stormdance, explicou para ela por que estavam ali.

Pergunte a Gale onde vocês estão, encorajei Jenniqilla.

Mas Gale não tinha certeza.

— Acho que em algum lugar das terras Bloodgood — ela respondeu.

Seu rosto ficou pensativo, e projetei-me na sua direção, encontrando uma barreira defensiva mágica.

Chocada, ela fitou Jenniqilla, mas hesitantemente abaixou as defesas.

Estou aqui para ajudar, eu disse para Gale, explicando quem eu era e como eu a encontrara.

Graças aos deuses, ela exclamou. *Estive torcendo para um mago da Fortaleza nos encontrar. Por que demoraram tanto?*

Eu a pus a par do que eu sabia e voltei a lhe perguntar sobre o seu paradeiro.

Só consegui um breve vislumbre. Pressenti sua frustração.

Visualize a área ao redor do celeiro para mim.

Colinas cobertas de florestas estendiam-se por trás do celeiro, e uma enorme casa de pedra estava localizada à direita. Algo estranho lhe chamara a atenção à esquerda. O reflexo da luz do sol sobre um lago de cor avermelhada. O formato, contudo, fora mais estranho do que a cor. Sua mente procurou ignorar todo o pânico e medo de estar sendo arrancada do caixote e arrastada para dentro para focalizar a imagem solicitada.

Um diamante, ela exclamou. *O lago tem o formato de um diamante.*

Era um começo. Agradei a ajuda e prometi encontrá-los.

Afastei-me de Gale, de Jenniqilla e voltei para Baval. Um fino filamento enrolou-se ao redor da minha mente quando retornei para Baval. Como se outro poder houvesse me capturado em suas garras parasíticas.

Através dos pensamentos confusos de Baval, retornei ao meu corpo. Valek havia desaparecido, e o cheiro de fumaça queimava minhas narinas. Corri até a janela.

O estábulo estava em chamas.

— KIKI! — GRITEI, correndo.

A imagem do animal aprisionado em sua baia, cercado pelas chamas, ocupou minha visão.

Uma voz gritou meu nome.

Um cavalo negro estava no pasto.

Um Deformador Daviiian alimentava as chamas, fazendo-as arder com maior intensidade, mais calor.

Não importava.

O parasita na minha mente assumira o controle.

Corri direto para o estábulo, mergulhando no fogo.

O calor queimou o meu rosto, chamuscando o interior do meu nariz. Labaredas dançavam alegremente pela minha capa, devorando as fibras com animado descaso. As solas de minhas botas derreteram. A fumaça privou meus pulmões de ar. Minha garganta se fechou.

Adagas quentes de dor perfuraram minha pele. Camadas se queimaram como lençóis de tormento. O som do sangue fervendo chiou nos meus ouvidos.

Prazer seguiu a dor, e as cores de meu mundo foram de um branco incandescente e um amarelo cegante para vermelho sangue e preto carvão.

Admirei meus arredores. Iluminado por uma suave luz acinzentada, o mundo plano estendia-se por quilômetros a fio em todas as direções. Com relutância, olhei para o meu corpo, esperando ver um cadáver queimado, mas surpreendi-me ao não ver estrago algum. Sentia-me flutuar, sem peso, e meus braços e pernas estavam ligeiramente transparentes.

Um fantasma talvez? Será que eu estava no mundo dos sonhos? Sendo assim, onde estariam os outros? Todos os Sandseed que me aguardavam. Talvez houvessem sido uma criação da imaginação do Homem da Lua.

Escutei uma risada suave ao meu lado.

— Você não os vê porque escolheu *não* enxergá-los — a voz disse.

Uma voz que eu temia mais do que qualquer outra coisa. O Deformador do Fogo estava de pé ao meu lado. Ele descartara sua capa de chamas e aparecia como um homem normal. De ombros largos e cabelo escuro e curto, ele era tão alto quanto o Homem da Lua. Sua pele reluzia, como se entalhada em carvão.

Ele ergueu os braços para mim.

— Vá em frente, pode tocar. Não é dura.

Hesitei.

— Você leu meus pensamentos?

Ele voltou a rir.

— Não, li a pergunta nos seus olhos. Apesar do medo, você é curiosa. Uma qualidade admirável.

O Deformador do Fogo acariciou meu braço com as pontas dos dedos. Eu recuei.

— Tanto receio de se queimar. Eu sabia que precisaria de uma fogueira bem grande para atrair a minha morceguinha. Não foi tão ruim assim, foi?

— Foi ruim o bastante.

Preso ali com ele, meu medo transformou-se em resignação.

Minha resposta pareceu agradá-lo. Gesticulando ao redor, ele disse:

— E então, o que acha de meu mundo do fogo? Meio monótono?

— É. Pensei que seria...

Examinei as Planícies lisas, com o chão preto e o céu vermelho.

— Mais quente? Repleto de almas ardentes? Que seria recebida pelo seu antigo atormentador, Reyad, para uma eternidade de estupro e torturas?

— Repleto de almas — concordei.

Atraída para o interior das chamas antes, eu vira outros.

— Isso é porque você estava com o Homem da Lua. Ele foi *escolhido* para ver aquelas almas infelizes. Todas tiveram histórias de vida pitorescas. Você as bloqueia de sua mente. Não está disposta a enxergá-las e não quer que o Homem da Lua as mostre para você.

— Eu as vi no mundo das sombras e o aliviei daquelas imagens dolorosas.

— É mesmo? Elas lhe assombram os sonhos? Está trabalhando com o Homem da Lua para lhes oferecer consolo? — Ele interrompeu-se, e, quando não respondi, prosseguiu: — Claro que não! Você as trancafiou em algum lugar, exatamente como excluiu o Homem da Lua e seu irmão de sua vida. Valek será o próximo.

— Pelo menos, estarão a salvo.

— Ninguém está a salvo.

Cansada do seu jogo de palavras, perguntei-lhe o que ele queria.

A expressão divertida desapareceu de seu rosto no mesmo instante.

— O céu.

Eu o fitei com intensidade.

— Eu governo o mundo do fogo. Agora tenho controle do mundo das sombras, graças aos magos Daviian. E embora o mundo das sombras faça fronteira com o mundo do fogo e o céu, ainda sou incapaz de acessar o céu.

— Por quê?

— Porque, assim que governar o céu, eu poderei retornar ao mundo dos vivos.

Fui tomada de horror.

— O que há no céu?

— A fonte de toda magia.

Eu não entendi bem. Todos os magos tinham acesso à fonte de poder. Será que ele impediria os outros de usá-la?

— Você sabe tão pouco a respeito de magia — ele falou com uma expressão de incredulidade.

Eu o fitei. Seu rosto mudara de liso para coberto de queimaduras. Sua pele enrugava-se, como se estivesse derretendo.

— Para que precisa de mim?

— Você é a única que pode me levar até o céu.

— E por que eu faria isso?

— Porque isso é o que eu farei com a sua família e com os seus amigos.

Ele tocou no meu braço. Uma dor ardente subiu queimando pelo meu ombro e tomou conta de minha cabeça. Meus olhos ficaram quentes e secos. Os outros ocupantes do mundo do fogo ficaram visíveis através de um trêmulo véu de calor.

Almas contorcidas de dor, dançando como labaredas engolfando uma tora de madeira. Retorcendo e contorcendo-se, sua infelicidade irradiava delas em ondas. A potência de suas emoções me atingiu. Recuei até cair nos braços do Deformador do Fogo.

Ele apontou para as almas diferentes.

— Este é o lugar de algumas delas, como as de Hetoo e Makko. Outras foram enviadas pelos Daviian para me alimentar. Meu poder aumentou tanto que posso viajar até o mundo das sombras para roubar mais almas. — Ele me arrastou pelo mar de sofrimento. — Seu irmão seria uma bela adição à minha coleção. A magia dele é forte. Homem da Lua. — Ele saboreou o nome do Tecelão de Histórias. — Ele me traria um poder frio e azulado. Combinados, seu pai e sua mãe me dariam uma boa recarga. Mas permitirei que *todos* vivam se você me ajudar.

— Se eu o ajudar, você será capaz de governar o mundo dos vivos. Como é que isso os salvará?

— Eu mostrarei consideração especial para com eles.

Eu sabia que eles jamais concordariam. No entanto, passar a eternidade no mais completo sofrimento não era uma alternativa atraente.

O Deformador do Fogo me libertou. As almas desapareceram, e a dor vaga retornou.

— Muito melhor, não acha? — ele perguntou.

— É.

— Isso poderia ser a sua eternidade. Não é muito interessante, mas é seguro. Contudo...

Inclinei-me para frente.

— Você poderia viver no céu. É pacífico e cheio de alegria e satisfação.

— Até você chegar lá.

— Só precisarei usar as almas de lá por pouco tempo. Assim que tiver retornado aos vivos, permitirei que você cuide da felicidade delas.

Uma perspectiva atraente, exceto pelo fato de que ele mudara sua história, e eu logo soube que não poderia confiar em nada que ele dissesse ou promettesse. Estar morta não me libertara de minhas responsabilidades. Talvez se eu entrasse no céu, pudesse acessar a fonte de poder e detê-lo.

— O que eu teria de fazer? — indaguei.

— Precisa encontrar uma alma a caminho do céu e segui-la.

— E quanto a você?

— Estarei com você.

Eu o fitei confusa.

— Quando chegar ao céu, poderá explorar todos os aspectos da magia. Mas, para chegar lá, terá de atrair uma alma até você. Sabe como fazer isso. Assim que tiver a alma, entre no fogo. Venha até mim, e juntos, subiremos ao céu — ele explicou.

— Mas eu já estou morta. Por que não posso pegar uma das almas cujo lugar não é aqui?

Ele sacudiu a cabeça.

— Você deve vir de livre e espontânea vontade. Você não está morta. Eu a tirei das chamas antes que pudessem lhe consumir o corpo. Além do mais, aqui é o lugar de todas essas almas. Elas não merecem estar no céu.

Outra contradição. Eu não sabia no que acreditar, e os motivos dele não eram claros, de modo que perguntei:

— Por que quer voltar ao mundo dos vivos?

Seu rosto queimado contorceu-se de raiva. Fogo brotou de seus ombros.

— Ele me enviou aqui para passar uma eternidade de sofrimento. Porém *seu* descendente me libertou, me alimentou com poder, em troca de conhecimento e obediência. Meu Mestre é forte, mas não tão forte assim. Tenho mais poder do que o meu salvador. Agora quero recuperar a vida que me foi roubada.

— Quem o enviou aqui?

— Um traidor Efe chamado Guyan. Agora temos um acordo? Se não tivermos, você permanecerá aqui.

Ele deu de ombros, como se não ligasse muito para a decisão.

O nome de Guyan me era familiar. Era o antepassado de Gede. Quer dizer que o meu Tecelão de Histórias estava mancomunado com o Deformador do Fogo. Talvez Gede também fosse o líder deles, Jal. Teria de me lembrar desse detalhe da próxima vez que tivesse uma lição marcada com Gede. Contive uma risada. Àquela altura, não haveria aulas futuras para mim.

Passei os olhos pela planície lisa, fitando a luz avermelhada. Um vulto acinzentado apareceu no ar. Ele mergulhou e dançou sobre uma figura. Aproximei-me. O vulto era um morcego. Contudo, não havia insetos nem uma fonte de calor para lhe explicar os atos. No entanto, ele cutucava e puxava a figura. Outra tortura à pobre alma?

— O que você vê, Yelena? — O Deformador do Fogo perguntou.
— Seu futuro?

— Talvez.

Desviei o olhar.

— Você voltará?

— Voltarei.

Ele estendeu a mão. Eu a agarrei. Meu mundo derreteu-se em uma explosão de calor e esfriou com a mesma velocidade em um redemoinho de cinzas e fumaça. Eu estava deitada em meio às ruínas do estábulo. Vigas queimadas repousavam em ângulos estranhos, pedaços retorcidos de metal enegrecidos estavam espalhados pelo chão, e o cheiro forte de couro queimado pairava no ar.

Cambaleei para fora da pilha de madeira ainda quente. Buracos queimados salpicavam minhas roupas e fuligem cobria minha pele. Os pelos do meu braço estavam chamuscados. Estendi a mão na

direção da cabeça, detendo-me ao encontrar um restolho meio queimado no lugar do cabelo.

Quando fui lá para fora, procurando Kiki, minhas botas arruinadas amassavam o que restara do estábulo e mergulhavam em poças repletas de cinzas. Meus chamados, físicos e mentais, não obtiveram resposta.

Escutei um barulho bem alto atrás de mim e voltei-me para ver Valek de pé no vão da porta do chalé.

Ri ante sua expressão de absoluta surpresa. Em seguida, minhas pernas bambearam quando me dei conta do que eu realmente perderia quando mantivesse a palavra que dera ao Deformador do Fogo. Meus esforços estavam tão focados em tentar protegê-lo, proteger todo mundo, que eu não pensara no preço que pagaria por mantê-los em segurança. Eu cáí.

Ele estava ao meu lado em questão de instantes. Acariciando meu rosto com um toque suave, ele parecia hesitante.

— Você é de verdade? — perguntou. — Ou alguma piada cruel?

— Sou de verdade. Uma tola de verdade, Valek. Eu jamais deveria ter dito... Nunca deveria ter feito... — Inspirei fundo. — Pode me perdoar, por favor?

— Promete jamais fazer de novo? — ele perguntou.

— Sinto muito, eu não posso.

— Nesse caso, você é de verdade mesmo. Um verdadeiro pé no saco, mas eu sabia disso quando me apaixonei por você.

Ele me puxou para si.

Eu me agarrei a ele, minha orelha espremida de encontro ao seu peito. O bater do seu coração, constante e forte, me consolou. Sua alma, abrigada em suas câmaras, não podia ser alcançada pela minha magia, mas ele a oferecera para mim de bom grado.

— Por que estava tão determinada a me afastar, amor?

— Medo.

— Você já encarou o medo antes. O que aconteceu de diferente?

Boa pergunta. A resposta me horrorizava. Todo esse tempo, eu achei que queria proteger minha família e meus amigos do Deformador do Fogo.

— Estou com medo da magia. — As palavras foram cuspidas de minha boca, atravessando a barreira invisível que eu erguera entre nós. — Se eu colhesse um número suficiente de almas, sei que teria poder vasto o bastante para derrotar *todos* os Deformadores, inclusive o Deformador do Fogo. Isso é tentador. Tentador o suficiente para querer protegê-los *de mim*.

Valek recuou e inclinou-me a cabeça, de modo a poder fitar o meu rosto.

— Mas tudo o que você tem de fazer é pedir. Nós não hesitaríamos em lhe entregar nossas almas para derrotar os Deformadores.

— Não. Tem de haver um outro modo.

— Que seria...

— Quando eu descobrir, será o primeiro a saber. — Antes que ele pudesse fazer qualquer comentário, acrescentei. — Você não me respondeu. Estou perdoada?

Ele suspirou dramaticamente.

— Está perdoada. Agora vamos entrar. Você está fedendo a fumaça.

Valek me ajudou a levantar. Cambaleei nas pernas bambas por um instante.

— Onde está Kiki?

— Assim que você desapareceu no interior do estábulo, ela fugiu e ainda não voltou.

Eu queria encontrá-la e tranquilizá-la, mas meu corpo não dispunha de energia.

Caminhamos até o chalé. A luz intensa do meio-dia ardia no céu. Eu não conseguia mais pensar no céu sem lembrar do meu acordo com o Deformador do Fogo. A inquietação apertava-me o peito.

— Onde está Baval? — perguntei, para me distrair.

— O Deformador Daviian o capturou enquanto eu tentava apagar o fogo. Será que vão matá-lo?

— Não. Por ora, precisarão de todos os Conselheiros para manter a farsa de que o Conselho e os Mestres Feiticeiros continuam no comando.

— Quanto tempo isso durará?

— Não muito.

— Virão aqui atrás de nós?

O Deformador do Fogo conseguira o que queria.

— Não. Mas nós precisamos retomar o controle.

— Nós, amor? Pensei que era capaz de resolver isso sozinha.

Lidar com o Deformador do Fogo era tarefa minha, mas, para o resto, eu precisaria de ajuda.

— Eu estava errada.

Valek aqueceu água e encheu a banheira de ferro trabalhado. Ele retirou o que restou das minhas roupas queimadas. Quando terminei o banho, ele me trouxe uma muda limpa.

— O que é isto?

Ele mostrou o morcego de vidro de Opal.

Eu lhe contei da minha visita à família de Opal.

— Como um colega artesão, o que acha do trabalho?

Valek examinou a estátua, virando-a para lá e para cá.

— É uma reprodução precisa. O colorido bate com uma das espécies menores de morcegos da selva. Ela está pegajosa de magia. Eu a sinto, mas não consigo enxergá-la. Você consegue?

— O seu interior reluz, como se fogo líquido houvesse sido capturado em gelo.

— Algo que eu gostaria de poder ver, eu diria.

Pensando no que o Deformador do Fogo fizera para me mostrar o seu mundo, toquei no ombro de Valek e me abri para ele, permitindo que ele enxergasse o morcego através dos meus olhos.

— Ahhh... Espetacular. Todo mundo consegue ver isso?

— Apenas magos. E o Comandante, eu acho.

— Ótimo. Quanto a *isso*, não resta dúvidas. *Não* sou mago.

— Nesse caso, o que você é? Também não é uma pessoa comum.

Valek fingiu-se de ofendido.

— Ora, vamos — eu disse. — Suas habilidades como lutador têm um quê de mágicas. Seu talento para se mover sem fazer barulho e de se misturar às sombras e às pessoas é, no mínimo, extraordinário. Você consegue se comunicar comigo de grandes distâncias, mas eu não consigo contatá-lo.

— Um antimago?

— Pode ser, mas aposto que Bain poderia encontrar a resposta em um de seus livros.

Contei para Valek do túnel e sobre as famílias dos Conselheiros, descrevendo o lago para ele.

Ele pensou.

— Parece ser o Lago dos Diamantes, nas terras do clã Jewelrose. Fica perto da fronteira Bloodgood. Os Jewelrose escavaram uma série de lagos que lembram os formatos de joias, e a água reflete as cores.

— Por que vermelho?

— Porque o clã Jewelrose é famoso por lapidar rubis no formato de diamantes. O próprio Comandante tem um rubi de seis quilates em um anel, mas ele deixou de usá-lo após a tomada de poder. Pergunto-me se...

Mais uma vez, o olhar de Valek ficou distante.

— O quê?

Ele olhou para mim como se tentando decidir se me contava algo importante.

— Você mostrou o seu morcego para o Comandante?

— Mostrei.

— E?

Hesitei. Prometera ao Comandante manter em segredo o que ele chamava de "sua mutação". Será que estaria traindo tal confiança ao contar para Valek?

— Eu sei sobre o Comandante, meu amor. Como pode achar que eu passei os últimos vinte e um anos com ele *sem* saber?

— Eu...

— Afinal de contas... — Valek fez uma cara assustadora. — Eu sou o antimago!

Eu ri.

— Por que você não me contou?

— Pelo mesmo motivo que você não me contou.

Ele embrulhou o meu morcego e o colocou de volta na minha mochila.

— O Comandante enxergou o brilho. Acho que o seu corpo contém duas almas, mas não faço ideia de como nem por que isso é

mágico. E se ele é capaz de magia, por que não entrou em combustão após a puberdade?

— Duas? A mãe de Ambrose morreu durante o parto, e houve certa confusão. A parteira insistiu que nascera um menino, contudo, mais tarde, era uma menina que o pai segurava. Eles procuraram evidências de uma segunda criança, mas nada encontraram. Atribuíram a coisa toda à parteira estar abalada por ter perdido a paciente. Ambrose costumava culpar esse gêmeo invisível sempre que se metia em apuros, o que, de acordo com as suas histórias, ocorria com certa frequência. Sua família aceitou quando ele começou a usar roupas masculinas e a se chamar Ambrose. Parecia insignificante quando comparado a algumas de suas outras travessuras.

— A mãe dele era feiticeira?

— Parece que ela curava as pessoas, mas não sei se curava com magia ou com medicamentos mais mundanos.

Valek esvaziou a banheira enquanto eu tentava fazer alguma coisa com o meu cabelo arruinado. Algumas partes dele continuavam compridas, enquanto outras não passavam de restolho queimado.

— Permita-me, amor. — Valek tirou a escova de minhas mãos. Ele revirou a região do banheiro até encontrar a sua navalha. — Lamento, mas nada mais vai funcionar.

— Como é que se tornou tão bom com cabelos?

— Passei uma estação inteira trabalhando disfarçado como o cabeleireiro pessoal da rainha Jewel. Ela tinha um lindo cabelo encorpado.

— Espere, eu pensei que todos os serviçais da rainha tinham de ser mulheres.

— Ainda bem que ninguém pensou em olhar debaixo da minha saia.

Valek sorriu com uma alegria travessa ao cortar o meu cabelo. Enormes tufoflutuaram até o chão. Eu os fitei melancolicamente, tentando me convencer de que perder o meu cabelo não importava. Ainda mais quando eu considerava que não precisaria dele no mundo do fogo.

Após terminar, Valek disse:

— Isso ajudará com o seu disfarce.

— Meu disfarce?

— Todo mundo está à sua procura. Disfarçada de homem, você será muito mais difícil de encontrar. Mas... — Ele estudou o meu rosto. — Eu usaria um pouquinho de maquiagem. Sendo homem, não chamará muita atenção, a não ser que notem que você não tem sobrancelhas.

Levei os dedos à saliência acima dos olhos, sentindo a pele lisa. Perguntei-me se elas voltariam a crescer. Mais uma vez, desconsiderei a noção. No fim das contas, não faria diferença.

— O que devemos fazer primeiro? Tentar encontrar o túnel até a Fortaleza, se é que ele existe, ou ir resgatar as famílias dos Conselheiros? — perguntei.

— Devemos... — Valek cheirou o ar, como se houvesse captado um odor perigoso. — Alguém está vindo.

ELE FEZ sinal para que eu aguardasse e saiu sem fazer ruído. Peguei meu canivete e esgueirei-me pela sala de estar. Um burburinho de vozes veio da cozinha. A porta se abriu assim que eu a alcancei. Apontei minha faca para a enorme figura no vão da porta.

— O que houve com o seu cabelo? — Ari quis saber. — Você está bem?

Janco veio logo atrás dele.

— Olha só o que acontece quando você foge e nos deixa para trás!

— Eu não chamaria ser capturada e trazida até Sitia dentro de um caixote de fugir — retruquei.

Janco girou a cabeça de um lado para o outro.

— Ha!, você está parecendo um dos cactos do DM-4. Se a enterrássemos até o pescoço, poderíamos...

— Janco — Ari rosnou.

— Se os cavalheiros já terminaram, eu gostaria de saber por que desobedeceram as minhas ordens — Valek disse.

Janco exibiu um de seus sorrisos predatórios, como se houvesse antecipado a pergunta e já houvesse elaborado uma resposta.

— Nós *não* desobedecemos as suas ordens. Você falou para ficarmos de olho no irmão de Yelena, no grandalhão assustador e nos outros. E foi o que fizemos.

Valek cruzou os braços e aguardou.

— Mas não disse o que deveríamos fazer se viessem para Sitia — Ari explicou.

— Como eles conseguiram escapar do castelo e atravessar a fronteira?

A expressão do rosto de Valek deixava evidente sua extrema irritação.

Um brilho alegre iluminou os olhos de Janco.

— É uma boa pergunta. Ari, conte para o nosso líder diligente como os sitianos escaparam.

Ari lançou um olhar fulminante para o parceiro, o que em nada contribuiu para estragar o bom humor de Janco.

— Eles tiveram ajuda — Ari informou.

Mais uma vez, Valek nada disse.

Ari começou a se contorcer, e eu cobri a boca para conter o riso. O homem enorme parecia um menino de 10 anos de idade que sabia que estava prestes a se meter em apuros.

— Nós os ajudamos.

— *Nós?* — Janco perguntou.

— Eu ajudei — Ari corrigiu-se em um tom de voz contrariado. — Satisfeito agora?

— Estou. — Janco esfregou as mãos uma na outra. — Isso vai ser ótimo. Continue, Ari. Conte-lhes o porquê... Embora eu ache que eles o tenham enfeitado.

Ele agitou os dedos no ar.

— Não usaram de magia. Usaram de lógica e de bom senso.

Valek ergueu uma das sobrancelhas.

— Há coisas estranhas acontecendo por aqui — Ari disse. — Se nós não as consertarmos, elas se espalharão como uma doença e matarão todos.

— Quem lhe disse isso? — perguntei.

— O Homem da Lua.

— Onde eles estão agora? — Valek indagou.

— Acampados a cerca de um quilômetro e meio daqui — Ari respondeu.

O ruído dos cavalos nos alcançou antes que Valek pudesse fazer qualquer comentário. Através da janela, eu vi Kiki, seguida de Topaz, Garnet e Rusalka.

— Como foi que eles nos encontraram?

A voz de Valek parecia repleta de adagas de gelo.

Janco parecia surpreso.

— Eles não sabiam aonde estávamos indo. Eu mandei que esperassem por nós.

— Não é frustrante quando ninguém obedece as suas ordens? — Valek perguntou.

Deixamos o chalé. Tauno estava montando Kiki, que veio direto para mim. Ela bateu com o focinho no meu peito. Abri meus pensamentos para ela.

Não entre no fogo de novo, ela disse.

Não respondi. Em vez disso, acariciei-a atrás da orelha, e Tauno desmontou. Ele me cumprimentou com um olhar frio e juntou-se aos outros. Leif, o Homem da Lua e Marrok permaneceram perto de seus cavalos enquanto conversavam com Ari e Janco.

A julgar pelas caretas de Leif e pelo desprezo de Tauno, eu soube que ainda estavam zangados comigo. Não que eu pudesse culpá-los. Eu agira mal. O rosto de Marrok estava cheio de vivacidade, e eu torci para que o Homem da Lua houvesse sido capaz de tecer a sua mente novamente em um todo coerente.

Todo mundo entrou no chalé, mas eu fiquei para trás, cuidando dos cavalos o melhor que podia, com escovas queimadas e feno chamuscado. Parte da cerca do pasto pegara fogo e ruíra. Eu olhei para o buraco, sabendo que os cavalos de boa raça dos Sandseed não precisavam da cerca e que Onyx e Topaz ficariam com eles. Contudo, tentei consertar a seção quebrada. Continuei trabalhando quando o sol se pôs e o ar noturno ficou gelado. Continuei a trabalhar mesmo quando os cavalos decidiram que estava frio demais e deixaram o pasto para se abrigar sob a copa de algumas árvores ali por perto.

Valek chegou. Eu batia em um poste com uma pedra pesada. Ele interrompeu meu movimento e tirou a pedra de minha mão.

— Venha para dentro, amor. Temos planos a discutir.

Arrastei os pés com relutância ao atravessar a lama grossa e grudenta.

A conversa na sala de estar morreu no instante em que eu entrei. O Homem da Lua me fitou com tristeza no olhar, e me perguntei se ele sabia de meu acordo com o Deformador do Fogo ou se estava desapontado com os meus atos.

A lareira fora acesa. Sentei-me ao lado dela, aquecendo meus dedos congelados e sangrando, sem ter mais medo do fogo. As almas aprisionadas em seu interior se retorceram. Sua dor e presença eram evidentes, e eu me perguntei como fora capaz de ignorá-las antes.

Desviei o olhar. Todos me fitavam. Ari e Janco haviam ficado de pé, os corpos tensos, como se prontos para entrar em ação.

— Por acaso, passei no seu teste? — indaguei. — Ao não mergulhar nas chamas?

— Não é isso — Janco disse. — Você tem um morcego bem feio preso ao braço.

Como dito, um morcego do tamanho de uma mão me espiava da parte superior do braço esquerdo. Seus olhos reluziam com inteligência, suas garras fincadas na minha manga. Ofereci-lhe um poleiro, e ele transferiu seu peso para a ponta da minha mão direita. Levando-o lá para fora, meus esforços para libertá-lo falharam. Ele não queria ir embora. Acomodando-se sobre meu ombro, deu a impressão de estar satisfeito, de modo que eu voltei para dentro.

Ninguém comentou sobre meu novo amigo. Na verdade, Leif fitou o morcego com uma expressão pensativa.

Os outros aguardaram. Um instante se passou antes que eu me desse conta de que estavam aguardando que eu comesse. A tomar decisões. A colocar em ação os planos. Mesmo após deixá-los para trás, como prisioneiros do Comandante, eles ainda contavam comigo. E, dessa vez, em vez de fugir e afastá-los, aceitei a responsabilidade. Aceitei o fato de que eles poderiam se ferir ou ser mortos e entendi que minha vida seria dada em troca de impedir o retorno do Deformador de Fogo.

— Leif — eu disse.

Ele sobressaltou-se, como se houvesse sido mordido.

— Quero que você e o Homem da Lua entrem na biblioteca de Council Hall e descubram tudo o que puderem a respeito do túnel que leva à Fortaleza. — Expliquei o comentário de Bain. — O Homem da Lua poderá se disfarçar como um Verme, e, com um pouco de sorte, vocês não serão capturados. De agora em diante, nada de usar magia. Apenas chamará atenção para vocês.

O Homem da Lua e Leif assentiram.

— Marrok?

— Sim, senhor.

— Está em condições de lutar?

— Em condições e mais do que disposto, senhor.

Interrompi-me, tentando conter a emoção que me subia pela garganta. A julgar por suas expressões determinadas, notei que todos estavam dispostos. Pelo menos, o sorriso presunçoso de Valek foi melhor do que escutar: "*Eu não falei?*".

— Ótimo. Marrok e Tauno virão comigo e com Valek. Seguiremos para o sul para resgatar os reféns.

Ari pigarreou, como se quisesse protestar.

— Não me esqueci de vocês dois. Preciso que se infiltrem na Cidadela e ajudem a organizar a resistência.

— Resistência? — Valek perguntou. — Isso é novidade para mim.

— Coloquei a ideia na cabeça de um comerciante e acho que, se Ari e Janco se disfarçassem de mercadores, poderiam se movimentar pela Cidadela. Ari terá de escurecer o cabelo. Ah, e encontrem um menino chamado Fisk. Digam que são meus amigos, e ele os ajudará a fazer contatos.

— E quando e onde, oh, toda-poderosa Yelena, nós resistiremos? — Janco perguntou.

— Nos portões da Fortaleza. Quanto a quando, não sei, mas algo acontecerá, e vocês saberão.

Janco e Ari trocaram olhares.

— Tem de se admirar a confiança — Janco disse.

— E quando começamos, amor?

— Todo mundo trate de aproveitar uma boa noite de sono, e começaremos os preparativos amanhã de manhã. Partiremos cedo.

Tem disfarces suficientes para quatro de nós ou precisamos arrumar suprimentos? Dinheiro?

Valek sorriu.

— Quer dizer assaltar alguns varais de roupa? Roubar algumas bolsas? Não. Meus refúgios sempre estão muito bem estocados com tudo quanto é tipo de artigo.

Leif foi o único que pareceu ter ficado alarmado com o comentário.

O som de inúmeras conversas apoderou-se do aposento. Planos foram feitos e ações determinadas. O desagrado de Tauno por ser separado do Homem da Lua tornou-se evidente. Ele me perguntou por que eu o queria. Expliquei que precisava de um bom batedor.

— E quanto a Marrok? — ele perguntou.

— Precisamos dele para o caso de terem mudado os reféns de lugar. Ele poderá rastreá-los até a nova localização.

Além disso, eu queria conversar com Marrok e descobrir por que ele acusara a mim e a Leif de ajudar Ferde a escapar.

Na manhã seguinte, meu grupo selou os cavalos. Como não pretendíamos cruzar as planícies Avibian, Valek montou Onyx, Tauno subiu em Garnet, e Marrok cavalgou Topaz. Valek usara os seus talentos para nos transformar em membros do clã Krystal. Usamos as claras túnicas acinzentadas e as perneiras de algodão preferidas pelo clã, que combinavam com as capas curtas com capuz e as botas pretas que iam até a altura dos joelhos.

Antes de partirmos, Leif me passou um punhado de suas ervas.

— Já que você não pode usar magia, pode precisar delas. Há instruções de como usar cada uma delas dentro do pacote.

— Leif, eu...

— Eu sei. Para falar a verdade, eu não gostei da pessoa desconfiada e dura que você se tornou em Ixia. O fogo trouxe de volta a minha irmã de verdade. Sendo assim, tenha cuidado, visto que eu gostaria de mantê-la por perto por um bom tempo.

— Trate de se cuidar também. Não seja pego. Não gostaria de ter de contar para mamãe a respeito. Ela não iria gostar nem um pouco.

Leif olhou para Ari e Janco. Estavam discutindo sobre quem conduziria a carroça e quem serviria de vigia.

— Eles sempre brigam?

Eu ri.

— Faz parte do charme deles.

Leif suspirou.

— Fico surpreso que tenhamos chegado a Sitia sem ser descobertos. — Ele interrompeu-se e pareceu pensativo. — Na verdade, acho que vou sentir falta deles.

— Eu sempre sinto.

Sabendo que o chalé não era mais seguro, combinamos uma hora e um lugar para todos se encontrarem. Despedi-me de Leif e dos outros, e seguimos para o oeste, torcendo para alcançar a fronteira do clã Krystal até o cair da noite. Seguiríamos a fronteira na direção sul até chegarmos às terras dos Stormdance. Em seguida, atravessaríamos a propriedade dos Stormdance e dos Bloodgood, antes de alcançar a fronteira com a dos Jewelrose.

Se fôssemos detidos na estrada, combinamos uma história para contar. Estávamos entregando amostras de quartzo para o clã Jewelrose. O clã de Irys lapidava e polia tudo quanto era tipo de pedra preciosa. Era responsável por desenhar e confeccionar quase todas as joias em Sitia.

Disfarçada de homem, usei o nome de Ellion e pedi que todos me chamassem por esse nome.

O dia ficou quente sob o sol brilhante, e imprimimos um ritmo acelerado ao nosso avanço. Valek estava torcendo para que o clima mais temperado atraísse as pessoas para as estradas.

— Por quê? — Tauno perguntou.

— Para que sejamos alguns em meio de muitos, em vez de os únicos — Valek explicou.

Eles cavalgavam juntos e conversavam sobre qual seria a melhor maneira de encontrar o celeiro no qual estavam presos os membros das famílias dos Conselheiros.

Kiki permaneceu ao lado de Topaz. Ela sentira falta de sua companhia, e eu me perguntava se Cahil não lamentava a perda de seu cavalo. Estavam juntos desde que Cahil era pequeno. Meus

olhos repousaram em Garnet. Arrepiei-me só de pensara em enfrentar a ira do Cavaliço. Garnet já estava conosco há tanto tempo, e eu perdera o mel Avibian que comprara para apaziguar o Cavaliço. Ele iria me fazer limpar o equipamento e esfregar baias durante semanas. Deixei escapar uma risada baixinha. Eu encontrara um aspecto positivo em passar a eternidade com o Deformador do Fogo: nada de tarefas árduas.

E nada de morcego. Meu novo amiguinho se dependurava na borda do meu capuz. Seu peso repousava confortavelmente na parte inferior das minhas costas. Ele parecia não ter problemas em dormir durante as horas do dia comigo.

Marrok passou o dia todo calado, mas eu queria saber o que acontecera com ele na Cidadela.

— Cahil me enganou — ele disse, quando perguntei. — Acreditei em suas mentiras quando ele disse que estava com Ferde apenas para descobrir a extensão das mentiras dos Daviian. Aplaudi seu plano de atrair Ferde de volta para a Cidadela. Compadeci-me com sua interferência inoportuna. Ele me convenceu a confessar e a apontar você e Leif como comparsas. Isso o ajudaria a convencer o Conselho a atacar Ixia. Ele prometeu... — Marrok interrompeu-se, esfregando a face direita com a mão. — Depois que confessei, ele virou-se contra mim. Um erro pelo qual paguei... — Ele estremeceu. — Pelo qual ainda estou pagando.

— Traições são brutais — concordei.

Marrok me fitou com surpresa.

— Não acha que nos deixar em Ixia foi uma traição?

— Não. Não foi minha intenção. Eu queria protegê-los e fui sincera com vocês o tempo todo. Apenas não fui sincera comigo mesma. Um erro.

— Pelo qual ainda está pagando?

Marrok sorriu. O gesto alisou as rugas de preocupação e do tempo de seu rosto maltratado, eliminando anos de sua idade.

— É. O problema com erros é que suas consequências demoram a ir embora. Contudo, assim que tivermos terminado com os Vermes e com Cahil, terei pago por todos os meus erros. Com juros.

Marrok lançou-me um olhar inquisitivo, mas eu não quis elaborar. Em vez disso, perguntei:

— Lembra-se do seu resgate da Cidadela?

Ele sorriu tristemente.

— Lamento, não. Na ocasião, não estava em condições de pensar. O Homem da Lua é um milagre. Eu lhe devo a vida. — Ele olhou ao redor e, em seguida, abaixou o tom de voz. — Estando aqui, sem ele, eu me sinto... frágil. E isso é difícil para um velho soldado admitir.

Cavalgamos o resto do caminho em silêncio. Por volta da meia-noite, montamos acampamento. Engraçado como cuidamos automaticamente de nossas tarefas, sem discutir. Tauno foi caçar coelhos, e eu cuidei dos cavalos. Valek foi catar lenha, e Marrok preparou a refeição.

— Estou acostumado às rações dos soldados na estrada, de modo que não esperem que tenha o mesmo gosto da comida de Leif — Marrok disse, ao nos apresentar sua versão do cozido de coelho.

O cozido estava meio sem gosto, mas encheu a nossa barriga. Após o jantar, estendemos as nossas esteiras de dormir e combinamos uma rotação de vigias. Querendo ficar perto de Valek, dividi meu cobertor com ele. Eu o abracei com força.

— Qual é o problema, meu amor? — ele sussurrou no meu ouvido. — É raro você ficar tão quieta.

— Estou apenas preocupada com as famílias dos Conselheiros.

— Acho que estamos fazendo tudo o que podemos. Com minhas poções para dormir para os guardas, o seu Curare para os Deformadores e o elemento surpresa, nós os resgataremos rapidinho.

— Mas e se um dos prisioneiros estiver doente? Ou morrendo? Se eu usar a minha magia, corro o risco de deixar os Vermes saberem onde estou e o que estive fazendo.

— Nesse caso, terá de decidir o que é mais importante. A vida de uma pessoa ou a sua missão pelo futuro de Sitia. Não adianta se preocupar. Em vez disso, use a sua energia para decidir como reagirá a cada contingência que puder imaginar. É mais prudente preparar-se para todas as possibilidades do que se preocupar.

Ele tinha razão. Após algum tempo, adormeci.

Sombras assombraram meus sonhos. Elas vagavam pelo mundo das sombras, perdidas e com medo. Sempre que o calor brilhante aparecia, elas se escondiam e aguardavam até que o caçador ardente fosse embora. Cada vez, o caçador capturava mais delas com sua rede de fogo. Não entendiam por que ele vinha e nada sabiam a respeito da ponte até o céu. Agarravam-se a este mundo, desejando vingança e justiça. As sombras precisavam de um guia para convencê-las a se soltar e para lhes mostrar o caminho.

— Ellion... Ellion... Yelena! Acorde.

Empurrei o braço para longe, querendo virar para o lado.

— Cansada — murmurei.

— É, *todos* nós estamos. Mas é a sua vez — Valek disse.

Pisquei. Minhas pálpebras se recusavam a permanecer abertas.

— Há uma panela de chá no fogo. — Quando eu não me mexi, Valek empurrou-me de cima da esteira e enroscou-se no meu lugar sob as cobertas. — Ahhh. Ainda está quentinho.

— Você é cruel — eu disse, mas ele fingiu dormir.

Passamos os últimos quatro dias na estrada, cavalgando cada minuto que podíamos para transformar uma jornada de sete dias em uma de cinco. E como Tauno partira antes do jantar para fazer o reconhecimento da área à frente, tínhamos um guarda a menos para vigiar o acampamento.

Meu morcego rondava acima do calor da fogueira. Ele ficava comigo durante o dia e caçava comida à noite. Eu ansiava por poder voar com ele, planando bem acima do chão.

Tauno retornou, na manhã seguinte, para informar que não viu sinais de atividade ao longo do nosso caminho até a fronteira Jewelrose.

— Há um ótimo local para acampar três quilômetros ao sul da fronteira — ele disse. — Eu os encontrarei lá.

O Sandseed foi embora.

Não pude deixar de me perguntar o que o estaria mantendo acordado. Ao contrário de Tauno, eu dormira algumas horas na noite anterior. Talvez eu não devesse me queixar mais.

Levantamos acampamento e seguimos a trilha de Tauno. Outro dia monótono, e encontramos o local do acampamento sem mais problemas. Tauno reapareceu com o jantar pendurado no cinto.

— Descobri a localização do celeiro — disse, enquanto estripava os coelhos. — Fica a cerca de seis quilômetros daqui, em uma pequena clareira.

Valek pediu mais detalhes.

— Teremos de atacar no escuro — disse. — Seguiremos para lá após a meia-noite, deixaremos os cavalos nas árvores e atacaremos.

Tauno concordou. Ele cortou a carne em cubos e a jogou na panela.

— Neste caso, vou dormir.

Enquanto Marrok mexia o cozido, Valek preparou as zarabatanas, e eu selei os cavalos. Garnet suspirou quando apertei os seus arreios.

— Não fica muito longe — eu disse em voz alta. — Quando chegarmos, poderá descansar.

Juntei-me a Valek e a Marrok ao redor da fogueira. Estavam comendo o seu cozido e encheram uma vasilha para mim. O caldo estava com um gosto melhor, ligeiramente condimentado.

— Isso está bom — eu disse para Marrok. — Acho que você está começando a pegar o jeito da coisa. O que colocou?

— Um ingrediente novo. Não consegue dizer o que é?

Quando provei outra colherada, rolei o líquido pela boca antes de engolir. O gosto me lembrou da receita favorita de biscoitos de Rand.

— Gengibre?

Valek largou o cozido. Ele levantou-se bruscamente, mas cambaleou. Havia uma expressão de terror no seu rosto.

— Raiz amanteigada!

— Veneno?

— Não. — Ele caiu de joelhos. — Poção para dormir.

VALEK DESABOU no chão. Contudo, antes de seus olhos se fecharem, ele piscou para mim. Olhei ao redor. Marrok curvado sobre sua vasilha, dando a impressão de estar dormindo. Uma fadiga irresistível parecia se espalhar pelo meu corpo, mas eu permanecia acordada. Talvez não houvesse engolido raiz amanteigada o suficiente.

Não querendo ser flagrada “consciente”, peguei meu canivete e escondi a arma na palma da mão, com o polegar descansando no botão que acionava a lâmina. O cozido derramou-se no meu colo e no chão, encharcando minha calça. Ótimo.

Fingi dormir. Meus músculos enrijeceram-se, e o frio apossou-se de meu corpo. Tentando não estremecer, esforcei-me para escutar qualquer ruído que pudesse me dar uma pista do que estava acontecendo.

Os cavalos relincharam alarmados, e pela primeira vez em dias, abri minha mente para Kiki, torcendo para que o uso sutil da minha magia não alertasse ninguém.

Cheio ruim, ela disse. Homem calado amarrou rédeas.

Homem calado?

Ela bufou e me mostrou uma imagem de Tauno.

Por que ele haveria de fazer isso?

Pergunte a Garnet.

Aonde você foi hoje, Garnet?

Ver pessoas. Cheiro de medo.

Interrompi a conexão quando vozes se aproximaram.

— Tão fácil! Toda essa conversa sobre a Descobridora de Almas e o Guerreiro Fantasma e olhe só para eles! Dormindo como bebês — disse uma voz masculina.

— Confiança é uma aliada poderosa. Não é, Tauno? — uma voz feminina perguntou.

Ela tinha o mesmo sotaque do Sandseed.

Será que Tauno estava mancomunado com eles? Ou eles o capturaram hoje e o forçaram a ajudá-los?

— É. E a confiança é cega. Ninguém suspeitou de mim, mesmo após a emboscada nas Planícies. — Ele riu. — Confiança é para os tolos. Nem mesmo os anciões Sandseed faziam ideia. Minha capacidade de encontrar os acampamentos dos Daviian os surpreendia.

Eles riram, divertindo-se. Meu sangue ferveu de raiva. Tauno poderia *confiar* em mim para fazê-lo arrepender-se de seus atos.

Enquanto decidiam o que fazer, eu contei quatro vozes distintas. Dois homens, uma mulher e o traidor, Tauno. Planejavam usar Marrok para apaziguar o Conselho e me levar até o líder deles, Jal.

— Mate o Guerreiro Fantasma — um dos vermes ordenou. — Corte-lhe a garganta e colha o sangue dele. Será uma vingança justa por Alea e o irmão dela.

Eu aguardei. Braços envolveram o meu peito e outros seguraram os meus tornozelos. Eles me levantaram do chão.

— Agora! — Valek gritou.

Acionei o canivete e puxei os joelhos de encontro ao peito, puxando para minha faca o surpreso Verme que segurava meus pés. Sangue quente cobriu minha mão. Arranquei a lâmina de sua barriga antes que o outro Verme me soltasse no chão. Fiquei de pé no mesmo instante em que ele puxou a cimitarra.

Canivete contra cimitarra. Eu estava em desvantagem. E usara o Curare em minha arma contra o primeiro homem. Não seria uma luta muito demorada. Olhei para Valek. Ele enfrentava Tauno e a mulher. Sua espada contra as lanças deles. As chances de Valek

eram melhores do que as minhas. Torcia para aguentar tempo suficiente para ele me ajudar.

— Largue a arma — o Verme ordenou.

Quando não obedeci, o homem avançou, e eu me esquivei para o lado. Ele arremeteu. Eu recuei. Ele girou a arma na direção do meu pescoço. Eu me agachei. Ele me golpeava, e eu dançava.

Sem fôlego devido ao esforço, o Verme disse:

— Se você se render, nada de mal lhe acontecerá.

Após outro ataque, dei-me conta do que ele estava fazendo.

— Você está proibido de me matar — eu disse. — Jal me quer viva, para que possa me entregar ao seu bichinho de estimação, o Deformador do Fogo!

Minha presunção o enfureceu. Ele aumentou o ritmo de seus golpes. Péssima decisão.

— Ainda posso feri-la. Sangrá-la. Torturá-la.

Sua lâmina cortou minha capa. Recuei quando o sangue começou a escorrer pelo rasgo ao longo do meu braço. Sem dúvida nenhuma, uma péssima decisão. Ele avançou, eu recuei. Sua cimitarra encontrou mais áreas expostas, e, logo, meus braços e pernas estavam repletos de cortes que sangravam. Senti-me zozza, e meus pés começaram a se mover com uma lentidão incomum. Minha energia estava se esgotando a uma velocidade alarmante.

Meu morcego apareceu. Ele voou na direção do Verme, mergulhando e puxando o seu cabelo. O Verme agitou os braços, oferecendo-me uma abertura, mas meu canivete parecia tão pesado e meu corpo regia devagar demais. O Verme devia ser um Deformador poderoso. Sem eu notar, ele enfraquecera minhas defesas mentais.

O Deformador olhou para o morcego, e a pobre criatura estatelou-se no chão.

— É tudo o que tem? — ele perguntou. — E quanto à sua poderosa magia da alma? Acho que o Deformador do Fogo ficará desapontado. — Ele deu de ombros. — Ordens são ordens.

Ele girou a arma. Meus braços se moveram, mas não pude bloquear o punho de sua cimitarra, impedindo que ele me atingisse a têmpora.

Minha visão escureceu, e desabei no chão. O mundo girou. Eu rolei para longe do Deformador. Quando alcancei os cascos de Kiki, permiti que a escuridão me levasse.

Uma marreta martelou na lateral da minha cabeça. Acorde, ela martelava. Abra os olhos. Mais marteladas. Eu me recusei. Na vez seguinte, um latejar insistente interferiu com o meu ouvido. Vamos, ele pulsou. Abra os olhos. Por favor.

Acordei, sentindo-me como uma tábua para cortar carne. Meus braços e pernas ardiam de dor, e minha cabeça doía. Valek estava curvado sobre mim, despejando água nos meus cortes, inflamando-os.

— Ai! Pare com isso — eu disse.

— Até que enfim — ele retrucou. Mas não parou. Esfregou de leve as feridas, limpando-as, depois recostou-se sobre os calcanhares. — Isso terá que servir por ora. Venha. Precisamos ir.

Quando eu não me mexi, ele me colocou sentada. Senti uma onda de náusea.

— Tome. — Ele colocou algumas folhas vermelhas na minha mão. — Eu as encontrei no seu alforge. A anotação dizia para mastigá-las em caso de dor na cabeça.

Mastiguei uma delas. Meu estômago acalmou-se, mas a visão continuava embaçada. Tentei fitar a escuridão, presumindo que a bolha branca no céu significasse que a lua já estava lá. Será que eu dormira o dia todo? Enfim me dei conta das palavras de Valek.

— Ir aonde? — indaguei.

Valek me colocou de pé com um puxão.

— Precisamos encontrar o celeiro.

Meus pensamentos ainda fluíam como se embebidos em seiva.

— Celeiro?

Valek entornou o restante da água do canil na minha cabeça. Fiquei toda arrepiada quando a brisa fria atingiu meu crânio molhado.

— Quando os Vermes não voltarem conosco, os outros saberão que algo aconteceu e matarão os reféns ou os transportarão para outro local. — Valek enfatizou cada palavra, como se estivesse

falando com uma tola. — Tome — ele disse, passando-me uma muda de roupas. — Apresse-se.

Eu me troquei. A carnificina ao meu redor me nauseou, e coloquei na boca outra folha vermelha. Valek matara a mulher e Tauno. O traidor! Marrok permanecia no mesmo lugar onde adormecera. E o Deformador estava estendido ao seu lado. Sua cabeça parecia deformada, como se houvesse sido escoiceada por um cavalo.

Kiki?, perguntei.

Homem mau. Ninguém machuca Moça Alfazema.

Obrigada.

Balas de hortelã?

Quando tivermos terminado aqui. E maçãs também!

Vesti minha blusa vermelho-coral com a saia-calça do conjunto. O luar se refletia nas minhas roupas. Não havia chance de eu me confundir com a paisagem. Valek vestiu as roupas do Deformador e aplicou maquiagem para ficar com o mesmo tom de pele que o homem. Um arrepio de medo percorreu minha espinha, quando me dei conta do que ele havia planejado. Pelo menos, eu não ia servir de isca para uma cobra-colar. Dessa vez.

Desamarramos os outros cavalos. O cheiro de sangue os deixou agitados, e, apesar de cansados, eles ficaram contentes em ir embora. Valek e eu montamos Kiki e Onyx, enquanto conduzíamos os outros. Viajamos os seis quilômetros que nos separavam do celeiro em silêncio. Aproximando-nos dos limites da mata com cuidado, esforcei-me para avistar qualquer sinal do esconderijo dos Vermes. Havia um estranho brilho avermelhado sobre o Lago dos Diamantes. A pequena estrutura parecia deserta, contudo, após um instante, as figuras vigiando a porta tornaram-se visíveis.

— Qual cavalo? — perguntei.

— Onyx. Kiki é por demais conhecida.

Desmontei e ordenei aos cavalos que permanecessem no bosque até que eu os chamasse.

— Tire a capa — Valek ordenou. — Deite-se na minha frente.

Ele tirou o pé de um dos estribos.

Eu me alcei para cima e deitei sobre a sela. Ele me passou o meu canivete. A arma fora limpa e a lâmina retraída.

— Foi tratado com Curare.

Valek agarrou as rédeas com a mão esquerda e segurou a cimitarra com a direita.

— Finja estar inconsciente — ordenou, colocando Onyx em movimento.

Adentramos campo aberto, torcendo para dar a impressão de que o Deformador estava retornando com o seu prêmio.

Fingindo ser um peso morto, eu balançava sobre a sela de Onyx. O movimento me deixou enjoada. Uma exclamação de alegria ecoou pelo ar quando nos aproximamos. Eu me preparei para o sinal de Valek.

— Onde estão os outros? — uma voz masculina perguntou.

— A caminho — Valek respondeu em tom áspero.

— Finalmente! Nós a temos! — outro homem disse, puxando a minha perna. — Ajude-me.

Valek desmontou pelo outro lado, mantendo Onyx entre ele e o Verme.

Outra pessoa se juntou ao esforço de me descer do cavalo.

— Nós a manteremos adormecida até que alcance Jal. Pegue a carroça, você partirá esta noite mesmo — o homem ordenou, tomando-me nos braços.

— Onde está Jal? — Valek perguntou.

O homem ficou imóvel, e eu arrisquei uma espiadela. A ponta da cimitarra de Valek estava encostada no pescoço do Verme. Embora armado com sua própria cimitarra e uma lança presa às costas, as mãos do Verme me seguravam.

— Na Fortaleza dos Magos. Vá adiante e encontre Jal. Apenas certifique-se de *levá-la* consigo.

O homem me atirou na direção de Valek e gritou pedindo ajuda.

De tão perto, nem mesmo Valek foi capaz de se esquivar. Eu o atingi no peito. Rolamos pelo chão, mas eu continuei dando cambalhotas até estar longe do corpo dele. Erguendo-me, virei a tempo de ver Valek rolando para não ser feito em pedaços pela lâmina do Verme.

Quatro outros Vermes de arma em punho vieram na nossa direção.

Acionei a lâmina do meu canivete e o arremessei na direção do Verme atacando Valek. Ele grunhiu quando a arma lhe feriu o ombro, mas não parou. Contudo, o Curare na minha lâmina espalhou-se pelo seu corpo, paralisando-lhe os músculos. Peguei a lança do homem. Valek ficou de pé novamente, empunhando sua arma.

Um segundo depois, os outros nos alcançaram.

Os acontecimentos se misturaram como borrões indistintos em uma demorada luta. Usei a extensão da lança em vantagem própria, mantendo as cimitarras longe de mim. Após fingir atacar-lhe o tronco, usei a lança para dar uma rasteira em meu oponente. Não hesitei em mergulhar a ponta da arma no pescoço do sujeito. Sua alma ergueu-se do corpo e pairou acima dele. Será que eu deveria lhe ajudar a alma?

Antes que eu pudesse decidir, outro homem aproximou-se. Mas ele se deteve, e alguns fios de magia puxaram minha lança. Um Deformador capaz de mover objetos. A lança voou de minhas mãos, virou no ar e apontou na minha direção.

— Jal me quer viva — tratei de lembrar-lhe.

O Verme avançou.

— Por que não usa os seus poderes para me deter? Tem medo de que o Deformador do Fogo conte para Jal o que você está fazendo?

— Entreguem ao homem o seu prêmio. Seu intelecto é realmente impressionante.

A ponta da lança aproximou-se, cutucando-me na depressão situada acima da clavícula.

— Renda-se ou eu a furarei — o Deformador gritou para Valek.

Com um olhar inquisitivo, Valek recuou.

— Não, não matará — eu disse para Valek.

— Tem razão. Que tal renda-se ou eu incendiarei o celeiro? — o Deformador apontou para a construção. — Quer ser responsável pela morte de dez crianças?

— NÃO! — EU gritei. — Deixe as crianças em paz, e irei com você.

— Eu sei que virá — o Deformador disse. — Estou mais preocupado com o Guerreiro Fantasma. — Ele olhou para Valek. — Solte a arma.

Valek colocou a cimitarra no chão, contudo, ao endireitar-se, fez dois movimentos rápidos com a mão. Um pequeno dardo espetou o pescoço do Deformador. Pego de surpresa, o homem estremeceu.

— Mexa-se — Valek ordenou.

Eu me virei, esquivando-me da estocada da lança, mas não fui rápida o suficiente para impedir que ela me abrisse uma ferida no pescoço. Uma linha ardente de dor registrou-se no meu cérebro. Ela foi esquecida assim que eu vi o Deformador virar-se. Chamas surgiram sob a porta do celeiro. Enfim entregando-se aos efeitos da poção para dormir de Valek, ele desabou no chão ao lado do colega.

A fumaça alcançou minhas narinas, despertando lembranças de medo e pânico.

— Valek, vá!

Acenei para ele e assoviei para os cavalos.

Eles vieram, e eu corri na direção do celeiro.

Kiki, ajude!, pedi.

Valek abriu a porta em chamas, mas as labaredas já se arrastavam na direção do telhado. Topaz e Onyx se assustaram com

a fumaça pungente, mas Kiki e Garnet enfrentaram o calor.

— Diga-lhes para se moverem para o lado esquerdo — gritei para que Valek me escutasse acima do rugido das chamas.

Ele saltou pela abertura, e conduzi Kiki e Garnet até o lado direito. Aguardei por dois segundos intermináveis e, em seguida, bati na parede do celeiro.

Kiki. Garnet. Escolheiem.

Saltei para o lado. Os animais miraram com os cascos e fizeram um buraco na parede com as patas poderosas.

Quando a abertura estava grande o suficiente para os adultos, eu detive os cavalos. Arrancando algumas tábuas quebradas, espiei lá dentro e chamei os prisioneiros. Mesmo com a luz forte do fogo, o aposento estava obscurecido pela fumaça. Porém, uma pessoa agarrou a minha mão. Puxei crianças tossindo pelo buraco, contando-as, à medida que elas iam saindo.

A fumaça foi ficando mais espessa, e o inferno avançou.

Quando o marido da conselheira Greenblade arrastou-se para fora, apertando um bebê de encontro ao peito e com uma criança pequena agarrando-se às suas costas, minha contagem chegou a dez crianças e um adulto.

— Onde está Gale? — perguntei.

Tossindo devido ao esforço de expelir a fumaça de seus pulmões, ele apontou para a abertura.

— Desmaiou. — Ele ruidosamente tentou inspirar. — Não podia... carregar todos.

Fiz menção de entrar, mas ele me segurou.

— Telhado.

Ele tossiu.

Afastamos as crianças do celeiro segundos antes do telhado desabar com uma explosão de sons e fagulhas.

Contei as crianças novamente. Dez. Um adulto. Nada de Gale. Nada de Valek. Ele ainda estava no celeiro!

Horror e angústia se retorceram na minha garganta e retalharam meu coração. Saí correndo na direção da construção em chamas. O calor que vinha do incêndio me empurrou para trás. Vigas dos tetos

havam caído sobre os Vermes. As chamas lhes lambiam os corpos, sugando as suas almas para aquele inferno.

Uma janela para o mundo do fogo abriu-se diante de mim. Eu poderia ter agarrado a alma de um dos Vermes e retornado para o Deformador do Fogo. Mas eu não estava pronta. Tinha ainda algumas coisas a realizar, e algumas despedidas a fazer antes de aceitar o abraço do fogo.

Quando o fizesse, ansiaria pelo fogo. A perspectiva de viver neste mundo sem Valek não tinha atrativos para mim.

O incêndio ardeu a noite toda. Ao nascer do dia, restava apenas uma pilha fumegante. Ainda quente demais para eu procurar algum sinal de Valek ou Gale em meio às ruínas. Em vez disso, conduzi as crianças até o Lago dos Diamantes para que elas se limpassem e esforcei-me para ignorar a tristeza ardendo em meu íntimo.

O marido da conselheira Greenblade, Kell, ajudou a alimentar as crianças e a cuidar de seus ferimentos. Kiki e Garnet beberam água no lago, e eu lavei a fuligem de seus pelos. A água era límpida. A cor vermelha vinha do fundo do lago, como se alguém houvesse pintado as pedras e a areia. Talvez fosse, de fato, o que acontecera. Afinal de contas, era um lago construído pelo homem.

Após atender às necessidades de todos, seguimos para o acampamento. Encontramos Marrok cuidando da tarefa desagradável de enterrar os corpos.

— Suponho que eu tenha dormido durante todo o combate — ele disse. — Nós vencemos? — Ele inclinou a cabeça na direção de Tauno. — Ou perdemos?

— As duas coisas — respondi.

Minha angústia por ter perdido Valek ameaçou explodir dentro de mim. Mordi com força o lábio inferior, sentindo o gosto de sangue.

— Será que pode explicar?

Eu o pus a par do que acontecera. Ele aceitou a traição de Tauno com uma fungada cínica e com um retorcer dos lábios que evidenciaram os seus pensamentos sombrios no tocante à confiança.

Após eu terminar, ele disse:

— Pelo menos, o seu amiguinho está bem.

— Meu amigo?

Ele apontou para uma árvore ali perto.

— Pensei que estivesse morto, mas, quando fui apanhá-lo, ele voou para longe. Deu-me um susto e tanto.

Caminhei até a árvore. Meu morcego estava pendurado de cabeça para baixo em um galho baixo. A criatura abriu um dos olhos até a metade e depois, satisfeito, voltou a fechá-lo. De algum modo, eu criara um vínculo emocional com o morcego, semelhante ao que eu tinha com Kiki.

Contudo, contemplações sobre a minha afinidade com os animais teriam de esperar. Havia assuntos mais urgentes a serem tratados, como, por exemplo, encontrar o corpo de Valek. Porém, o que eu disse foi:

— Temos de encontrar um lugar seguro para os membros das famílias dos Conselheiros.

Jenniquilla, a filha de Baval Zaltana, puxou a minha capa.

— Quero ir para casa — ela disse.

Embora feliz de estar livre, a tristeza lhe tocava os olhos, e o cansaço lhe marcava o rosto jovem.

Agachei-me ao seu lado.

— Eu sei, mas preciso que finjam que continuam reféns por mais um pouquinho de tempo. É muito importante. Será que podem nos ajudar?

A determinação preencheu-lhe os olhos, lembrando-me de Fisk. Dei pequenas tarefas para as crianças mais velhas cuidarem, e elas começaram a se mover com uma sensação de propósito renovada.

— E quanto a mim? — Kell Greenblade perguntou.

As terras dos Greenblade ficavam a leste das dos Bloodgood.

— Conhece algum lugar onde todos possam se esconder?

Ele fitou o infinito. Alto e magro, me lembrou o meu amigo Dax, outro membro de seu clã. Torcia para que Dax e Gelsi estivessem bem, e a ideia de que pudessem ser as próximas vítimas do ritual Kirakawa me deixou ansiosa para me pôr a caminho.

Kell pressentiu o meu estado de espírito. Ele voltou a sua atenção para mim.

— Minha irmã tem uma fazenda nos arredores de Booruby capaz de hospedar todos nós.

— Nas terras do clã Cowan?

— É. — Ele fez uma careta de reprovação. — Ela casou-se com um homem do campo, mas ele é um bom sujeito e nos ajudará.

Olhei para o grupo de crianças esfarrapadas. Booruby ficava mais para o leste do que eu queria ter de ir, e seria uma viagem lenta.

Kiki relinchou para mim.

Pegue carroça, ela disse.

A carroça queimou no incêndio.

Senti-a bufar impacientemente.

Cavalos fugiram. Levaram carroça.

Onde estão?

Presos. Venha comigo.

Kiki abanou a cauda.

Marrok me acompanhou. Montamos em Kiki e seguimos para o sudoeste através do bosque.

E quanto a Onyx e Topaz?

Senti a sua tristeza.

Não consigo cheirar.

Alcançamos a carroça. Quando o incêndio começara, os cavalos em pânico saíram correndo pela mata até a carroça ficar presa entre duas árvores. Os animais haviam se acalmado, mas as cabeças erguidas e as orelhas em pé significavam que não se sentiam seguros.

A carroça estava cheia de engradados no formato de caixões, mas encontramos uma caixa de ferramentas debaixo do chão. Libertar a carroça foi difícil, e muito tempo foi perdido.

Enquanto consertava a roda quebrada, Marrok perdeu a paciência e fez um gesto para que eu fosse embora.

— Você está me apressando, o que só está piorando as coisas. Vá dar uma volta, Yelena. De qualquer modo, é serviço para um só mesmo.

Quando eu hesitei, ele acrescentou:

— Vá procurá-lo ou não terá paz. Nós também não.

Ocupar-me fora bom. Ao caminhar pela floresta silenciosa, não havia nada para me distrair de meus pensamentos incandescentes.

Nenhum alívio da dor profunda. Parecia que eu engolira um pedaço de carvão em brasa.

As cinzas que emergiam dos restos do celeiro flutuavam no ar. Restavam apenas algumas vigas externas da construção. Tudo mais fora reduzido a cinzas brancas. Fumaça brotava de alguns pontos mais quentes, contudo, fora isso, a brisa com o seu aroma de pinho levava embora a fumaça pungente.

O ruído de minhas botas esmagando o resíduo ecoava solitário e derradeiro nos meus ouvidos. Perdi toda a esperança ao encontrar as facas de Valek. Enegrecidas e retorcidas, as lâminas haviam praticamente derretido. Desabei no chão sobre as mãos e os joelhos e chorei, tornando as cinzas abaixo de mim uma pasta líquida. Ofegante, as costelas latejando e a garganta dolorida, tentei livrar-me da tristeza que me consumia por dentro, detendo-me apenas quando não havia mais lágrimas dentro do meu corpo. Sentei-me sobre os calcanhares e enxuguei o rosto, borrado devido à fuligem e às lágrimas.

Assim que minha respiração voltou ao normal, peguei um punhado de cinzas perto das armas de Valek e as deixei serem levadas pelo vento. A certeza de nosso reencontro no outro mundo foi o meu único consolo.

Após algum tempo, retornei até Marrok. Ele consertara a roda. Após olhar para o meu rosto, ele apertou o meu ombro. Eu lavara a sujeira, mas sabia que meus olhos estavam injetados e inchados de tanto chorar.

Marrok conduziu a carroça, mas encontrar uma estrada que contornasse o bosque nos custou o restante da luz do dia.

Quando voltamos para o acampamento, Kell já acomodara as crianças ao redor da fogueira. Eu queria acordar todo mundo e nos pôr a caminho, mas Kell me convenceu de que as crianças ficariam agitadas se fossem acordadas e escondidas nos engradados no meio da noite. Após lembrar-me de minha própria experiência com os caixotes, concordei.

Se Valek não houvesse atingido o Deformador, eu teria sido empurrada para dentro de um desses engradados. As famílias dos

Conselheiros ainda seriam reféns, mas Valek e Gale ainda estariam vivos.

Fitei as crianças adormecidas. Jenniqilla estava com o braço protetoramente envolvendo Leevi e o bebê encolhido ao lado dele, que estava chupando o polegar enquanto dormia. Naquele estado, eram a própria imagem da inocência, paz, alegria e amor. Valek sabia dos riscos quando adentrara o celeiro e sequer hesitara. Eu teria feito o mesmo. Onze seres vivos em troca de um ato abnegado. Parecia uma troca justa.

Mesmo com a carroça, a viagem até Booruby levou quatro dias. Quatro dias de preocupação, frustração, fome, noites insones e barulho. Quando chegamos, eu já desenvolvera um novo respeito por pais e fiquei satisfeita de ver a irmã de Kell quando ela veio ao nosso encontro. Ela abraçou Kell apertadamente por vários instantes. Mordi o lábio inferior e desviei o olhar, meus braços vazios latejando.

Localizada a três quilômetros de Booruby, a fazenda parecia ser afastada das dos vizinhos, contudo, o marido não perdeu tempo em nos levar para dentro. As crianças tiveram a sua primeira refeição quente em semanas. Marrok e eu fizemos planos de nos juntar aos outros no nosso local de encontro. Mantive a mente focada na ação, caso contrário, sabia que me renderia à tristeza que me consumia de dentro para fora.

Correríamos o risco de cruzar através da borda leste das planícies Avibian. O galope rajada de vento de Garnet e Kiki compensaria o tempo perdido viajando até Booruby.

Antes de partirmos, Kell me perguntou:

— Como saberei quando for seguro para as crianças voltarem para casa?

— Se tudo der certo, você receberá uma mensagem.

— E se não der certo?

Suas palavras foram carregadas de emoção, lembrando-me de que a esposa dele era uma das conselheiras. Se eu falhasse, ela estaria entre as primeiras de muitas baixas.

— Se não tiver notícias após catorze dias, isso significará que os Daviian assumiram o poder. Envie as crianças para os seus lares e torça.

— Torcer pelo quê?

— Torça para que alguma pessoa no futuro seja forte o suficiente para se rebelar contra os Vermes Daviian. E para que ela vença.

Kell não pareceu muito convencido.

— Temos quatro Mestres Feiticeiros e uma Descobridora de Almas, e ainda assim, eles conseguiram estar no controle.

— Já aconteceu antes. Uma pessoa *é capaz* de trazer paz a Sitia.

Não acrescentei que, no processo, ele destruíra as montanhas Daviian. Mas isso me levou a imaginar se o guerreiro lendário dos Sandseed não teria tido ajuda. Repassei na cabeça a história do Homem da Lua sobre as origens do clã Sandseed e lembrei-me de que o nome do guerreiro era Guyan. Guyan aprisionara o Deformador do Fogo, e seu descendente, Gede, o libertara. Um círculo fechado.

Marrok e eu nos despedimos de Kell e das crianças. Viajamos para o norte, pretendendo contornar Booruby a caminho das Planícies. Meu morceguinho pendia da crina de Kiki e não parecia se incomodar com o movimento oscilatório.

Nossos planos mudaram quando avistei a fábrica de vidro da família de Opal ao longe, e uma ideia súbita me ocorreu.

Antes que eu pudesse explorar a fundo as minhas intenções, paramos diante dos portões. Marrok aceitou despreocupadamente o desvio.

— Devo esperar aqui? — ele perguntou.

— É. Eu não demoro.

Deixei Kiki com ele.

Quando me aproximei da porta da casa, Opal saiu da fábrica. Ela hesitou, mas aproximou-se, olhando para mim e para Marrok com desconfiança.

— Posso ajudá-lo, senhor? — ela me perguntou.

Eu me esquecera do meu cabelo. Pelo menos, eu soube que o meu disfarce funcionava. Sorri pela primeira vez em dias.

Ela apertou os olhos ao me fitar.

— Yelena? — Ela olhou ao redor com um ar de preocupação. — Venha para dentro! Há um prêmio pela sua cabeça!

Ela me empurrou para dentro de casa.

— Ainda bem que você está bem. — Opal me deu um abraço rápido. — O que houve com o seu cabelo?

— É uma longa história. A sua família está por aí?

— Não. Todo mundo foi até a cidade. Papai recebeu um carregamento de areia que estava cheio de pedras, de modo que foi reclamar, e mamãe...

— Opal, preciso de mais dos seus animais de vidro.

— É mesmo? Conseguiu vender o morcego?

— Não. Mas descobri que sou capaz de usar os seus animais para me comunicar com outros magos a grandes distâncias, sem usar minha própria magia. Quero comprar o maior número possível deles.

— Puxa! Eu não fazia ideia.

— Quantos você tem?

— Seis. Estão na fábrica.

Ela imprimiu um ritmo acelerado quando cruzamos o pátio, e adentramos a fábrica. O calor dos fornos drenou toda a umidade de minha boca. Eu a segui através do ar espesso e do rugir das chamas. Alinhados sobre uma mesa ao longo da parede dos fundos estava meia dúzia de animais de vidro. Todos brilhavam com o fogo interior.

Opal embrulhou os animais, e eu contei as moedas. Outra ideia me passou pela cabeça quando ela me entregou o pacote.

— Pode me mostrar como fazê-los? — pedi.

— É necessário muita prática para aprender.

Sacudi a cabeça.

— Quero apenas assistir a você fazendo um.

Ela concordou. Pegando um tubo de aço oco de um metro e meio, ela abriu a portinhola que levava à fornalha. Uma luz alaranjada brilhante e um calor intenso vieram do orifício, contudo, sem se deixar intimidar, Opal mergulhou a ponta do tubo em um enorme pote de cerâmica no interior da fornalha, que estava cheio de vidro derretido. Girando o tubo, ela reuniu uma porção da substância puxa-puxa e a trouxe para fora, fechando a portinhola com o

quadril. A massa pulsava com um brilho vermelho ardente, como se estivesse viva.

— Você tem de manter o tubo girando ou o vidro cederá — Opal disse, acima da barulheira.

Ela girou a substância sobre uma mesa de metal para remover o vidro da extremidade do tubo e a moldou, de modo a dar a impressão de que o tubo tivesse uma bola transparente na sua extremidade.

Com movimentos rápidos, Opal pousou o tubo na beirada da mesa e soprou pela outra extremidade. Quando suas faces se inflaram, magia roçou no meu braço. O vidro na outra ponta não se inflou de ar. Em vez disso, um fio de magia ficou preso em seu âmago.

— Deveria se expandir, mas isso jamais acontece com os meus — ela disse, retornando até a fornalha e reunindo mais um pouco de massa sobre a primeira.

Ela levou o tubo até uma bancada projetada para segurá-lo, que continha as outras ferramentas de metal necessárias para dar forma o vidro. Havia baldes de água por perto.

Opal pegou um par de pinças de aço, beliscou e apertou a massa com a mão direita, enquanto girava o tubo com a esquerda o tempo todo.

— É preciso agir rápido, pois esfria bem depressa.

Em questão de segundos, a bola transformou-se em um gato sentado nas patas traseiras. Opal ficou de pé e voltou a depositar o gato no interior da fornalha, mas, desta vez, ela apenas girou o tubo acima do pote.

— É necessário manter muito calor no vidro ou não poderá trabalhar com ele.

Voltando para a bancada, Opal trocou um jogo de pinças por outro, com pinças maiores e tão compridas quanto o seu antebraço.

— Cunhas, uma ótima ferramenta de mil e uma utilidades. Vou usar uma linha-guia para remover a peça do tubo.

Quando ficou satisfeita com o entalhe, ela voltou a pegar as pinças e as mergulhou em um balde de água. Ela pingou algumas gotas na linha guia.

— É preciso ter cuidado para não deixar água entrar na sua peça. Sendo assim, o movimento é do tubo para baixo.

O vidro sibilou, e uma teia de aranha de rachaduras espalhou-se sobre o vidro no tubo.

Ela levou o tubo até outro forno próximo às fornalhas. Em seu interior, havia várias bandejas empilhadas, e Opal bateu a ponta das pinças no tubo. O gato caiu em uma das bandejas. Ela fechou a porta.

— Se o vidro resfriar rápido demais, vai rachar. Este é um forno de recozer. — Opal apontou para os trilhos sobre o forno. — Para esfriar a peça lentamente, o forno é afastado da fornalha pelas próximas doze horas.

— Por que você sopra no tubo se o vidro não se expande para você? — perguntei.

— É um passo que eu tenho de dar. — Ela fez um gesto vago com os braços, como se procurando as palavras certas. — Quando Mara sopra, ela confecciona lindos vasos e garrafas. As minhas sempre acabam parecendo animais, e, se eu não sopro no tubo, acabam não lembrando nada.

Ela limpou a área de trabalho, pegando as ferramentas de dentro da água e secando-as antes de recolocá-las no lugar. A bancada precisaria ser aprontada para o próximo projeto, e trabalhar com vidro não dava muito tempo para se procurar ferramentas.

— Adoro criar coisas. Não há sensação parecida — ela disse, mais para si mesma do que para mim. — Trabalhar o vidro. Transformar fogo em gelo.

Agradei Opal pela demonstração e voltei a me juntar a Marrok. Ele estava apoiado em Garnet.

— Acho que a sua definição de “não demoro” é diferente da minha — ele falou, a título de cumprimento. — Deparou-se com outra mudança de planos.

— É. Acho melhor acostumar-se com elas.

— Sim, senhor!

Ele sorriu.

— Sarcasmo? Tem passado tempo demais na companhia de Leif. Que fim levou aquele velho soldado durão que seguia ordens sem

sequer pestanejar?

Seu rosto ficou sério.

— Ele perdeu a cabeça. E quando a reencontrou, suas prioridades haviam mudado.

— Para melhor?

— Só o tempo dirá.

Montamos e seguimos para a borda norte das planícies Avibian. Assim que chegamos às Planícies, Kiki e Garnet deram início ao seu galope rajada de vento, e percorremos muitos quilômetros. De noite, acampamos do lado de fora das Planícies. Torci para que nossa passagem não houvesse atraído atenção indesejada. Meus pensamentos se demoraram no talento de Opal para fazer vidro. Melhor do que me entregar ao profundo desespero que ameaçava tomar conta de mim sempre que eu pensava em Valek.

Nossa jornada até o ponto de encontro durou três dias. Durante esse tempo, Marrok avistou sinais de um grande exército que cruzara as planícies Avibian e virara para o norte, na direção da Cidadela. À noite, o brilho de muitas fogueiras iluminou o céu distante, e a fumaça de madeira impregnou o ar.

Havíamos combinado de encontrar o Homem da Lua e os outros na Colina da Coruja, uma pequena cidade dentro das terras do clã Featherstone. De acordo com Leif, poderiam confiar no proprietário da Estalagem Cloverleaf para não entregá-los.

— Ele me deve uma — fora a explicação de Leif.

A Colina da Coruja ficava localizada em uma pequena elevação, a cerca de seis quilômetros a nordeste da Cidadela. As quatro torres da Fortaleza dos Magos eram visíveis da estrada que levava à cidade. Um brilho alaranjado intenso irradiava do interior dos muros da Fortaleza. A fogueira que servia de lar para o Deformador do Fogo?

Ainda disfarçados de mercadores do clã Krystal, Marrok e eu adentramos a cidade. Situado próximo aos cruzamentos centrais, o salão comum da Estalagem Cloverleaf estava bem movimentado, mas o estábulo estava apenas ocupado pela metade. O auxiliar do

cavaliariço sugeriu que chegássemos cedo para o jantar, visto que a estalagem era uma parada popular para caravanas.

— Uma noite a menos de rações para viagem — o menino disse ao ajudar-me a escovar Kiki. — E os mercadores preferem acampar aqui perto, em vez de passar a noite na Cidadela.

— Por que isso?

— Os boatos têm sido variados, sendo assim, não sei no que acreditar. Mas os mercadores que conseguem retornar alegam que todo mundo está com medo desses novos Daviian e dizem que eles convenceram o Conselho a se preparar para a guerra.

— Com Ixia?

— Não sei. Recrutaram todo mundo que está em condições. Benn disse que os Daviian estão mancomunados com Ixia e que, assim que a pessoa é alistada, eles a hipnotizam. Planejam usar todos no exército para transformar Sitia em outro Distrito Militar ixiano. O DM-9!

O menino me contou especulações ainda mais infundadas. Eu sabia que o Comandante não estava aliado aos Daviian, mas a possibilidade de usar o exército sitiano contra Sitia parecia ser uma tática dos Vermes.

Quando terminamos com os cavalos, adentrei a estalagem. Marrok já pagara por dois quartos para passarmos a noite.

— Estamos ficando sem dinheiro — ele disse.

— Os outros já chegaram?

— Ari e Janco estão no salão de jantar. Leif e o Homem da Lua ainda não chegaram.

Isso me preocupou. Já fazia treze dias desde que partíramos para resgatar os reféns. Tempo mais do que suficiente para eles descobrirem algo a respeito do túnel de emergência da Fortaleza.

No canto dos fundos do salão comum da estalagem, Ari e Janco conversavam. Bebendo canecas de cerveja, estavam cercados por um grupo de mercadores. Expressões sérias estavam estampadas em todos os rostos, e eles nos fitaram com desconfiança.

Marrok e eu escolhemos uma mesa no outro lado do salão. Com o passar do tempo, a multidão foi se dispersando, e Ari e Janco se

juntaram a nós. Ari tingira o cabelo de preto, e ambos haviam escurecido a pele.

— Janco, será que eu estou vendo sardas? — perguntei, não conseguindo conter uma risadinha.

— Não ria. É o sol do Sul. Estamos no meio da estação fria, e está sol! Hum. — Ele olhou para mim. — Embora acho que prefiro ter sardas do que ser careca.

Levei a mão à cabeça.

— Está crescendo.

— Basta — Ari disse, e o bom humor ao redor da mesa, na mesma hora, desapareceu. — Foram bem-sucedidos?

A pergunta me esfaqueou como punhais chamejantes. Esforcei-me para me recompor, para afastar minhas emoções da tristeza ardente e negra que se recusava a ir embora. Marrok notou que eu não estava em condições de responder e lhes contou sobre Tauno, sobre o resgate e sobre Valek. Ver a minha dor refletida nos olhos de meus amigos foi insuportável. Pedi licença e fui até lá fora.

Inspirando profundamente o ar frio da noite, vaguei pela cidade. Poucas pessoas passeavam pelas ruas sujas, carregando lanternas. Senti um puxão na minha capa quando o meu morcego pousou no meu braço. Ele me fitou com uma expressão de propósito nos olhos, depois voou para a esquerda. Ele retornou, voou ao redor da minha cabeça e, mais uma vez, voou para a esquerda. Entendendo a dica, eu o segui até alcançarmos uma construção dilapidada.

O morcego pousou no telhado, como que aguardando. Com receio, puxei a porta emperrada, mas lá dentro só havia uma coleção de barris descartados e rodas de carroça quebradas. Quando me virei para ir embora, pisei em uma bola de madeira. Um brinquedo de criança. Eu o peguei e o examinei. Meu morcego queria que eu encontrasse alguma coisa ali dentro.

Reprimi minha crescente frustração e me concentrei em usar meus outros sentidos. Fechando os olhos, inalei. O odor bolorento de decomposição imperava, mas detectei um ligeiro traço de limões. Segui o cheiro limpo e puro, o que não foi fácil, visto que, várias vezes, tropecei e bati as canelas no entulho, até chegar aos fundos

do aposento. Ali, um ligeiro arrepio percorreu minha pele, deixando os cabelinhos do braço em pé. Instintivamente, sussurrei:

— Apareça.

Abri os olhos.

Uma luz acinzentada brotou diante de mim e transformou-se em um menino. Ele estava sentado em um dos barris.

Um fantasma. Uma alma perdida.

— Onde está minha mãe? — ele perguntou com uma voz débil e hesitante. — Ela também estava doente. Ela foi embora e nunca voltou, mesmo quando eu chorei, chamando-a.

Aproximei-me do menino. A luz vinda dele iluminava o aposento. Os restos enferrujados de uma armação de cama e outros itens indicavam a região que, tempos atrás, fora usada como quarto de dormir da criança.

Meu morcego apareceu e voou em círculos acima da cabeça do garoto. Gesticulei para que ele fosse embora e murmurei:

— É, é, eu sei. Eu entendi.

Com um guincho que lembrou um irritado *finalmente*, ele voou para longe.

Fiz ao menino perguntas sobre sua mãe e família. Como eu suspeitava, haviam vivido e morrido ali muitos anos atrás.

— Sei onde eles estão — eu disse. — Posso levá-lo até eles.

O menino sorriu. Quando estendi a mão, ele a agarrou. Eu o puxei para mim, inalando-lhe a alma antes de enviá-la para o céu.

O verdadeiro trabalho de um Descobridor de Almas.

Não salvar almas e retorná-las aos corpos, mas guiá-las para onde era o lugar delas. Meu verdadeiro propósito finalmente viera à tona. Stono e Gelsi deveriam ter sido libertados para o céu. Suas personalidades mudaram porque ambos estavam infelizes por ter-lhes sido negada a devida paz.

A morte não era o fim. E eu sabia que Valek me aguardava, mas ele não iria querer me ver até que eu terminasse de encontrar todas as almas perdidas e as enviasse até o seu devido destino.

Há mais de cento e vinte e cinco anos que não havia um Descobridor de Almas. Por que Sitia não estava repleta de almas perdidas? Talvez fossem raras.

A determinação renovada de derrotar o Deformador do Fogo espalhou-se pelo meu corpo. Deixei a construção e parei. Cinco almas pairavam em diferentes locais ao longo da rua. O bater das asas do meu morcego anunciou a sua chegada. Ele pousou no meu ombro.

— Você as chamou? — perguntei ao morcego. — Ou fui eu?

Supunha que deveria ter sido mais específica ao invocar o menino. Ou então, agora que eu aprendera o truque, não conseguia desligá-lo.

Reuni e libertei almas ao seguir de volta para a Estalagem Cloverleaf. A maioria foi para o céu. Uma delas irradiava ódio, e quando afundou no chão, tive receio de ter ampliado os poderes do Deformador do Fogo.

Antes que eu pudesse adentrar a estalagem, o som de cascos ecoou atrás de mim. Girei a tempo de ver Leif frear Rusalka. Seu pânico me atingiu antes de suas palavras.

— O Homem da Lua — disse ofegante. — O Homem da Lua foi capturado.

DE VOLTA ao salão principal da estalagem, nós cinco tentamos ver sentido em todos os detalhes que possuíamos. O Homem da Lua fora capturado naquela tarde.

— Encontramos menções ao túnel na biblioteca de Council Hall — Leif disse. — Estávamos nos encontrando com um velho mago que estava se escondendo dos Vermes. Outros nos contaram de que ele tinha informações sobre a construção da Fortaleza, contudo, quando falamos com o mago, ele veio apenas com detalhes vagos. Sabia como criar um escudo nulo e me ensinou a fazê-lo. Eu não devia ter tentado. A magia chamou os Vermes e fomos atacados assim que deixamos a casa.

— Como foi que você escapou? — Janco perguntou.

Leif ergueu as mãos.

— Em um minuto, estamos cercados pelos Vermes, no outro, um grupo de crianças e comerciantes berrando praticamente atropelou todo mundo. Foi a maior confusão. Um homem segurou minha mão e me puxou para longe, eu me escondi até o anoitecer. Uma das crianças da Associação de Ajudantes me contou que o Homem da Lua não escapara.

— Os Vermes vão saber que estamos aqui — Ari disse. — Precisamos partir agora mesmo. Há uma caravana acampada a cerca de três quilômetros ao norte daqui. Podemos ficar com eles.

— Para que lado a caravana vai? — perguntei para Ari.

— Eles têm uma entrega para fazer na Cidadela amanhã e, em seguida, seguirão para o sul, para as terras dos Greenblade. Por quê?

— Ah, não! — Leif exclamou. — Ela está com aquele olhar. O que está planejando, irmãzinha?

— Temos de entrar na Fortaleza.

— Impossível. Ela está cercada por uma bolha de magia protetora. Não conseguimos encontrar a entrada do túnel. Alguns Deformadores alcançaram o nível de Mestre em termos de poder. Você é poderosa, mas não chega perto de estar no mesmo nível que eles. Será pega na mesma hora.

Leif cruzou os braços, como se suas declarações dessem por encerada a discussão.

— É uma grande ideia — eu disse.

— O quê?

Ignorei a confusão de Leif.

— Ari, os habitantes da Cidadela estão prontos para se rebelarem?

— Estão organizados, possuem algumas armas e alguns magos. Eu realmente queria ter tempo de treiná-los um pouco, mas isso não vai acontecer. Acho que mais pronto do que isso não ficarão.

— Será que a caravana estaria disposta a nos emprestar uma de suas carroças? — perguntei.

— Acho que pode ser providenciado.

A compreensão iluminou o rosto de Janco.

— Se nós a colocarmos lá dentro, podemos ficar com os cinco ouros?

— Só se depois conseguir nos tirar de lá novamente.

— Não gosto das nossas chances — Janco disse. Ele sorriu. — Contudo, todo mundo sempre torce pelo pobre diabo.

— Não há chances. É suicídio — Leif afirmou.

— Encare a coisa dessa forma. Vai colocar um fim às nossas discussões — eu disse.

— Como?

— Se morrermos, você estava certo. Você não morre, eu estava certa.

— Eu me sinto *tão* melhor agora.

Janco fez uma careta de censura.

— Sarcasmo não contribui para melhorar o espírito de equipe.

Ari franziu a testa ao me fitar.

— Não quis dizer *nós* não morremos, Yelena?

Não respondi. Valek me aguardava do outro lado. Minha recompensa.

Arrumamos nossos suprimentos e deixamos a estalagem. Os mercadores da caravana concordaram em nos incluir no seu grupo, e passamos a maior parte da noite preparando a nossa carroça. Quando terminamos as alterações ao veículo, reunimo-nos ao redor dele para discutir os planos para o dia seguinte.

— Marrok, você montará Garnet. Janco pode levar Kiki, e Ari conduzirá a carroça. Independentemente do que venha a acontecer, Ari, certifique-se de que consigamos chegar aos portões da Fortaleza — ordenei.

— Sim, senhor.

— E quanto a nós dois? — Leif indagou.

Eu sorri.

— Nós somos a carga. — A última coisa que eu queria fazer era voltar a entrar em um daqueles engradados, mas não havia outro jeito. — Ari vai me usar para nos colocar lá dentro. Ele exigirá os seus cinco ouros por me trazer até os Vermes.

— Jamais pensei que sentiria falta de meus dias de isca para cobra-colar — Leif comentou.

— O que acontecerá depois que estivermos lá dentro? — Ari quis saber.

— Esse será o sinal para os cidadãos da Cidadela se revoltarem, o que deverá manter um bocado de Vermes e Deformadores ocupados.

— Mas e quanto a todos aqueles Deformadores poderosos? — Leif perguntou.

— Você é capaz de criar um escudo nulo?

Ele hesitou.

— Sou.

— Quando começar a revolta, todos os magos virão até os portões da Fortaleza para ajudá-lo a erguer e a manter o escudo nulo — eu expliquei.

— Mas ele não durará muito.

— Só preciso de pouco tempo.

— Tempo para o quê?

— Para chegar ao Deformador do Fogo.

Leif me fitou com incredulidade.

— Você é capaz de enfrentá-lo?

— Não.

— Explique de novo para mim como isso não é uma missão suicida?

— Acho que posso detê-lo e mantê-lo no mundo do fogo. E ao fazer isso, acho que serei capaz de privar os Deformadores de parte de seus poderes. Se Bain e Irys ainda estiverem vivos, e se conseguirem reunir o maior número possível de magos, deverão ser capazes de enfrentar os Deformadores.

— É um bocado de “se” e “eu acho” — Janco disse.

— E não há nenhum “quando” — Ari completou.

— Quando? — Leif indagou.

— Quando ela retornar. Há um quando em algum lugar aí, não há, Yelena?

— O único modo de mantê-lo no mundo do fogo será se eu ficar também.

As palavras pareciam cinzas em minha boca. Pensar em fazer algo era completamente diferente de anunciá-lo em voz alta. Uma vez dito, era definitivo. Mas Valek estaria lá, e eu o encontraria. E não havia nada de “se”, “eu acho” nem “quando” nisso.

— Tem de haver um outro jeito — Leif disse. — Você sempre dá um jeito de vir com alguma ideia engenhosa.

— Não desta vez.

Todo mundo ficou em silêncio.

Eu estava prestes a sugerir que todos dormissem um pouco, quando Leif perguntou:

— E se não conseguirmos combater os Deformadores?

— Nesse caso, é melhor terem alguém incapaz de ser afetado por magia ao seu lado — disse uma voz vinda do outro lado da carroça.

Todos trocamos olhares. A mesma pergunta estava empoleirada nos lábios de todos. Uma voz fantasma?

— Embora, desta vez, eu agradeceria se não me deixassem para trás.

Valek apareceu de dentro das sombras. Parecia ser sólido. Seu rosto anguloso exibia uma expressão divertida de irritação. O luar fraco se refletiu na sua cabeça raspada. Estava usando a túnica e a calça marrom de um membro do clã Bloodgood.

A surpresa foi seguida da incredulidade. Estendi a mão para tocar nele. Ele me puxou para si, e meu mundo foi preenchido pela visão, pelo cheiro e pela sensação de Valek.

Segundos, minutos, dias, estações poderiam ter se passado, e eu não teria notado nem me importado. Agarrei-me a ele como se meus pés estivessem balançando acima de um precipício. As batidas de seu coração ecoaram no meu ouvido. Seu sangue fluía por minhas veias. Moldei o meu corpo aos seus músculos sólidos, querendo me fundir a ele e não permitir que nada, nem mesmo o ar, se colocasse entre nós.

Alívio e alegria apossaram-se do meu coração, apagando as brasas da melancolia, até eu me lembrar de minha promessa ao Deformador do Fogo.

Tristeza ardente acendeu-se invadindo os meus sentidos. Minha recompensa por servir de babá para o Deformador do Fogo teria de esperar. Era melhor tê-lo aqui.

Reuni minha determinação e me acalmei. Os outros afastaram-se, deixando-me a sós com Valek. Seus lábios encontraram os meus. Nossas almas se entrelaçaram. O enorme vazio dentro de mim foi preenchido.

Ofegante, ele recuou.

— Calma, meu amor.

Seu arquejo transformou-se em um acesso de tosse.

— Como foi que sobreviveu ao fogo? — perguntei. — O telhado desabou, e você não...

— Duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Pelo menos, eu acho que aconteceram. — Ele exibiu um sorriso irônico. — Eu estava carregando Gale quando o telhado caiu. A força do desabamento fez o chão ruir e nós caímos em um pequeno porão.

Valek levou a mão às costelas e fez uma careta.

— Você está ferido, e eu não posso curá-lo!

Havia um corte feio ao longo da lateral de seu crânio.

— Apenas alguns machucados. — Ele passou a mão gentilmente sobre a cabeça. — Uma viga me nocauteou, e eu provavelmente teria morrido devido à exposição ao calor e à fumaça se Gale não tivesse nos mantido em um bolsão de ar fresco. Ela fora atingida por um pedaço da parede do celeiro quando esta fora destruída. Mas recuperou a consciência e usou sua magia. Ela criou um colchão de ar ao nosso redor para impedir que os detritos em chamas invadissem o nosso buraco.

— Por que eu não o vi na manhã seguinte? Por que não gritou?

— O telhado formou uma tenda sobre nós, e não havia nada que você pudesse fazer até o fogo se apagar. — Valek voltou a levar as mãos às costelas. — Eu não tinha ar suficiente para gritar, e Gale precisava de todas as suas forças para nos manter vivos.

— Por que ela não apagou o fogo? Ou salvou as crianças?

— Os poderes dela são limitados. Faz tudo parte da história da dança do clima. — Ele apontou para a carroça. — Pode perguntar para ela. Eu a trouxe comigo. — Ao notar o meu olhar indagador, ele acrescentou: — Vamos precisar de toda ajuda possível.

Olhei para o outro lado da carroça. Gale segurava as rédeas de Onyx e Topaz. Kiki já os encontrara e estava focinhando Topaz. Garnet estava ali perto. A expressão tensa do rosto de Gale deixava claro como ela se sentia pouco à vontade cercada por tantos cavalos.

— Descobriu mais alguma coisa? — perguntei para Valek.

— Descobri que encontrar roupas quando se está seminu é mais difícil do que as pessoas pensam. E cavalos assustados podem viajar um bocado na direção errada antes que se consiga encontrá-los. — Ele olhou para o grupo de cavalos. — Onyx e Topaz são rápidos, mas

não há nada como um cavalo Sandseed quando se está com pressa. E, apesar do seu desvio até Booruby, amor, não foi fácil alcançá-la.

— Poderia ter arrumado um jeito de me deixar saber que estava bem. A última semana foi terrível para mim.

— Agora sabe como eu me senti quando você mergulhou no fogo do estábulo. E sabe como eu me sentirei se não voltar de sua luta com o Deformador do Fogo.

Abri a boca e, em seguida, a fechei.

— Você estava escutando a conversa.

— Estava querendo escutar todo mundo dizer como sentia falta de minhas qualidades altruísticas, de minhas habilidades lendárias como guerreiro e como amante. — Ele sorriu zombeteiramente. — Em vez disso, vocês estão fazendo planos para amanhã. Interessante como a vida continua apesar de tudo. — Valek ficou sério e me fitou com intensidade. — Com todo esse planejamento, amor, tenho certeza de que poderá encontrar um jeito de retornar.

— Não sou esperta o suficiente. — Minha frustração me comprimiu o peito, até eu sentir vontade de gritar. — Não sei o suficiente a respeito de magia! Acho que ninguém sabe. Estamos simplesmente seguindo aos trancos e barrancos, usando e abusando da magia.

— Realmente acredita nisso?

— Acredito. Embora eu admito ser uma hipócrita. Ao primeiro sinal de problemas, recorro à magia. — Minha habilidade de guiar almas não me exauria as energias como o uso da magia. Eu não acessava a fonte do poder. Era um esforço natural, como inspirar e expirar. — Quando penso em magia, tudo que vejo é o mal que ela já fez a este mundo.

— Não está olhando nos lugares certos.

E isso vindo de alguém que era imune aos efeitos da magia. Eu já vira, em primeira mão, o ritual Kirakawa, a magia de sangue, a corrupção do poder, o massacre dos Sandseed e as almas atormentadas. Tinha de haver um basta.

Valek estudou a expressão do meu rosto.

— Pense no que disse para o Comandante sobre magia.

— Estou tendendo a concordar com o Comandante sobre como a magia corrompe.

— Sendo assim, por que mencionou para o Comandante como a magia pode utilizar o poder das tempestades e salvar o povo dele, em vez de discutir a possibilidade de usar o poder como uma arma? Se a magia corrompe, por que ainda não corrompeu você? Ou Irys? Ou o Homem da Lua? Ou Leif?

— Porque nós não nos deixamos corromper.

— Isso mesmo! Vocês têm a escolha.

— Mas é uma escolha muito tentadora. O poder vicia. É apenas uma questão de tempo.

— Ah, sim. Há gerações que Sitia vem batalhando contra os Deformadores. Embora seja difícil notar isso com toda essa paz e prosperidade que nos cerca. — As palavras de Valek vinham banhadas em sarcasmo. — Vamos ver. Quanto tempo faz que os magos usaram a magia do sangue? Acho que o Homem da Lua me disse dois mil anos. Nesse caso, você tem razão! É apenas uma questão de tempo. Uma questão de dois mil anos. Eu gosto dessas chances.

— Nunca me dei conta de como você pode ser irritante.

— Sabe que eu estou certo.

— Eu poderia provar que está errado. Poderia me tornar corrupta. Foi a minha vez de sorrir zombeteiramente.

Valek olhou para Janco e os outros. Eles rodeavam a fogueira, tentando dar a impressão de estarem distraídos, mas eu sabia que escutavam atentamente cada palavra.

— Não diante das crianças, meu amor. Mas pode me mostrar como isso funciona mais tarde.

A noite desapareceu em um instante. Terminamos de preparar a carroça e atualizamos os nossos planos para incluir Valek e Gale.

Os outros aceitaram de bom grado o retorno de Valek, embora Janco houvesse feito um comentário sobre a falta de cabelo de Valek.

— Já notou como casais começam a ficar parecidos com a convivência? — ele perguntou.

Sem pestanejar, Valek retrucou:

— Já. Na verdade, estava justamente pensando como você e Topaz estão a cara de um, o focinho do outro. É assustador.

Ari riu da expressão vexada de Janco, antes de anunciar:

— A caravana já vai partir. Em que parte da fila quer que fiquemos?

— Perto do fim, mas não em último lugar — Valek instruiu. — Quando não pudermos mais ser vistos da casa da guarda, siga para a Fortaleza.

— Sim, senhor.

Ari fez posição de sentido.

Olhei para o nosso pequeno grupo. Marrok fitava Valek com desagrado, mas assumira a postura de um soldado aguardando ordens. Leif mordida o lábio inferior, um tique nervoso. O rosto de Gale estava pálido de medo, mas ela cerrara os dentes com determinação. Ela me contou que, comparado ao de um Stormdance, o seu poder era fraco, mas ela era capaz de agitar o vento e levantar poeira o suficiente para dificultar a visão de um Daviian.

— Não sabemos o que vamos encontrar dentro da Fortaleza. Fiquem atentos às instruções e sigam as ordens, mesmo que não façam sentido — Valek ordenou.

Antes que pudéssemos nos colocar em posição, entreguei três dos animais de vidro de Opal para Leif, e três outros para Gale.

— Para que isso? — Leif perguntou.

— Fiquem com um, entreguem os outros para o Homem da Lua, Irys, Bain e Dax se eles ainda estiverem vivos. — Engoli em seco. — Acho que posso usar os animais para me comunicar com vocês quando estiver no mundo do fogo.

Leif fitou-me com os olhos tristes, mas eu lhe dei as costas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

— Venha, você primeiro.

Apontei para a carroça.

Leif, Gale e Valek esconderam-se nas três caixas no fundo da carroça. Colocamos outra caixa vazia e algumas mercadorias de verdade sobre elas. Em seguida, deitei-me na caixa de cima.

Quando Marrok fechou a tampa, meu coração bateu forte com um pânico súbito. Minha garganta se fechou quando tapetes foram empilhados em cima da caixa. A carroça sacudiu-se. Eu queria sair. Sentia-me aprisionada. Os outros podiam deixar suas caixas através dos painéis ocultos que havíamos instalado no piso da carroça. Eu não. Isso não ia funcionar. Os Vermes descobririam tudo antes que pudéssemos alcançar a Fortaleza. E então, o que aconteceria?

Inspirei várias vezes para me acalmar. Seríamos capturados. Eu seria entregue ao Deformador, justamente como eu queria. Tudo o que perderíamos era o elemento surpresa. Apesar de útil, mesmo com ele, as chances dos outros sobreviverem eram poucas.

Meu raciocínio melancólico não estava ajudando muito meu estado de espírito. Sendo assim, concentrei-me no movimento da carroça. Fora uma noite longa e emocionalmente exaustiva. Adormeci durante a jornada até a Cidadela.

O som de uma voz desconhecida me despertou. Havíamos parado, e, a julgar pelas vozes, supus que estivéssemos no portão norte da Cidadela. As vozes se aproximaram, e uma pessoa bateu na minha caixa. Sobressaltei-me, mordendo o lábio para conter um grito.

— O que tem neste? — um homem perguntou.

— Os melhores lençóis de seda confeccionados pelo clã Moon, senhor — o comerciante respondeu. — Talvez queira comprar um jogo, que tal? Sinta o tecido e saberá que a sua esposa ficará muito ansiosa para experimentá-los.

O homem riu.

— Não vou gastar um mês de soldo por uma noite com a minha esposa. Foi por isso que me casei com ela.

As gargalhadas foram interrompidas quando o guarda perguntou ao mercador o seu motivo para entrar na Cidadela. Após o que pareceu ser horas, a carroça começou a mover-se. Ari acelerou, e supus que houvéssemos nos separado do restante da caravana.

Quando os sons do mercado me alcançaram, a carroça desacelerou. Ari gritou para os proprietários das barracas, dando o sinal de que deveriam dar início aos preparativos da revolta. A rede de mensageiros iria se dispersar para espalhar a notícia, e depois

permanecer em suas posições para repassar o sinal para entrar em ação.

A luta começaria quando nossa carroça adentrasse a Fortaleza. A carroça dobrou uma esquina e deteve-se com um solavanco. Ari praguejou ante o barulho de vários cavalos nos cercando. Uma voz conhecida ecoou.

— Ah, não. Isso não está nada bom.

Cahil.

CAHIL E seus homens haviam nos encontrado. Presa no interior do meu caixote, eu podia apenas aguardar o inevitável. Torcia para que Valek e os outros escondidos na carroça conseguissem escapar.

— Presumo que esteja com Yelena escondida em algum lugar na sua carroça, não é mesmo? — Cahil perguntou.

— Esteja com quem, senhor? — Ari perguntou, bancando o inocente. — Tudo o que tenho são produtos para o mercado.

— Para o mercado? O mercado pelo qual acaba de passar sem parar para descarregar? Eu acho que não. Apesar de seus disfarces e débeis tentativas de explicarem a sua presença, sei quem são e por que estão aqui. Na verdade, fui enviado por Jal para vir e escoltá-los até a Fortaleza.

Escutei um ranger quando Ari mudou de posição e detectei um ligeiro ruído vindo de baixo de mim. Provavelmente Valek abrindo seu painel de fuga.

— Relaxe — Cahil disse. — Não estou aqui para capturá-los. Estou aqui para me juntar a vocês. E espero, pelo bem de todos nós, que tenham um plano decente.

Tentei absorver as palavras de Cahil. Será que ele acabara de dizer que queria se juntar a nós?

— Um plano, senhor? — Ari indagou.

Cahil fungou irritadamente.

— Yelena! Leif! — gritou. — Saiam e digam para o seu gigantesco amigo nortista que estou falando a verdade. Vejam por si mesmos. Meus homens não desembainharam suas...

Um grito de surpresa foi seguido por um baque surdo. Em seguida, Ari saltou da carroça, e os tapetes sobre a minha caixa foram retirados. A tampa foi levantada. Eu estava com o canivete na mão, mas foi o rosto sorridente de Ari que me recebeu. Ele me ajudou a ficar de pé. Valek tinha uma faca encostada no pescoço de Cahil. Ele e Cahil estavam no chão. Os homens de Cahil permaneciam montados. Pareciam estar tensos e alertas, mas não haviam empunhado as armas. Leif e Janco juntaram-se a Ari, todos os três de espadas em punho. Marrok permaneceu montado em Garnet.

— Dê-me um motivo que seja para não lhe cortar a garganta — Valek rosnou para Cahil.

— Não conseguirão entrar na Fortaleza sem mim — ele respondeu.

Ele manteve-se imóvel, e as mãos permaneceram erguidas e longe do corpo.

— Por que a súbita mudança de lado? — perguntei.

O olhar de Cahil encontrou o meu. Ainda havia ódio irradiando de seus olhos, mas também havia a dor da traição.

— Você tinha razão. — Cada palavra fora dita como se lhe causasse dor física. — Estão me usando e...

— E o quê? — indaguei.

— Os rituais e a matança fugiram ao controle. Não posso mais tomar parte nisso. — Ele olhou para Marrok. — Não fui criado para ser assassino. Fui criado para ser um líder. Conquistarei o meu trono da maneira tradicional.

Embora a expressão do rosto de Marrok jamais houvesse mudado, seu corpo relaxou.

— Como podemos saber se está falando a verdade? — Ari indagou.

— Yelena sabe através de sua magia.

Sacudi a cabeça.

— Não posso usá-la. Alertará Jal e colocará em risco a missão.

— Ela já sabe que está aqui. Você a frustrou várias vezes, embora agora será muito mais difícil, visto que ela adquiriu uma quantidade absurda de poder através do ritual Kirakawa.

— Ela? — Valek e eu perguntamos ao mesmo tempo.

— Pensamos que Jal fosse Gede — eu disse.

Por um instante, Cahil nos lançou um olhar confuso.

— Vocês não sabiam? O que mais não sabem? *Estavam* planejando um ataque à Fortaleza, não estavam? Pensei que já houvessem descoberto tudo.

— Pois achou errado — retruquei irritada. — Tivemos de adivinhar qual era a situação no interior da Fortaleza.

— Nesse caso, aqui está um modo de eu provar a minha lealdade. Eu lhes contarei o que está acontecendo e os ajudarei a chegar lá dentro. De acordo?

Valek e eu trocamos um olhar.

— Eu ainda posso matá-lo? — Valek perguntou.

— Ao primeiro sinal de traição, pode — eu respondi.

— E quanto a depois que tudo isso tiver terminado?

— A decisão é sua.

Cahil nos fitou boquiaberto.

— Alto lá. Estou arriscando a vida para ajudá-los. Gostaria de algumas garantias.

— Chegamos a um ponto onde não há garantias. Para qualquer um de nós — eu disse.

— Isso não é muito encorajador — Cahil comentou.

— Não é para ser. Deveria saber o que acontece quando se brinca com fogo, Cahil. Mais cedo ou mais tarde, você se queima. Agora conte-nos o que sabe — ordenei.

Valek afastou a faca do pescoço de Cahil e recuou. Cahil olhou ao redor. Havíamos atraído uma multidão e tanto, contudo, para o meu alívio, vi que não havia Vermes em meio a ela. Foi então que me dei conta. Por que não?, perguntei para Cahil.

Ele me lançou um olhar sardônico.

— Estão todos na Fortaleza. Roze planeja um enorme ritual Kirakawa usando todos os magos que ela capturou para fortalecer os

seus Deformadores favoritos de uma vez só. E você vai ser o golpe de misericórdia.

Meu sangue transformou-se em gelo.

— Roze?

Uma expressão de superioridade apareceu no rosto de Cahil.

— É. Roze Featherstone, Primeira Feiticeira, também conhecida como Jalila Daviian, Primeira Deformadora e fundadora do clã Daviian.

Toda a cor desapareceu do rosto de Leif.

— Mas como? Por quê?

— Eu não fazia ideia até Ferde ser capturado. Ela me pediu para resgatá-lo, em troca do apoio do Conselho para invadir Ixia — Cahil contou. — Pensei que fosse uma missão clandestina para descobrir quem mais estava por trás da sua tentativa de assumir o poder. Mas, quando descobri a verdade sobre ela e os outros Deformadores, devo admitir que, na ocasião, não me incomodou nem um pouco. Ela prometeu atacar Ixia e me tornar rei.

— Quantos Deformadores estão lá dentro, e quem são as vítimas do ritual? — perguntei.

— Seis Deformadores muito poderosos, incluindo Roze e Gede. Eles têm sido muito cuidadosos no tocante a quem permitem aumentar os poderes, restringindo informações cruciais sobre o ritual Kirakawa a poucos selecionados. Há cinquenta soldados Vermes e dez Deformadores de nível mediano de poder. Dois desses Deformadores estão programados para receber poderes em nível de Mestre durante o grande ritual. As vítimas desse ritual serão os três outros Mestres, que estão encarcerados nas celas da Fortaleza, o Homem da Lua e os Conselheiros.

— E quanto aos estudantes?

— Os aprendizes mais velhos foram jogados nas celas. Os mais novos obedecem por medo.

— Como é que Roze planeja controlar os Mestres Feiticeiros?

— Ela tem o poder, mas acho que planeja espetá-los com Curare para poupar sua energia. Assim que estiverem amarrados, uma dose de Theobroma lhes enfraquecerá as defesas.

— Eles parecem ter um suprimento ilimitado de Curare — pensei em voz alta.

— Gede Daviian lhes forneceu a droga. Ele também ajudou a recrutar Sandseed insatisfeitos para o clã Daviian. E ter um Deformador do Fogo de estimação o tornou o membro mais valioso dos Daviian.

Considerarei toda a informação recebida.

— Como planeja nos colocar lá dentro?

— Como meus prisioneiros. Ela sabe que vim à sua procura. Eu a levarei até ela e, como meus sentimentos por você não mudaram, não precisarei fingir odiá-la. Sem pressentir nada de errado, Roze provavelmente me ordenará para levar o resto... — Ele apontou para Ari e Janco. — Para as celas.

— E por que eu haveria de cooperar com você?

— Porque estarei com Leif e terei feito um acordo de mantê-lo a salvo em troca da sua cooperação.

Todas as opções e possibilidades passaram correndo pela minha cabeça. Pela primeira vez, eu me sentia esperançosa no tocante às chances de sobrevivência de meus amigos.

— Cahil, quando levar os outros para as celas, poderá libertar todo mundo que estiver lá dentro?

— Contanto que Roze permaneça ocupada.

Valek sorriu.

— Qual é o plano, amor?

Aproximamo-nos da Fortaleza caminhando lentamente. Eu estava sentada no cavalo de Cahil, à frente dele. Ari e Marrok vinham na carroça com as mãos amarradas nas costas. Valek e Janco estavam escondidos nos engradados, e Leif montava Kiki, com um dos homens de Cahil na garupa, armado com uma faca.

Não tive de fingir estar com medo nem preocupada com os meus amigos. Nossa passagem pelos portões foi autorizada sem hesitação. Ari informara aos cidadãos da Cidadela para aguardar dez minutos antes de atacar a entrada da Fortaleza. Dez minutos para Cahil e o resto libertarem os prisioneiros e para eu mergulhar no fogo. Eu torcia para que fosse tempo suficiente.

A carroça passou pelo prédio da administração da Fortaleza até onde os alojamentos dos aprendizes formavam um anel ao redor de uma área aberta. Alguns alunos passaram apressadamente por nós, mantendo os olhares voltados para o chão, enquanto realizavam suas tarefas.

O pátio gramado fora transformado. Fitei com incredulidade a área devastada. A fogueira já era de se esperar, mas a grama ao redor do fogo fora coberta de areia. Manchas marrons avermelhadas embebiavam as areias, com estacas fincadas nelas.

Era o abatedouro do ritual Kirakawa. E a próxima vítima já estava amarrada às estacas e preparada.

Cortes ensanguentados lhe ziguezagueavam pelo tórax, braços e pernas. Embora obviamente sentindo muita dor, o Homem da Lua ainda esboçou um sorriso.

— Agora a festa pode começar — ele disse.

Roze o fitou com a testa franzida, e ele se contorceu de agonia. Ela estava de pé, próximo ao Homem da Lua. Gede estava ao seu lado. Outros Deformadores rodeavam a fogueira, observando com olhares predatórios.

— Vejo que enfim conseguiu fazer algo direito, Cahil — ela disse.
— Traga-a aqui.

Cahil deslizou para o chão e me agarrou pela cintura. Ele sabia que eu não precisava de ajuda para descer, de modo que devia ter algum outro motivo. Eu permiti que ele me puxasse de cima da sela e me largasse no chão.

— Onde você quer ficar? — ele perguntou com um sussurro disfarçado quando me ergueu bruscamente do chão.

— O mais perto do fogo que eu puder.

— Tem certeza?

— Tenho.

Embora a resposta do meu coração fosse outra. Não!, ele batia. Vamos! Fuja!

Ele cerrou a mão ao redor do meu braço e me puxou até Roze. Nós paramos a alguns metros do fogo. O calor pulsava em ondas. O suor escorria pelas minhas costas.

Roze gesticulou na direção de alguns Deformadores.

— Há dois escondidos nas caixas. Peguem-nos.

Os Deformadores e alguns soldados avançaram na direção da carroça. Após alguns sons de batidas e alguns improperios, Janco e Gale foram arrastados para fora da carroça.

— Há três compartimentos, mas um deles está vazio — um Deformador informou.

Roze me fitou com uma pergunta no olhar.

— Para mim. Para que eu pudesse entrar na Cidadela.

A verdade. Mantive em meus pensamentos a tarefa à mão e não permiti que eles se voltassem para Valek.

— A essa distância, Yelena, você por acaso se dá conta de que suas defesas mentais não passam de uma casca fina? Enxergarei as suas mentiras antes que elas se formem na sua mente. Não se esqueça disso.

Eu assenti e fortaleci meus escudos.

Ela riu e ordenou aos soldados que levassem os outros para as celas.

— Lidarei com eles mais tarde.

Assim que a carroça desapareceu de vista, ela olhou com intensidade para Cahil e para mim.

— Sua captura foi fácil demais — disse. — Deve me considerar uma tola, mas não importa. Preciso apenas expandir uma lasca de poder para descobrir o que você está planejando.

Sua poderosa magia invadiu minha mente.

Mantive-me focada em salvar o Homem da Lua, Leif e os outros, enquanto mentalmente me esquivava de sua investida. Não funcionou. Para distraí-la, perguntei:

— Por quê?

— Boa tentativa. — Sua magia atravessou minhas defesas, apoderando-se de meu corpo. — Você está em meu poder agora. Sitia está salva.

— Salva de mim?

Pelo menos, eu ainda podia falar. Na verdade, mesmo com todo o seu incrível poder, ela só podia controlar o meu corpo ou a minha mente. Não os dois.

— Salva de você. Do Comandante. De Valek. Nosso meio de vida está protegido.

— Matando sitianos? Usando magia de sangue?

— Um pequeno preço a se pagar pela nossa prosperidade contínua. Eu não podia permitir que o Comandante nos invadisse. O Conselho não enxergava o problema. Criei os Daviian como uma contingência, uma arma secreta para quando eu precisasse deles. Funcionou. O Conselho acabou concordando comigo.

Um brilho arrogante reluziu no olhar de Roze. Através do nosso elo mental, pressenti que ela não entendia toda a verdade ou que preferia ignorá-la.

— Os Daviian forçaram o Conselho a concordar com você. Eles estavam com os filhos dos Conselheiros.

Uma extrema irritação franziu a testa de Roze. Ela lançou um olhar repleto de veneno para Gede. Ele sabiamente permaneceu calado, mas seus músculos se retesaram.

— Tem certeza de que está no controle dos Daviian? — perguntei.

— É claro. E assim que escolhermos um novo Conselho, atacaremos Ixia e libertaremos os seus habitantes. Eles receberão, de braços abertos, o nosso estilo de vida.

Ela sorriu.

— Quer dizer que você salvou Sitia? Diga-me, como sacrificar o Conselho é diferente de Valek assassinar seus membros?

Roze franziu a testa, e uma onda de dor espalhou-se pelo meu corpo. Meus pensamentos ficaram confusos quando um tormento interminável retorceu meus músculos. Quando recuperei os sentidos, estava deitada na areia, olhando para ela.

— *Escolher* novos conselheiros não é o mesmo que *nomear* novos generais? — perguntei.

Outra descarga de dor espalhou-se pela minha espinha. Arqueei o corpo para trás e gritei. Suor brotou de minha cabeça, encharcando minhas roupas. Meu coração batia forte, como se estivesse correndo para salvar a própria vida. Esforcei-me para inspirar.

— Há mais alguma coisa que queira perguntar?

Perigo reluzia no olhar de Roze.

— Há. Em que os seus atos diferem dos do Comandante?

Ela hesitou, e aproveitei a vantagem.

— Quer proteger Sitia do Comandante, só que, no processo, você se transformou nele.

Sua boca abriu-se para protestar, mas eu a interrompi.

— Está preocupada que o Comandante possa invadir Sitia e transformar os seus clãs em Distritos Militares. No entanto, você está planejando atacar Ixia e transformar os Distritos Militares dele em clãs. Qual é a diferença? Diga-me!

Dando a impressão de estar furiosa, ela sacudiu a cabeça.

— Eu... Ele... — Em seguida, Roze riu. — Por que eu deveria lhe dar ouvidos? Você é uma Descobridora de Almas. Você quer controlar Sitia. É claro que vai tentar me convencer com suas mentiras.

Gede relaxou e riu junto com Roze.

— Ela vai lhe torcer as palavras. Deveria matá-la agora mesmo.

A Primeira Feiticeira inspirou fundo.

— Espere o ritual! Tenho algo que você quer — eu disse.

— O que você poderia ter que eu não pudesse tomar de você?

— De acordo com o ritual, uma vítima que se oferece voluntariamente liberta mais energia do que aquela que resiste.

— E você se submeterá a mim em troca do quê?

— Em troca da vida de todos os meus amigos.

— Não. Apenas uma. Você escolhe.

— Nesse caso, a do Homem da Lua.

Torcia para que os outros conseguissem escapar.

Ela me libertou do seu poder. Fiquei de pé, mas Roze apontou.

— Deite na areia — ordenou.

— Posso fazer mais uma pergunta antes?

— Uma pergunta.

— O que acontecerá com o Deformador do Fogo após este ritual?

— Assim que você estiver morta, o nosso combinado estará completo. Nós lhe prometemos o seu poder e alimentá-lo em troca de conhecimento no tocante à magia do sangue. Após isso, ele terá poder suficiente para governar o submundo.

Um grito nos alcançou, e senti uma investida mística.

Roze voltou-se na direção do tumulto e gesticulou na direção dos seus Deformadores.

— Cuidem deles. — Despreocupada, ela virou-se para mim e disse: — Sabe que eles não chegarão perto de nós. Meus Deformadores e eu temos poder suficiente para detê-los.

— É, eu sei.

— Mas não acho que acredita nisso. Observe o que posso fazer. Isso costumava me drenar as energias. Agora basta um pensamento.

Seu olhar se voltou para o Homem da Lua.

O rosto do Tecelão de Histórias ficou pálido, e seu corpo estremeceu, para, em seguida, ficar imóvel. O brilho dos seus olhos se apagou, e sua alma deixou-lhe o corpo.

MERGULHEI SOBRE sua figura imóvel e inalei-lhe a alma antes de desabar na areia.

Gede deixou escapar uma exclamação de surpresa.

— Ele era para o ritual.

Roze riu e disse:

— Não se preocupe. Ela agora me fornecerá duas fontes de poder quando eu lhe cortar o coração do peito.

— Tínhamos um acordo, Roze. A minha cooperação em troca do Homem da Lua.

Tirei a areia das minhas roupas.

— E por acaso não cooperará quando eu levar uma faca ao pescoço de Leif? — ela indagou. Pela expressão do meu rosto, ela teve certeza de que eu cooperaria. — Você é sentimental demais, Descobridora de Almas. Poderia ter erguido um exército sem alma. Ele teria sido invencível. Magia não poderia afetá-lo. Apenas o fogo.

Outro grito ecoou pelo ar, contudo, desta vez, vindo da direção oposta. Um Verme veio correndo na nossa direção.

— O que foi agora? — Roze perguntou.

— Os portões da Fortaleza estão sob ataque — ele informou ofegante.

Ela olhou na direção dos Deformadores que lutavam contra os magos da Fortaleza. Uma visão da batalha formou-se na minha

mente. A ferocidade do combate diminuía. A variedade confusa de imagens místicas desaparecera, e os redemoinhos de poeira de Gale haviam se dispersado. Pessoas caíam ao chão após serem atingidas por dardos mergulhados em Curare. Leif, Ari e Bain jaziam paralisados. Janco lutava com um soldado, mantendo o homem entre ele e as zarabatanas. Seus movimentos ficaram mais lentos quando outro Deformador focalizou nele sua magia.

Os Deformadores de Roze haviam conseguido obter a vantagem. Era apenas uma questão de tempo.

— Não resta ninguém para resgatá-la — Roze falou.

Isso se tornou ainda mais aparente quando ela ordenou que alguns Deformadores deixassem a batalha e lidassem com a revolta nos portões.

Contudo, havia uma pessoa que eu ainda não vira, e isso me enchia de esperança.

— Roze, você ainda não descobriu tudo.

Ela pareceu pouco convencida.

— O que eu deixei escapar? Valek? Ah, eu sei que ele está aqui. A magia pode não afetá-lo, mas o Curare dará conta do recado.

— Não. O Deformador do Fogo.

— O que tem ele?

— Não levou em conta que ele pode ter planos diferentes dos seus.

— Não seja ridícula. Gede e eu o alimentamos. Nós lhe demos poder. Quem mais o ajudaria?

— Eu.

Corri na direção do fogo. O berro de Roze pareceu distante ante o rugir das chamas. O calor me envolveu como um abraço amoroso. Dor ardente transformou-se em pontadas de prazer. Mas, desta vez, o mundo não se transformou em uma planície preta. Almas preencheram o meu mundo, contorcendo-se e gritando de angústia. O ar fedia a infecção e decomposição.

Socorro! Socorro!, elas gritavam.

O Deformador do Fogo ordenou que ficassem quietas e as empurrou para longe de mim.

— Ela está aqui por minha causa — disse. — Ela não os ajudará.

Ele me estudou.

— Você me trouxe uma guloseima. Não apenas uma alma para o céu, mas o poder vibrante do Homem da Lua aumentará as minhas forças.

O Homem da Lua estava de pé ao meu lado. Ele examinava o mundo do fogo com ligeiro interesse.

— Lamento que esteja aqui — eu disse. — Não planejava que fosse ser você.

— E por que não? Sou o seu guia, Yelena. Na vida e na morte. Isso jamais mudará.

— Mas você disse que Gede era o meu novo Tecelão de Histórias.

— Você estava procurando um caminho fácil. Que foi o que Gede ofereceu. Poderia ter me reivindicado como o seu Tecelão de Histórias quando bem entendesse.

— Como?

— Bastava pedir. Ou melhor, implorar pelo meu retorno. Seria muito melhor para o meu ego.

O Deformador do Fogo se colocou entre nós.

— Que tocante. Agora leve-me ao céu — ele exigiu.

— Não — respondi.

— Não pode se recusar. Temos um acordo.

— Eu prometi retornar, não prometi levá-lo ao céu.

— Nesse caso, você e o Homem da Lua permanecerão aqui sofrendo, e eu usarei o seu poder para alcançar o céu.

Ele avançou e me agarrou pelos braços.

Minha pele ferveu, como se punhais ardentes de dor se espalhassem pelo meu corpo. Eu gritei, mas ele não tinha o poder de tomar o que queria. Eu tinha de entregar para ele.

O Deformador do Fogo tentou outra tática. Com um aceno de seu braço, uma janela se abriu, e pude ver Roze e seus Deformadores. Leif, Bain, Ari, Janco, Cahil e Marrok estava presos a estacas no chão.

— Estão perdidos. Ainda restam alguns, mas quando eles tiverem sido capturados, a diversão começará. Contudo, se me conduzir até o céu, eu deterei Roze e libertarei todos os seus amigos e a sua família.

Olhei para o Homem da Lua.

— Se você não ajudar o Deformador do Fogo — ele disse. — Estaremos presos aqui, e Roze enviará cada um deles para sofrer neste mundo conosco.

Era justamente a situação que eu quisera evitar.

— Está me dizendo que é isso que eu deveria fazer?

— Não. Estou simplesmente enumerando as consequências.

— Nesse caso, o que devo fazer?

— A decisão é sua. Você é a Descobridora de Almas. Encontre sua alma.

Tive vontade de estrangulá-lo, mas ele já estava morto.

— Será que, ao menos uma vez, você poderia me dar uma resposta direta?

— Sim, poderia.

Dominada pela frustração e pela futilidade, eu o fitei intensamente. Pressentindo que eu me sentia conflitada, o Deformador do Fogo permitiu que as almas se aproximassem de mim, para que eu pudesse ter uma ideia do destino dos meus amigos. Seus gritos agudos ecoaram nos meus ouvidos, e o seu calor assava minha pele, tornando a concentração difícil. O odor fétido atacou os meus sentidos.

— Observe — ele disse e apontou para a cena além do fogo. — Roze aprisionou Irys em um casulo de magia. Ela a forçará a deitar-se no chão, para ser amarrada às estacas.

Como dito, Irys caminhou na direção de Roze. Ela ajoelhou-se diante dela. Irys olhou para o lado, antes que o outro Deformador a aprisionasse na areia. Eu acompanhei-lhe o olhar e avistei Valek.

Ele enfrentava quatro Deformadores com espadas, mas eu sabia que eles lançavam cada pinga de magia que possuíam contra ele. E a julgar pelo olhar intenso de Roze, ela voltava seu poder contra ele. Embora a magia não funcionasse, Valek ainda podia sentir-lhe a presença, e ela lhe tornava os movimentos mais lentos. Um soldado aguardava ali perto com uma zarabatana, aguardando a primeira oportunidade para atingir Valek com um dardo.

— E Valek será o próximo — o Deformador do Fogo disse. — O que você quer fazer? Assistir à morte dos seus amigos e do seu

amado ou me guiar até o céu?

Estendi minha mão para o Homem da Lua e para o Deformador do Fogo.

— Venham — eu disse.

UM SORRISO triunfante desenhou-se no rosto do Deformador do Fogo. O Homem da Lua permanecia inabalável. Ele segurava minha mão. Embora parecesse ser feita de fumaça, sua mão parecia sólida na minha. O Homem da Lua olhou para mim. O formato oval de seus olhos me lembrou os de Roze. Por que eu não me dera conta da semelhança antes?

Os comentários de Roze voltaram a me passar pela cabeça. Será que eu poderia reanimar o corpo do Homem da Lua após tê-lo levado para o céu? De acordo com Roze, corpos sem alma não eram afetados por magia. Será que eu poderia criar um pequeno exército para ajudar Irys e Valek?

Meu morcego voou ao redor da minha cabeça. Estranho. Como é que ele estava ali?

O Homem da Lua suspirou. Eu não percebera o que realmente era importante. Não importava como o morcego chegara ali, mas sim por que ele estava ali. Morcegos. O morcego de vidro de Opal. Levei a mão ao bolso, mas a resposta interrompeu o movimento. A irmã de Opal. Tula!

Quando Ferde roubara a alma de Tula e a estrangulara, eu usara minha magia para respirar por Tula. Contudo, assim que eu parara, ela também parara.

Eu não possuía o poder para erguer um exército sem alma.

O mago nascido cento e cinquenta anos atrás não era um Descobridor de Almas, mas um Ladrão de Almas.

Eu era uma verdadeira Descobridora de Almas. E sabia quais eram as responsabilidades do meu trabalho. O Deformador do Fogo começou a ficar impaciente com a minha demora e tentou pegar minha mão livre. Eu a puxei para mim. Meu morcego guinchou de alegria e desapareceu.

Procurei Roze com os meus pensamentos, enxergando-lhe a alma e as almas de todas as suas vítimas aprisionadas dentro dela. Seu sangue havia sido injetado na Primeira Feiticeira para vinculá-las a ela. Empurrei o sangue, fazendo com que este vazasse pelos poros dela, libertando as almas e enviando-as para o céu.

Ela gritou e enrolou as mangas. Um líquido negro escorria de seus braços, pingando na areia. O fedor pútrido de sangue rançoso a cercou como uma névoa. Cada um que eu removia enfraquecia Roze, até restar apenas o próprio poder dela.

Em seguida, projetei minha mente na direção de Gede e fiz o mesmo com ele. Uma a uma, fui privando os Deformadores das almas, enfraquecendo-os.

O Deformador do Fogo gritou um impropério e saltou na minha direção. O Homem da Lua o interceptou e lutou com ele, para que eu pudesse voltar minha atenção para a Fortaleza.

A influência mística que Roze exercia sobre Irys enfraquecera quando eu a privei de poder. Libertada da magia, Irys usou suas próprias habilidades para puxar uma faca para perto de si, de modo a poder cortar a corda. Assim que se libertou, correu para os outros poucos que, assim como ela, haviam sido capturados por magia, e não picados com Curare.

Gale e Marrok se uniram a ela, e eles atacaram Roze. Os oponentes de Valek se deixaram distrair pelo que estava acontecendo ao seu redor, fornecendo a Valek a oportunidade para despachá-los. O homem com a zarabatana saiu correndo. Valek voltou toda a sua atenção para Roze.

Satisfeita de ver que tudo estava bem com os meus amigos, eu me concentrei no Deformador do Fogo. Ele segurava com força o

Homem da Lua, comprimindo a alma do Tecelão de Histórias, de modo a vinculá-lo ao mundo do fogo.

— Pare — eu disse. — Você não ganhará mais poder hoje. — Puxei o Homem da Lua com a minha magia, e ele saltou das garras do Deformador do Fogo. — Eu encontro almas e asseguro que elas cheguem ao seu devido destino. Aqui não é o lugar dele. Mas é o seu.

Passei por ele. O Deformador do Fogo tentou me deter, mas ele não passava de uma alma, como todas as outras, e eu o controlava. Cruzando o mundo do fogo, encontrei aqueles que não pertenciam àquele lugar e os libertei para o céu. A cada um, o Deformador do Fogo gritava comigo, mas eu o ignorei. Um longo tempo se passou enquanto eu libertava todas as almas, mas minhas energias aumentavam com cada resgate.

— Por que não estou cansada? — perguntei ao Homem da Lua.

Ele sorriu.

— Pense no que aprendeu hoje.

Olhei ao redor. O poder do Deformador do Fogo diminuía com cada alma libertada. Talvez roubar-lhe o poder tivera servido para aumentar o meu próprio?

— Não.

O Homem da Lua parecia um tanto quanto irritado, como se não conseguisse acreditar em como eu era lerda. Sua expressão me deu um certo prazer. Abalar sua calma exigia um grande esforço de minha parte.

O Deformador do Fogo me fitou com fúria.

— É apenas uma questão de tempo antes que eu recupere as minhas forças — ele afirmou. — Sempre há alguém que deseja mais poder, e eu estarei à sua espera.

— Não se eu puder impedir — retruquei.

— Nesse caso, terá de passar a eternidade comigo para impedi-lo. O conhecimento já se espalhou. Outro tolo irá descobrir como me contatar através das chamas.

Ele tinha razão. Mas eu era a Descobridora de Almas. Para fazer o meu trabalho, teria de permanecer no submundo e enviar as almas

para os seus devidos lugares. Pensando no meu trabalho, eu me lembrei da minha promessa ao Homem da Lua.

— Pode me guiar até o mundo das sombras? — perguntei.

— Não. Mas você pode me mostrar o caminho.

— E você ainda se chama de guia?

Ele sorriu serenamente.

— Eu odeio você.

Agarrei a mão do Homem da Lua.

Pensei no mundo das sombras com sua planície e céu acinzentados. O brilho avermelhado desapareceu, e logo o terreno liso estendeu-se diante de nós.

— Isso é apenas o corredor entre mundos, Yelena. Olhe mais a fundo para ver o verdadeiro mundo das sombras.

Outra instrução enigmática. Apesar de todas as minhas habilidades, eu ainda não conseguia que o Homem da Lua me desse uma resposta direta. Coloquei de lado minha frustração e me concentrei em quem eu estava tentando encontrar. Os Sandseed que haviam sido mortos pelos Vermes nas planícies Avibian.

A área lisa começou a ondular e a se transformar nas Planícies. Pequenas aglomerações de rochas cresceram, e grama e alguns arbustos brotaram do chão liso e acinzentado. Um grupo de tendas de lona apareceu ao redor de uma fogueira. A cena diante de mim lembrava um acampamento Sandseed. No entanto, não havia cor. Apenas preto, branco e tudo quanto era tom de cinza.

Sandseed se aglomeravam neste acampamento, nas planícies Avibian alteradas, vivendo nas sombras projetadas pelo mundo real. Eles se apegavam às lembranças de suas vidas, sem se dar conta de que a paz os aguardava no céu.

Caminhei por entre eles e conversei com eles. Seu número começou a aumentar, e tive de me impedir de reviver os horrores do ataque e do massacre dos Vermes. Fiz promessas de cuidar dos Sandseed sobreviventes que haviam se escondido durante o massacre. Dias ou semanas poderiam ter se passado enquanto eu os convencia a seguir para o seu destino. Eu não tinha conceito de tempo.

Mais uma vez, à medida que eu enviava cada um deles para o céu, minhas forças iam aumentando.

— Há muitas outras almas agarrando-se ao mundo das sombras — eu disse para o Homem da Lua, pensando em todas as cidades e aldeias de Sitia e Ixia. — Deixe-me devolvê-lo ao seu corpo, e você poderá contar o meu destino para os outros.

— Não posso retornar — ele disse. — Ao contrário do seu, o meu corpo já morreu. Mesmo se você me curar, eu seria infeliz e desejaria a morte.

— Como aconteceu com Stono e Gelsi?

— É. Mais cedo ou mais tarde, ambos encontrarão o seu caminho de volta para onde é o lugar deles.

— Nesse caso, eu o enviarei para o céu. Você merece estar lá.

— Não até que você tenha entendido.

— Eu entendo. Estou fazendo o meu trabalho. Estou resignada a viver aqui para manter Sitia e Ixia a salvo de mais Deformadores!

Eu juntei as mãos para impedir que elas se fechassem ao redor do pescoço grosso do sr. Eu-sei-tudo-e-você-não.

— Está mesmo resignada?

— Eu...

Bufei de frustração. Preferia estar com Valek, Kiki, meus pais, Leif, Irys, Ari, Janco e meus outros amigos. Eu aprendera qual era meu verdadeiro trabalho, mas ainda havia muitos aspectos da minha magia, e da magia de outros, para explorar. Pensei na habilidade única de Opal. E, em seguida, lembrei-me de meu morcego de vidro.

Será que ele sobrevivera ao fogo? Eu o senti no interior do meu bolso. Estranho como minhas roupas haviam sobrevivido às chamas. Meus dedos encostaram em um volume liso. Retirei o animal de dentro da minha capa. O interior reluzia de magia. Fitando a luz, enxerguei o rosto melancólico de Leif. Ele me fitou com tristeza e depois com incredulidade, quando sorri para ele.

— Saudações do submundo — eu disse.

— Yelena! O quê...? Onde está...? Volte!

— Não posso. Conte-me o que aconteceu?

Ele me ofereceu um resumo de como a batalha se desenrolara depois que eu saltei para dentro do fogo. A maioria dos

Deformadores estava morta, apenas Roze, Gede e quatro outros permaneciam com vida. Estavam nas celas da Fortaleza, aguardando julgamento.

— Eles serão enforcados por traição e assassinato — Leif disse. Sua expressão ficou mais triste. — Enterramos o Homem da Lua semana passada.

— Semana passada? Mas...

— Faz semanas que você desapareceu. Estamos mantendo a fogueira ardendo, na esperança de que você retorne. Além disso, Valek não deixa que a apaguemos. Ele vem ajudando os Conselheiros e os Mestres Feiticeiros a se recuperarem da provação pela qual passaram, além de estar trabalhando para melhorar as relações entre Sitia e o Comandante, através da embaixadora Signe. De o flagelo de Sitia, Valek passou a ser o herói de Sitia.

Leif sorriu sardonicamente.

Valek. A pessoa com quem eu não me importaria de passar a eternidade.

Leif prosseguiu.

— E o resto de nós está lidando com as consequências da tentativa de golpe. Muitos estudantes foram mortos pelos Vermes. Ainda estamos tentando determinar quem restou. Seu amigo, Dax, está bem, mas Gelsi morreu resistindo a um Deformador.

O Homem da Lua estava certo. Gelsi encontrou uma maneira de voltar. Torci para que Stono não sofresse tanto antes que sua alma encontrasse o céu.

Ele fez uma pausa.

— O exército sitiano está caçando os Vermes restantes que escaparam. Os Sandseed voltaram para as Planícies para repovoar o seu clã. — Leif suspirou. — Todo mundo sente saudades suas. Por que não pode voltar?

— Alguém precisa impedir que o Deformador do Fogo recupere seu poder.

Leif franziu a testa ao pensar e, em seguida, pareceu esperançoso.

— Bain queimou aqueles antigos textos Efe para impedir que qualquer um aprenda sobre a magia do sangue.

— Mas há outros que sabem como realizar os rituais, e mesmo que os executem, eles estarão aqui no mundo do fogo, capazes de se comunicar com alguém determinado a encontrá-los.

— Você é a Descobridora de Almas. Não pode enviá-los para algum lugar inalcançável?

— Eles não merecem estar no céu.

— Por que não? — o Homem da Lua perguntou.

Minha mente repassou o que eu sabia sobre o céu, o que era muito pouco.

— Acho que eles o contaminariam. O céu é puro, e seus atos vis o maculariam.

— Finalmente. E o que é o céu?

O que mesmo? Quando eu enviava almas para lá, sentia-me revigorada, mesmo tendo usado o poder, o que normalmente me causa fadiga. Eu acrescentava almas ao céu. Eu as acrescentava ao manto de poder que envolvia o mundo.

A fonte de magia!

A alma do mundo.

O Homem da Lua sorriu para mim.

— Agora você pode me enviar para lá! E depois poderá retornar para sua vida. — Ele riu ante a minha expressão desconfiada. — Você encontrará um modo, Yelena. Você sempre encontra.

— Um último conselho enigmático?

— Considere o meu presente de despedida.

Hesitei por um instante. Depois que o Homem da Lua se fosse, eu ficaria sozinha.

— Um motivo ainda melhor para não ficar — o Homem da Lua falou.

— Aí está uma coisa da qual não vou sentir falta.

— Do quê?

— De você lendo os meus pensamentos o tempo todo e me forçando a descobrir as coisas por conta própria.

— Tudo faz parte de ser o seu Tecelão de Histórias. Não acaba aqui, sabe? Ainda escutará a minha voz na sua cabeça de tempos em tempos, oferecendo-lhe meus conselhos peculiares.

Eu gemi.

— E eu que estava pensando que passar a eternidade no submundo fosse ruim!

Antes de enviá-lo para o céu, fitei-o intensamente, tentando guardar as suas feições na lembrança, incluindo o sorriso sardônico. Quando ele desapareceu, sua ausência pareceu uma camada de gelo cobrindo minha pele. Dei-me conta de que ainda segurava o morcego de Opal, mas minha conexão com Leif fora interrompida.

Vaguei pelo mundo das sombras, encontrando almas perdidas. De vez em quando, verificava o mundo do fogo, para me certificar de que o Deformador do Fogo continuava como tinha de estar. Ele praguejava, zombava de mim e tentava me bajular, dependendo do seu estado de humor.

Irys, Leif e Bain, todos falavam comigo através dos animais de vidro. Eram os únicos capazes de utilizá-los. Através deles, eu soube que Roze, Gede e os outros Deformadores logo seriam enforcados. Eu me preparei para recebê-los no mundo do fogo.

Enquanto isso, eu fitava meu morcego de vidro, tentando e não conseguindo me conectar com Valek. O desejo de falar com ele, de abraçá-lo, ameaçava dilacerar meu corpo. A frustração ante a minha incapacidade de me comunicar com ele fez com que uma janela se abrisse para o mundo real e eu pudesse ver o que acontecia ao redor do meu fogo. Ri ante a intensa sensação de posse. O meu fogo. Contudo, logo me recompus. Eu sabia que, após terem enforcado Roze e os outros, o meu fogo seria apagado, e a minha janela, fechada de uma vez por todas.

O Conselho planejava enforcar Roze e seus cúmplices em patíbulos montados sobre as areias manchadas de sangue e, em seguida, queimar-lhe os corpos no meu fogo. Um insulto reservado apenas aos traidores.

A areia seria removida, e talvez os jardineiros plantassem grama no espaço deixado para trás. Ou algumas árvores. Flores. Um memorial? Talvez uma estrutura semelhante a um dos chafarizes ou estátuas de jade da Cidadela. Para que não se esquecessem de mim e do Homem da Lua.

Agora eu estava sendo melodramática. Quando me desse conta, já estaria projetando o memorial, esboçando-o na areia. Perguntei-me

o que fariam com toda aquela areia. Enviar para Booruby para ser transformada em vidro? Para que Opal pudesse transformar o fogo em gelo?

Fiquei paralisada quando uma ideia tomou forma na minha cabeça. Ao pensar bem, encontrei muitas falhas e motivos para ela não dar certo. Mas bem-sucedida ou não, pelo menos, eu poderia dizer que tentei. E o simples esforço seria o suficiente para impedir que o Homem da Lua me perturbasse por algum tempo.

CHAMANDO LEIF através do meu morcego, torci para ainda haver tempo o suficiente. Ele pareceu ansioso para ajudar e foi correndo cuidar dos preparativos.

Os acontecimentos precisariam ocorrer em uma ordem específica para isso dar certo. Retornei ao mundo do fogo. O Deformador do Fogo seria nossa primeira cobaia. Aguardando na minha janela, esperei pelo retorno de Leif. Eu não gostava de ficar no mundo do fogo. Ruídos agudos perfuravam meu crânio, e um fedor pútrido permeava o ar. Eu preferia a monotonia silenciosa do mundo das sombras.

O Deformador do Fogo divertia-se com a minha ansiedade.

— Olhe como você não vê a hora de voltar. Seu sofrimento é o meu único prazer. E adorarei mantê-la aqui. Já pressinto um menino infeliz que deseja se vingar de seus atormentadores. Se o desejo dele crescer, serei capaz de falar com ele. A não ser que você me impeça.

Senti dúvidas no tocante ao que eu planejava. Será que eu estava sendo egoísta? Será que eu ainda poderia resgatar almas de dentro do mundo das sombras? No entanto, eu o fizera antes com os fantasmas da Colina da Coruja. Reprimindo meus temores, ignorei os comentários do Deformador do Fogo.

O que me pareceu algumas semanas, mas que poderia ter sido um mês ou mais, passou-se. A julgar pelos meus breves vislumbres da Fortaleza, a estação fria acabara, e a estação aquecedora começara. Recebia notícias de Leif, contudo, agora que eu tinha a chance de escapar, minha impaciência só fazia aumentar.

Por fim, todos os elementos estavam no devido lugar. Os patíbulos foram montados, e o equipamento necessário, trazido até a Fortaleza. Meu incrível alívio ao ver Opal me pegou de surpresa. Sua boca estava cerrada com determinação ao preparar as suas ferramentas.

Outra preocupação me passou pela cabeça. No interior do submundo, eu não sentira frio, calor, fome e nem sede. Contudo, se eu voltasse a atravessar o fogo, será que ele me queimaria? Eu descobriria muito em breve. O Deformador do Fogo me rondava, seu interesse evidente.

Opal pegou um tubo de metal comprido e o espetou para dentro da fornalha. Perguntei-me onde teriam arrumado as ferramentas para a fabricação de vidro. Ela girou o tubo e o puxou para fora. E deu início ao trabalho de confecção de um animal.

Quando ela se preparou para soprar para dentro do tubo, inalei a alma do Deformador do Fogo. Ele ganiu de surpresa e me chamuscou a pele quando eu o enviei através de Opal e para dentro do vidro. Ele gritou de pânico e resistiu. Mas eu o controlava. Afinal de contas, ele era uma alma.

Opal estremeceu, como se houvesse se queimado, mas retomou o seu trabalho, fabricando o porco mais feio e atarracado que eu já vira.

Colocando o animal no forno de recozimento, a espera começou. Será que o experimento funcionara? Se o Deformador do Fogo, de fato, estava preso no vidro, poderíamos isolar todos os Deformadores que sabiam como realizar a magia de sangue, impedindo que eles espalhassem a informação. E eu poderia voltar para casa.

Doze das horas mais longas se passaram antes que Opal retirasse o porco do forno e erguesse a estatueta para que todos pudessem ver. Foi então que me dei conta da quantidade de pessoas que

havam vindo ver. Eu estava esperando Leif, os Mestres Feiticeiros e os Conselheiros, mas parecia que Fisk e todos os membros da Associação de Ajudantes estavam presentes. Minha mãe e meu pai estavam em meio à multidão. A mão de Perl agarrava a garganta, pesarosa, mas parecia tão determinada quanto Opal.

Cahil e um regimento de soldados, inclusive Marrok, observavam em posição de sentido. Ari e Janco aguardavam ao lado de Leif. Janco estava com a cara amarrada, deixando clara a sua extrema antipatia por magia.

Valek brilhava com sua própria chama interna. Por ele, eu arriscaria enfrentar o calor do fogo.

Voltei minha atenção para a criação de Opal. Ela pulsava com uma indistinta luz avermelhada. O Deformador do Fogo estava aprisionado ali dentro.

Os espectadores comemoraram. Opal pousou o porco na areia e colheu outra porção de vidro derretido, preparando-se para a próxima alma.

Roze, sob o controle dos três Mestres Feiticeiros, foi forçada a subir os degraus do patíbulo. O laço foi apertado ao redor do seu pescoço, e o carrasco deu um passo para trás. O rosto de Roze se contorceu de fúria, e ela gritou.

O tempo parou, por um instante, e eu senti como teria sido ficar de pé ali, apavorada, aguardando que o chão se abrisse e a minha vida chegasse ao fim com o súbito partir do meu pescoço. Se dois anos atrás eu houvesse escolhido a forca, em vez de me tornar a provadora de comida do Comandante, será que tudo isso teria acontecido?

Roze caiu em câmera lenta. Seu corpo balançou na ponta da corda. Sua alma levantou voo, e eu a capturei.

Seus pensamentos odiosos preencheram a minha mente.

Ser a guardiã do submundo é um trabalho que lhe cai bem, Yelena. Aqui é o seu lugar. Você não acha mesmo que pode retornar, acha? Será temida por todos e se tornará uma pária em tempo recorde.

Se eu fosse uma Ladra de Almas, concordaria com você, respondi. *Você não me assusta, Roze. Jamais me assustou, e isso sempre a*

incomodou mais do que eu ser uma Descobridora de Almas.

Opal soprou. Enviei Roze na sua última jornada. Em seguida, Gede. Depois, os quatro outros Deformadores. Sete ao todo, incluindo o Deformador do Fogo.

Quando todos os Deformadores haviam sido aprisionados em vidro, Opal desabou no chão, completamente exausta. Agora eu podia ir embora. Olhei ao redor, tentando determinar se eu esquecera alguma coisa, se restara alguma alma capaz de fazer mal. Havia um pouco de verdade nas palavras de Roze. Independentemente de minhas explicações, os sitianos me temeriam, e as suspeitas e desconfianças do Conselho persistiriam durante um bom tempo.

Eram dificuldades bem-vindas. Tudo fazia parte da experiência de viver, e eu planejava aproveitar cada minuto dela.

Ao atravessar minha janela para a Fortaleza, sons me alcançaram. O rugir do fogo. Leif chamando o meu nome. Em seguida, o calor escaldante roubando o meu fôlego. Uma forte luz amarela e laranja apunhalou meus olhos. Minha capa pegou fogo. Mergulhei na areia e rolei no chão para apagar as chamas. Lá se ia a minha entrada grandiosa.

PASSEI MINHAS primeiras horas de volta encasulada no falatório empolgado de meus amigos e minha família. Todo mundo, com a exceção de Valek. Porém eu sabia que o veria quando a turba se dispersasse.

Assim que a minha fogueira terminou a tarefa macabra de transformar os traidores em cinzas, ela foi apagada. Uma fumaça espessa brotou dela e permaneceu próxima ao chão, até Gale Stormdance criar uma brisa fresca para levá-la embora.

Notei, com um bocado de interesse, como a vida foi rapidamente retomada. Embora felizes com o meu retorno, os Conselheiros partiram para uma reunião, e Fisk e seus amigos apressaram-se em voltar para o mercado para trabalhar.

Antes de ir embora, Fisk sorriu para mim e disse:

— Gentil Yelena, precisará de roupas novas para a estação quente. Conheço a melhor costureira da Cidadela. Venha me procurar quando estiver pronta.

A estação quente? Ari me contou que ela acabara de começar. Eu passara setenta e um dias vivendo no submundo, perdendo toda a estação aquecedora. Eu via esse tempo com emoções conflitantes. Fiquei feliz por minhas percepções no submundo não equivalerem à realidade, especialmente se algum dia eu precisasse retornar, e triste

por não ter estado aqui para ajudar a limpar a bagunça deixada pelos Vermes.

Ari e Janco reclamaram do clima quente e úmido e confessaram o seu desejo de voltar para casa, em Ixia.

— Nós nos divertimos acabando com todos esses Daviiian — Janco disse. — Mas tenho certeza de que Maren está com saudades de nós.

Ari não pareceu muito convencido. Ele lavara a tinta preta do seu cabelo, e sua pele clara estava bronzeada devido ao sol de Sitia. A pele de Janco também estava morena, combinando com as roupas sitianas.

— Ah, isto? — Janco disse quando mencionei seu novo colorido. — Você perdeu alguns dias lindos.

— Janco tem tomado banho de sol sempre que pode — Ari contou com evidente desdém. — Ele alega que manteve a fogueira acesa, mas eu o flagrei cochilando na areia algumas vezes.

— Uma vez! — Janco protestou.

Eles começaram a bater boca. Eu ri e me afastei, mas escutei Ari gritar:

— Pátio de treinamento. Cinco da tarde.

Os chamados insistentes de Kiki haviam me perturbado o tempo todo, desde que eu retornara. Corri até os estábulos para passar uma hora com ela. Talvez Valek aparecesse, e pudéssemos matar a saudade sobre o feno.

Cocei-lhe as orelhas, dei-lhe balas de hortelã e escondi-me atrás de uma pilha de feno quando o Cavalariaço veio à minha procura, provavelmente para me pagar um sermão por ter demorado tanto para devolver Garnet.

Moça Alfazema não vá embora de novo, Kiki disse nos meus pensamentos.

Eu tentarei evitar. Porém não posso prometer nada.

Ela bufou.

Dá próxima vez, Kiki vai.

Uma Descobridora de Cavalos?

Ajudar Moça Alfazema, Kiki disse, como se isso encerrasse a discussão.

Embora não visse a hora de retornar aos meus aposentos na torre de Irys, meus pais insistiram para que eu fosse até as suas acomodações na ala de hóspedes da Fortaleza, depois que eu visitasse os estábulos. Leif, Irys e Bain nos acompanharam, e nós seis ficamos sentados na sala de estar, tomando chá. Encaixada entre minha mãe e meu pai no sofá, fui mantida prisioneira. Minha vontade de ver Valek teria de aguardar.

Bain e Irys estavam muito interessados no que acontecera nos mundos das sombras e do fogo. Após oferecer-lhes um breve resumo, Bain me fez prometer ir visitá-lo e ditar os detalhes para o livro dele.

— Você passou no teste de nível Mestre — Irys disse.

— O quê?

Pega de surpresa pela mudança súbita de assunto, quase engasguei com o chá.

— Você desceu ao submundo e retornou com um espírito-guia. Seu confronto com o Deformador do Fogo foi o seu desafio, e a derrota dele, o seu sucesso.

— Mas eu não tenho um espírito-guia.

Leif riu.

— O seu morcego! Eu achei aquilo esquisito. Além do fato óbvio de ele querer ficar perto de você.

— Leif, isso não foi muito gentil, considerando tudo o que sua irmã fez por você — Perl censurou.

— Ah, sim, como pude me esquecer que ela me fez de isca para cobra, me deixou sob prisão domiciliar em Ixia e me contrabandeou para dentro da Fortaleza em um caixão. E não se esqueça da vez em que...

Ignorei o discurso de Leif. Tentei imaginar por que um morcego. Por que não algo temível, como um dragão de fogo ou uma cobra-colar? Irys tinha um falcão, Bain, um leopardo dos ventos, e Zitora, um unicórnio. Pensando em Zitora, lembrei-me de ir visitá-la na enfermaria. Ela fora gravemente ferida durante a luta com os Deformadores, e sua recuperação estava sendo lenta.

Repetidas vezes, olhei na direção da janela, na esperança de ver Valek. Inúmeras desculpas para poder me retirar e ir procurá-lo

passaram pela minha cabeça.

Bain interrompeu a lista de queixas de Leif contra mim.

— De acordo com nossas regras, Yelena é a Quarta Feiticeira.

Ergui a mão para evitar mais especulações desenfreadas.

— Não. Eu não consigo acender fogo nem mover objetos como os outros Mestres fazem. Sou uma Descobridora de Almas. Meu trabalho é encontrar almas perdidas e enviá-las para casa, incluindo as almas de Ixia. Ainda há necessidade de um oficial de ligação entre os dois países. Planejo reassumir tal função.

E minha primeira providência seria avaliar as intenções de Cahil. Sua ajuda em derrotar Roze e em expor todos os ninhos de Vermes provara ser inestimável para o Conselho, mas eu não estava convencida de que seu novo papel significava que, de algum modo, ele não fosse tentar reivindicar o trono de Ixia.

Leif perguntou:

— O que faremos com aquelas prisões de vidro? Elas estão sob guarda, mas não queremos que caiam nas mãos erradas.

— O que aconteceria se elas se quebrassem? — Perl perguntou.

Todos olharam para mim.

— Se as almas forem libertadas, elas irão para o mundo do fogo, a não ser que haja outra Descobridora de Almas para depositá-las em outro lugar.

— Outro lugar? — Leif ergueu as sobrancelhas.

— Em outro corpo ou no céu. — Suspirei. — Teremos de encontrar um lugar para proteger e escondê-las.

— A Fortaleza — Bain falou.

— A selva Illiais possui algumas cavernas profundas — Esau sugeriu.

— Sob as montanhas Esmeraldas — Irys opinou.

— No fundo da parte mais profunda dos mares — Leif disse.

— Enterrados sob as geleiras do norte — Perl recomendou.

— São todas excelentes sugestões, mas o Conselho precisará discutir a questão e chegar a uma decisão.

Meu olhar encontrou o de Irys. Ela me lançou um sorriso triste. Ambas sabíamos que o Conselho discutiria por meses a fio, e caberia a mim encontrar um lugar para elas.

Passei o restante da tarde com minha família. Perl e Esau me fizeram prometer que os visitaria.

— Uma agradável visita relaxante — Perl ordenou. — Nada de perseguir Vermes nem de salvar ninguém. Nós nos sentaremos e conversaremos, e eu lhe prepararei um perfume novo.

— Sim, mamãe.

Ela me fez comer antes que eu pudesse ir embora. Corri para o pátio de treinamento, torcendo para que Valek estivesse lá.

Ele não estava. O homem devia estar me torturando de propósito. Afinal, eu o fizera esperar por mais de dois meses. Talvez estivesse simplesmente retribuindo o favor.

Ari e Janco treinavam com espadas. E embora Janco cantasse as suas rimas e Ari usasse a sua força bruta, eles estavam equiparados em se tratando de habilidade. Interromperam o treino quando me viram.

— Venha — Janco disse. — Ari quer ter certeza de que você está em boa forma para lutar, antes de irmos embora.

— Quero?

— É, quer. Caso contrário, ficará preocupado com ela.

— Ficarei?

— É claro. — Janco fez um gesto de pouco caso ante os comentários de Ari. — Além do mais, isso é apenas a calma antes da próxima tempestade. Temos de estar preparados!

Desta vez, fui eu que perguntei:

— A próxima tempestade?

Janco suspirou dramaticamente.

— Sempre haverá outra tempestade. É assim que o mundo funciona. Tempestades de neve, tempestades de chuva, tempestades de vento, tempestades de areia e tempestades de fogo. Algumas selvagens e outras pequenas. Você precisa lidar com cada uma separadamente, mas precisa sempre estar atenta ao que está se armando para amanhã.

Ari revirou os olhos.

— A visão de vida peculiar de Janco. Ontem ele comparou a vida à comida.

— Isso é porque algumas comidas o deixam satisfeito, enquanto outras...

— Janco — eu falei. — Prepare-se para a *minha* tempestade.

Girei o meu cajado na direção dos pés dele.

Janco saltou com graciosa agilidade. Descartando a espada, ele pegou o cajado, e o nosso embate teve início.

Desde que voltara do submundo, eu era capaz de ver todas as pessoas de uma nova maneira. Com um piscar de olhos, eu era capaz de enxergar através de seus corpos e chegar diretamente às almas. Eu conhecia os seus pensamentos, seus sentimentos e suas intenções como se fossem os meus próprios. Antes eu tinha de puxar poder da fonte e projetar-me na direção das pessoas. Agora a conexão estava presente no instante em que eu pensava nela.

A surpresa cômica de Janco quando eu o derrubei com apenas três movimentos chegou a quase valer a pena a viagem até o submundo. Quase.

Ele bufou, ficou vermelho e tentou inventar desculpas. Eu interrompi nossa segunda luta para guiar uma alma até o céu. Muitas rondavam a Fortaleza, e eu sabia que teria de fazer uma varredura na Cidadela.

Janco enxergou meus atos mágicos como se eles o desagradassem.

— Pelo menos, você está gastando energia. Vai ser mais fácil de derrotar — ele zombou.

— É o que você pensa — retruquei.

Após perder as nossas próximas quatro lutas, Janco, por fim, desistiu.

— Será que estou pronta para a próxima tempestade? — perguntei, sorrindo com doçura.

— Você é a próxima tempestade.

Apesar do ego ferido, Janco e Ari ficaram satisfeitos com as minhas habilidades de combate.

— Você encontrou o seu centro — Ari disse com um tom de aprovação na voz. — Não tem medo de aceitar quem você é. Agora Janco não terá que se preocupar mais.

— Vou deixar que Ari se preocupe por nós dois. Ah, espere! Ele já faz isso.

— Não faço nada. Foi você quem passou todas essas semanas alvoroçado e se lamuriando por Yelena.

— Não passei nada.

Eles deram início a outra rodada de brigas. Nunca pensei que me divertiria escutando-os, mas me diverti. Até ver Cahil marchando na direção do pátio de treinamento.

Ele trazia na mão a sua comprida espada de lâmina larga. Eu o observei aproximar-se, preparando para me defender, caso fosse necessário. Estudei-lhe as emoções com minha outra visão. Ódio, determinação e ansiedade lhe dominavam os sentimentos.

Cahil deteve-se diante da cerca.

— Não vim lutar — ele disse. — Quero falar com você.

Ari e Janco não deram a impressão de estarem preocupados com a presença dele e continuaram o seu debate. Contudo, eles não haviam estado do lado errado da ira de Cahil. Aproximei-me com o cajado ainda na mão, tendo o cuidado de manter a cerca de madeira entre nós.

— Sobre o que quer falar? — indaguei.

Cahil inspirou fundo e expirou rapidamente.

— Eu queria...

— Vamos. Diga.

A irritação brilhou nos olhos azuis de Cahil, mas ele a conteve.

— Eu queria explicar.

— Explicar por que você é um oportunista, desagradável, inescrupuloso...

— Yelena! Dá para calar a boca?

Minha expressão deve tê-lo alertado, pois ele apressou-se em prosseguir.

— Você desperta o pior em mim. Será que pode me escutar? — Uma pausa. — Por favor?

— Tudo bem.

— Quando descobri que não tinha sangue nobre, que todo o propósito de minha vida não passava de um engodo, eu me recusei a acreditar. Mesmo quando Marrok admitiu que eu não passava do

filho de um soldado, eu não quis lhe dar ouvidos. Em vez disso, transferei minha raiva para você e para Valek e decidi que encontraria um modo de fazer o Conselho apoiar um ataque a Ixia para retomar o trono. — Cahil fitou a espada nas mãos. — Você sabe o que fiz depois. Perdi o rumo e engoli cada uma das mentiras de Roze.

Cahil me passou a sua espada. Ela fora a espada do rei de Ixia. Resgatada após o rei ter sido assassinado, a espada fora dada a Cahil como parte da encenação para fazê-lo acreditar que era sobrinho do rei.

— Entregue para o Comandante por mim — Cahil disse. — Por direito, ela deveria ser dele.

— Por acaso, desistiu do seu desejo de governar Ixia?

Ele olhou para mim, e enxerguei um senso de propósito renovado na sua alma.

— Não, ainda busco libertar Ixia do governo severo do Comandante. Mas não acho mais que eu deva herdar o trono. Planejo *conquistar* o privilégio.

— Nesse caso, prevejo algumas discussões muito interessantes entre nós.

Eu o fitei com firmeza nos olhos.

— Pode contar com isso.

A convocação feita pela embaixadora Signe veio após um demorado banho quente. Troquei minha capa estragada e as roupas chamuscadas por um conjunto limpo de calça e camisa de algodão. Meu cabelo não crescera enquanto eu estivera no submundo. Contudo, os fios de alguns centímetros de comprimento eram longos o suficiente para serem alisados sobre a minha cabeça.

A embaixadora me aguardava no prédio administrativo da Fortaleza. Durante a sua estadia, ela tinha direito ao uso de uma sala de conferências e um escritório. Subi correndo as escadas e adentrei o prédio de mármore, na esperança de encontrar Valek ali. Minha decepção provocou um frio na barriga, e eu me perguntei se Valek não estaria me evitando.

A embaixadora Signe me recebeu calorosamente, perguntando sobre a minha saúde. Estudei-lhe o rosto. Tão parecido com as

feições quase delicadas do Comandante, no entanto, desprovido da potência total da centelha poderosa que residia naqueles olhos dourados. Com minha nova visão, eu vi as duas almas que lutavam por dominância. Elas se alternavam, mas eu podia notar a espiral avermelhada de conflito no seu íntimo.

— Irys Jewelrose me informou que você deseja retomar as suas funções como oficial de ligação. É verdade?

— É. Tornar-me conselheira do Comandante é muito tentador, mas sinto que meus talentos servirão melhor tanto a Ixia quanto a Sitia, mantendo relações abertas e promovendo a compreensão entre as duas nações.

— Entendo. Nesse caso, sua primeira providência deverá ser negociar um salário.

— Um salário?

— Você não pode ser paga pelos magos nem pelo Conselho. Deve receber um salário equitativo de Sitia e de Ixia, visando manter a sua neutralidade. — Ela sorriu. — Tendo em vista tudo o que tem feito recentemente, eu sugeriria que insistisse em uma quantia considerável.

— É obvio que há muitas coisas que eu preciso considerar no tocante ao meu novo papel.

— Suponho, então, que sua educação esteja completa, não é mesmo?

Eu ri.

— Jamais haverá um momento em que ela esteja completa. Porém, cheguei a um entendimento com as minhas capacidades.

— Ótimo. Estou ansiosa pelas nossas negociações.

Antes que a embaixadora pudesse me dispensar, eu disse:

— Tenho algo para o Comandante.

Ela me fitou com expectativa.

— Está com o seu guarda. Ele não me deixou entrar com ela.

Erguendo-se de sua poltrona, a embaixadora abriu a porta e retornou com a espada do rei.

— Posso falar com o Comandante? — pedi.

A transformação da embaixadora no Comandante aconteceu em uma fração de segundos. Até mesmo as feições físicas mudaram de

mulher para homem. Eu já vira a mudança antes, mas desta vez, estava usando a minha outra visão, que revelou muita coisa.

— Para que é isso? — o Comandante perguntou.

Ele estudou a arma nas mãos.

— Cahil a está devolvendo. O senhor conquistou o direito de empunhá-la mais de dezessete anos atrás.

Uma expressão pensativa apareceu no seu rosto quando ele pousou a espada sobre a mesa.

— Cahil. O que acha que eu deva fazer a respeito dele?

Contei para o Comandante dos planos de Cahil.

— Ele poderá lhe causar problemas no futuro, embora torço para que meus esforços o façam mudar de ideia.

— Sei que Valek teria o maior prazer em assassiná-lo. — O Comandante considerou a opção. — Mas ele pode acabar sendo útil, ainda mais em lidar com a geração mais jovem. — Ele notou a minha expressão confusa. — Ele lhes dará algo para fazer.

— Ou alguém a quem apoiarem.

— Tudo parte da brincadeira, eu suponho. Mais alguma coisa?

— Não.

Entreguei para o Comandante um dos animais de vidro de Opal. Ele admirou a onça das árvores e me agradeceu pelo presente.

— O brilho que o senhor vê é magia — expliquei.

Seu olhar me perfurou, e senti como ele se sentiu traído, como se eu o houvesse envenenado. Ele pousou a estatueta sobre a mesa. Expliquei por que ele era capaz de enxergar o fogo.

— Posso ver duas almas no interior do seu corpo. Sua mãe não quis deixá-lo sozinho quando morreu, de modo que ficou com você. A magia dela permite que você enxergue o brilho. E é o medo dela de ser descoberta que o deixou com medo de magia em todas as suas formas.

O comandante Ambrose envolveu-se com os próprios braços, como se qualquer movimento pudesse parti-lo em milhares de pedaços.

— Como é que sabe disso?

— Sou uma Descobridora de Almas. Encontro almas perdidas e as envio para o céu. Ela quer ir? Você quer que ela vá?

— Eu não sei. Eu...

— Pense no assunto. Sabe onde me encontrar. Não há limite de tempo.

Olhei para trás antes de deixar o aposento. Ele fitava a onça das árvores, perdido em pensamentos.

A noite caíra enquanto eu conversava com o Comandante. Cruzando o campus silencioso, inalei a brisa quente, deliciando-me com os perfumes de vida e a sensação do ar na minha pele. Olhei ao redor, buscando algum sinal de Valek.

Irys estava com todos os lampiões acessos na sua torre. Embora ela houvesse cedido três andares da estrutura para o meu uso, eu me flagrei pensando em um salário, e minha mente voltou-se para o chalé de Valek nas terras Featherstone. Seria bom ficar perto de Kiki, e todas as noites afastar-me de toda a política do Conselho e do Comandante. O chalé também ficava perto da fronteira ixiana. Ele seria território neutro.

Um lugar todo meu. Eu não precisaria reivindicar um quarto ou aposento para mim. Seria a primeira vez. Minha empolgação cresceu.

Subi os três andares da torre até chegar ao meu quarto de dormir. Os poucos móveis cobertos por uma espessa camada de poeira não foram uma visão muito bem-vinda, embora a roupa de cama estivesse limpa.

Abri as venezianas para deixar o ar puro entrar e senti uma presença atrás de mim. Sem me virar, perguntei:

— Por que demorou tanto?

Valek abraçou-me por trás, encostando o seu corpo no meu.

— Poderia lhe perguntar o mesmo. — Ele me girou para que eu o fitasse. — Não queria ter de compartilhá-la, amor. Temos um bocado de tempo perdido para recuperar.

Ele inclinou-se na minha direção e me beijou. Inalei a sua essência. Ela tranquilizou a minha alma.

Após algum tempo, eu recuei e pousei a cabeça no seu peito, satisfeita de simplesmente sentir o seu coração batendo de encontro à minha face.

— É a segunda vez que a perdi — ele falou. — Deveria ser mais fácil, mas não consegui eliminar esta dor ardente. Parecia que meu coração havia sido perfurado por um espeto e estava assando na fogueira.

Seus braços apertaram-se ao meu redor, como se ele tivesse receio de que eu fosse escapar de seu abraço.

— Eu poderia implorar para que promettesse jamais desaparecer novamente, mas sei que você não concordaria em fazê-lo.

— Não posso. Assim como você não pode prometer deixar de ser leal ao Comandante. Ambos temos os nossos deveres.

Ele suspirou dramaticamente.

— Poderíamos nos aposentar.

— De ser oficial de ligação, mas não de ser Descobridora de Almas. Ainda há muitas almas perdidas esperando para serem guiadas.

Sempre analista, Valek recuou o suficiente para me estudar.

— Quantas? Já faz cento e vinte anos desde que Sitia queimou o último Descobridor de Almas. Centenas?

— Não sei. Os Descobridores de Almas documentados nos livros de história, na verdade, eram Ladrões de Almas. Guyan pode ter sido o único autêntico nos últimos dois mil anos. Bain teria o maior prazer em me ajudar com tal tarefa. Contudo, precisarei viajar por Sitia e Ixia para ajudar todos. Você quer vir? Será divertido.

— Você, eu e alguns milhares de fantasmas? Ao meu ver, parece muita gente — ele brincou. — Pelo menos, você já encontrou uma alma, meu amor.

— A do Homem da Lua?

— A minha. E estou confiando em você para não perdê-la.

— A única magia capaz de afetar o infame Valek. — Isso me lembrou de uma pergunta que eu tinha. Enquanto estava no mundo das sombras, eu tivera tempo mais do que suficiente para considerar cada faceta de Valek. — Quantos anos você tinha quando os homens do rei mataram os seus irmãos? — Ignorei o seu olhar intrigado. — Quantos anos?

— Treze.

Uma tristeza antiga repuxou-lhe os cantos da boca.

— Isso explica!

— Explica o quê?

— Por que você é resistente à magia. É por volta dos 13 anos de idade que as pessoas obtêm acesso à fonte de poder. O trauma de ver os seus irmãos sendo assassinados provavelmente fez com que você puxasse tanto poder para si que formou um escudo nulo. Um escudo tão impenetrável que você não é mais capaz de acessar magia.

— Após uma estação no submundo, você agora é uma perita em tudo que diz respeito à magia?

Embora ele estivesse fazendo pouco caso da ideia, o choque da revelação estava estampado nos seus olhos arregalados.

— Sou perita em tudo o que diz respeito a Valek.

— Analise isto, meu amor.

Ele me puxou para si e me beijou.

Quando suas mãos começaram a puxar o tecido da minha blusa, eu o detive.

— Valek, por mais que eu queira que você fique, preciso que me faça um favor.

— Qualquer coisa, amor.

Sorri ante a sua lealdade. Ele concordava sem hesitação, sem saber do que eu precisava.

— Quero que roube aquelas prisões de vidro. Esconda-as em um lugar seguro, onde ninguém jamais as encontrará. Não conte para mim nem para mais ninguém onde as colocou.

— Você não quer saber. Tem certeza?

— Tenho. Eu ainda posso ser corrompida pela magia. E mesmo que eu lhe pergunte a localização, você *não* deve me contar. Independentemente de qualquer coisa. Prometa.

— Sim, senhor.

— Ótimo.

Senti-me aliviada.

— Posso levar alguns dias ou algumas semanas. Onde você estará?

Eu lhe contei sobre o cargo de oficial de ligação.

— Planejo requisitar, para o meu uso, um certo chalé nas terras dos Featherstone e declarar aquela propriedade território neutro.

— Requisitar?

Ele sorriu.

— É. Ter refúgios para espiões ixianos em Sitia não é muito amigável. Espionar uns aos outros não é conducente para o tipo de diálogo aberto que quero entre as duas nações.

— Você precisará reconstruir o estábulo. Contrate um ajudante — Valek zombou.

— Não se preocupe. Já tenho um criado em mente. Um sujeito leal e bonitão que fará todas as minhas vontades.

Valek ergueu uma das sobancelhas, o desejo dançando nos seus olhos.

— É mesmo? Estou certo de que o jovem deve estar ansioso para começar a trabalhar.

Ele deslizou a mão para baixo da minha blusa e ao longo da minha pele. O calor espalhou-se pela minha barriga e pelo meu peito. Tentei me afastar, mas outro braço me envolveu pelas costas.

— Você precisa terminar um trabalho antes de começar outro — eu disse.

— A noite é uma criança. — Ele arrancou a minha blusa. — Tempo mais do que suficiente para atender às necessidades de minha senhora antes de ir fazer o que ela me pediu.

Seus lábios encontraram os meus, depois ele me cheirou o pescoço.

— Eu devo. — Ele interrompeu-se, deixando uma trilha de beijos pelo meu peito. — Ajudar minha senhora. — Ele me tomou nos braços e me deitou. — A chegar na cama.

Em seguida, Valek tirou o restante das minhas roupas, e toda a minha preocupação com prisões de vidro desapareceu quando ele tomou o controle dos meus sentidos. Todo o meu ser se concentrou naquele perfume almiscarado e naquele toque suave. Meus pulmões se encheram com o ar de Valek. Meu coração bombeava o sangue de Valek. Pensei os pensamentos dele e compartilhei o seu prazer.

As sensações de contentamento, paz e alegria fluíram pelos nossos corpos. Unidos como um só, um pedaço do céu era nosso.

AGRADECIMENTOS

A esta altura, vocês todos já devem saber como o meu marido, Rodney, é maravilhoso. Afinal de contas, eu lhe agradei e listei as diversas maneiras em que ele me apoia nos agradecimentos dos meus dois primeiros livros. Contudo, eu não conseguiria escrever e os buracos na lógica do enredo não seriam solucionados sem ele. Sendo assim, mais uma vez, meu agradecimento vai para ele, por que eu jamais quero deixar de lhe dar o devido valor. Agradeço também às duas fagulhas que acendem a minha imaginação... meus filhos, Luke e Jenna.

Uma das melhores decisões que já tomei foi cursar o programa de formação de escritores de Seton Hill University. Através deste programa, aprendi tanto e conheci um talentoso grupo de escritores. Agradeço a todos e agradecimentos especiais vão para os meus companheiros de crítica, Diana Botsford, Kimberly Howe e Jason Jack Miller, que me ajudaram com este livro. Kim, espero que esta seja uma leitura mais interessante do que os ingredientes de um jantar congelado! Também gostaria de agradecer meu mentor de Seton Hill, David Bischoff.

Os primeiros rascunhos de um romance podem ser bem precários, mas minha editora, Mary-Theresa Hussey, possui o conhecimento e a experiência para me guiar até águas mais tranquilas. Obrigada, Matrice, por todo o trabalho duro e pelos rostinhos sorridentes nos meus manuscritos. Eles me deram forças para continuar!

Agradeço também ao meu excelente agente, Robert Mecoy, que me ensinou tanto a respeito do mercado editorial, e sobre como é

importante se ter um agente experiente ao seu lado. Muito obrigada a Erin Craig que deixou esta linda capa realmente pegando fogo.

Fazer pesquisas para um livro sempre é divertido, e, desta vez, eu me matriculei em aulas de fabricação de vidro. Minha apreciação pela arte do vidro aumentou consideravelmente, enquanto eu me esforçava para transformar vidro derretido nos itens mais simples. Agradeço à minha professora e vidreira Helen Tegler, cuja instrução paciente não só ampliou o meu conhecimento sobre vidro para este livro, com tornou a experiência muito divertida.

E, por fim, agradecimentos sinceros vão para o meu exército de Soldados do Livro! Ele está nas trincheiras promovendo e recomendando os meus livros para qualquer um que queira escutar, colando cartazes e entregando marcadores de página. Obrigada à minha tia Bette, cujos esforços no campo lhe renderam o posto de general. O Comandante teria ficado orgulhoso.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Snyder, Maria V.

S651e Estudos sobre fogo [recurso eletrônico] / Maria V. Snyder; tradução de Maurício Araripe. — Rio de Janeiro: HR, 2012.

Recurso digital (As lendas de Yelena Zaltana; 3)

Tradução de: Fire study

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-0462-7 (recurso eletrônico)

1. Fogo — Ficção. 2. Ficção fantástica americana. 3. Livros eletrônicos. I. Araripe, Maurício Paquet de. II. Título. III. Série.

12-
4103

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:

FIRE STUDY

Copyright © 2008 by Maria V. Snyder

Copyright da tradução © 2012 by EDITORA HR LTDA

Editoração eletrônica da versão digital: FA Digital

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela
HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.À.R.L. PARA EDITORA HR LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-398-0462-7

Table of Contents

[Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Mapa](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)